

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA**

Luísa Cristina dos Santos Fontes

**HELENA KOLODY, CARBONO & DIAMANTE  
UMA BIOGRAFIA ILUSTRADA**

Florianópolis-SC  
2012





Luísa Cristina dos Santos Fontes

**HELENA KOLODY, CARBONO & DIAMANTE  
UMA BIOGRAFIA ILUSTRADA**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Doutora em Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart.

Florianópolis-SC  
2012

Catalogação na fonte pela Biblioteca Universitária  
da  
Universidade Federal de Santa Catarina

F683h Fontes, Luísa Cristina dos Santos

Helena Kolody, carbono & diamante [tese] : uma biografia ilustrada / Luísa Cristina dos Santos Fontes ; orientadora, Zahidé Lupinacci Muzart. - Florianópolis, SC, 2012.

344 p.: il., grafs., tabs., mapas

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão. Programa de Pós-Graduação em Literatura.

Inclui referências

1. Kolody, Helena - Biografia. 2. Literatura. 3. Identidade. 4. Poesia brasileira. I. Muzart, Zahidé Lupinacci. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Literatura. III. Título.

CDU 82

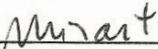
***"Helena Kolody, carbono & diamante  
– uma biografia ilustrada"***

**LUISA CRISTINA DOS SANTOS FONTES**

Esta tese foi julgada adequada para a obtenção do título

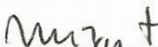
**DOUTOR EM LITERATURA**

Área de concentração em Teoria Literária e aprovada na sua forma final pelo  
Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.


  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Zahidé L. Muzart (UFSC)  
ORIENTADOR (A)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Susana Scramim  
COORDENADORA DO CURSO

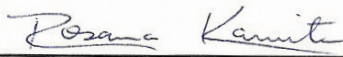
**BANCA EXAMINADORA:**

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Zahidé L. Muzart (UFSC)  
PRESIDENTE

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz (Univ. E. do oeste do PR)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Eliane T. Campello (UCP)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Tânia R. Oliveira Ramos (UFSC)

  
\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Rosana Kamita (UFSC)

\_\_\_\_\_  
Prof. Dra. Simone Schmidt (Suplente - UFSC)



## RESUMO

*Helena Kolody, carbono & diamante – uma biografia ilustrada* conta a vida da escritora Helena Kolody, a partir de sua inscrição na literatura, questionando sua identidade, o mundo que a cercava e o sentido de sua existência. Equivale a dizer: em sua lírica, reflexões e sentimentos se entrecruzam a partir de uma matéria pessoal e localizada. Da estação ferroviária à estação tubo; da Ucrânia ao centro de Curitiba; de *Paisagem interior* a *Reika*; do século XIX ao século XXI, a literatura de Helena Kolody gerencia sua presença na consolidação do binômio arte-vida. O retrato da autora acaba se constituindo também por meio de farto aparato iconográfico; pelos mais de quinhentos textos críticos elencados e por sua obra completa. Fragmentação deliberadamente assumida, a pessoa se revela em sua inteireza.

**Palavras-chave:** Helena Kolody; biografia; memória; identidade.



## ABSTRACT

*Helena Kolody, carbon & diamond - an illustrated biography* tells the life of Helena Kolody, from her very insertion in literature, as it questions her identity, the world surrounding her, and the meaning of her existence. That is equivalent to saying that in her poetry there is the intermingling of reflections and feelings that derive from personal and localized material. From the railroad station to the tube-shaped bus stops; from Ukraine to downtown Curitiba; from *Paisagem interior* to *Reika*; from the nineteenth century to the twenty-first century, Helena Kolody's literature guarantees her presence in the consolidation of the art/life binomial. The portrait of the author ends up by also being made up of an abundant iconographic apparatus, of the over five hundred critical texts listed, and of her complete work. The person, although deliberately accepting her own fragmentation, reveals herself in her entirety.

**Key Words:** Helena Kolody; biography; memory; identity.





## AGRADECIMENTOS

Carlos Mendes Fontes Neto, por tudo.

Profa. Dra. Zahidé Lupinacci Muzart, diamante, inspiração para sempre.

Olga Kolody Muñoz Ferrada.

Agradeço, ainda, a Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos e Profa. Dra. Rosana Cássia Kamita, que integraram minha Banca de Qualificação, pelas preciosas sugestões.

A Profa. Dra. Maria Lucia de Barros Camargo; Profa. Dra. Susana Scramim; Profa. Dra. Simone Pereira Schmidt; Profa. Dra. Claudia Lima Costa e Prof. Dr. Raúl Antelo, pelas aulas sempre desafiantes.

Aos Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz, Profa. Dra. Marly Catarina Soares, Prof. Dr. Antonio João Teixeira e André Eduardo dos Santos.

Aos estagiários *ad-hoc* André Eduardo dos Santos Filho e Flávia de Castro Santos.

A família Reis: Leila, Jonas, Matheus e Filipe, pelo apoio mais do que logístico.

A Cláudia Gomes Fonseca e a equipe do Estúdio Texto.



*Às biografias de*

*José Rodrigues dos Santos e  
Nirce de Lourdes dos Santos,*

*Benevenuto do Santos Júnior e  
Judith Rodrigues dos Santos,  
Octavio Teixeira e Luiza Binotto Teixeira.*



## SUMÁRIO

|     |  |     |
|-----|--|-----|
| 1   | Cantoneiras.....   | 29  |
| 1.1 | Começar é preciso.....   | 31  |
| 1.2 | Helena entre fotografias e biografias: os porquês .....                              | 34  |
| 2   | Esfinge eslava em correnteza atávica .....   | 51  |
| 2.1 | Terra estrangeira: as pegadas .....  | 53  |
| 2.2 | Árvore genealógica .....   | 53  |
| 2.3 | Enraizamento .....   | 53  |
| 2.4 | Itinerário: do Império Austro-Húngaro ao Paraná .....                                | 53  |
| 3   | A circunstância humana: Helena de Curitiba .....                                     | 99  |
| 3.1 | Ensinar não é, sempre, repetir? .....  | 101 |
| 3.2 | Leitura e escritura .....  | 101 |
| 3.3 | Os contemporâneos de Helena.....   | 101 |
| 3.4 | Conformação.....   | 101 |
| 3.5 | Circunstancialidade histórica .....  | 101 |
| 4   | O espaço metafórico: Babel de Luz .....  | 133 |
| 4.1 | Profissão de fé.....   | 135 |
| 4.2 | As influências e orientações.....  | 135 |
| 4.3 | Viagem no espelho .....  | 135 |
| 4.4 | Crenças e opiniões .....   | 135 |
| 4.5 | O processo ideativo da ocultação .....   | 135 |
| 5   | A ascensionabilidade: para quem viaja ao encontro do sol,<br>é sempre madrugada..... | 175 |
| 5.1 | Aprefeiçoamento.....   | 177 |
| 5.2 | A receptividade à obra de Helena Kolody .....  | 177 |
| 5.3 | Santa Helena Kolody: padroeira da poesia .....                                       | 177 |
| 5.4 | O reconhecimento de público e crítica.....   | 177 |
| 6   | O tempo: inexorável ampulheta .....  | 219 |
| 6.1 | A matéria do infinito.....   | 221 |
| 6.2 | Poder encantatório .....   | 221 |
| 6.3 | Maturidade.....  | 221 |
| 6.4 | Inexorabilidade .....  | 221 |
| 6.5 | Projeto de plenitude .....   | 221 |
| 7   | Cronologia de vida e obra .....  | 253 |
| 8   | Fortuna Crítica.....   | 267 |
|     | Referências Bibliográficas .....   | 327 |

# HELENA KOLODY,

**carbono & diamante**

uma biografia ilustrada

Helena

a Kolody





# HELENA KOLODY,

**carbono & diamante**

uma biografia ilustrada

**Luísa Cristina dos Santos Fontes**

**2012**

..... 88 .....

Foto presumidamente dos anos 1940.

Fotograma do documentário *Helena de Curitiba*. Direção: Josina Melo. Edição: Fernando Severo e Josina Melo.  
Curitiba: Josina Melo Produções, 2006. 32 min. DVD.



### Gestação

Do longo sono secreto  
na entranha escura da terra,  
o carbono acorda diamante.

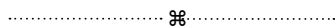
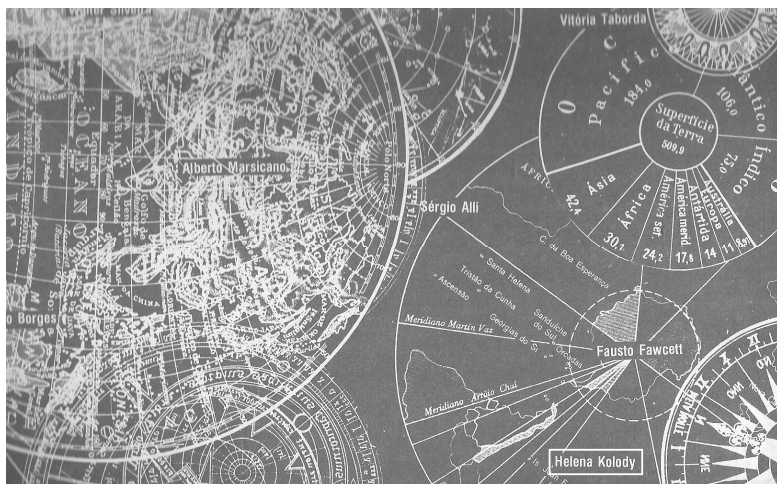
Helena Kolody

..... 38 .....

Desenho de José Demeterco  
(SANTOS, Laura. *Um século de poesia*. Curitiba: Centro Paranaense Feminino de Cultura, 1959, p. 253).  
Desenho evidentemente produzido a partir de foto de meados da década de 1940.







Recorte da capa do livro *Atlas – Almanak 88*.  
 ANTUNES, Arnaldo et al. *Atlas – Almanak 88*. São Paulo: Kraft, fev.-nov. 1988.





quem e essa

que me olha

de tão longe,

com olhos que foram me

# 1 Cantoneiras



Na página anterior:

Poema “Retrato Antigo” em manuscrito. No livro: KOLODY, Helena. *Ontem agora* – poemas inéditos. Curitiba: SEEC, 1991, p. 35.

Helena Kolody fotografada por Vilma Slomp, no apartamento da Rua Voluntários da Pátria.

Reprodução: SLOMP, Vilma. *Leite Quente*: Nariz, retratos de um perfil curitibano. Curitiba, n. 8, ago. 1992. p. 17.

## 1 | Cantoneiras

Começar é preciso 8 Helena entre fotografias e biografias: porquê

*Quem é essa  
que me olha  
de tão longe,  
com olhos que foram meus?*

"Retrato antigo" (*Ontem agora*)

### 1. 1. Começar é preciso

... e lá se vão mais de vinte anos: 1989. O primeiro contato surgiu, digamos, por "petulância". Na época, eu cursava Letras e integrava o Centro Acadêmico<sup>1</sup>. Produzíamos um jornalzinho intitulado *O Proletrado*, quase sempre literário, algumas vezes muito polêmico na abordagem de temas tabus. Escrevi, para uma das edições<sup>2</sup>, um pequeno artigo sobre Helena Kolody, talvez ainda bastante entusiasmada pela relativamente recente visita de Paulo Leminski ao Curso de Letras, a convite do mesmo centro acadêmico. A "petulância" está no fato de que enviei o jornalzinho para Helena, depois de descobrir seu endereço na lista telefônica.

... e ela respondeu, com uma carta cheia de amabilidades e um exemplar de *Viagem no espelho*. Descobri, mais tarde, que assim procedia, a mesma gentileza e igual respeito, com todos quantos a procuravam. E não foram poucos...

4 de outubro de 1990, dezenove horas. O local: Auditório Brasília Itiberê da Secretaria de Estado

---

<sup>1</sup> Na Universidade Estadual de Ponta Grossa, Centro Acadêmico Glacy Camargo Sêcco.

<sup>2</sup> BICHO do Paraná. *O Proletrado*, n. 6, Ponta Grossa, nov. 1989, p. 6. Sobre o livro *Poesia mínima*.

da Cultura, Curitiba. Eu estava muito ansiosa, não tanto pela premiação quanto pelo primeiro encontro com Helena Kolody, na cerimônia de premiação do concurso homônimo. Nunca me esquecerei desse acontecimento na vida de minhas retinas tão fatigadas<sup>3</sup>, ah, Drummond... As primeiras impressões: a altivez, o porte elegante, a delicadeza, a generosidade, a impostação de voz, os cabelos em neve, os olhos e um olhar...

... tem certas manhãs azuis em Curitiba, mas tão azuis, que eu tenho certeza: Helena Kolody acordou cedo e olha por todos nós.

Paulo Leminski<sup>4</sup>

A partir de então, iniciou-se um período de troca de correspondências. As impressões iniciais se confirmaram nas linhas de caligrafia irretocável, apesar da idade avançada e dos recorrentes problemas de saúde.

---

<sup>3</sup> Versos de Carlos Drummond de Andrade do poema "No meio do caminho". In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Antologia Poética*. Rio de Janeiro: Record, 21. ed. 1987. p. 196.

<sup>4</sup> In: Helena Kolody: o dom. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, 25 jun. 1988.



## 1. 2. Helena entre fotografias e biografias: os porquês

Escavando e recordando – A língua tem indicado inequivocadamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o lugar no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente.

Walter Benjamin<sup>5</sup>

Mais que híbrido de história e crítica, mais que gênero – mas que gênero! – é preciso um formato, uma ilha a conformar o dito e o não-dito. Os exemplos avaliados são muitos e estão elencados no final. O formato por que optei, insularidade necessária, guarda traços destes livros – *composite* de procedimento. A eterna busca pelos limites...

A metáfora mais usada para historiadores e biógrafos que buscam recriar a trajetória de uma personalidade ou um instante específico da história é a do garimpo. Mas no caso de Helena Kolody, o garimpeiro mais persistente corre o risco de desanimar.

Poucos anos depois de sua morte, os filões mais promissores já foram vasculhados, revistos, expostos por seus pesquisadores e admiradores. Mesmo assim, a vida longa dessa ilustre cruz-machadense (1912-2004) continua cheia de dispersões e lacunas instigadoras. Por isso, percorrer a trajetória de Helena – para usar outra imagem batida – tem sido como montar um *puzzle*. Ou melhor, construir um mosaico, já que muitas peças originais se perderam. Pelas vias imprevisíveis da elipse, foi preciso, por vezes, materializar o vazio, o silêncio, entrevistos no detalhe. O detalhe como instrumento de análise (entenda-se autonomia do fragmento de Barthes<sup>6</sup>). No entanto, sua sistematicidade não é gratuita. Um fragmento evoca o outro. Quer por combinação, quer por contestação, ambos constitutivos desta trajetória do visível.

<sup>5</sup> BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. In: \_\_\_\_\_. Rua de mão única. *Obras escolhidas*, v. II. 5. ed. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 239-240.

<sup>6</sup> Conforme expôs em: BARTHES, Roland. *Fragmentos de um discurso amoroso*. 5. ed. Tradução de Hortensia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.

## Flashes

Conhecemos, dos outros,  
pálidos instantâneos.  
(O mais são ignorados subterrâneos).

*Infinito presente*<sup>7</sup>

Não é sempre que uma fada madrinha vira padroeira e de padroeira vai à categoria de musa absoluta. Quase uma unanimidade... é, quase... muito embora já santa e padroeira da poesia, devidamente entronizada por Paulo Leminski. Reverberam nos mais de 500 textos, localizados e elencados em sua fortuna crítica, o aval de Adonias Filho, Alice Ruiz, Andrade Muricy, Arnaldo Antunes, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Euclides Bandeira, Fanny Luiza Dupré, Ítalo Moriconi, Josely Vianna Baptista, Miguel Sanches Neto, Nelly Novaes Coelho, Olga Savary, Paulo Leminski, Paulo Venturelli, Reinoldo Atem, Roberto Gomes, Rodrigo Júnior, Sérgio Rubens Sossella, Sylvio Back, Tasso da Silva, Temístocles Linhares, Valfrido Piloto, Valêncio Xavier, Wilson Bueno, Wilson Martins, entre muitos outros, ao longo do século XX e transbordando-o. Todos seus contemporâneos, de Euclides Bandeira, nascido em 1877, a Miguel Sanches Neto, nascido em 1965. Beira a milagre! Independentemente de gênero, circulou, aliás, circula, com desenvoltura, entre todas as turmas literárias: os românticos, os simbolistas, os haicistas, os parnasianos, os modernistas, os espiritualistas, os vanguardistas... É... quase uma unanimidade... [veto]<sup>8</sup> No entanto, surpreendentemente, não obstante a riqueza de sua fortuna crítica, sua obra, ainda hoje, é pouquíssimo conhecida além das fronteiras de seu estado natal.

Helena Kolody é toda uma surpresa: uma existência para lá de recatada, sem vaidades ou mundanidades, num diapasão de sacerdócio (como afirma veementemente o cineasta Sylvio Back<sup>9</sup>). E daí brota uma poesia exuberante, elevada à quintessência da invenção e do confessional. Autora de uma obra de indiscutível originalidade e permanência. Imanência. A força lírica de sua palavra contida, enxuta, despoja-se ainda mais para fluir como se fora uma epifania, em torno dela, seu memorial atávico, seu estar aí na arquitetura do poema. Palavra-imagem, não apenas do que vemos, mas também daquilo que nos olha e assombra. Quase centenária, teve a oportunidade, rara entre escritores, de presenciar as inúmeras, e das mais variadas e justas, homenagens que lhe foram prestadas, principalmente em seus últimos anos de vida. Vida literária.

Considerando que a literatura é o campo propício para se observar, entre outras coisas, a construção de subjetividades<sup>10</sup> a partir da tensão que se estabelece entre lugares sociais e familiares, histórias individuais e modos narrativos, a identidade da mulher que emerge em todos estes textos (como objeto que se apresenta e como sujeito que se escreve) – os seus ou sobre os seus –, constitui-se pela interseção e tensão entre estes elementos. “Afinal, eu vivi, ou sonhei que vivi?”<sup>11</sup>

Em cada um dos textos, em cada um dos objetos, os pontos de conexão se dão através de distintos

<sup>7</sup> KOLODY, Helena. *Infinito presente*. Curitiba: Repro-Set, 1980.

<sup>8</sup> Vetei uma citação (ficção?) recente e pública. Fiz a opção após a leitura sobre veto no texto de Nádia B. Gotlib: “Na contramão da história biográfica”. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 86-94. Não obstante, o texto vetado está arrolado na *Fortuna Crítica*.

<sup>9</sup> O ESTADO DO PARANÁ, 11 out. 1992. Almanaque. p. 1.

<sup>10</sup> Foucault e Maingueneau são referenciais no assunto. FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996; MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária*. Tradução de Marina Apperzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

<sup>11</sup> “Efêmera”, de Helena Kolody (KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Curitiba: Criar Edições, 1988. p. 156).



esquemas narrativos e propõem diversos modos para a construção de uma identidade de mulher escritora, que se relacionam com o conjunto de significados sociais, históricos e discursivos com que podem ser pensados em cada caso. O que lhe faculta valor de eternidade, remetendo a Benjamin<sup>12</sup>.

Antes de mais nada, foi preciso separar as informações confiáveis das falsas, das fantasiosas e/ou das distorcidas<sup>13</sup>. Depois, acrescentar dados, imagens e relatos que permitissem conhecer um pouco mais o tempo em que ela viveu e os cenários por onde transitou, no entanto, sem as amarras discursivas (como se isso fosse possível) que suas próprias circunstâncias biográfico-geracionais lhe emprestaram, corroborando Flora Sussekind<sup>14</sup>. As influências e as orientações<sup>15</sup>, a linguagem, o método de criar, seus afetos, o viver e a morte são alguns dos assuntos que vêm à tona no esforço feito para se captar a dimensão *edelweiss*<sup>16</sup> da autora, de modo a que deixassem de parecer fugidios. E Helena, muito provavelmente percebendo que sua biografia um dia se concretizaria, deixou incontáveis recortes de sua história registrados nas inúmeras entrevistas que, sempre com muito entusiasmo e magnanimidade, concedeu. Colecionou incontáveis cartas, agendas, rascunhos, recortes de jornais e revistas... Há neles lembranças e rememorações sobre práticas culturais, sociais, religiosas, escolares, familiares, pessoais e íntimas. Qual a(s) imagem(s) de Helena que sairá desse conjunto de fragmentos é o que cada leitor vai conferir e aferir, em seguida, com a publicação do livro. Uma biografia que será refeita a cada leitura, a risco de duplicidade. Tal potencial mais que latente revela-se, por exemplo, em “Presença”, de Helena Kolody:

O poeta ausentou-se.  
Deixou seu rosto de palavras  
inteiro  
multiplicado  
no espelho quebrado.<sup>17</sup>

Mas antes, a bem da verdade, é preciso focalizar aqui a verdadeira garimpeira dessa história: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Aliás, garimpeira de histórias, no dizer de Benjamin, colecionadora. A única irmã viva de Helena Kolody tem cedido, generosamente, o acesso à sua coleção de livros, documentos, imagens e lembranças da escritora, hoje, sob sua ferrenha<sup>18</sup> guarda. Achados nada fortuitos. Precioso relicário de sentimentos e fantasias. Conforme assinala Maria Thereza Bernardes, na consciência dos pesquisadores de hoje, na interpretação (re-visão) do passado, nada é tão importante quando se proferem juízos sobre situações vividas por outros do que ouvi-los e compreendê-los através do resgate de suas vozes (imagens e objetos também falam) fixadas em múltiplos documentos. Na dispersão, as amostras se multiplicam, se re-apresentam,

<sup>12</sup> BENJAMIN, Walter. Escavando e recordando. Op. cit., p. 239-240.

<sup>13</sup> Entre elas, por exemplo, Helena Kolody teria sido uma industrial, teria casado, teria dado aula em um colégio onde nunca entrou, teria... teria... os textos portadores deste tipo de informação, absolutamente equivocada, não integram o escopo desta tese.

<sup>14</sup> SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária*: polémicas, diários & retratos. 2.ed. revista. Belo Horizonte: Ed. UFMG. 2004. p. 16.

<sup>15</sup> Olga Kolody Muñoz Ferrada nos contou, por exemplo, que Helena, durante um certo tempo, teve relações de amizade com Andrade Muricy, aliás, mais, que ela o considerava como seu “orientador”. Que tipo de implicações e qual a dimensão desta orientação foram alvos de nossas investigações, já que Andrade Muricy desenvolveu profícuo trabalho como crítico literário, notadamente, paranaista.

<sup>16</sup> Título de poema do livro *Música submersa* (1945) repetido em *Viagem no espelho* (1988). A *edelweiss*, original dos Alpes europeus, nasce em rochas, em geral a uma altitude de 1700-3400 metros acima do nível do mar. É considerada a verdadeira flor do amor; pois, conta-se, alguém arriscou a própria vida, escalando montanhas para colhê-la. É planta perene, tem a propriedade de se preservar por muitos e muitos anos.

<sup>17</sup> “Presença”. (In: KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 29).

<sup>18</sup> Rigor mais que justificável pelas experiências desagradáveis que teve ao emprestar objetos que lhe são caros para certos “pesquisadores”.

negam, intensificam, aumentam, diminuem, caminham à deriva, procuram.

Apresentar Olga demandaria, no mínimo, uma outra biografia, e das mais saborosas. Grande narradora, talento muito provavelmente acurado pelos anos de magistério na disciplina de História. Ao longo de dezenas de visitas ao apartamento da Rua Voluntários da Pátria, Olga se mostrou mais que surpreendente na refação de seu passado, no dizer de Chauí, “a matéria lembrada”<sup>19</sup>. Porém, um aspecto importante desse trabalho de reconstrução, relevado por Halbwachs<sup>20</sup>, adverte-nos do processo de “desfiguração” que o passado sofre ao ser remanejado pelas ideias e pelos ideais presentes do velho. A “pressão dos preconceitos” e as “preferências da sociedade dos velhos” podem modelar seu passado e, na verdade, recompor suas narrativas seguindo padrões e valores ideológicos. “O passado revelado desse modo não é o antecedente do presente, é a sua fonte”<sup>21</sup>.

Parece-me oportuno citar literalmente Henri Bergson...

Completar uma lembrança com detalhes mais pessoais não consiste, de modo algum, em justapor mecanicamente lembranças a esta lembrança, mas em transportar-se a um plano de consciência mais extenso, em afastar-se da ação na direção do sonho. Localizar uma lembrança não consiste também em inseri-la mecanicamente entre outras lembranças, mas em descrever, por uma expansão crescente da memória em sua integralidade, um círculo suficientemente amplo para que esse detalhe do passado aí apareça.<sup>22</sup>

Do mesmo modo, pelo realce, diria Helena... “intercorrência: entre o gesto e a sombra, há luz e distância e uma geometria de ângulos e planos”<sup>23</sup>. Neste sentido, não poderia deixar de retomar Roland Barthes, particularmente quando pensa sobre o processo ótico de reprodução da imagem: a câmara clara. Nele mostra que sem a intervenção pessoal, subjetiva, do observador, que pode ver nela muito mais do que o registro realista, ou a mensagem codificada, a fotografia ficaria limitada ao registro documental. Mais: “O que a fotografia reproduz ao infinito só ocorreu uma vez: ela repete mecanicamente o que nunca mais poderá repetir-se existencialmente”<sup>24</sup>. Em *A câmara clara*, Barthes trata da fotografia de maneira pessoal. Especificamente no segundo capítulo, quando se coloca diante de um retrato da mãe falecida e reconhece que olhar uma foto é um jeito de reviver quem já morreu. De constatar que aquela pessoa realmente existiu e captar algo em sua essência ou “alma”. Mais: pode ser ainda uma experiência de descobertas sobre o retratado. Re(pro)duzindo: o álbum de fotografias é de uma riqueza irredutível a palavras. Mas, afinal, fotografias mostram ou escondem? O poeta Baudelaire, nos tempos do surgimento da fotografia, já antevia suas possibilidades e imponderabilidades:

Que a fotografia salve do esquecimento as ruínas pendentes, os livros, as estampas e os manuscritos que o tempo devora, as coisas preciosas cuja forma desaparecerá e que pedem um lugar nos arquivos de nossa memória, e ela terá nosso agradecimento e nosso aplauso.

Charles Baudelaire<sup>25</sup>

<sup>19</sup> Os trabalhos da memória (In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: T. A. Queiroz, EDUSP, 1987. p. XXX).

<sup>20</sup> Ibid., p. 24. Convém destacar que Ecléa Bosi ampara suas reflexões no pensamento, entre outros, de Henri Bergson.

<sup>21</sup> Ibid., p. 48.

<sup>22</sup> BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. 3. ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 282.

<sup>23</sup> KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 80.

<sup>24</sup> BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 13.

<sup>25</sup> Œuvres Complètes, Salon de 1859. (BENJAMIN, Walter. A fotografia. In: \_\_\_\_\_. *Passagens*. Org. ed. bras. Willi Bolle; colab. org. ed. bras. Olgária Chain Feres Matos; trad. alemão Irene Aron; trad. francês Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. p. 731).

Juntando fragmentos, reflexões e genuflexões que calaram em nosso espírito, propomos esta imagem/imagens da “Helena de Curitiba”<sup>26</sup>, tomando como eixo suas relações com a vida, as facetas da mulher e da escritora, para muito além e aquém dos seus 91 anos muito bem vividos. Sua pré e pós-história. Textos e ícones justapostos, colhidos na obra publicada e entre documentos de acervos públicos e particulares, constituem esta sua biografia em uma estrutura aberta, na qual se pode acompanhar trajetos do indivíduo, da artista e da intelectual. Nádia Battella Gotlib, biógrafa de Clarice Lispector<sup>27</sup>, estabelece algumas diretrizes para o gênero:

O gênero da “Biografia” pressupõe um repertório de recursos que são usados objetivando a definição de um perfil, ou de um caráter, ou da personalidade do biografado, que aí aparece a partir de seu percurso de vida. Assim sendo, de que vale esta vida grafada, sem o seu estatuto de projeção de, ou de construção a partir de quem a viveu? Fatos e documentos significam enquanto tal, enquanto biográficos, como substâncias que incorporam um ser, traduzindo-lhe experiências, que nos chegam como se fossem verdades, atestadas que são pela condição de manifestações de vida de alguém, que conhecemos, de modo mais ou menos direto, alguém que sabemos, pelo menos, quem foi, através de traços: nome, nacionalidade, atividades, emoções, desejos, ansiedades, aflições...<sup>28</sup>

Apesar da modalidade “biografia” viver um bom momento em termos editoriais, seja em qual formato se apresentar (biografia propriamente dita, autobiografia, narrativa de si, história de vida, história de vida, perfil...), algumas, inclusive, elencadas ao final desta tese, o gênero ainda foi muito pouco avaliado por pesquisadores. Ao refletir sobre o assunto em *Biografismo*<sup>29</sup>, Sergio Vilas Boas conclui que uma história da biografia ainda está para ser contada. A partir daí, discorre sobre o assunto, que foi o fundamento de sua tese de doutoramento, o qual poderia ser sintetizado como “biografia é o biografado segundo o biógrafo”<sup>30</sup>.

Para Vilas Boas, as vidas e as obras (do biógrafo e do biografado), em sentido amplo e ilimitado, estão imbricadas em uma mesma aventura – a aventura das interpretações possíveis e das compreensões necessárias. De maneira idêntica, vida e obra são indissociáveis. Nesse sentido, não há como escapar à condição de que somos sujeitos que lidam com outros sujeitos, portanto a compreensão envolve também afetos. Perpassando o biógrafo Alberto Dines, releva que o biógrafo não pode se fechar somente no seu personagem central: “acredito em multibiografias... biografias são, na verdade, multibiografias, compartilhadas, estendidas, plurais”<sup>31</sup>. Vale dizer: “o biógrafo do biógrafo do biógrafo encontra-se num jogo de espelhos que pode nos levar ao infinito”...<sup>32</sup>

Transgredir é essencial na arte biográfica. Mais do que gênero literário, a biografia é um desacato. Insubordinação contra a morte, fixação na vida, exercício de suscitação, ressuscitação dos finados e esquecidos. [...] O biografado recusa desaparecer e o biógrafo transpõe o ponto final [...].<sup>33</sup>

Já que o objetivo de uma biografia é a revelação de uma personalidade única, à cifra de derivação, se

<sup>26</sup> Empreito o epíteto que nomina o documentário da cineasta Josina Melo, referenciado na sequência.

<sup>27</sup> Coinidência na ascendência de Helena e Clarice: *Ukrayina*.

<sup>28</sup> GOTLIB, Nádia B. Clarice Lispector biografada: questões de ordem teórica e prática. In: SCHPUN, Mônica Raisa (Org.). *Gênero sem fronteiras*: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1997. p. 15.

<sup>29</sup> BOAS, Sergio Vilas. *Biografismo*: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: UNESP, 2008. p. 19.

<sup>30</sup> *Ibid.*, p. 20.

<sup>31</sup> *Ibid.*, p. 23.

<sup>32</sup> *Ibid.*, p. 24.

<sup>33</sup> *Ibid.* p. 23.

poderia justapor, como *post-scriptum*, a dimensão da ficção na fotografia, sublinhando sua natureza artificiosa, conforme provoca Annateresa Fabris, no encerramento de *Fotografia e arredores*<sup>34</sup>. Ao se recuperar fatos de sua vida, está se fazendo mais que simplesmente recordá-los. Lembrar é descobrir, reconstruir, refazer. Seus nós de coerência<sup>35</sup>. No gesto de rememorar, há memorar e morar, atividades produtoras que tecem com ideias e imagens do presente a experiência do passado. Bios graphê. Para ser um tantinho mais exata, valho-me de uma imagem cara a Helena Kolody – o espelho –, como representação de reflexo, *re flectère*, reflexão. Vida-obra [re]flectida.

A cada giro de espelhos,  
muda o vitral da vivência.  
Não permanece a figura.  
Nem um desenho regressa.<sup>36</sup>

Convém ponderar: na tentativa de garantir uma interpretação, deve-se considerar que o artista não é uma entidade sagrada, muito menos que sua obra se constitui de forma isolada ou auto-suficiente. Conforme registra Pierre Bourdieu, o artista é um ser que, como qualquer outro profissional, se estabelece a partir das tensões do campo de poder, das apostas que ele faz, das experimentações, de avanços e recuos. A vida do escritor está à sombra de sua escrita, contudo a escrita é sua forma de vida. A vida não está na obra, nem a obra na vida, mas há um envolvimento recíproco, constitutivo. Ou seja, não existe gesto biográfico cujo significado seja independente das reivindicações estéticas que fundamentam uma obra. Reflexo? Seguindo esta linha de raciocínio, Bourdieu propõe como método a demarcação e a consequente definição da trajetória de opções formais do artista, estabelecendo a hipótese motivadora desta tese.

A análise científica, quando é capaz de trazer à luz o que torna a obra de arte necessária, ou seja, a fórmula formadora, o princípio gerador, a razão de ser, fornece à experiência artística, e ao prazer que a acompanha, sua melhor justificação, seu mais rico alimento. Através dela, o amor sensível pela obra pode realizar-se em uma espécie de amor *intellectualis rei*, assimilação do objeto ao sujeito e imersão do sujeito no objeto, submissão ativa à necessidade singular do objeto literário.<sup>37</sup>

Devemos perguntar, como o fez Michel Foucault, por que apenas uma parcela da experiência humana é considerada obra de arte e não a vida como um todo<sup>38</sup>? Refletir sobre uma vida vivida pode ajudar a compreender os estados e as motivações do sujeito que é obra e da obra de que é sujeito. Bourdieu reestabelece a importância do pensamento científico para a compreensão do fenômeno artístico. Não pretende, com isto, rebaixar o produtor de arte, mas analisá-lo a partir de sua movimentação nos diversos campos, considerando

<sup>34</sup> Ibid., p. 288.

<sup>35</sup> Conforme prega Foucault em *A ordem do discurso*. Op. cit., p. 28.

<sup>36</sup> KOLODY, Helena. "Caleidoscópio". (In: KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 77).

<sup>37</sup> BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 15.

<sup>38</sup> FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 143.

a maneira particular como ele se relaciona com as condições de exercício da literatura de sua época. Ou seja, como alguém que tem respostas muito próprias às solicitações sociais, tendo sempre em vista que sua enunciação é parte integrante do mundo o qual supostamente representa.

Com efeito, as obras falam do mundo. Já que processo intersubjetivo, o propósito, nesse caso, é construir (coleccionar?), com as experiências de outra pessoa, significados compartilháveis. Da estação ferroviária à estação-tubo. Da Ucrânia ao centro de Curitiba. De *Paisagem interior* a *Reika*. Do século XIX ao século XXI. Reitero: a literatura é atividade, é acontecimento, ela gerencia sua presença na consolidação do binómio arte-vida<sup>39</sup>. Vale dizer, compreender o contexto de produção ajuda a “melhorar” a leitura. No caso de Helena Kolody, o interesse por sua vida pessoal não só é compreensível, como faz todo sentido diante da intimidade emocional que a escritora estabelecia com seus leitores, por meio de seus textos. Ninguém poderia escrever como Helena Kolody, sem vida pessoal ou sentimentos.

Na realidade, compreender a gênese social do campo literário, do embate aí engendrado, dos seus interesses e de suas dinâmicas, materiais ou simbólicos, está visceralmente agregado à legitimidade de seu sentido. Admitir tal estatuto é considerar que o sentido constroi-se sobre a indissociabilidade e as derivações do dito e do dizer, do texto e do contexto, todos constitutivos. O biografado existe em um sistema de discurso, as pessoas são criadas na forma de textos e de outros sistemas de discurso. No dizer de Vilas Boas, “há uma pessoa lá fora que viveu uma vida interior e exterior, e essa vida precisa ser escrita simplesmente porque *é vida e é obra, simultaneamente*”<sup>40</sup>.

Em *Crítica Cult*, Eneida Maria de Souza define o gênero como lócus de uma enunciação migrante, identidade híbrida: “A crítica biográfica, por sua natureza compósita, englobando a relação complexa entre obra e autor, possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos”<sup>41</sup>. Ao escolher tanto a produção, digamos, ficcional quanto a documental do autor – correspondência, depoimentos, ensaios, crítica –, a crítica biográfica desloca o lugar exclusivo da literatura como *corpus* de análise. A proliferação de práticas discursivas consideradas extrínsecas à literatura, como a cultura de massa, as biografias propriamente ditas, os acontecimentos do cotidiano, além da imposição de leis regidas pelo mercado, representam uma das marcas da pós-modernidade e possibilitam uma abertura textual que a crítica literária mais tradicional não considera.

Ante a possibilidade de se deixar seduzir pela relação naturalista e causal entre vida e obra, o deciframento arqueológico foucaultiano<sup>42</sup> constitui a “condição de conhecimento” por preconizar o deslizamento dos discursos entre si e o lugar intermediário ocupado pela crítica biográfica. Eneida Souza avança: “A origem, fantasma e vazio da árvore genealógica, é entendida no seu estatuto de invenção e se descarta de qualquer ilusão de princípio fundador ou de autenticidade factual. A invenção passa a ser tributária da força dos discursos e da retórica interpretativa”<sup>43</sup>.

Entre as particularidades elencadas por Souza a respeito da crítica biográfica, destacamos a reconstituição de ambientes literários e da vida intelectual do escritor, sua linhagem e a sua inserção na poética e no pensamento cultural da época, isto é, referências à tradição literária. Ou seja, os fatos da experiência são encenados no texto literário como uma representação do vivido, os grandes temas (os pequenos também)

<sup>39</sup> SANTOS, Luísa Cristina dos. Harry Laus: sujeito e texto. *Publicatio UEPG*: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes, Ponta Grossa, n. 10. Ed. UEPG, 2002.

<sup>40</sup> BOAS, Sergio Vilas. *Biografismo*. Op. cit., p. 164. Grifos do autor.

<sup>41</sup> Notas sobre a crítica biográfica. (In: SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte. Ed. da UFMG, 2002, p. 111).

<sup>42</sup> Conceito largamente discutido em seu *A arqueologia do saber*. Op. cit.

<sup>43</sup> *Ibid.*, p. 119.

universais são vislumbráveis nos interstícios entre arte e referente biográfico. Impossível não linear a Flora Sussekind, quando suscita “titubeios e hesitações”<sup>44</sup>. Impossível também não linear a Davi Arrigucci Jr., ao analisar a poesia de Manuel Bandeira:

Todos esses dados, na aparência só informativos, periféricos ou laterais, podem sugerir uma tendência à digressão ou à extrapolação por excesso de meios. Na verdade, entretanto, eles servem a um esforço de contextualização e particularização decisivo para que se cumpra o movimento entre o particular e o geral e a integração das partes no todo.<sup>45</sup>

Em outras palavras: a caracterização da biografia como biografema<sup>46</sup> – pertencente ao campo do imaginário afetivo, como lembra Leyla Perrone-Moisés<sup>47</sup> –, fragmentos de biografias. O conceito barthesiano responde pela construção de uma imagem fragmentária do sujeito. Tal orientação amplia as categorias de texto, de narrativa e da própria literatura, considerando-se o alto grau de interligação dos discursos e da contaminação dos mesmos entre si, procedimento comum à linguagem operacional das ciências humanas, incluindo-se aí a teoria da literatura, a história, a semiologia, a antropologia e a psicanálise.

A título de justificativa, assumo a opção pelo desconforto da não-unanimidade teórica, da não-inamovibilidade, ao caráter finito da leitura estereotipada. Plurivocalismo, mesmo com vozes a descoberto. Opto pelo convite à re-flecção, à in(não)certeza, à busca. Ao entre-lugar. A todos os “trans”<sup>48</sup>. Ao aleatório. Dirijo o acirrado debate que a escolha possa provocar à dicção múltipla, no entanto imperiosamente coerente, de Helena Kolody.

Assim sendo, o capítulo dois, **Esfinge eslava em correnteza atávica**, objetiva examinar como se configura a identidade de uma escritora, Helena Kolody, paranaense. O referencial teórico do estudo está centrado no campo dos Estudos Culturais – cujos conceitos mais relevantes são justamente: cultura, identidade, sistemas de significação e poder. Vale-se também da discussão proposta pelo filme *Terra Estrangeira*, de Walter Salles, como catalisadora de algumas questões fundamentais para delimitar sua identidade sem fronteiras. Pode-se pensar, à sugestão de Davi Arrigucci Jr. na leitura de Manuel Bandeira, que “o itinerário da experiência poética remonta de fato a imagens anteriores, fora do âmbito estrito do poema.”<sup>49</sup>

Com o fracasso do projeto colonial português, os discursos formadores do “outro” são trazidos à baila. A família de Helena Kolody veio para o Brasil acompanhando o fluxo da grande imigração que ocorreu no final do século XIX, quando grupos de habitantes da Polônia e da Ucrânia deixaram a Galícia. A região sul do Brasil, pelo seu clima frio e vocação agrícola, foi o destino adotado pela maioria das famílias. A partir do estabelecimento dos pressupostos que se instalaram, verificou-se a atuação da cultura nacional como uma fonte de significados, um foco de identificação e um sistema de representação. Em outras palavras, a obra da escritora remete aos conceitos de identidade, tradução cultural, entre-lugar, memória, metalinguagem, representação... Este conjunto intenta refazer o diálogo que seus textos mantêm com a história e cultura de seu tempo.

Ao processo de formação de uma escritora, subjaz o processo de formação de uma leitora. Tais reminiscências de leitura e escola, focadas no capítulo três, **A circunstância humana: Helena de Curitiba**,

<sup>44</sup> SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária*: polêmicas, diários & retratos. Op. cit., p. 16.

<sup>45</sup> ARRIGUCCI Jr., Davi. *Humildade, paixão e morte*: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 17.

<sup>46</sup> Conforme explicita Roland Barthes em: BARTHES, Roland. *Sade, Fourier e Loyola*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

<sup>47</sup> PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Roland Barthes*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. [Encanto radical], p. 10.

<sup>48</sup> Transculturalismo, transdisciplinariedade, translatividade, transmigração, transitoriedade, trânsito...

<sup>49</sup> ARRIGUCCI Jr., Davi. *Humildade, paixão e morte*: a poesia de Manuel Bandeira. Op. cit., p. 128.

A Helena Kolody

**MANUEL BANDEIRA** Com-  
primaria e agradece, pen-  
ta, a oferta dos livros  
versos de "Música sul-  
benta". Rio, abril 1946.



Cartão enviado por Manuel Bandeira a Helena Kolody, em agradecimento pela doação de *Música submersa*. Do Rio de Janeiro, em abril de 1946. Observar que, no dia 19 de abril de 1946, Manuel Bandeira completou sessenta anos de idade. Escritor consagrado, foi muito homenageado, destacadamente pelos suplementos de todos os grandes jornais brasileiros. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes

são reconstituídas pelos inúmeros depoimentos de Helena Kolody, registrados principalmente em entrevistas publicadas com tonalidades eminentemente memorialistas. Aí estão as lembranças dos estabelecimentos de ensino, dos livros preferidos e suas configurações gráficas, das matérias escolares, das características dos professores, do material de uso didático, dos métodos de ensino, das condutas disciplinares e das práticas de aquisição de leitura e da escrita. Além das elucubrações sobre suas experiências com a escola, há contundentes marcações a respeito de suas impressões de literatura desde tempos muito remotos, muito anteriores à sua alfabetização. A propósito, um dado fundamental de sua história como leitora é a atuação de sua mãe, Victoria Szandrowska Kolody, a entremear este envolvimento. O capítulo versa também sobre os vestígios da forma feminina de se relacionar com a leitura ou de apropriar-se dela. As relações imbricadas entre leitura e escritura, da mesma forma, perpassam seu relacionamento com seus contemporâneos e seus conterrâneos, o que a instala definitivamente (como se isso fosse possível) em Curitiba. Mais que mera circunstancialidade, a cidade passa a ser moldável... Cidade modelada em palavras e imagens. O que, aliás, muitas vezes, a própria escritora afirmou ter sido decisivo na sua carreira.

Recupera-se seu destino de encontro em encontro, de espaço em espaço. No capítulo quatro, **O espaço metafórico: Babel de Luz**, a escritora dispõe seus interlocutores... Os versos de Tarás Chevtchenko, o mais popular poeta ucraniano, reverberam nos rodopios das valsas dançadas por seus pais. Nas cenas de infância em Três Barras, município marcado pela questão do limite, do pertencimento, instigantes lendas de Teseu, do Minotauro, povoam seu universo. Sua trajetória gera travessias desvanecentes que a re-co-locam em Curitiba. A poeta: a Helena de Curitiba, embora nascida em Cruz Machado e com raízes muito profundas na Ucrânia, busca-se na cidade, em inúmeros endereços. O encontro indicia-se quando ela ronda, busca, volta, caminha, persegue, cruza, procura e encontra a cidade e suas estranhas entranhas: a cidade que respira e que a (ins)pira. Uma viagem no espelho. Vale dizer, insinua-se nas sinuosidades que traçam um percurso singular do Alto da XV a Boca Maldita (o coração cosmopolitano), de Andrade Muricy a Paulo Leminski, da gripe espanhola a todos os *pathos*, do soneto ao haicai. Da publicação inaugural à atribuição póstuma da mais alta condecoração da cultura brasileira<sup>50</sup>. Eis a sua profissão de fé. Com base neste tipo de analogia, que acaba investindo também no estranhamento, a cidade refletida por Helena é o seu caminho, ainda que as ruas não sejam as mesmas, levam-na ao encontro de Cecília Meireles e Carlos Drummond de Andrade. Ainda que dêem em becos sem saída e por isso mesmo encontre o seu “não-lugar”, evidente processo ideativo da ocultação, aí acontece o encontro com a justificativa para a sua existência: o amor.

Como subsídio para perscrutar a localização de Helena Kolody no panorama literário brasileiro contemporâneo, o capítulo cinco, **A ascensionabilidade: Para quem viaja ao encontro do sol, é sempre madrugada**, invoca “Santa Helena Kolody”, texto de Paulo Leminski publicado na *Folha de S. Paulo*<sup>51</sup>, para uma reflexão a respeito de seu aperfeiçoamento, da receptividade à sua obra e do reconhecimento de público e crítica. A dicção da escritora acaba encontrando abrigo e, por extensão, endosso do periódico cultural *Nicolau*, na instituição do Concurso Nacional de Poesias Helena Kolody, e entre outras participações em obras com configuração editorial inventiva. Sobreposição e tensionamento entre poesia e crítica desvela sua experiência em relação às poéticas modernas e contemporâneas, reinvenção de seus instrumentos, conceituais e de prática.

Não é absolutamente inesperado, portanto, a repercussão de seus versos pelos mais diferentes canais. Tal repertório de experimentos, não obstante o caráter laudatório, postulam sua dimensão e seu acronismo. Para ir além, nessa procura de um *plus* biográfico<sup>52</sup>, sua imagem, seu perfil, físicos, “reais”, emergem com escopo de profunda coerência em dois filmes. A *Babel da Luz*, de Sylvio Back, e *Helena de Curitiba*, de Josina Melo, encantam pela grafia de vida de uma escritora que sabia de todos os seus ângulos, suas esquinas. Diante das câmeras – o que é possível observar também em fotografias –, soube criar para si – e projetá-la – uma personalidade forte e definida, cujos traços surgem abundantemente demonstrados nas páginas que compõem esta pesquisa.

Há muito tempo alguém acreditou que algumas imagens (literais e metafóricas) deveriam ser escondidas em um armário, bem guardadas e, melhor, resguardadas. Passaram-se os anos e aquela decisão caducou ou foi esquecida. Romperam-se os lacres e o segredo foi revelado e revirado. Mas não totalmente, apenas em parte... há caixas e mais caixas por abrir. Fotografias, ilustrações, dedicatórias, rascunhos, livros, revistas, quadros, recortes de jornais, entrevistas, depoimentos, pesquisas, objetos pessoais... herança de uma vida, que por falta de uso, por falta de atenção, pode morrer. Informação que pode ser classificada além de colecionada. Signos semelhantes à imagem no espelho, o efeito mecânico de uma causa. Em traçado paralelo, os versos de Helena Kolody carregam suas marcas de incompletude, de infinitude. Seus soterramentos...

<sup>50</sup> Helena Kolody, *in memoriam*, foi condecorada com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Cultural, em 9 de novembro de 2011. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/site/2011/11/10/ordem-do-merito-cultural-2011-4/>> e em <<http://robsonleite13.blogspot.com/2011/11/teatro-santa-isabel-recebe-noite-de.html>>. Acesso em: 10 nov 2011.

<sup>51</sup> Em 25 jun 1988.

<sup>52</sup> “Em préstimo” a Tânia Regina Oliveira Ramos. “Talentos e formosuras: novas vozes, novos espaços.” In: DALCASTAGNE, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Horizonte, 2010. p. 37.



O capítulo seis, **O tempo: inexorável ampulheta**, equaciona a conformação da subjetividade baseando-se em matrizes teóricas que abordam as questões dos processos de subjetivação e, por extensão, de identidade. Como a subjetividade reporta a tudo que se relaciona aos mecanismos de consciência, constituição e inserção do sujeito no mundo, em contraposição a todas as condições externas de existência, optamos pela “imagem” de uma escritora suscitada por seus poemas que versam sobre religiosidade, maturidade, sexualidade, finitude e infinitude, criação... A evidente e inexorável permeabilidade entre criação e recriação de mundos é o critério basilar de justificação das escolhas. A reflexão que o capítulo sugere ainda é a de uma indagação continuada sobre a porosidade de fronteiras e campos discursivos evidenciada na prática poética que se mantém visceralmente de situações limítrofes, de impasses, intensidades, interferências, redefinições territoriais. Como Flora Sussekind indica, “o rosto do autor se desenha em toda a parte: nos textos, no livro, na edição, na hora da venda... uma redefinição do perfil do próprio sujeito poético.”<sup>53</sup> Isso significa, seguindo as pegadas de Davi Arrigucci Jr, que em sua lírica, moderna e universal, se entretecem reflexões e sentimentos a partir de uma matéria pessoal e localizada<sup>54</sup>.

**Cronologia de vida e obra**, capítulo sete, roteiriza a cronologia dos acontecimentos mais importantes da vida da escritora, na qual se evidencia sua dedicação às letras. A trajetória de Helena Kolody pode ser acompanhada passo a passo, desde a vinda de seus pais da Ucrânia até suas publicações póstumas. Seu antes, seu durante e seu depois. Tal evocação corresponde à necessidade subjetiva de retrospecto, de revisão, de síntese, como quem chega ao fim e olha para trás, fechando este breve roteiro de navegação pelos re(en)cantos de Helena.

Não obstante a associação evidente, a riqueza de Helena Kolody revela-se na coleção de textos da escritora e textos sobre a escritora. O capítulo oito, **Fortuna crítica**, registra uma coleção de Helena Kolody. Aí estão arrolados todos os seus livros, de *Paisagem interior* (1941) a *Infinita sinfonia* (2011), incluindo as suas diferentes edições e dados editoriais das mesmas. Seguem-se os textos que a escritora publicou em periódicos<sup>55</sup>, destacando as publicações do jornal *Diário dos Campos*, as inaugurais, e aquelas saídas no periódico cultural *Nicolau* e nas antologias do Concurso Helena Kolody – *Os Poetas*, as consagradoras. Pontuo também os trabalhos acadêmicos centrados na obra de Helena Kolody a que tive acesso (em nível de Mestrado e Doutorado). Por fim, estão elencados cerca de quinhentos textos sobre a escritora e sua obra, desde os primeiros – final da década de 1930, o que inclui alguns poucos guardados por Helena Kolody –, até os nossos dias<sup>56</sup>. Da revisão minuciosa desse formidável arquivo, surgirão novas versões da escritora. A relação dos estudos sobre ela constante desta edição, apesar de bastante extensa, não se pretende exaustiva nem definitiva. O critério para a presença desses textos é versarem sobre Helena Kolody ou sobre sua obra. Textos que tangenciam sua trajetória ou a sua atuação sem as terem como foco e aqueles considerados equivocados não foram listados.

Assim, é justo afirmar que o tesouro – carbono e diamante – contido nas próximas páginas não está (ao menos não exclusivamente) na narrativa, mas no não-dito e nas interpretações infinitas que permite o vasto material colecionado: achados preciosos do tempo e do espírito. Na reconstrução de fatos da vida cotidiana, que pode ser bastante esclarecedora, mesmo quando sutil ou banal, está o humano ser que habita

<sup>53</sup> Ao se referir à poesia praticada nos anos 1970. (In: SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária*: polémicas, diários & retratos. Op. cit., p. 124 e 136).

<sup>54</sup> Ao refletir sobre a obra de Manuel Bandeira, Murilo Mendes e Carlos Drummond de Andrade. CARONE, Modesto. In: ARRIGUCCI Jr., Davi. *Coração partido*: uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. [Segunda orelha].

<sup>55</sup> *Gazeta do Povo*, *O Estado do Paraná*, *Jornal dos Poetas*, *Folha de Londrina*...

<sup>56</sup> Bibliotecas e acervos a que tive acesso, além dos de Olga Kolody Muñoz Ferrada e os meus, Biblioteca Pública do Paraná (Setor: Documentação Paranaense), Academia Paranaense de Letras, Centro de Letras do Paraná, Acervo do Centro Cultural Euclides da Cunha (Dep. História, Universidade Estadual de Ponta Grossa), Centro Paranaense Feminino de Cultura, Casa da Memória de Ponta Grossa, Biblioteca Central da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Museu Campos Gerais, Biblioteca Eno Theodoro Wanke da Academia de Letras dos Campos Gerais, Museu Biblioteca Ucrânicos em Curitiba, Representação Central Ucrâniano-Brasileira, Museu do Tropicó (em Castro).

a obra (material ou imaterial). E aí, não há como não se colocar na posição do observador de Benjamin, que “sente a necessidade irresistível de procurar nessa imagem a pequena centelha do acaso, do aqui e agora, com a qual a realidade chamuscou a imagem”.<sup>57</sup>

Imperioso disciplinar, à pergunta latejante: Qual é a tua tese?<sup>58</sup> evoco Umberto Eco, em *Como se faz uma tese*<sup>59</sup> e Lucrécia D’Aléssio Ferrara, na apresentação da obra de Eco. Não obstante o caráter normativo ou impositivo,

a tese é, paradoxalmente, uma atividade lúdica que apanha diversas perspectivas em contraponto, exacerba dinamicamente os contrastes e nos faz descobrir nova maneira de ler ou de ver o já visto ou lido. Peculiar originalidade, lança-se mão dos dados para inventá-los: ganha-se a precisão do pensamento na verticalização de um tema que se restringe para se tornar mais seguro, a nuance da reflexão que incorpora, sem falsa modéstia, o imprevisito, o insólito, o dissociado, a capacidade dialética que apreende as vozes que se dispersam na compreensão e/ou interpretação dos fenômenos. A tese é, em primeira mão, uma descoberta da arquitetura reflexiva presente em toda investigação, [...] descoberta como invenção, resposta contida na pergunta e, sobretudo, o prazer do jogo. A Tese tem algo a ver com a invenção. Uma receita às avessas: a descoberta<sup>60</sup>.

Como simplifica Eco, a tese de doutorado “constitui um trabalho *original* de pesquisa, com o qual o candidato deve demonstrar ser um estudioso capaz de fazer avançar a disciplina a que se dedica”<sup>61</sup>. Eco completa mostrando a necessidade de se “descobrir” algo que ainda não foi dito, o que, no campo humanista, não equivale a invenções revolucionárias. Para ele, considera-se resultado científico

até mesmo uma maneira nova de ler e entender um texto clássico, a identificação de um manuscrito que lança nova luz sobre a biografia de um autor, uma reorganização e releitura de estudos precedentes que conduzem à maturação e sistematização das ideias que se encontravam dispersas em outros textos. [...] o estudioso deve produzir um trabalho que, teoricamente, os outros estudiosos do ramo não deveriam ignorar, porquanto diz algo de novo sobre o assunto.<sup>62</sup>

“Viva a tese como desafio”<sup>63</sup>!, Umberto Eco provoca na conclusão de seu trabalho. Já que se instalou a metáfora do jogo, para um *puzzle* se completar é preciso voltar às origens<sup>64</sup>, ao mapa que orienta nosso

<sup>57</sup> Pequena história da fotografia. In: BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Obras escolhidas, v. 1. 1. ed., 10. reimp. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 94.

<sup>58</sup> A Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos nos fez esta pergunta no primeiro dia de aula do curso: “Campo Intelectual e Instituições – A Literatura Ensinada”, em março de 2007.

<sup>59</sup> ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1986.

<sup>60</sup> FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. Apresentação à edição brasileira. In: ECO, Umberto. Op. cit., p. XII.

<sup>61</sup> Ibid., p. 2. Grifo do autor.

<sup>62</sup> Ibid., p. 2.

<sup>63</sup> Ibid., p. 183.

<sup>64</sup> Aí, até por sugestão de Umberto Eco, ou seja, sendo coerente com o que venho trabalhando há quinze anos, convém lembrar que, por vezes, já pratiquei o gênero: SANTOS, Luísa Cristina dos. *Anita Philipovsky* – a princesa dos campos. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2002. Anita Philipovsky, Georgina Mongruel, Florentina Vitel, Lucie Laval, Maria Cândida de Jesus Camargo, Adelina Carriel Pinheiro, capítulos nos volumes de: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Ed. Mulheres/EDUNISC, 2004 e 2009, a partir de pesquisa concluída em 2000, na Universidade Estadual de Ponta Grossa; alguns artigos sobre Helena Kolody (elencados em sua fortuna crítica); na dissertação: SANTOS, Luísa Cristina dos. *Cara ou cachorra*: um jogo discursivo de-como-ser sujeito [focada no escritor Harry Laus]. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Letras-Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997; entre outros. É fundamental para este trabalho minha inscrição há uma década no GT “Mulher e Literatura” da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL).

percurso. Os objetivos estabelecidos no projeto desta tese, limites do (im)possível:

- desvelar o universo de Helena Kolody, iluminando a narrativa com farto aparato iconográfico;
- disseminar todo material biográfico, documentos, retratos e lugares para não somente assegurar como incrementar o lugar de destaque na literatura que Helena Kolody tem conquistado;
- depreender dos textos que constituem Helena Kolody, sua figura de escritora e mulher;
- rastrear o itinerário que compõe não sua “biografia verdadeira”, mas uma biografia possível;
- facilitar, para pesquisadores, o acesso a informações e singularidades constitutivas e definidoras do perfilamento poético da escritora;

... enfim, a risco de *excusationes non petitae acusatio manifesta*, julgamos que foram plenamente atingidos.

Por fim, o valor da biografia se justifica principalmente pelo biografado<sup>65</sup>. Carbono e diamante, conformações acordam um mesmo objeto, sem hierarquização deliberada, apenas regimentos diferentes que não necessariamente se confrontam. Pureza, resistência e riqueza. Acaareação, mesmo que no reflexo de um espelho. Resiliente, Helena nunca negou uma resposta, por maior ou doido que fosse o cunho pessoal; fazia tudo com serenidade, com altivez e com bom gosto. Para além de poética, a visceralidade da experiência de vida que seus textos e depoimentos expressam está empapada de uma profunda e específica experiência de mulher – leitora, estudante, professora e escritora. Neste amálgama em que cabem os dias e os trabalhos de Helena Kolody, repleto de significados, sobressai sempre seu fundo compromisso com a humanidade.

Afinal... qual é mesmo a tua tese? Contar uma vida, a partir de sua inscrição na literatura, questionando sua identidade, o mundo que a cercava e o sentido de sua existência. Comprovar a evidente e inexorável permeabilidade entre criação e recriação. A interpretação conformará um livro. O livro **Helena Kolody, carbono e diamante – uma biografia ilustrada** (originado por esta tese homônima) será uma prazerosa homenagem ao universo de Helena, no ano em que se comemora seu centenário. Em cada página, procurei recuperar os temas e os valores que a cativavam e que ela defendia, sua delicadeza e sua grandeza, o espírito ímpar que faz de sua obra um tesouro literário. Vida em insondável devir. A biografia é mais que gesto de repetição, “ação de subir até a origem”, seu estatuto é o do conhecimento e do reconhecimento.

Há poetas em que interessa mais a obra, artistas cuja peripécia pessoal se reduz a um trivial variado, sem maiores sismos dignos de nota, heróis de guerras e batalhas interiores, invisíveis a olho nu. Há outros, porém, cuja vida é, por si só, um signo. O desenho de sua vida constitui, de certa forma, um poema. Por sua singularidade. Originalidade. Surpresa.

Paulo Leminski<sup>66</sup>

<sup>65</sup> Conforme já apontei em: Helena Kolody: reminiscências de leitura e escola. (In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8. *Anais...* Florianópolis, Ed. Mulheres, UFSC, 2008. CD-ROM).

<sup>66</sup> Paulo Leminski inicia desta maneira a apresentação de Cruz e Sousa. Posto que é notório seu apreço pela poeta Helena Kolody, além das convergências na obra dos três poetas, julgo mais que pertinente a citação. In: LEMINSKI, Paulo. *Cruz e Sousa*. São Paulo: Brasiliense, s/d. [Coleção Encanto Radical] p. 9.



O performer curitibano Hélio Leites lançou livro *Minimos* em que apresenta suas miniaturas, todas feitas em sucatas mínimas (palitos, caixinhas de fósforos, tampinhas...). Entre elas está o oratório "Canonização de Santa Helena Kolody" (material: caixas de fósforos, lápis, palitos, papel, retalhos de tecido, e tinta plástica). As fotografias mostram diferentes ângulos e detalhes da mesma obra, na última, parte de trás do oratório, o poema "Prece", de Helena Kolody: "Concede-me, Senhor, a graça de ser boa..." Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes

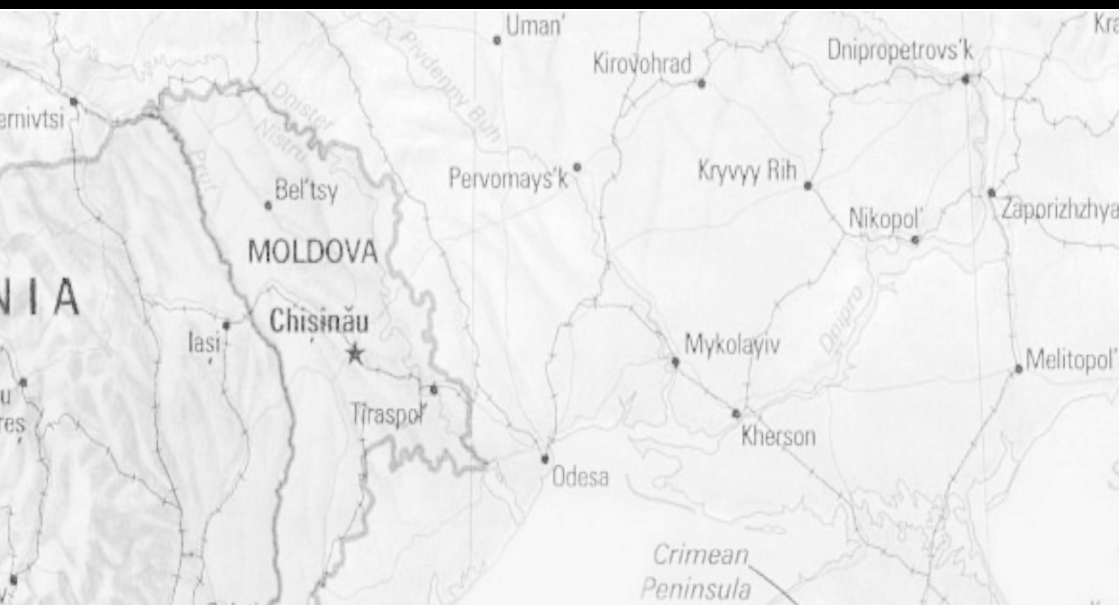








## 2 Esfinge eslava em correnteza atávica





Mapa da página anterior disponível em:  
<<http://www.guiageo-europa.com/mapas/ucrania.htm>>

## 2 | Esfinge eslava em correnteza atávica

Terra estrangeira: as pegadas do Árvore genealógica do Enraizamento  
Itinerário: do Império Austro-húngaro ao Paraná

Quando sonho, sou outra.  
Inauguro-me.

Helena Kolody, 1990

Um navio encalhado em uma praia: este é o mote para a realização do filme *Terra Estrangeira* (1996) do diretor brasileiro Walter Salles. Conforme entrevista disponível nos extras do DVD, Salles explica que “no início, foi uma única imagem, daquele navio emborcado ali na areia. Ali também na areia de uma praia deserta que eu via de costas”. O navio, no decorrer do filme, passa a representar a falência do projeto colonial português. Com seu início no século XV, é estendido de forma problemática até fins do século XX com a independência da colônia de Angola em 1975. Este projeto é representado em alguns momentos como uma forma de colonialismo cordial, no qual a miscigenação, mestiçagem e inter-racialidade são levantados como lema, o que impossibilitaria a adjetivação de racismo e legitimaria a colonização.

Naus ancoradas  
no oceano imóvel  
guardam os nomes  
dos que adentraram  
ignotos mares.<sup>67</sup>

Sobre esses supostos aspectos, o sociólogo Boaventura de Souza Santos tem pesquisado sobre as diferentes experiências pós-coloniais focando-se nos países de colonização portuguesa, explorando a complexidade dessas representações como uma tarefa do intelectual pós-colonial.

Assim, o pós-colonialismo dominante universaliza a experiência colonial a partir do colonialismo britânico e de algum modo o pós-colonialismo latino-americano emergente procede do mesmo modo, partindo agora do colonialismo ibérico. Em ambos os casos, o colonizador é concebido como representando a Europa em confronto com o resto do mundo. Ora, não só houve historicamente várias europas como houve e há relações desiguais entre os países da Europa. Não só houve vários colonialismos, como foram complexas as relações entre eles, pelo que algo está errado se tal complexidade não se refletir nas próprias concepções de pós-colonialismo.<sup>68</sup>

---

<sup>67</sup> KOLODY, Helena. Necrópole. (In: KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 79).

<sup>68</sup> SANTOS, Boaventura de Sousa. Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro. In: VIII Congresso Luso-afro-brasileiro de Ciências Sociais, VIII, *Conferência de abertura...* Coimbra, 16-18 de setembro de 2004. p. 30.



Helena Kolody descende de família de imigrantes ucranianos. Seu pai, Miguel Kolody (1881-1941), nascido na cidade de Bíbrke (Galícia Oriental), veio com a família para o Brasil como menino de 13 anos. Semeon Kolody, pai de Miguel, faleceu, em 1893, vítima da grande epidemia de cólera que assolou a Ucrânia no fim do século passado<sup>73</sup>. Nessa ocasião, morreu também sua filha, a menina Marta. Nástia, a mãe de Miguel, que era da família Teodorovytch, não quis ficar sozinha com filhos pequenos na Ucrânia, por isso, emigrou com os parentes para o Brasil, em 1894. Nástia veio com seus três filhos: Miguel (13 anos), João (4) e Rosa, com dez meses. A família veio para o Brasil acompanhando o fluxo da grande imigração que ocorreu nos idos de 1895, quando grupos da Polônia e da Ucrânia (tudo, então, Império austro-húngaro) deixaram a Galícia. As razões pelas quais estes êxodos aconteceram são históricas: perseguições políticas e raciais, um surto de cólera que atingiu a Ucrânia e ainda, o sempre cultivado sonho de um mundo novo e produtivo. A região sul do Brasil, pelo seu clima frio e vocação agrícola, foi o destino adotado pela maioria das famílias.

A mãe de Helena, Victoria Szandrowsky<sup>74</sup> (1892-1975), nasceu na aldeia galiciana (também oriental) Yuriámpolh, município de Bórchthiv, filha de José Szandrowsky e Maria Szandrowsky, e chegou com seus pais ao Brasil como moça de quase 19 anos (em 1911). Motivo: a iminência da Primeira Guerra Mundial. José Szandrowsky, homem muito informado sobre a situação política da Europa, decidiu sair de lá porque sentiu que a guerra se aproximava e ele não queria que seu único filho fosse convocado e acabasse morrendo em combate. Quanto à Victoria Szandrowsky, seus estudos foram feitos na Ucrânia.



Victoria Kolody

..... ✂ .....

Miguel e Victoria Kolody com as filhas Olga, Rosa e Helena (a primeira, da direita para a esquerda), por volta de 1920. Fotograma do documentário *Helena de Curitiba*. Direção: Josina Melo. Curitiba: J. Melo Editora & Produções, 2005. 1 VHS (32 min.), son., color.

<sup>73</sup> No mesmo ano, 1893, e pelo mesmo motivo – cólera, pela versão oficial – faleceu o grande compositor, Tchaikovsky.

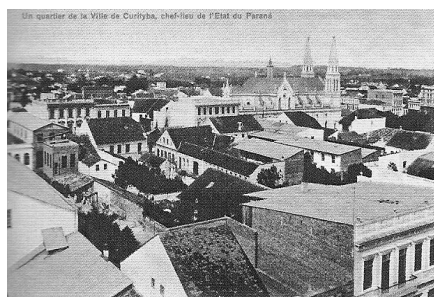
<sup>74</sup> Muitos dos nomes foram encontrados grafados de maneiras diferentes. Segui as opções de Helena Kolody e de sua irmã, Olga.

A família da mãe de Helena se estabeleceu no núcleo colonial de Cruz Machado, Paraná. Cruz Machado foi um núcleo como tantos outros, fundados pelo Governo Federal, com o intuito de colonizar grandes áreas do território paranaense, que até então eram habitadas unicamente por índios. Fundado em dezembro de 1910, seus primeiros habitantes foram os imigrantes poloneses e ucranianos. Aliás, a maior parte dos imigrantes ucranianos que vieram para o Brasil, se estabeleceu no Paraná (entre 1895-7). Miguel, seu pai, foi de Curitiba até lá para trabalhar como agrimensor prático na abertura da estrada de rodagem que ligava Cruz Machado a União da Vitória. Miguel começou a frequentar a casa dos patrícios e logo se apaixonou por Victoria. Miguel e Victoria contraíram matrimônio em janeiro de 1912. Exatamente nove meses depois, nasceu em 12 de outubro de 1912 sua primeira filha, Helena.

Convém lembrar que Miguel Kolody, antes de se casar, vivendo na capital paranaense, foi um dos membros-fundadores da primeira sociedade ucraniana (“Prosvita”) em Curitiba. De 1902 a 1909 exerceu as obrigações de tesoureiro da entidade. Era, também, membro do comitê editorial do *Zoriá*, o primeiro jornal ucraniano no Brasil (1907-1909).



..... ☿ .....  
Cruz Machado, por volta de 1920. Fotograma do documentário *Helena de Curitiba*. Direção: Josina Melo. Curitiba: J. Melo Editora & Produções, 2005. 1 VHS (32 min.). son., color.

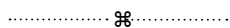


..... ☿ .....  
Vista de Curitiba. Com a Catedral Basílica de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais ao fundo, 1908. Reprodução do livro *Postais do Brasil: 1893-1930*, de Pedro Karp Vasquez. São Paulo: Metalivros, 2002. p. 213.

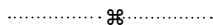
A maior parte de sua infância, Helena passou na cidadezinha de Três Barras<sup>75</sup>. Terminou a escola pública em 1922 na cidade de Rio Negro, onde sua tia, Rosa Kolody Procopiak, era professora. Ela ensinou sua sobrinha a escrever e ler em ucraniano. Mudou-se com a família toda, em julho de 1927, para Curitiba. Morava na Rua Itupava<sup>76</sup>, na época, fora do quadro urbano. Ou seja, rua barrenta, com riozinho ao lado, sem luz elétrica e água encanada. Periferia... A sensação de periferia, também “dita” por Helena, é a própria imagem do povo brasileiro perpassada, entre outros, por Paco em *Terra Estrangeira*. O Brasil periférico.

<sup>75</sup> Na época, era uma vila do estado de Santa Catarina (Questão do Contestado).

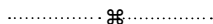
<sup>76</sup> Esquina com a Rua Sete de Abril, onde Miguel Kolody se estabelece com uma casa de secos e molhados. No local, hoje, há um posto de gasolina. Vizinham o ex-presidente Jânio Quadros.



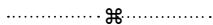
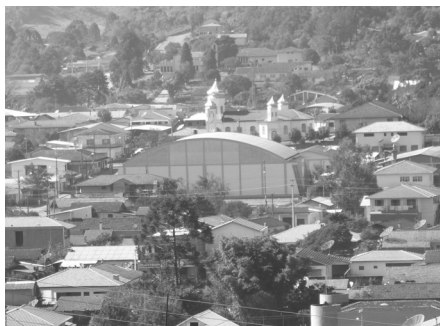
Cruz Machado, cúpulas em formato "cebola", comuns no leste europeu.  
Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Cruz Machado, igreja católica, com rito ucraniano. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Cruz Machado, vista parcial e atual.  
Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

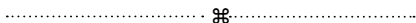


Cruz Machado, pinheiro do Paraná.  
Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.





Praça Municipal de Curitiba. Ao fundo, as torres da Catedral Basílica de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, 1906. Reprodução do livro *Postais do Brasil: 1893-1930*, de Pedro Karp Vasquez. São Paulo: Metalivros, 2002. p. 213.



Em algumas poesias, já desde a primeira coletânea, Helena frisa sua conexão à pátria de origem, a Ucrânia, com sua história, com seu povo, sua vontade de liberdade e, finalmente, com a imigração ucraniana e sua luta dolorosa. Aquela pátria original com seu povo sofredor e sedento de liberdade acorda na alma da poeta, na lembrança de seu sangue, um sentimento profundo de dor e sofrimento. “A alma dos ancestrais sofre e chora em mim”. Porém, a imaginária paisagem ucraniana – “estepes e urzes floridas”, “bosques de bétulas”, o “Dnipro cantado por Tarás” – e os cânticos ucranianos enchem a poeta com saudade antiga e aquecem seu coração com ternura e alegria. Do grande poeta Tarás Chevtchenko, ela fez, ainda em 1940, a primeira tradução de alguns poemas. Nos anos 1950, participou da versão portuguesa de poesias ucranianas (adaptação poética), que entraram na *Antologia da Literatura Ucraniana*, sob a organização de Wira Selanski (1959), que, em 1977, editou segunda edição revista e ampliada da obra, com, inclusive, novo título: *Viburno rubro*. No centenário de nascimento de Tarás Chevtchenko, 1962, Helena prefaciou o livro *Tarás Chevtchenko* – o poeta da Ucrânia, de E. V. Kobylansky.

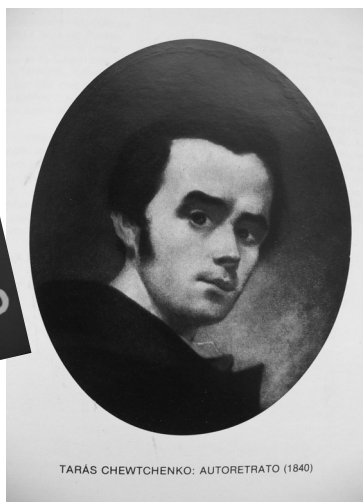
... se o folclore é a expressão profunda da vida de um povo, há poetas que são a própria personificação dessa vida profunda; são como raízes que absorvem a seiva da terra milenária, para transformá-la em flores e frutos.<sup>77</sup>

Por outro lado, a poética de Helena Kolody delimita um espaço de tonalidades muito nossas. As janelas, a terra e o tempo de Helena descortinam-se para o campo do onirismo. Na geometria do sonho, em suas linhas, reencontraremos a intimidade do passado. Helena Kolody é um dos nomes mais referenciais do Paraná. Paranista como o pinheiro em nossa flora, como os lambrequins em nossa arquitetura, como o “leite quente” em nosso falar.

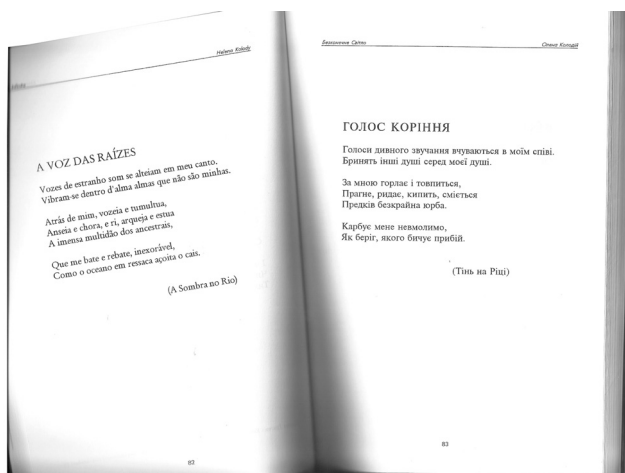
<sup>77</sup> KOLODY, Helena. Prefácio. In: KOBYLANSKY, E. V. *Tarás Chevtchenko* – o poeta da Ucrânia. Curitiba: Impressora Dnipro, 1962. p. 1.



Capa do livro *Víborno rubro*, de Wira Selanski, do qual Helena participou como colaboradora. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1977. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Tarás Chewtchenko. Reprodução do livro *Víborno rubro*, de Wira Selanski. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1977. p. 35.



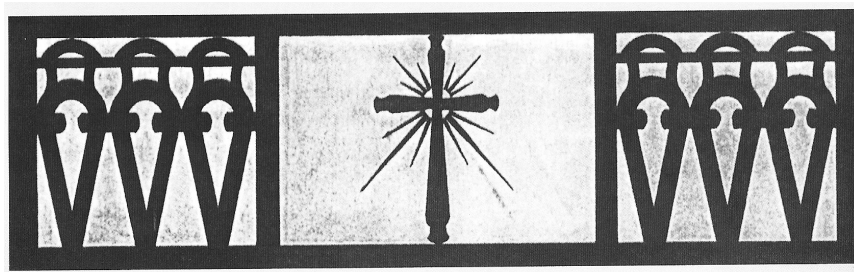
"A voz das raízes" em português e ucraniano, pág. 82-3, do livro *Luz Infinita*, 1997, publicado pelo Museu-Biblioteca Ucranianos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva, Clube Ucraino-Brasileiro, Organização Feminina. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Já tratei do tema há algum tempo<sup>78</sup>, o movimento paranista – fundado no princípio ufanista do amor ao Paraná – surgiu de uma necessidade de se construir uma identidade (inclusive cultural) para o estado do Paraná, necessidade que emergiu com a ascensão do regime republicano. Desenvolveu-se principalmente em Curitiba nas décadas de 20 e 30, em tempos em que a embrionária identidade cultural paranaense estava ameaçada pela integração nacional do Estado Novo de Getúlio Vargas e pelos ideais universais do movimento modernista. No entanto, como fazer isto se o estado era (e ainda é) um mix étnico? Era preciso construir a imagem de um Paraná progressista, de uma sociedade em franca expansão e desenvolvimento, de um Paraná moderno. À literatura coube o papel de atingir o coração dos paranaenses para sensibilizá-los à causa paranista; valeu-se do resgate de um sentimento de amor à terra. Destacamos, aqui, o pinheiro, símbolo máximo paranaense. Conforme verifica Pereira, o pinheiro se caracterizara como o herói paranista, aquele que preencheu o imaginário popular e tem uma força pedagógica já vista em seu mito de origem; que serve, por outro lado, para que possamos ver neste espaço a representação de determinados discursos sociais.

... existia nestas plagas um príncipe, o mais lindo do mundo; era esbelto como o mais bravo guerreiro, os cabelos revoltosos ornavam sua cabeça altiva. Um belo dia, o príncipe se apaixonou e sua amada fora convertida em uma ninfeia do bosque e o príncipe vagava, enlouquecido à sua procura, bradando aos céus seu nome. Procurando-a em vão na planície sem fim, quando a piedade do rei socorreu-o e, como não poderia fazer com que ela voltasse a ser mulher, transformou-o em uma árvore assim descrita: alta como torre, que parece querer enfiar no céu de turquesa os braços trêmulos que o desespero fustiga, e ainda com a coroa real equilibrada muito lá em cima, sobre os ombros desfeitos que as tempestades chicoteiam, e que, nos crepúsculos tristes imitam, de encontro ao incendiário horizonte, o perfil sofredor do rei! Esta árvore foi o pinheiro!<sup>79</sup>

Canclini apontaria: eis a teatralização do patrimônio!<sup>80</sup>



Composição de Lange de Morretes, um dos idealizadores do Movimento Paranista, para a revista *Ilustração Paranaense*, anos 30. Reprodução do livro *Imagens da evolução de Curitiba*, de Otávio Duarte Guiniski. Curitiba: Duarte, 2002. p. 110.

<sup>78</sup> SANTOS, Luísa Cristina dos. *Anita Philipovsky* – a princesa dos campos. Op. Cit. p. 46.

<sup>79</sup> REVISTA *Ilustração Paranaense*, 1927. In: SANTOS, op. cit. p. 274.

<sup>80</sup> CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008, p. 162.



Entre os temas preferidos pela escritora: a araucária, ou pinheiro do Paraná, e o ipê amarelo, considerados temas paranistas. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Os textos de Helena Kolody, voluntariamente ou não, exploram representações e simbologias que vão sendo paulatinamente incorporadas pelo imaginário popular: o Paraná como estado de progresso e civilidade; a imagem do semeador; a abundância da natureza representada, em outros, pelo pinheiro do Paraná – além de simbolizar a altivez do cidadão paranaense, foi indiscriminadamente utilizado na confecção de casas de madeira, hoje, emblematicamente, referência das etnias mais numerosas migradas para o estado, em fins do século XIX e primeiras décadas do século XX: a polonesa, a eslava, a germânica, a italiana.



Alfabeto cirílico. Disponível em: <<http://www.tipografos.net/glossario/cirilico.html>>. Acesso em: 29 ago. 2009.



Entre os temas de Helena: urzes; evidente remissão à Ucrânia. Disponível em: <<http://www.dias-com-arvores.blogspot.com/2007/10/urzes>>. Acesso em: 29 ago. 2009.



Ar

Araucária,  
Nasci forte e altiva,  
Solitária.  
Ascendo em linha reta...  
Estendo braços hirtos e serenos...  
Espalmo a taça verde no infinito.  
Na silente nudez do meu isolamento.<sup>81</sup>

de

---

<sup>81</sup> KOLODY, Helena. Versos de "Araucária," 1988, p. 180.

Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou, como frisa Hall<sup>82</sup>, uma confortadora “narrativa do eu”. A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma falácia. Ao invés disso, à medida em que consideramos o seu caráter relacional e situacional, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente, o que lhes nega qualquer tipo de essência ou característica transcendente.

As culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes de identidade cultural. Ao nos definirmos, algumas vezes dizemos que somos brasileiros ou latino-americanos ou ucranianos ou eslavos. “Eu sou a primeira brasileira em minha família”<sup>83</sup>. Helena repete a afirmação em várias entrevistas suas publicadas em livro. A re-petição, a re-afirmação, a re-iteração do enunciado o re-significa favorecendo novos agenciamentos. Esta é, em suma, uma concepção não-literal, subjetiva, já que essas identidades não estão literalmente impressas em nosso DNA. No entanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa biologia. Vale dizer, as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da “representação” (produção da imagem de identidade).

No lócus da enunciação, revela-se o contínuo deslocamento entre tais referências, sobretudo, em função da “convivência” de duas línguas, o português e o ucraniano, essencialmente diferentes. A articulação mostra-se complexa, pois nos remete a uma constante negociação simbólica entre cosmopolitismos e, de outro lado, experiências fortemente localizadas (mesmo que seja em forma de remotas lembranças ou de desejos). Helena conta: “Lição foi escrito em memória de minha avó Nástia, em ucraniano, e, depois, em



Estrada que liga União da Vitória-Cruz Machado. Miguel Kolody trabalhou na abertura desta estrada, no início do século XX. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

..... ¶ .....

<sup>82</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p. 49.

<sup>83</sup> KOLODY, Helena. *Cadernos do Museu da Imagem e do Som*. Op. cit., p. 5.

português. É uma cena puramente ucraniana, mas envolvendo uma criança que não tinha consciência disso porque, na verdade, eu não sabia o que significavam aquelas palavras. É bem aquilo da gente ser e não ser ao mesmo tempo.”<sup>84</sup>



.....✻.....

Entre os temas de Helena: bétulas; evidente remissão à Ucrânia. Disponível em: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=608286>>. Acesso em: 29 ago. 2009.

Hall<sup>85</sup> exemplifica: “nós só sabemos o que significa ser ‘inglês’ devido ao modo como a ‘inglesidade’ (*Englishness*) veio a ser representada – como um conjunto de significados – pela cultura nacional inglesa”. Segue-se que uma nação não é apenas uma entidade política mas algo que produz sentidos – um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos legais de uma nação, elas participam da ideia da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica. A construção cultural da nacionalidade configura, no pensamento de Bhabha<sup>86</sup> uma forma de afiliação “mais complexa que ‘comunidade’, mais simbólica que ‘sociedade’, mais conotativa que ‘país’, menos patriótica que *patrie*, mais retórica que a razão de Estado”.

Assim, uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. O discurso é uma formação articulada. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a nação, sentidos com os quais podemos nos identificar – ou não –, constroem identidades. “A identificação é, pois, um processo de articulação”.<sup>87</sup> Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas.

<sup>84</sup> KOLODY, Helena. Abertura. In: REZENDE, Tereza Hatue de (Org.). *Helena Kolody: sinfonia da vida*. Curitiba: DEL; Letra Viva, 1997. p. 30.

<sup>85</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Op. cit., p. 50.

<sup>86</sup> BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte. Ed. UFMG, 1998. p. 199.

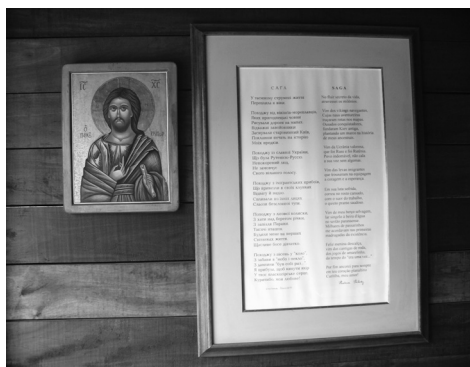
<sup>87</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Op. cit. p. 106.



Fachada da sede da Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana, Curitiba, Paraná. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Vista do Memorial Ucraniano, Curitiba, Paraná. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



"Saga", de Helena Kolody, em português e ucraniano, no hall de entrada do Memorial Ucraniano, Curitiba, Paraná. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Aí, poderíamos nos perguntar: de quais estratégias o imaginário se vale para fixar a representação de uma identidade nacional? No caso de Helena Kolody, quais são as construções representacionais que a identificam como ucraniana/brasileira/paranaense/curitibana? O professor Venturelli apresenta observações pertinentes sobre a “geografia” da poeta:

... tem um irrecusável teor de deslocamento. O discurso que materializa o próprio sentido do não-lugar, do descentramento, da sensação de estarmos todos numa contingência, na qual não encontramos exatamente a nossa casa. É o inefável circulando por uma geografia sem precisão definida, é a palavra escapando por entre os dedos nebulosos da sensação escorregadia. O não-lugar, o solo nem de todo conhecido por nossos pés e apenas tocando de leve por nossa razão tantas vezes esfarrapada.<sup>88</sup>

Dos muitos aspectos que uma resposta abrangente incluiria resumirei em cinco elementos principais propostos por Hall<sup>89</sup>:

Em primeiro lugar: a narrativa da nação, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou representam as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. Tal “comunidade imaginada” dá significado e importância à nossa simples existência. Essas coisas formam a trama que nos prende invisivelmente ao passado.

Em segundo lugar: a ênfase nas origens, na continuidade, na tradição e na intemporalidade. Os elementos essenciais do caráter nacional permanecem imutáveis, apesar de todas as vicissitudes da história.

Em terceiro lugar: a invenção da tradição (conforme HOBBSAWN e RANGER). Tradições que parecem ou alegam ser antigas são muitas vezes de origem bastante recente e algumas vezes inventadas... tradição inventada significa um conjunto de práticas, de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado.<sup>90</sup>

Em quarto lugar: o mito fundacional. Uma estória que localiza a origem da nação, do povo e de seu caráter nacional num passado tão distante que eles se perdem nas brumas do tempo, não do tempo “real”, mas de um tempo “mítico”.

Em quinto lugar: a concepção de um povo ou folk puro, original. No entanto, nas realidades de desenvolvimento nacional, é raramente esse povo (folk) primordial que persiste ou que exercita o poder.

<sup>88</sup> VENTURELLI, Paulo. *Helena Kolody. Série paranaenses*. n. 6. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995, p. 18.

<sup>89</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Op. cit., p. 106.

<sup>90</sup> Hobsbawn e Ranger detiveram-se no estudo das invenções das tradições e apontam o surgimento da bandeira, do hino e das armas nacionais com esse pretexto. “Parece que o elemento crucial foi a invenção de sinais de associação a uma agremiação que continham toda uma carga simbólica e emocional, ao invés da criação de estatutos e do estabelecimento de objetivos da associação” (p. 19). Nessa égide, as práticas tradicionais existentes foram revistas, ritualizadas e (re)inseridas no contexto social com fins de servir a propósitos nacionais. Canções e danças folclóricas foram imbuídas de conteúdo patriótico-progressista, desenvolveu-se uma série de rituais alicerçados, comumente, na amálgama Estado-Igreja, e impôs-se a criação de um passado antigo que extrapolasse a continuidade histórica real, fosse pela lenda ou pela invenção. Geraram-se símbolos e imagens oficiais com fins de personificar a nação. A exemplo, insira-se nesse nicho de agremiações, os chamados Centros de Tradições Gaúchas, espécie de “clube social” com características específicas que cultua a figura emblemática, mítica e “inventada” do gaúcho – herói que atravessou altivamente guerras e adversidades, personalidade do pampa, apegado a seu cavalo, muito embora rude, é gentil com as mulheres. A “autêntica” identidade gaúcha acompanha sua diáspora por praticamente todo o Brasil e até o exterior. À criação do primeiro CTG, em 1948, seguiu-se a “criação” de várias tradições. Há incontáveis artigos a respeito, disponíveis *on line*.



Memorial Ucrainiano, Curitiba, Paraná. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Poema de Tarás Chewtchenko, bordado à maneira ucraniana, exposto no Memorial Ucrainiano, Curitiba, Paraná. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



A partir desses pressupostos podemos verificar como uma cultura nacional atua como uma fonte de significados culturais, um foco de identificação e um sistema de representação. Resta verificar se as culturas nacionais e as identidades nacionais que elas constroem são realmente unificadas. Ou seja, não importa quão diferentes seus membros possam ser em termos de classe, gênero ou raça, uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional. Porém, deve-se ressaltar que uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural.

Sou a terra ignota e bárbara [...]  
 Viu ondular as searas alheias,  
 Viu sazonnar frutos de outras terras,  
 Talvez, menos fecundas.<sup>91</sup>

<sup>91</sup> KOLODY, Helena. "Terra inculta", 1988, p. 184.



Nestas identificações, revela-se um ser-poeta transplantado em solo diferente. Para todas as criaturas telúricas, com forte consciência de suas raízes, o transplante torna-se constante fonte de saudade e sofrimento.

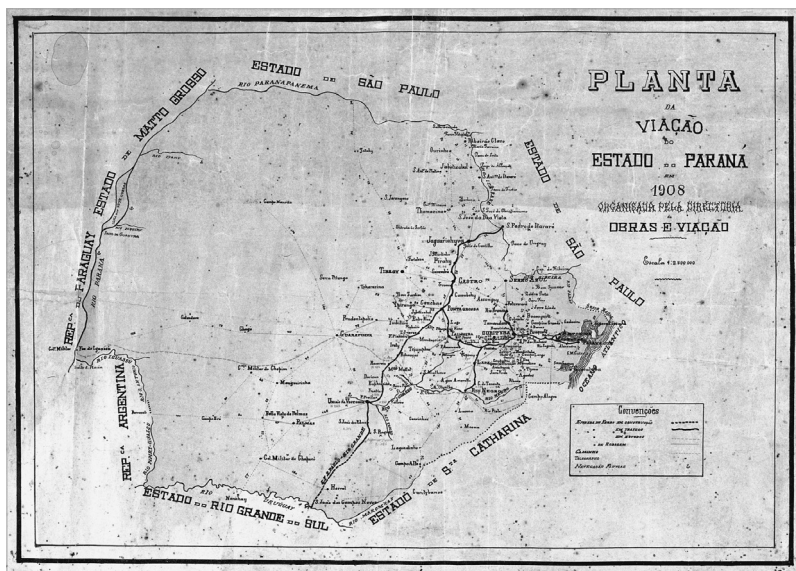
Quando estou triste e só, e pensativa assim,  
É a alma dos ancestrais que sofre e chora em mim  
Angústia secular de uma raça oprimida  
Que vem da profundidade e turva a minha vida. [...]  
Ante a extensão agreste e verde da campina,  
Não sei dizer por que, muitas vezes, senti  
Saudade singular da estepe que não vi.<sup>92</sup>



Vista do Memorial Ucraniano, Curitiba, Paraná. Em primeiro plano, escultura em ferro, que simboliza uma "pessanka". Foto: Luisa Cristina dos Santos Fontes.

---

<sup>92</sup> KOLODY, Helena. Versos de "Atavismo", 1988, p. 182



Mapa do Estado do Paraná, 1908. Disponível em: <<http://www.itcg.pr.gov.br/.../conteudo.php?conteudo=16>>. Acesso em: 29 ago. 2009.

A maioria das nações consiste de culturas separadas que só foram unificadas por um longo processo de conquista violenta – isto é, pela supressão forçada da diferença cultural. Deveríamos, em vez disso, pensá-las como constituindo um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidade. Uma forma de unificá-las tem sido a de representá-las como a expressão da cultura subjacente de “um único povo”. A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais – língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” – que são partilhadas por um povo. É tentador, portanto, usar a etnia dessa forma “fundacional”. Nas Américas, na Europa Ocidental, não há qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. “As nações modernas são, todas, híbridos culturais”<sup>93</sup>. No entanto, o próprio Hall<sup>94</sup> já assinalara que esse resultado híbrido não pode mais ser facilmente desagregado em seus elementos “autênticos” de origem.

<sup>93</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Op. cit., p. 79.

<sup>94</sup> HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003, p. 31.

Os ucranianos, como os eslavos em geral, têm muita capacidade de adaptação. Logo assimilam os usos e costumes do novo ambiente e facilmente se casam com pessoas de outras raças. Mamãe está com 81 anos e considera-se brasileira. Amou tanto o Brasil que nunca desejou rever sua pátria.<sup>95</sup>

Assim, quando vamos discutir se as identidades nacionais estão sendo deslocadas, devemos ter em mente a forma pela qual as culturas nacionais contribuem para “costurar” as diferenças numa única identidade. Então as identidades nacionais estão sendo “homogeneizadas”? Bem, numa resposta simplista poderíamos dizer que isso é fruto da globalização. No entanto, como sublinha Hall<sup>96</sup> (2005), há também uma fascinação com a diferença e com a mercantilização da etnia e da “alteridade”. Há, juntamente com o impacto do “global”, um novo interesse pelo “local”. A globalização na verdade explora a diferenciação local, sugere-se então uma nova articulação entre o global e o local. Obviamente, não se deve ler este “local” como as velhas identidades, firmemente enraizadas em localidades bem delimitadas.

A ideia de que esses são lugares “fechados” – etnicamente puros, culturalmente tradicionais e intocados – é uma “fantasia colonial” sobre a periferia, mantida pelo Ocidente, que tende a gostar de seus nativos apenas como “puros” e de seus lugares exóticos como “intocados”.<sup>97</sup>

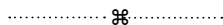


Rio Dnipró, Ucrânia. Disponível em: <<http://www.travel.webshots.com/photo/23399168100>>. Acesso em: 12 ago. 2009.

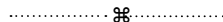
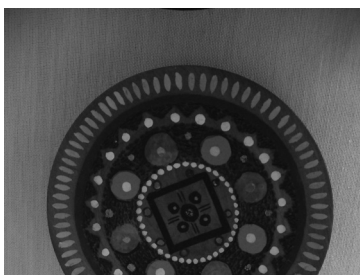
<sup>95</sup> KOLODY, Helena. *Cadernos do Museu da Imagem e do Som*. Op. cit., p. 6.

<sup>96</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Op. cit., p. 81.

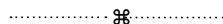
<sup>97</sup> *Ibid.*, p. 80.



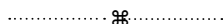
Prato que integrou o enxoval de Victoria Kolody, hoje, sob a guarda de Olga Kolody. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Prato decorativo, em madeira, com padrão ucraniano chamado incrustação, pertencente à Helena Kolody e, hoje, sob a guarda de Olga Kolody. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Bordado feito por Helena Kolody. Motivos ucranianos. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Bordado feito por Helena Kolody. Motivos ucranianos. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Para justificar a “transnacionalidade” de um mundo de fronteiras dissolvidas e de continuidades rompidas, Kwame Appiah, filósofo ganhador de professor na Universidade de Harvard, propõe o conceito de “cosmopolitanismo”<sup>98</sup>. A palavra, ele nos lembra, remonta aos Cínicos Gregos do século IV antes de Cristo e significa cidadão do cosmos – alguém que transcende às lealdades restritivas de um cidadão a uma polis em particular. O conceito sofreu muito durante o século XX – passou, entre outros, pelos discursos de Hitler e Stalin. Appiah, acredita, no entanto, que já está na hora de recuperá-lo, particularmente em um momento quando as culturas se confrontam em batalhas sobre temas que vão desde a posse de artefatos históricos até atos de terror.

Na visão do filósofo, o termo surge da imersão e do contato. Não necessita de acordo; a discordância é bem provável. Algumas alianças são mais fortes que as outras, algumas necessitam de apoio. O modelo de cosmopolitanismo proposto por Appiah invoca a conversa, quando muitas perspectivas se encontram, uma leva a outra em consideração. Por enquanto, ele celebra essa miscigenação entre crença e perspectiva.

Da mesma maneira que Appiah considera a própria família um modelo de cosmopolitanismo, podemos pensar Helena Kolody. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. “Lembro de mamãe recitando poemas em ucraniano, que ela lia em voz alta para a gente, à noite, à luz do lampião: ‘pensamentos, meus caros pensamentos, eu sou infeliz convosco...’ (não podemos esquecer que Tarás Chevtchenko<sup>99</sup>, autor destes versos, viveu exilado). ‘Por que se alinham no papel em fileiras tão tristes? Por que o vento não vos espalhou na estepe, como pólen das flores?’ Minha mãe recitava isso em ucraniano e eu decorei por influência dela.”<sup>100</sup>

Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. Não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque são o produto de várias histórias e culturas interconectadas. Barbeitos sintetiza o fenômeno com uma imagem muito produtiva: “o corpo do mestiço é um campo de batalhas”<sup>101</sup>.

Uma de minhas leituras prediletas nos meus tempos de mocidade foram os livros de Rabindranath Tagore<sup>102</sup>, naquela coleção publicada em São Paulo, com diversos outros poetas. Talvez aí também esteja a influência do meu sangue eslavo, porque esse pessoal é muito místico. Eu sou de origem ucraniana, mas li mais os orientais do que propriamente os ucranianos. Vejo que a espiritualidade de Tagore me marcou muito.<sup>103</sup>

<sup>98</sup> APPIAH, Kwame Anthony. *Cosmopolitanism: ethics in a world of strangers*. New York: W.W. Norton, 2006.

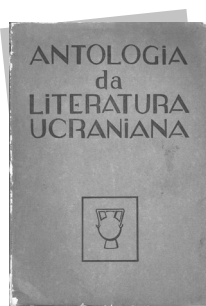
<sup>99</sup> Tarás Chevtchenko (1814-1861): poeta-mor ucraniano, que viveu grande parte de sua vida encarcerado em virtude de sua pregação em prol da liberdade do povo e da pátria.

<sup>100</sup> VENTURELLI, Paulo. *Helena Kolody*. Op. cit., p. 28.

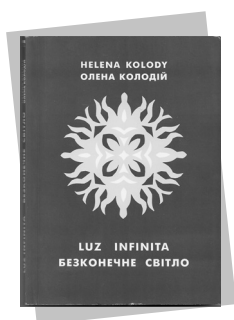
<sup>101</sup> BARBEITOS, Arlindo. Une perspective angolaise sur le lusotropicalisme. *Lusotopie 1997*, Enjeux contemporains dans les espaces lusophones. Paris, Karthala, decembre 1997. p. 323.

<sup>102</sup> Rabindranath Tagore (1861-1941): escritor indiano. Prêmio Nobel de Literatura em 1913, estimulou o culto do bom e do belo.

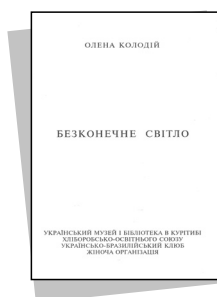
<sup>103</sup> VENTURELLI, Paulo. *Helena Kolody*. Op. cit., p. 22.



Capa do livro *Antologia da Literatura Ucraniana*, de Wira Selanski, do qual Helena participou fazendo a adaptação poética. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1959. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Capa do livro *Luz Infinita*, 1997, em português e ucraniano, publicado pelo Museu-Biblioteca Ucranianos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva, Clube Ucraino-Brasileiro, Organização Feminina. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Folha de rosto, em ucraniano, do livro *Luz Infinita*, 1997, em português e ucraniano, publicado pelo Museu-Biblioteca Ucranianos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva, Clube Ucraino-Brasileiro, Organização Feminina.

As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. Renunciar à insularidade. Elas estão irrevogavelmente traduzidas, produto de novas diásporas criadas pelas migrações pós-coloniais. Elas devem aprender a habitar, no mínimo, duas identidades, a falar duas linguagens culturais, a traduzir e a negociar entre elas.<sup>104</sup>

<sup>104</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Op. cit., p. 89.



Praça Rui Barbosa, vista do apartamento de Helena Kolody na Voluntários da Pátria. Ao fundo, a Santa Casa de Misericórdia e a Igreja de Bom Jesus, lugares muito frequentados por Helena. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Hoje, moro em um apartamento cujas janelas se abrem para a praça mais movimentada de Curitiba. Terminal de ônibus que levam a quase todos os bairros da cidade. Raramente escrevo. Agora sou uma simples espectadora. Igual a uma camponesa, que se senta no fim da tarde e vê a vida acontecer... Mas que continua sonhando!<sup>105</sup>



Vista da janela do quarto de Helena Kolody, no apartamento da Voluntários da Pátria. Logo que se mudou para lá (1969) era possível vislumbrar-se a cadeia de montanhas da Serra do Mar no horizonte. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

<sup>105</sup> KOLODY, Helena.. In: REZENDE, Tereza Hatue de (Org.). *Helena Kolody: sinfonia da vida*. Curitiba: DEL; Letra Viva, 1997. p. 13.

Sua pátria é sobretudo Curitiba. Curitiba é a Terra estrangeira de Helena Kolody. Curitiba é a Ucrânia revisitada. É mais que um mero nicho de enraizamento. Curitiba soube preservar e potencializar sua pluralidade, sua multivocidade, seu “cosmopolitanismo”. É mais que a cidade do Bosque Alemão, de Santa Felicidade, do Bosque do Papa, da Praça da Ucrânia, da Praça do Japão... No decorrer de quase um século de colonização, desde a fundação da colônia alemã de Rio Negro, em 1829, até o estabelecimento da colônia holandesa, em 1911, mais de cem núcleos coloniais foram fundados no Paraná, e cerca de cem mil colonos foram locados em seu território.



.....⌘.....

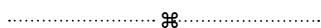
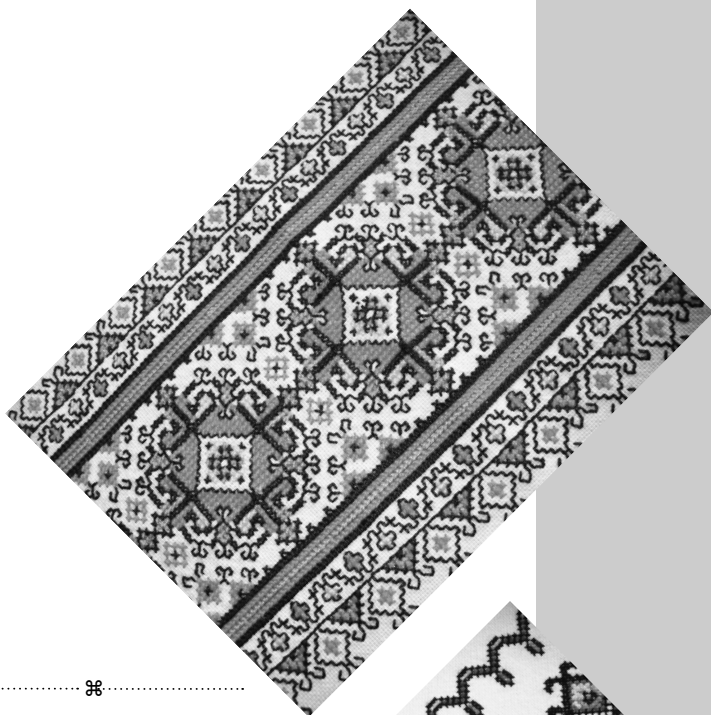
Escultura em forma de pinhão, feita por João Turin. Acervo Casa João Turin. Reprodução do livro *Imagens da evolução de Curitiba*, de Otávio Duarte Guinski. Curitiba: Duarte, 2002. p. 108.



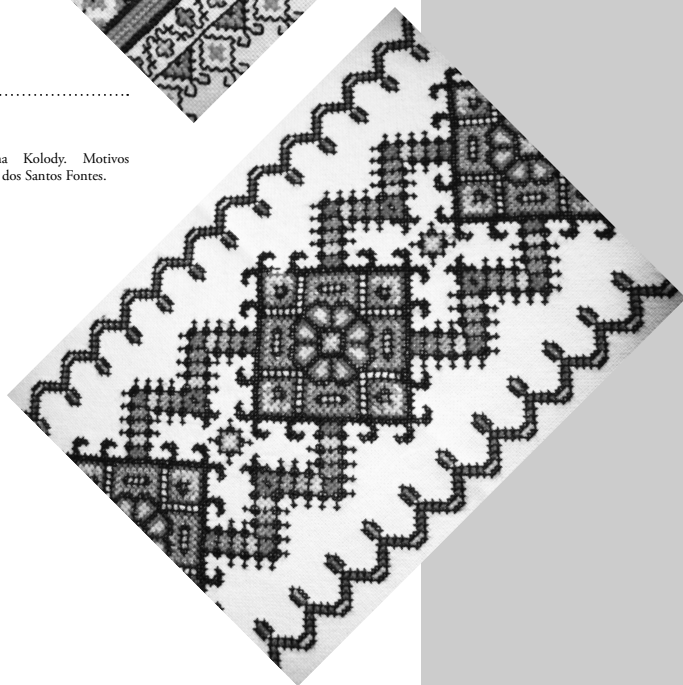
.....⌘.....

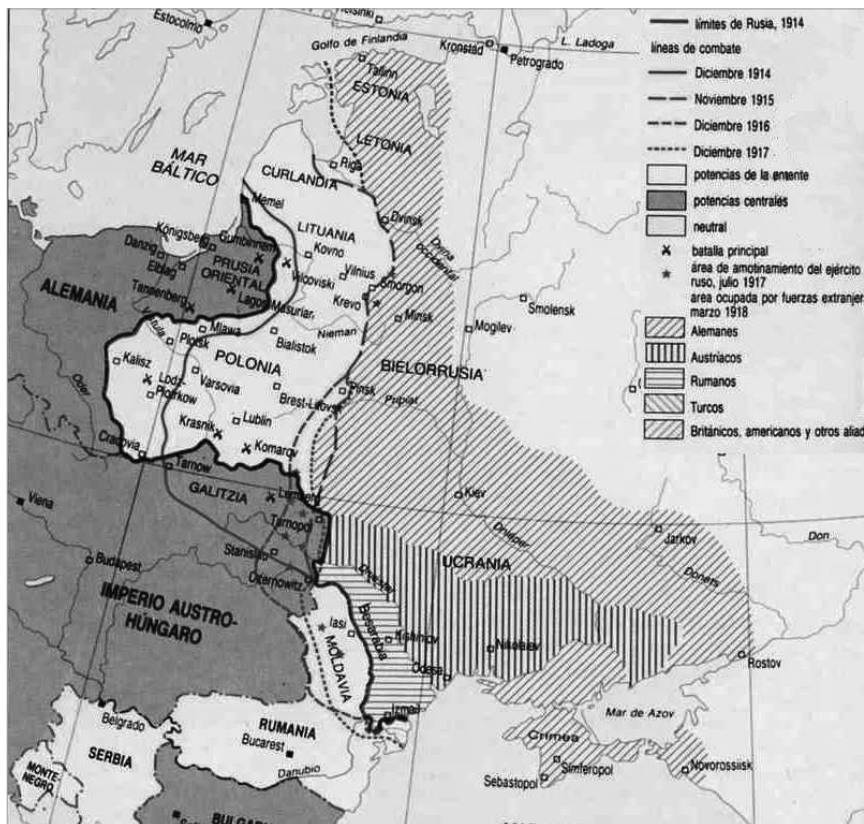
Camiseta elaborada para as comemorações do centenário da Família Kolody no Brasil (1893-1993). Acervo: Olga Kolody. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.





Bordados feitos por Helena Kolody. Motivos  
ucranianos. Foto: Luisa Cristina dos Santos Fontes.





Mapa do Império Austro-húngaro, mostrando as mudanças territoriais do início do século XX. Disponível em: <<http://www.historianet.com.br/conteudo/default.aspx?..>>. Acesso em: 10 ago. 2009.

| anos | Brasil | Paraná |
|------|--------|--------|
| 1872 | 3,9%   | 2,9%   |
| 1890 | 2,4%   | 2,1%   |
| 1900 | 6,2%   | 13,6%  |
| 1920 | 4,2%   | 9,2%   |

Os principais grupos étnicos que predominaram nos contingentes populacionais imigrados para o Paraná, no período analisado, constam do seguinte quadro.

| Contingentes <sup>31</sup> | %    |
|----------------------------|------|
| poloneses                  | 49,2 |
| ucranianos                 | 14,1 |
| alemães                    | 13,3 |
| italianos                  | 8,9  |
| russos                     | 4,2  |
| franceses                  | 2,5  |
| austriacos                 | 1,5  |
| holandeses                 | 1,2  |
| outros                     | 5,1  |

A contribuição dos vários grupos populacionais imigrados criou um caleidoscópio étnico-cultural sobre o qual se armaram as novas estruturas demográficas do Paraná. O espírito acolhedor, amistoso, da população paranaense e curitibana é paradigmático no depoimento de Wira Selanski a respeito de Helena Kolody:

Conheci-a logo após ter chegado a Curitiba, em 1950. Encontrei uma amiga-irmã na Cidade-Sorriso que me deu abrigo após o inferno dan-tesco da Segunda Guerra Mundial. Trabalhamos juntas em traduções do ucraniano para o português e vice-versa...<sup>107</sup>



Wira Selanski. Disponível em: <<http://www.ukrmova.mylivepage.com/blog/index>>. Acesso em: 11 ago. 2009.

<sup>106</sup> As duas tabelas foram transcritas de BALHANA et al. *História do Paraná*. 2. ed. v. I. Curitiba: Grafipar, 1969, p. 184.

<sup>107</sup> SELANSKI, Wira, Perigração pela poesia de Helena Kolody. In: KOLODY, Helena. *Luz Infinita*. Op. cit., p. 16. Tradutora para o ucraniano das obras de Helena Kolody. Usa o pseudônimo de Wira Wouk.

“Cada homem é uma raça”. A frase, título de um livro do escritor moçambicano Mia Couto<sup>108</sup>, sintetiza a ideia de que cada indivíduo tem seu repertório cultural, de preferências, que faz dele um ser único. Num tempo em que as discussões a respeito da mestiçagem brasileira tem ganhado holofotes devido à questão de cotas raciais, um estudo coordenado pelo geneticista Sérgio Pena analisou o DNA mitocondrial – carga genética herdada apenas da mãe – de brasileiros que se declaram brancos. O mapeamento mostrou que, na região sul do Brasil, 66% dos genes têm origem europeia, 22%, origem ameríndia e 12%, origem africana. A pesquisa reforça e ilustra bem a importância dos fluxos migratórios na região<sup>109</sup>.

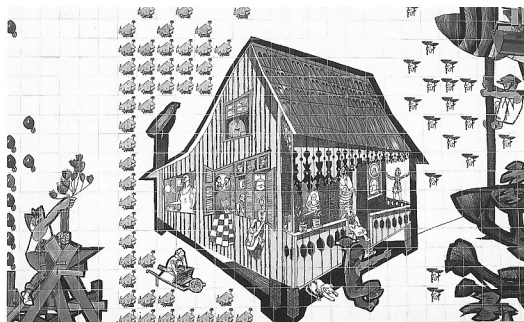
Entretanto, o intuito deste capítulo não é o de se render ingenuamente ante Curitiba (ou o Paraná), “admirável mundo novo”, “terra prometida”, mas, isto sim, refletir sobre seu relativo talento para a articulação de complexidades e dissonâncias. Aqui retomo *Terra Estrangeira*, o filme apresenta-nos duas imagens bastante fortes para pensarmos uma metáfora em relação à experiência de imigração brasileira. A do navio encalhado no mar. Ou seja, o mar foi incapaz de levar o navio a seu destino. O navio abandonado numa praia estrangeira reflete a solidão cultural pela qual se dá a experiência migrante. Intensifica uma noção maior de viagem e de estar perdido. A outra, é a sequência em que Paco alaga seu apartamento, no auge de sua perda emocional, e as fotografias de família e cartões – imagens de um passado em outro lugar – guardadas cuidadosamente por sua mãe, aparecem boiando, à deriva. Continuidade e ruptura no contexto imigrante são pensadas com um acréscimo de complexidade bem captadas pelas imagens do filme. O que reforça a ideia de que o cinema de ficção também é capaz de trazer forte carga de registro factual, forte tom documental, e, não obstante, ser cinema.

No fluir secreto da vida,  
atravessei os milênios.

Vim dos vikings navegantes,  
cujas naus aventureiras  
traçaram rotas nos mapas.

...

Por fim ancorei para sempre  
em teu coração planaltino,  
Curitiba, meu amor!<sup>110</sup>



À Travessa Nestor de Castro, painel criado por Poty Lazzarotto, entre outros, lembra a história da cidade e seus temas: a casa de madeira, os lambrequins, o pinheiro do Paraná e as diferentes levas migratórias que colonizaram o Estado. Reprodução do livro *Imagens da evolução de Curitiba*, de Otávio Duarte Guinski. Curitiba: Duarte, 2002. p. 233.

<sup>108</sup> COUTO, Mia. *Cada homem é uma raça*. Portugal, Lisboa: Caminho, 2008.

<sup>109</sup> SCHELPI, Diogo. Queremos dividir o Brasil como na foto? In: *Vêja*, n. 2128, 2 de setembro de 2009. p. 88-93.

<sup>110</sup> KOLODY, Helena. versos de “Saga”, *Viagem no espelho*, Op. cit. p. 65-6.

Nesse sentido, as hibridizações nos permitem interpretar formas de se posicionar em meio a heterogeneidade. É preciso um olhar atento não apenas aos traços de uma geografia mutante ou de identidades estilhaçadas, mas, sobretudo, que ouse entrever aquilo que nos torna estrangeiros em nossa *terra brasílis*. Ou brasileiros, em terra estrangeira. Como lembra Hall<sup>111</sup>, “para consolidar o processo identitário requiere-se aquilo que é deixado de fora – o exterior que a constitui”. Por conveniência à análise a se proceder, é bem produtivo repensar a relação entre literatura e cultura, lembrando o que Noé Jitrik<sup>112</sup> aponta de seu caráter metonímico: a literatura é parte de um todo, a cultura. E nessa relação entre todo e parte pode estar a raiz de muitas de nossas confusões e dificuldades.

Nos últimos anos, tem sido recorrente, na produção literária brasileira, a temática da imigração, em textos que se assumem como portadores de vozes construídas d/neste “entre-lugar”, com uma constituição discursiva marcadamente evasiva. Superando o vislumbre/deslumbre dos primeiros estrangeiros que aqui aportaram, as imagens de seus descendentes subtraem-se em/de direções diversificadas; na contramão da identidade cultural exótica<sup>113</sup> que nos foi conferida pela cultura europeia, construindo-se como um sub-discurso que abre rachaduras nos nossos discursos de fundação. Pelas frestas e vazios que criam, atravessa uma fala diferente, que vai adquirindo a forma enunciativa de uma subjetividade literária particularíssima, contaminada, e que desestabiliza os modelos legitimados cuja textualidade nos obriga a adotar uma classificação e um recorte próprios.

Numa certa medida, tais textos acabam por construir uma enunciação alternativa resistente ao hermetismo identitário que de algum modo nos era imposto e que se entranhou na própria visão que fazemos de nós mesmos ajudando a estruturar a identidade que, acreditamos, nos distingue. Esse olhar extrai da estranheza o elemento familiar. Assim se põem em cheque as identidades que nos eram “outorgadas”, exóticas, estereotipadas, mas que, no entanto, são parte, paradoxalmente, da visão que fazemos de nós mesmos. Tal contexto assiste ao nascimento “de uma narrativa nacional híbrida” que converte o passado nacional “naturalizado” como um tempo e espaço monumentalmente estruturados para todo o sempre, em um presente histórico deslocável e aberto a novas enunciações<sup>114</sup>. Outros espaços, outros relatos que fabricam imagens do Brasil – necessariamente híbridas – com seus gestos ordenadores, mas dissolventes, convertem-se em espaço contraditório de leitura da multiplicidade de identidades que constitui o mundo contemporâneo. Promovem, pois, uma desleitura da identidade homogênea e uniforme em que sempre temos a tendência de nos conjugar, sendo, como diz Bhabha, um cisco no olho a incomodar e impedir a fixidez e o rigor que caracterizam o olhar nacionalista. Reconfigurar estas vozes na ordem literária brasileira, fora das esferas canônicas, obriga-nos a uma negociação entre suas várias representações.



Charge de Dante Mendonça: Oksana Boruszenko.  
Disponível em: <<http://www.cartunistasolda.blogspot.com/>>. Acesso em: 2 ago. 2009.

<sup>111</sup> HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Op. cit., p. 106.

<sup>112</sup> Conforme MARQUES, Reinaldo. Literatura comparada e estudos culturais: diálogos interdisciplinares. In: CARVALHAL, Tânia Franco (Org.). *Culturas, contextos e discursos*. Porto Alegre: Ed. da UFGS, 1999. p. 59.

<sup>113</sup> Do grego *eksotikós*, estrangeiro, principalmente de países não-europeus.

<sup>114</sup> BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Op. cit., p. 57.

Origem  
(aquarela eslavo-brasileira)

Na memória do sangue,  
há bosques de bétulas,  
estepes de urzes floridas,  
canções escravas.

Arde o trópico nos nervos.  
Crepita a alegria da pátria jovem.  
A alma se aquece na chama das cores.

Dança o coração em ritmo sincopado.<sup>115</sup>

A origem eslava transparece em minha poesia. Creio que há certa “eslavidade” em minha maneira de ser. É a minha marca de origem, embora eu seja apaixonadamente brasileira. Isso eu digo no poema “Aquarela eslavo-brasileira”. A primeira estrofe é aquarela eslava. Mas a segunda é puro Brasil. Nesses versos está vibrando a minha alegria de ser brasileira, de ser um coração que dança em ritmo sincopado, que é o ritmo do samba.

(Helena Kolody, em entrevista a Paulo Leminski<sup>116</sup>)



Jovens camponesas rutenas. Fotografias coloridas à mão e enteladas por Alfredo Andersen. Acervo Museu Paranaense. Reprodução do livro *Imagens da evolução de Curitiba*, de Otávio Duarte Guinski. Curitiba: Duarte, 2002. p. 55.

<sup>115</sup> Do livro: KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 82-3.

<sup>116</sup> No livro: KOLODY, Helena. *Um escritor na biblioteca*. Op. cit., p. 19.

Sob esse prisma, pode-se dizer: representação = processo social de representar; produto do processo social de representar<sup>117</sup>. Por amálgama, o termo se refere tanto ao processo quanto ao produto de fazer com que os signos se refiram a seus sentidos. É um conceito útil porque unifica o que, à primeira vista, parece ser uma diversidade desconectada de pedaços conceituais. A representação é o processo de colocar um conceito ideológico abstrato em formas concretas (ou seja, significantes diferentes): pode-se olhar para representações de mulheres, de trabalhadores, da periferia, ou então da família, do amor e da guerra, e ainda do individualismo, da indústria, de classes, e assim por diante. Por extensão, do estrangeiro, do exilado, do expatriado, do deportado, do refugiado ...



Fachada da Sociedade Ucraniana do Brasil, Curitiba, Paraná.  
Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Refugiado

Desembarca,  
estrangeiro  
e sozinho

Percebe o olhar inimigo  
dos que o cercam, ao chegar.  
(Mais um com quem repartir.  
Mais um que ocupa lugar.)<sup>118</sup>

Em outras palavras, a representação é o processo social de fazer sentido em todos os sistemas significantes: a fala, a escritura, a imprensa, o vídeo, o filme, a gravação, etc. Aquilo que é representado muda de forma a forma, de tempo em tempo; as próprias representações também mudam. Como consequência, o conceito de representação reforça plenamente a noção de re-apresentação – o refazer e o trazer à vista diferentes significadores para o “mesmo” significado... e produzir significados depende da prática da interpretação.

Interpretar é estabelecer limites, fronteiras. Mas não confinar. Fronteiras móveis. Fronteiras fluidas. Diluídas e difusas. Como uma voz. Um fluxo de sonoridades, sentidos e silêncios. Como um rio. *Continuum* de muitas águas que trazem a memória de outros rios. Avançando juntas, águas provenientes de distintas afluências. Em função da sinuosidade e irregularidade de seu leito, margens conjugam dinâmicas de proximidade e distância, do ato de unir e de separar. Irresistível pensar que, neste espaço movediço, línguas, nacionalidades, memórias, identidades se hibridizam. Como se o rio fosse um campo de forças dinâmicas onde as fronteiras exercitam um diálogo criativo.

<sup>117</sup> FONTES, Luísa Cristina dos Santos. Resenha apresentada em sala de aula durante o curso Literatura e cultura de massas: debates sobre cultura e poder. Ministrado pela Profa. Dra. Claudia Lima Costa. Ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, segundo semestre de 2006.

<sup>118</sup> Do livro: KOLODY, Helena. *Poesia mínima*. Curitiba: Criar, 1986. p. 44.

Brilham palavras  
antigas no ingênuo  
rio da memória

A lágrima prisioneira  
orvalha a flor da lembrança

*Helena Kolody em "Tempo de Recordar"*



Poema de Helena Kolody, reproduzido em azulejos, exposto no corredor de entrada do Cemitério Municipal de Curitiba.  
Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Longe de serem confinados à margem e à imagem da Utopia de Rafael Hitlodeu, alguns versos da escritora Helena Kolody tratam, originalmente, da questão do imigrante. A voz do imigrante está sempre entre outras vozes. Na avaliação do crítico literário Wilson Martins<sup>119</sup>, Helena Kolody acrescentou a voz do imigrante à temática da poesia brasileira. A “in-scrição” da língua do imigrante se dá no interior de uma outra língua. Bem entendido, a fronteira da nação do imigrante insere-se em uma outra fronteira de nação, mais que jogos de engano, o que se apresenta é o esgotamento da própria concepção de fronteira. O imigrante é aquele que traz à tona a intensidade da certeza de que estar aqui é estar em outro lugar, ou ainda, que estar é sempre uma mediação entre dois espaços, instante que separa e une o estático e o dinâmico, o que pode sugerir um dispositivo de resistência.

A poesia de Helena Kolody capta este momento, bem como o processo de adaptação e acomodação correspondente. Em poemas de todas as épocas, a preocupação em preservar os costumes do povo, a língua e a consciência do imigrante estão presentes. A partir da ideia de que na sua poesia os elementos culturais se entrecruzam – e isto resulta na constituição do Paraná, heterogêneo mas homogêneo – tem-se uma visão de uma parte do Brasil de composição diferente daquela dos demais estados<sup>120</sup>.

Análogos a tantos outros da literatura contemporânea e especialmente os que tematizam a figura emblemática e contraditória do imigrante, os textos aqui selecionados remetem aos conceitos de identidade, tradução cultural, entre-lugar, memória, metalinguagem, representação, além de outros. Este conjunto projeta refazer o diálogo que os textos de Helena Kolody mantêm com a história e a cultura de seu tempo. Esclarecer um pouco mais sobre um saber construído pela experiência de perdas (incluir a questão de domínio político sobre o território da Ucrânia) para que o saber registrado saia da indiferença, que ele deixe o escopo da insignificância. Como bem pontua Canclini<sup>121</sup>, os estudos culturais podem ser agora tentativas de encontrar o sentido das inscrições deixadas por fragmentos sobreviventes. Ou seja, rere o texto de Helena Kolody é inseri-lo em nosso contexto para que produza sentido e memória (evidente diálogo dos Estudos Culturais com a Análise do Discurso).

Merece atenção o conceito de margem discutido por Ricardo Piglia e Silviano Santiago. Refletindo sobre as seis propostas para o próximo milênio, de Ítalo Calvino, reduzidas a cinco pela morte do autor, pergunta Piglia: “¿Cuál sería la sexta propuesta no escrita para el próximo milênio? ¿Y cuál sería esa propuesta escrita desde Buenos Aires, escrita desde este subúrbio del mundo?” E responde: “Me parece que la propuesta para el próximo milenio que yo agregaría a las de Calvino sería [la] idea de desplazamiento y de distancia (...) el cambio de lugar. Salir del centro, dejar que el lenguaje hable también en el borde, en lo que se oye, en lo que llega de otro<sup>122</sup>. As reflexões de Piglia, no mesmo gesto, suplementam as propostas de Calvino e praticam aquilo que propõem: definem a margem a partir... da margem.

<sup>119</sup> MARTINS, Wilson. Poetas do Paraná. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 mar. 1994. Ideias.

<sup>120</sup> SOARES, Marly Catarina. *Helena Kolody: uma voz imigrante na poesia paranaense*. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1997, p. 108.

<sup>121</sup> CANCLINI, Néstor García. *Diferentes, desiguais e desconectados*. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2004. p. 16-17.

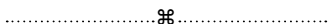
<sup>122</sup> PIGLIA, Ricardo. Entrevista com Ricardo Piglia. In: PEREIRA, Maria Antonieta; SANTOS, Luis Alberto Brandão. *Palavras ao sul: seis escritores latino-americanos contemporâneos*. Belo Horizonte: Autêntica/FALE, 1999. p. 31.

## Emigrante

Arfa no porto o mar.  
Soluça dentro d'alma do emigrante  
o longo silvo do navio em despedida.  
Treme, na lágrima de olhar,  
a paisagem da pátria.

O apelo fascinante do mar  
acorda seu desejo de aventura,  
o anseio de partir  
em busca duma terra prometida.

Quem dilacera assim,  
entre a saudade e a esperança,  
o coração do emigrante?  
É a vida... é a vida... é a vida.<sup>123</sup>



Sala do Museu Ucraniano em Curitiba. Reprodução do folheto *Museu Ucraniano em Curitiba*. Curitiba: Organização Feminina/União Agrícola Instrutiva/Clube Ucraino Brasileiro, 1992. p. 2.

<sup>123</sup> Do livro: KOLODY, Helena. *Ontem agora* – poemas inéditos. Op. cit., p. 75.

Por paradoxal que pareça, o conceito de margem remete a um lugar preciso, facilmente identificável por sua exclusão dos grandes centros europeus e norte-americanos. Contudo, ao mesmo tempo, a ideia também se refere a um lugar atópico, cujo estado de virtualidade configura a potência necessária para se desencadear uma nova produção. Para Piglia e Silviano Santiago<sup>124</sup>, essa linguagem descentrada e performática parece ser a principal contribuição do Cone Sul, no sentido de se pensar uma literatura do porvir, realizada a partir das sobras, dos rastros, dos silêncios e das ficções deste conturbado início de século que vivemos.

Referindo-se ao discurso colonial, Homi Bhabha<sup>125</sup> afirma que “a interioridade e imediatez da voz como ‘consciência em si’, vital ao discurso logocêntrico, é perturbada e dispersada pela imposição de uma língua estrangeira que diferencia o cavalheiro do nativo, a cultura da civilização”. A figura do imigrante nos recorda que tal poder perturbador não ocorre apenas quando uma língua estrangeira se impõe sobre uma língua colonizada. Com efeito, ocorre, também, quando a língua colonizada se insinua nos interstícios da língua oficial.

Analisando alguns movimentos que configuram embates de vozes e contaminações linguísticas, vamos esboçar como se manifesta, em versos de Helena Kolody, o caráter perturbador das línguas estrangeiras. Como a inerente estranheza das línguas problematiza a noção de identidade. O tema particularmente enfocado aqui, a memória, tem como ponto de encontro a relação entre língua e história.

Eu fui uma criança bilíngue. Falava português com meus irmãos e ucraniano com mamãe. Vivia-se todo aquele cultivo que até hoje se tem das tradições. Sou a primeira brasileira da família, então isso tem de influenciar a gente e até mesmo certas características psicológicas acabam sendo marcas da gente. Ainda que eu não tenha outro sangue senão o ucraniano, isto pesa. Mas nunca cultivei essas raízes intencionalmente. O que aparece na minha obra é espontâneo... Guardo, até hoje, na memória, versos inteiros de Tarás Chevtchenko, que mamãe recitava em voz alta, à noite, lendo à luz do lampião.<sup>126</sup>

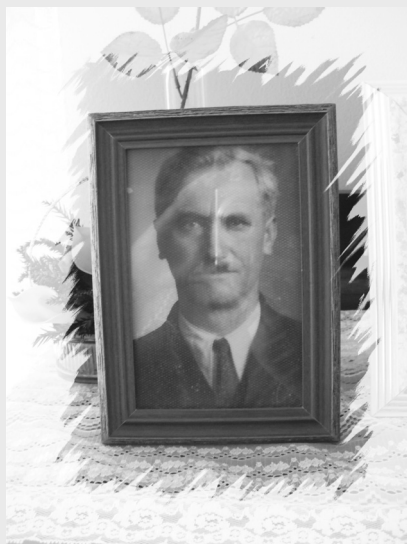
Através de seus relatos, sobretudo de suas memórias de infância, é possível perceber que o sentimento de exílio sempre a acompanhara: a sensação de estar fora do seu espaço. Ou, ainda, de que não há o seu espaço. Esse sentimento pode ser localizado na cisão de referências que envolve o eu-lírico: de um lado, sua terra natal, o Paraná dos rios e araucárias; do outro, as tradições e a memória da família eslava. O objeto cultural (o poema), como operador de memória, trabalha no sentido de entrecruzar memória coletiva e história.

<sup>124</sup> PIGLIA, Ricardo. Entrevista com Ricardo Piglia. In: PEREIRA, Maria Antonieta; SANTOS, Luis Alberto Brandão. *Palavras ao sul: seis escritores latino-americanos contemporâneos*. Belo Horizonte: Autêntica/FALE, 1999. p. 31.

<sup>125</sup> BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Op. cit., p. 45.

<sup>126</sup> KOLODY, Helena. In: REZENDE, Tereza Hatue de (Org.). *Helena Kolody: sinfonia da vida*. 1997, p. 14.

Miguel Kolody, foto em porta-retrato na sala de visitas do apartamento de Olga e Helena Kolody. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



..... ❧ .....



Victoria Kolody, foto em porta-retrato na sala de visitas do apartamento de Olga e Helena Kolody. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

## Lição

A luz da lamparina dançava  
frente ao ícone da Santíssima Trindade

Paciente, a avó ensinava  
a prostrar-se em reverência,  
a persignar-se com três dedos  
e a rezar em língua eslava.

De mãos postas, a menina  
fielmente repetia  
palavras que ela ignorava,  
mas Deus entendia.<sup>127</sup>

É importante ressaltar: a semântica do exílio é complexa. É difícil limitar o escopo de seu significado. O dicionário define o vocábulo como expatriação, forçada ou voluntária. Essa definição apresenta uma ambivalência que haverá de ser encontrada em quase todos os estudos e discussões a respeito. Exílio, expatriação, a sinonímia da palavra é variada e inclui, entre outros: expulsar da pátria, degredar, desterrar, banir, extraditar, deportar. Mas também pode significar: afastar, apartar, arredar, e, como reflexivo, afastar-se do convívio social. Existem ainda relações com os termos emigrado e imigrante, geralmente aplicados aos casos de motivação econômica para o afastamento do país. Todas essas nuances do léxico do exílio denotam a ambiguidade das leis e dos sentimentos humanos.

Muito embora os estudos sobre o exílio geralmente enfoquem esse afastamento da terra, em termos geográficos, significa mais do que uma falta de contato com a terra e as casas, é uma condição mental, mais do que material. É possível acrescentar à reflexão sobre o exílio, um novo conceito, o de tempo. Todo “des-terro” implica um “des-tempo”, pois o exilado seria despojado não só de sua terra, mas também dos acontecimentos no tempo que transcorre em seu país, enquanto ele está fora<sup>128</sup>. Também é frequente que, durante o exílio, se viva em dois tempos simultâneos, no presente da terra que acolhe e no passado que se deixou para trás, sendo que este último pode tyrannizar o presente pela nostalgia do que perdeu. Prova-se assim uma espécie de desenraizamento, impactante, posto que sincronizado por um horizonte árido.

<sup>127</sup> Do livro: KOLODY, Helena. *Ontem agora* – poemas inéditos. Op. cit., p. 73.

<sup>128</sup> VOLPE, Mirian L. *Geografias de exílio*. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005. p. 82.

## Exilados

Ensimesmados  
olham a vida  
como exilados  
fitando o mar.

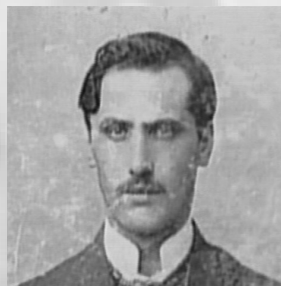
Não estão no mundo  
como quem o habita.  
Estão de visita  
num planeta estranho.<sup>129</sup>

Conviria observar, como implicação direta disso, o presente aparece como o momento-chave em que seria possível romper a linearidade do fluxo contínuo do tempo e recuperar o passado, detectando afinidades entre o presente e esse passado distante que não passou, ou melhor; não se perdeu, e está à espera de sua redenção.

## Saga

No fluir secreto da vida,  
atravessei os milênios.

Vim dos vikings navegantes,  
cujas naus aventureiras  
traçaram rotas nos mapas.  
Ousados conquistadores,  
fundaram Kiev antiga,  
plantando um marco na história  
de meus ancestrais.



Miguel Kolody, por volta de 1920. Fotograma do documentário *Helena de Curitiba*. Direção: Josina Melo. Curitiba: J. Melo Editora & Produções, 2005. 1 VHS (32 min.), son., color.

<sup>129</sup> KOLODY, Helena. *Sempre palavra*. Curitiba: Criar Edições, 1985. p. 73.

Vim da Ucrânia valorosa,  
que foi Russ e foi Rutênia.  
Povo indomável, não cala  
a sua voz sem algemas.

Vim das levas imigrantes  
que trouxeram na equipagem  
a coragem e a esperança.

Em sua luta sofrida,  
correu no rosto cansado,  
com o suor do trabalho,  
o quieto pranto saudoso.

Vim de meu berço selvagem,  
lar singelo à beira d'água,  
no sertão paranaense.  
Milhares de passarinhos  
me acordavam nas primeiras  
madrugadas da existência.

Feliz menina descalça,  
vim das cantigas de roda,  
dos jogos de amarelinha,  
do tempo do “era uma vez...”

Por fim ancorei para sempre  
em teu coração planaltino,  
Curitiba, meu amor! <sup>130</sup>

Helena Kolody, esta eterna expatriada, no entanto, não é uma aventureira e sim um marinheiro impossibilitado de navegar e um pássaro ferido. A expulsão do mundo exterior faz com que ela se aprofunde em si mesma para captar algo de essencial, mas encontra apenas “meus próprios fantasmas:/ vãs sombras de sonhos / no espelho dos ecos” <sup>131</sup>. Acaba por propor uma meditação profunda e bela sobre a natureza da pátria.

---

<sup>130</sup> Do livro: KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 65-6.

<sup>131</sup> Poema “Sombras” (In: KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 124).

Cada um vive o exílio à sua maneira. Assim como há aqueles que se fecham na saudade da pátria que ficou para trás – isso faz com que se sintam sempre estrangeiros e sofram em dose dupla – a situação do exilado, tanto material quanto psicológica, como colocada por Paul Tabori<sup>132</sup> (VOLPE, 2005), pode ser dinâmica. Poderia mudar de exilado a imigrante e vice-versa, dependendo de sua integração ao país receptor; pois, embora tivesse partido com o firme desejo de voltar; esse desejo pode se reduzir proporcionalmente ao tempo do exílio. Estaria, também, ligado à possibilidade de trazer alguma contribuição ao país que o acolhe, o que dependeria de seus esforços para se assimilar, de seu desejo de ser aceito e dos predicados que ele possa ter. Nesse caso, detecta Tabori, embora ambicione ser assimilado, o exilado sempre mantém no subconsciente um interesse e um afeto pela sua terra natal e pode até dar-se manter sua identidade nacional original (e espiritual) seja mais aceitável pelas contribuições que com isso possa oferecer.

Se o espaço natal é hostil à identificação, não se permitindo reconhecer como lugar próprio, lugar de referência, outro espaço passa a seduzir com intensidade: a tradição familiar. Seu desejo de querer vagar entre vozes que escutava e às vezes não compreendia a introduz, através das “lições” dadas por sua avó, no universo da língua eslava. Se a identidade não se erige no reconhecimento de um local de origem, talvez ela possa ser encontrada em um tempo, um passado de origem, uma memória que o aprendizado da língua dos pais e avós possa descortinar.

### A voz das raízes

Vozes de estranho som se alteiam em meu canto.  
Vibram-me dentro d'alma almas que não são minhas.

Atrás de mim, vozeia e tumultua,  
Anseia e chora, e ri, arqueja e estua  
A imensa multidão dos ancestrais,  
Que me bate e rebate, inexorável,  
Como o oceano em ressaca açoita o cais.<sup>133</sup>

Tal aprendizagem representa exatamente isto: o movimento de penetrar em espaços até então desconhecidos. Poder mergulhar em uma nova língua significa ter que nomear novamente todas as coisas. E, nesse processo de nomeação, perceber que elas são outras, têm uma outra existência, um outro sentido. Abarcar o mundo com uma outra memória. Criar um outro universo. No roteiro da rememoração, o espaço passa a adquirir singular relevância. O passado torna-se a morada intermitente que a memória converte em arquivo a ser agora resgatado. Entretanto, depara-se, sobretudo, com sua incapacidade, enquanto leitor/tradutor, de restabelecer com fidelidade e certeza os nexos de uma língua e de um tempo pretérito.

Ensimismada neste mutismo multiforme, Helena se descobre estrangeira no espaço e no tempo. Na passagem contínua e sempre tateante de uma língua a outra, de uma cultura a outra, há perda de um centro, de um eixo, de um prumo. Mesmo com uma produção poética clara, se ela não pode ser auto-referencial, como compartilharemos a experiência do outro sem a “contaminação de angústias”? Na impossibilidade desconfortável de imaginar a sua nação, o exílio irreversível.

<sup>132</sup> TABORI, Paul. In: VOLPE, Miriam L. *Geografias de exílio*. Op. cit., p. 82.

<sup>133</sup> KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 146.



Por outro lado, na base de todas a línguas, estão os corpos daqueles que se expressam. Nessa perspectiva, a noção de identidade se define, exatamente, no plano da diversidade mais aparente. É a individualidade irredutível dos corpos que faz com que eles se assemelhem. É na alteridade implacável dos corpos que reside sua igualdade. É possível destruir um corpo, atentar contra sua integridade, contra sua ação, mas jamais fazer com que ele deixe de ser outro, jamais “rasurar” sua fronteira.

### Imigrantes eslavos

Cabeça branca do neto.  
Cabeça branca do avô.  
Luar noturno e geada,  
Que é orvalho da madrugada.

Vão conversando... E se entendem  
Numa linguagem difusa:  
O mesmo vago sorriso,  
A mesma fala confusa.<sup>134</sup>

Helena Kolody (Оле́на Колоді́й) se revela poeta da profunda e “tranquila” dramaticidade de um ser trans-plantado. Para todas as criaturas telúricas, com forte consciência de suas raízes, o transplante, como o amor não consumado ou a maternidade não realizada (questões tangenciadas na entrevista a Paulo Venturelli)<sup>135</sup>, torna-se recorrentemente fonte de saudade e sofrimento. Leminski<sup>136</sup> ainda destaca: “Viveu a vida toda com a mãe e as irmãs, seu tesouro eslavo de afetividade e dedicação”. A poeta é consciente da correnteza atávica, com ressonâncias de costumes ancestrais, que a une ao estrato de seus antepassados. As experiências vividas por eles somam-se às suas próprias e ganham contornos próprios. “Imigrantes eslavos”, por exemplo, é um “quadro chagalliano em que a poesia recupera a paisagem humana do Brasil diferente”<sup>137</sup>.

A imigração delinea-se em faces socioeconômicas, políticas, afetivas e culturais que a transformam em uma realidade somente compreensível na movência de um constante reconfigurar-se. A mistura de culturas e as “mestiçagens” que daí resultam perturbam nossos parâmetros tradicionais de uma cultura própria, de nação inteiriça. O imigrante – o outro, o de “fora”, o forasteiro – coloca-nos diante da “estrangeiridade” que é dele, inerente à sua identidade, mas que é também a nossa, já que a busca de uma identidade para ele não pode se dar senão em confronto com a busca da nossa própria, daquilo que nos constitui enquanto comunidade. O estrangeiro estranhamente nos habita sendo a face oculta de nós mesmos, o espaço que nos arruína enquanto permanência, pois sua “diferença” flagrante – manifesta até à flor da pele, na língua engrolada, nos hábitos tão outros – fala da diferença constitutiva de cada um de nós. Não se pode falar de identidade sem referência a algum tipo de memória e conflito.

<sup>134</sup> Do livro: KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 146.

<sup>135</sup> KOLODY, Helena. In: VENTURELLI, Paulo. *Helena Kolody*. Op. cit. p. 43.

<sup>136</sup> LEMINSKI, Paulo. Santa Helena Kolody. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26 jun. 1985.

<sup>137</sup> MARTINS, Wilson. Poetas do Paraná. *Jornal do Brasil*. Rio de Janeiro, 19 de março de 1994. Ideias.

As imagens elaboradas pelo imigrante participam, paradoxalmente, da construção de identidades, num entre-espaço cultural extremamente rico se assumido como “sabido” (participio de saber) de si e do outro. É difícil que as criaturas que não nasceram como cidadãos desta terra e permanecem nela como “emprestados” encontrarem felicidade terrestre, realização. Seu destino é a solidão, “a angústia secular de uma raça oprimida”, como diz o verso de “Atavismo”. Esta angústia secularizada sinaliza os elementos oriundos de um passado distante que se revelam em seus textos<sup>138</sup>.

### Atavismo

Quando estou triste e só, e pensativa assim,  
É a alma dos ancestrais que sofre e chora em mim.  
A angústia secular de uma raça oprimida  
Sobe da profundidade e turva a minha vida.

Certo, guardo latente e difusa em meu ser,  
A remota lembrança dos dias amargos  
Que eles viveram sem a ansiada liberdade.  
Eu que amo tanto, tanto, os horizontes largos,  
Lamento não ser águia ou condor, para voar  
Até onde a força da asa alcance a me levar.  
Ante a extensão agreste e verde da campina,  
Não sei dizer por que, muitas vezes, senti  
Saudade singular da estepe que não vi.

Pois, até o marulhar misterioso e sombrio  
Da água escura a correr seu destino de rio,  
Lembra, sem o querer, numa impressão falaz,  
O soturno Dnipró, cantado por Tarás...

Por isso é que eu surpreendo, em alta intensidade,  
Acordada em meu sangue, a tara da saudade<sup>139</sup>

As teorias de nosso tempo vêem no papel das, assim chamadas, minorias uma possibilidade de contestação da abordagem historicista, linear da nação, fazendo-a escapar do constrangimento territorial e da estereotipia da identidade única e homogênea. Nesta virada de século, encontramos-nos num momento de trânsito em que figuras complexas de diferença e alteridade se formam a partir de metamorfoses espaço-temporais, encurtando distâncias e acelerando o tempo. O “imigrante”, com sua língua madrastra, de prótese, uma dicção que indubitavelmente expressa o outro e o mesmo – seus/nossos sonhos, sua/nossa cultura,

<sup>138</sup> SELANSKI, Wira. *Viburno Rubro*. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1977. p. 11.

<sup>139</sup> Do livro: KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 182.

seu/nosso imaginário – erige-se como figura singular para conceitualmente captar estes espaços/tempos contemporâneos e o compósito mestiço da nação. Desvirtua, desta maneira, um pouco do mito (atribuído a Gilberto Freyre) de que no Brasil há uma democracia racial.

Reencontramos assim, para finalizar, o pensamento de Homi Bhabha<sup>140</sup>, na proposta de uma nova articulação de fronteiras: “Talvez possamos agora sugerir que histórias transnacionais de migrantes, colonizados ou refugiados políticos – essas condições de fronteira e divisas – possam ser o terreno da literatura mundial, em lugar da transmissão de tradições nacionais, antes o tema central da literatura mundial”. Propõe, desta maneira, uma geografia sem limites, híbrida. Na articulação de regiões, não-geográficas, a-tópicas, no exercício de transgredir fronteiras, entre rio e suas margens, esboça-se o gesto de ser brasileiro/americano, o sentido, então, revela-se. A certeza que se evidencia, em todo caso, é a concepção de um espaço de desdobramentos, de deslocamentos e retomadas, de conflitos de regularização... espaço que pode ser problematizado como Estado (por exemplo, a Ucrânia) ou como espaço de resistência ou ruptura. Tais fontes concebem uma gênese que busca elaborar seus novos processos de territorialização. “El Estado crea el mapa y el mapa crea la nación. Cuando las fronteras estén delimitadas, los sentidos y, por tanto las identidades, serán finalmente normalizadas”<sup>141</sup>. Afinal, não é emblemática a imagem de Carmen Miranda – uma portuguesa dançando rumba<sup>142</sup> e samba<sup>143</sup>, cantando em inglês em Hollywood, cheia de balangandãs – como ícone de brasilidade?



Entre os temas de Helena: urzes; evidente remissão à Ucrânia. Disponível em: <<http://www.oescunchador.wordpress.com/tag/arvores/>>. Acesso em: 29 ago. 2009.

Longe

Às vezes

tudo é tão longe em mim...

Meu viver parece uma história  
que alguém sonhou  
há muito tempo,  
num país distante.<sup>144</sup>


<sup>140</sup> BHABHA, Homi K. Dissemination: time, narrativa and the margins of the modern world. In: \_\_\_\_\_. (Ed). *Nation and narration*. Londres: Routledge, 1990, p. 291.

<sup>141</sup> MONTALDO, Graciela. Espacio y nacion. In: *Estudios*. Revista de Investigaciones Literarias. Caracas, 1995, p. 29.

<sup>142</sup> Dança popular afro-cubana.

<sup>143</sup> Origem africana (quimbundo, Angola).

<sup>144</sup> Do livro: KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 47.

**REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL**  
REGISTRO CIVIL, TÍTULOS E DOCUMENTOS E PESSOAS JURÍDICAS  
MUNICÍPIO E COMARCA DE IRATI • ESTADO DO PARANÁ

Elfrida Alves dos Santos      Bel. Rosana Alves dos Santos Matte Dossena  
Oficial      Substituta

Rua Dr. Correia, nº 755 • Centro • CEP 84.500-000 • Irati • Paraná • Fone: (41)3422-1812

Livro A-003      Folha 060      Termo 000137

**CERTIDÃO DE NASCIMENTO Nº 137**


**CERTIFICO** que, do livro, folha e termo citados de ASSENTO DE NASCIMENTOS, deste Ofício, consta que foi lavrado no dia 07 de agosto de 1916, o assento de Nascimento de .\*\*


**\*\* HELENA \*\***

do sexo feminino, nascida aos doze dias do mês de outubro do ano de um mil e novecentos e doze (12/10/1912), em Núcleo Cruz Machado. \*\*\*\*\*  
Filha de MIGUEL KOLODY. \*\*\*\*\*  
e de VICTORIA KOLODY. \*\*\*\*\*  
naturais da Áustria. \*\*\*\*\*  
São avós paternos SIMÃO KOLODY; \*\*\*\*\*  
e ANASTACIA KOLODY; \*\*\*\*\*  
São avós maternos JOSE SZCANDROSKY; \*\*\*\*\*  
e MARIA SZCANDROSKA; \*\*\*\*\*  
Foi declarante: Declarante. \*\*\*\*\*  
Com as testemunhas constantes no termo. \*\*\*\*\*  
**Observação:** Nada consta. \*\*\*\*\*

\*\*\*\*  
\*\*\*\*  
\*\*\*\*

IRATI-PR, 27 de julho de 2009.

  
Rosana Alves dos Santos Matte  
Dossena  
Oficial Substituta



[NUE] [REV] [NOCURS] [SCF]  
válida em www.ocartorio.net



Certidão de nascimento de Helena Kolody. Muito embora tenha nascido em Cruz Machado, só foi registrada, anos mais tarde, na cidade de Irati. A informação, entre outras, foi gentilmente dada por Rolf Konell, titular do Registro Civil e Tabelionato de Cruz Machado (Praça Rui Barbosa, 9, Cruz Machado, Paraná).



Anotações de uma agenda de Helena Kolody. Muito embora a agenda seja de 1999, é bem possível que as anotações contidas não se limitem a este ano. Fotos: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Prometi dar-lhe uma colaboração para a publicação da tese.

Na próxima semana, pretende vir a Curitiba.

- 2) Telefonou o padre ucraniano, agradecendo a colaboração que lhe enviou pela Eugênia Petru. Prometi colaborar outras vezes.

do representa aqueles que, nas dificuldades e desânimos da missão, apontam para arriscam tudo por causa de Jesus ressuscitado.

At 4,1-12 • Sl 118 • Jo 21,1-14

Ci 7,30, o Welgach virá buscar-nos. Telefona antes,  
~~Reservado para a ASPP~~

2. Welgach convidou para uma homenagem  
que o Rotary faz à comunidade ~~ucraniana~~ ucraniana.  
Jantar às 8 horas da noite.

Welgach: 2240164 ~~4345~~ }  
                  91845669 }

1) Welgach virá nos buscar. Vai telefonar 2 dias antes.  
O jantar é no Rotary, às 20 horas.

DOMINGO

justiça do Reino, superando os casuismos dos líderes políticos religiosos. A lei que proíbe matar vai à raiz, ou seja, também a paz dura e ofensiva é uma forma de morte. Jesus radicaliza ao máximo a fidelidade monial, apelando ao amor verdadeiro e leal. A lealdade é a base das relações humanas. Os juramentos são necessários só quando há desconfiança.

Eclo 15,15-20 • Sl 119,1-34 • 1Cor 2,6-10 • Mt 5,17-37

~~Pergunter a Frei Bernardo se posso comungar,  
no próximo domingo, na missa ucraniana do  
santuário.~~

Cecília) Para saber como vamos.

Vou visitar - ns. Vai telefonar na outra  
semana

3) Almoçamos no Edifício Ada. Estava lá  
(e não comia) uma senhora simpática, Sônia Maria,  
de origem polonesa e ucraniana.  
Ficou de visitar - ns.

do com o Antigo Testamento, a expressão "estar como ovelhas sem pastor" denota  
a ausência de liderança que defenda a causa do povo.

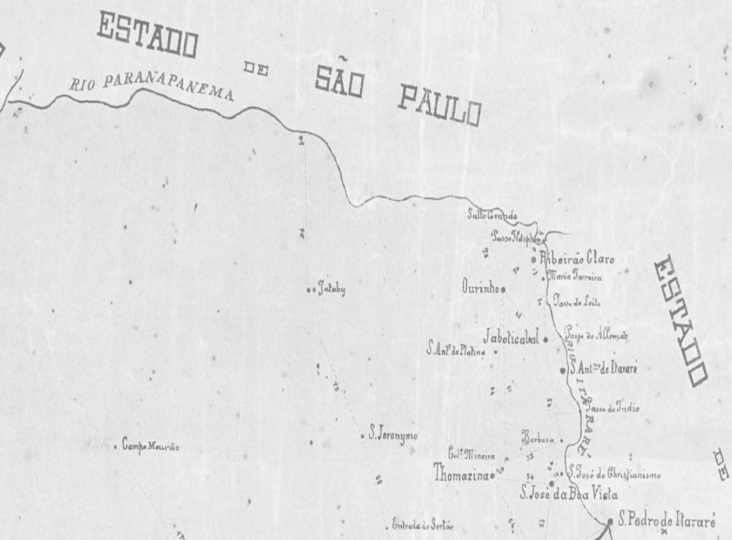
Levar para o quarto com meu retrato -

do dia 6 <sup>de</sup> dia 11 - exposições dos etnias

Prometi ir ver a dos ucranianos.

Uma jovem vem me buscar

OBRAS E VIACÃO



# A circunstância humana

## Helena de Curitiba

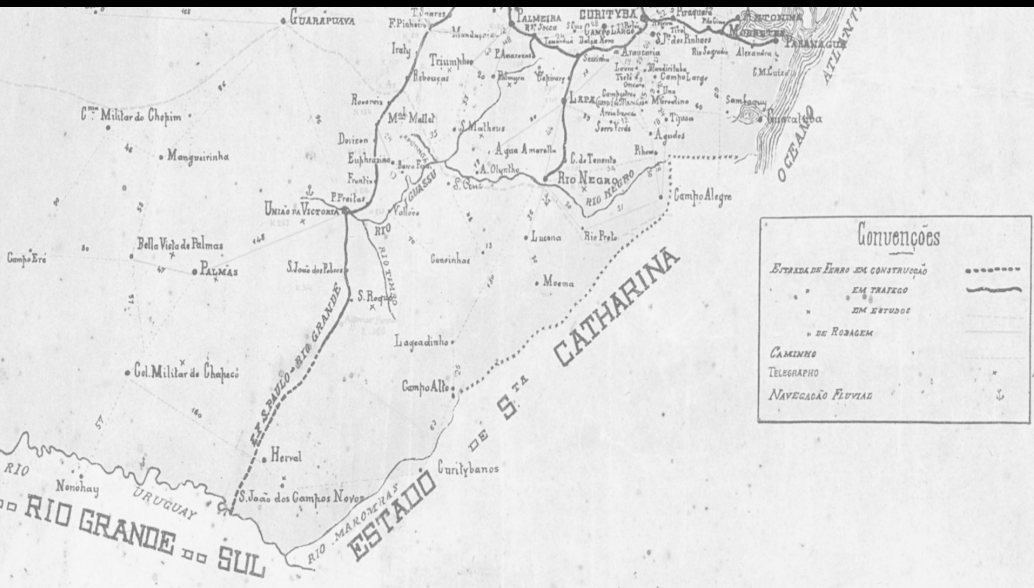




Ilustração da página anterior: planta de Curitiba, 1927.  
(GUINSKI, Otávio Duarte. *Imagens da evolução de Curitiba*.  
Curitiba: Duarte, 2002. p. 95)

### 3 | A circunstância humana: Helena de Curitiba<sup>145</sup>

Ensinar não é, sempre, repetir? ∞ Leitura e escritura ∞ Os contemporâneos de Helena ∞  
Conformação ∞ Circunstancialidade histórica

No poema e nas nuvens,  
cada qual descobre o que deseja ver.  
Helena Kolody

Só uma vida ainda é insuficiente para que se complete uma obra.  
Daí que todo artista estará deixando, invariavelmente, como prodigiosa herança,  
as páginas em branco, o livro futuro do que quis dizer a sua escritura  
– a ser completada pelos que lhe sucederem.  
Wilson Bueno<sup>146</sup> (sobre Helena Kolody)

Esse trabalho com a memória de Helena Kolody, com o avesso dos panos, como diz Cecília Meireles, tem sido uma revelação. Compor e recompor as memórias em dados que não estão previamente prontos, que têm um saboroso gosto de longe... As informações, que nem sempre estão na superfície dos textos, exigem um trabalho de combinação, recomposição, montagem, cruzamento, complementação e análise – e que, óbvio, não se esgotarão nos limites desta tese. Entre as reminiscências do passado, interessam-me aqui, particularmente, as lembranças que narram as condições de acesso à escritura, que são sinalizadas por suas impressões sobre leitura e escola.

Ao processo de formação de uma escritora, subjaz o processo de formação de uma leitora, nos contextos de aprendizagens informais e formais. Tais processos são reconstituídos pelos inúmeros depoimentos de Helena Kolody, registrados principalmente em entrevistas publicadas e/ou gravadas com tonalidades eminentemente memorialistas. Para além da anamnese, aí estão as lembranças dos estabelecimentos de ensino, dos livros preferidos e suas configurações gráficas, das matérias escolares, das características dos professores, do material de uso didático, dos métodos de ensino, das condutas disciplinares e das práticas de aquisição de leitura e da escrita. Conforme avalia Barthes, “a leitura da leitura, a metaleitura, não é nada mais do que um estilizar-se

<sup>145</sup> Este capítulo, em parte, foi apresentado com o título Helena Kolody – reminiscências de leitura e escola (In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8. *Anais...* Op. cit). Em parte, foi apresentado como trabalho de conclusão do curso Literatura Brasileira: campo intelectual e instituições – A literatura como disciplina: instituições e processos de consagração, ministrado pela Profa. Dra. Tânia Regina Oliveira Ramos, durante o primeiro semestre de 2007.

<sup>146</sup> BUENO, Wilson. As armas do coração. In: KOLODY, Helena. *Um escritor na biblioteca*. Curitiba: BPP/SECE, 1986. [encarte].

de ideias, de temores, de desejos, de gozos, de opressões...”<sup>147</sup> Além das elucubrações sobre suas experiências com a escola, há contundentes marcações a respeito de suas impressões de literatura desde tempos muito remotos, muito anteriores à sua alfabetização. Sem falar nos vestígios da forma feminina de se relacionar com a leitura ou de apropriar-se dela...

Meu avô materno, José Szandrowsy, era administrador da herdade em Yuri Jan-Paul de um senhor nobre que vivia em Moscou. Meu avô tinha muita pena dos camponeses que trabalhavam exaustivamente a semana inteira. Então no dia de folga, meu avô os reunia e lia jornais e livros importantes para eles.<sup>148</sup>



Rosa (lia) Kolody Procopiak. Tia Rosa, professora em Rio Negro, foi a responsável pela alfabetização e pelos primeiros ensinamentos de língua ucraniana a Helena Kolody. Fotograma do documentário *Helena de Curitiba*. Direção: Josina Melo. Curitiba: J. Melo Editora & Produções, 2005. 1 VHS (32 min.), son., color.

O curioso nessa perspectiva é que a atividade da memória, ou como a memória, significou a saída do anonimato e tornou públicas suas lembranças mais íntimas, embora a educação que teve, tenha induzido, ao contrário, em muitos momentos, “à negação de sua identidade pessoal, a amortização de seus desejos e sonhos ou o decoro do esquecimento de si”<sup>149</sup>.

Embora não seja alvo central deste capítulo a relação leitura e escola, e sim o que esta relação, entre outras, contribuiu na formação de uma escritora, pode-se também vislumbrar formas, estilos e conteúdos sobre a vida de mulheres na primeira metade do século XX. Além disso, pode-se verificar quais foram os sujeitos que interferiram no processo de formação da escritora, quais as imagens de leitura relembradas e o que elas representam como pistas para a reconstituição dos processos de constituição da escritora. Como fonte documental deste

breve relato procurei resgatar pistas, vestígios, indícios, fragmentos, cacos, lascas, em várias entrevistas concedidas por Helena Kolody (considere-se o crivo da escritora), depoimentos de escritores, críticos, amigos e parentes – em sua maioria registrados em livros e periódicos –, correspondências, epígrafes de seus livros, seus versos e imagens, farta iconografia significativa...

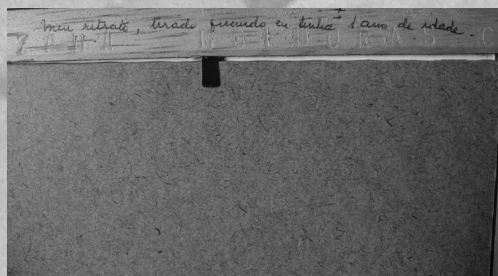
<sup>147</sup> BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 31.

<sup>148</sup> KOLODY, Helena. *Um escritor na biblioteca*. Op. cit., p. 15.

<sup>149</sup> LACERDA, Lillian de. *Album de leitura: memória de vida, histórias de leitoras*. São Paulo: Ed. UNESP, 2003, p. 30.



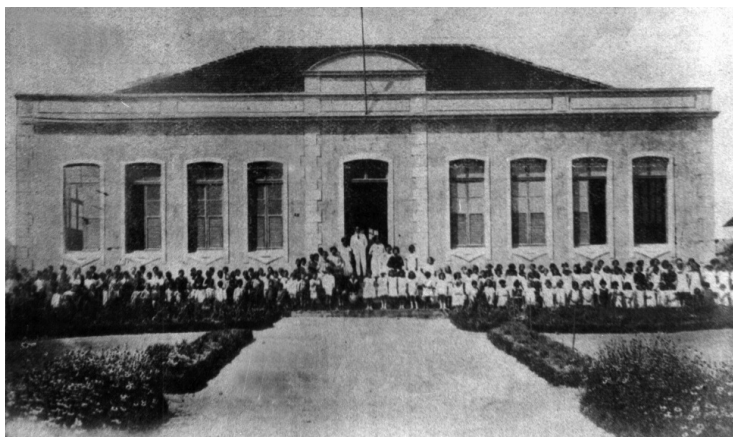
Helena Kolody com um pouco mais de um ano, fotografia feita na localidade de Tijuco Preto (Rio Negro), nas mãos, um livro... Fotografia integra acervo de Olga Kolody Muñoz Ferrada. Reprodução: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Verso do porta-retrato com foto de Helena com um ano de idade, a legenda foi redigida pela própria. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes. Acervo: Olga Kolody Munhoz Ferrada.

Nossos objetivos intentam passar ao largo de conceituações de gênero ou tipologia textual. O esforço daquela que rememora em reconstruir o passado tal como ele aconteceu não pode ser alcançado plenamente. Lembrar é uma atividade do presente sobre o passado e, por isso, sofre suas interdições e imposições, sem que a escritora consiga, de fato, evitar artifícios, interpretações, lapsos... ou seja, é uma atividade orientada pela atualidade, limitada, muitas vezes, por margens impostas, por exemplo, pelos entrevistadores, alimentada pelas relíquias da vida pessoal. Reinvenção do passado pelo presente. As seleções entre o que rememorar e comemorar privilegiam certos aspectos da vida em detrimento de outros. “Eu fui uma criança bilíngue. Falava português com meus irmãos e ucraniano com mamãe. Guardo, até hoje, na memória, versos inteiros de Tarás Chevtchenko, que mamãe recitava em voz alta, à noite, lendo à luz do lampião...”<sup>150</sup>

A maior parte de sua infância, Helena passou na cidadezinha de Três Barras<sup>151</sup>. Terminou a escola primária em 1922 na cidade de Rio Negro, onde foi morar com sua tia, Rosa Kolody Procopiak, que era professora do grupo escolar, considerado na época um dos melhores no interior do Paraná. Tempos da reforma escolar realizada pelo Prof. César Prieto Martinez e, conforme depoimento da escritora, a escola contava com ótimo corpo docente. “Isso me deu uma boa base de ensino elementar, alicerce de qualquer estudo posterior”<sup>152</sup>. Rosa ensinou sua sobrinha a escrever e ler em ucraniano e em português. Na escola, Helena aprendeu a ler em um mês.



Grupo Escolar Barão de Antonina. Todos os filhos de Miguel Kolody fizeram o primário no Grupo Escolar Barão de Antonina, que era de madeira, em Rio Negro, anos mais tarde foi construído outro prédio para a escola no mesmo lugar. A direção esteve a cargo do Professor César Prieto Martinez, que, mais tarde, entre muitas outras coisas, virou ministro. Helena concluiu o primário no Grupo Escolar Barão de Antonina em 1922. Moraram, a princípio, em Mafra, hoje município catarinense. Alguns anos depois, em início de carreira no magistério, Helena voltou para Rio Negro para lecionar na mesma escola em que estudou. Foto Disponível em: <[www.ronantonina.seed.pr.gov.br/modules/conteudo](http://www.ronantonina.seed.pr.gov.br/modules/conteudo)>. Acesso em: 5 out 2009.

<sup>150</sup> KOLODY, Helena. In: REZENDE, Tereza Hatue de (Org.). *Helena Kolody: sinfonia da vida*. Op. cit., p. 30.

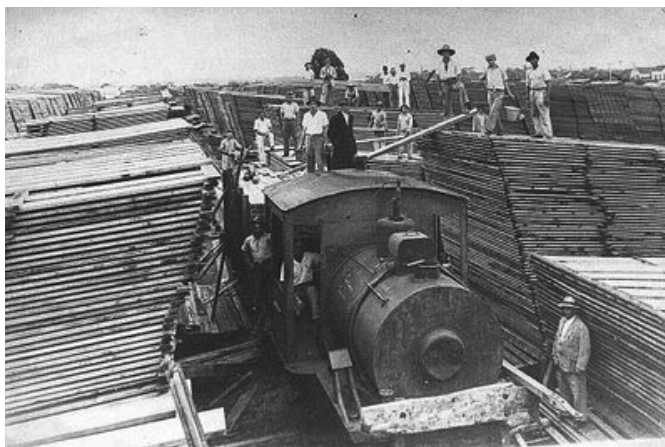
<sup>151</sup> Na época, era uma vila do estado de Santa Catarina (Questão do Contestado).

<sup>152</sup> KOLODY, Helena. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 23 mar. 1988. p. 3.

Frederico Lange de Morretes (1892-1954). Nasceu em Morretes, e iniciou seus estudos com Alfredo Andersen aos 13 anos. Mais tarde, partiu para a Alemanha, onde estudou em Leipzig e em Munique. Voltou ao Brasil em 1920, se dedicando então à pintura e à ciência. Destacou-se ao captar o espírito das paisagens paranaenses; são de sua autoria os pinhões estilizados que aparecem nas calçadas de Curitiba. Durante muitos anos, as aulas de pintura eram a fonte de sustentação de Lange. Helena Kolody foi sua aluna de desenho no final da década de 1920. Fotografia reproduzida do *Calendário Pintura Paranaense* - 1996. Castro: Cooperativa Batavo; Kugler Artes Gráficas.



Professor César Prieto Martínez. Sua vinda de São Paulo para Curitiba acarretou mudanças no ensino e na vida dos professores e funcionários das escolas paranaenses. Inspetor Geral de Ensino, figura atuante no interior do Estado de São Paulo, com referências profissionais adquiridas em escolas paulistas, Prieto acompanhou, durante alguns anos, a reforma na rede escolar paranaense, principalmente no tocante à inovação curricular. Helena destaca, em várias entrevistas, o importante papel deste educador em sua formação, quer como estudante, quer como docente. Fonte: Ficha de classificação para a inspeção preliminar, apresentada pelo Inspetor Federal Dr. Joaquim Loyola, da Escola Normal de Ponta Grossa. Acervo: Carlos Mendes Fontes Neto.



*Lumber Corporation.* Boa parte da infância de Helena Kolody foi vivida em Três Barras, hoje Santa Catarina, na época, território paranaense (1914), alteração devida à Guerra do Contestado (1906-1916). O pai abriu com um primo, chamado João, um armazém de secos e molhados (vendia inclusive roupas, sapatos, chapéus...) que atendia basicamente os madeiros da Lumber Corporation, serraria norte-americana, contava então com cerca de dois mil funcionários, vindos de diversas partes do mundo. A família Kolody morava em cima do armazém. Três Barras era um vilarejo que, grosso modo, dividia-se em três: num canto moravam os americanos, no outro, a Vila Argentina, os trabalhadores mais rudimentares da Lumber, no terceiro, trabalhadores intermediários, caso da família Kolody. Trilhos e o rio (em "x") delimitavam o *apartheid*. Na época, consta, foram serrados os mais belos bosques de pinheiros da região, cerca de 2 milhões de pés de araucárias e outras madeiras nobres. Helena cita em entrevista (*Jornal do Livro*, abril/maio de 1985) que desde a escola que frequentou em Três Barras, que tinha uma biblioteca na sala, desenvolveu o vício da leitura. Há em Três Barras uma biblioteca que a homenageia. Fotos disponíveis em [www.fragmentos-do-tempo.blogspot.com/2009/](http://www.fragmentos-do-tempo.blogspot.com/2009/) Acesso em: 19 out 2009.

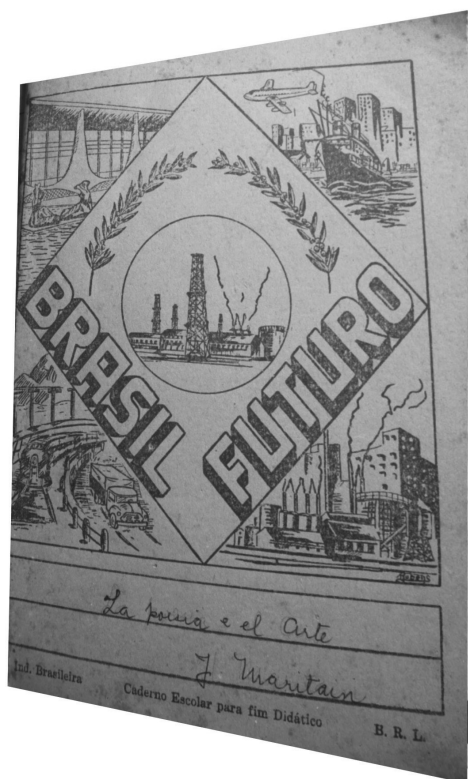


Cartilha em que Helena Kolody aprendeu a ler e escrever. Trata-se da *Nova cartilha analítico-sintética*, de Mariano de Oliveira. Dela foram impressos 825.000 exemplares, sendo que a primeira edição saiu em 1916 e a última (185ª), em 1955. Dados e reprodução extraídos do site [www.crmariocovas.sp.gov.br/obj\\_a.php?t=cartilhas01](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/obj_a.php?t=cartilhas01)>. Acesso em: 28 jan 2010.

É em um mês, e então ganhei a minha cartilha! Eu me lembro como era, eu me lembro até do cheiro da tinta, do papel acetinado, da beleza da cartilha, da primeira página como era! Era uma menina e um gatinho e a primeira sentença era em cursivo e não impresso. Uma menina e um gatinho. O gatinho é da menina. A menina chama-se Laurita. Como se chama o gatinho? [Neve] Eu tinha 7 anos e me lembro desta página<sup>153</sup>.

<sup>153</sup> KOLODY, Helena. 1989, p. 16; KOLODY, Helena. 1986, p. 18. A cartilha a que Helena faz menção é a *Nova cartilha analítico-sintética*, de Mariano de Oliveira.





.....✻.....

Capa de um dos vários cadernos de Helena Kolody, nos quais ela copiava textos dos escritores preferidos. Neste exemplar: "La poesia e el Arte", do filósofo francês Jacques Maritain. Acervo: Olga Kolody Munhoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Vale a pena ladear o depoimento de Helena com o de Graciliano Ramos, citado por Lajolo e Zilberman<sup>154</sup>: "...um grosso volume escuro, cartonagem severa. Nas folhas delgadas, incontáveis, as letras fervilhavam, miúdas, e as ilustrações avultavam num papel brilhante como rasto de lesma ou catarro seco. Principiei a leitura de má vontade..."

Sobressaem nas reminiscências de Helena Kolody, evocações de afetividade. Seus depoimentos trazem vários títulos que fizeram parte de seu elenco de leituras, e como os descreve é possível recompor boa parte de suas condições de acesso à leitura desde criança, sobretudo no âmbito familiar. Aliás, característica muito comum aos depoimentos do tipo memória é o de documentar fatos que transcorreram em períodos que cobrem grande parte da vida da escritora e, muitas vezes, incluem informações sobre seus ancestrais. Na maioria dos depoimentos e entrevistas pesquisados, Helena já contava mais de setenta anos.

<sup>154</sup> RAMOS, Graciliano. In: LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. São Paulo: África, 1996. p. 198.

Era uma devoradora de histórias infantis. Havia, naquele tempo, uma coleção de uma editora de São Paulo, se eu não me engano, provavelmente de Thales de Andrade; todas as histórias, As grandes lendas da humanidade, trocadas em miúdos, em livrinhos de capa dura e que tinham na capa uma vovozinha contando história para criança. Então, tudo ilustrado em tricromias (policromias); aquelas ilustrações bonitas, papel fino, isso é importante, cria na criança o gosto pela estética, a apresentação do livro, então eu lia assim, O espelho encantado, Teseu, O herói do labirinto, O patinho feio, A história dos cisnes encantados, Simbad, o marujo, sabe, todas as grandes, Ali Babá e os quarenta ladrões, todas as grandes lendas da humanidade, A borboleta amarela, que era uma lenda chinesa, de todos os povos, principalmente As mil e uma noites, então a gente viajava e torcia; lá num lugar foi preso, no outro foi enterrado vivo com a mulher, porque a mulher morreu, sabe, que era um outro lugar, os costumes dos lugares, sabe; então fui uma apaixonada, uma leitora apaixonada; tudo com o elemento maravilhoso, mágico; isso é importante para quem escreve, também, porque desenvolve a imaginação, o gosto pela leitura, que hoje também está tão posto para o segundo lugar por causa da televisão; a televisão matou a leitura. ... O meu brinquedo predileto era a leitura; eu fui uma criança assim mais solitária, eu gostava por exemplo de falar sozinha ...<sup>155</sup>

Naquela época, as escolas emprestavam livros para os alunos, de sábado para segunda, e, assim, eu passava os finais de semana lendo.<sup>156</sup>

Tamanha riqueza de detalhes, relicário mnemônico, parece dialogar e querer responder às “dúvidas” de Roland Barthes na conferência pronunciada no colóquio O ensino da literatura, realizado no Centro Cultural Internacional de Cerisy-la-salle, em 1969: “...será que a literatura pode ser para nós algo que não uma lembrança

---

<sup>155</sup> KOLODY, Helena. 1989, p. 22; KOLODY, Helena. 1985, p. 5.

<sup>156</sup> KOLODY, Helena. 1995, p. 38.

de infância? Quero dizer: o que é que continua, o que é que persiste, o que é que fala da literatura depois do colégio?”<sup>157</sup>. Ensaando uma resposta, pode-se citar o escritor Ariano Suassuna, o qual repete sempre que, em sua opinião, a infância, e também um pouco a adolescência, é o tempo em que se forma o universo mítico do escritor. “Depois daí, tudo é acréscimo”.<sup>158</sup>

Lajolo e Zilberman assinalam que as obras escolhidas por crianças e adolescentes, quando eles escapolem da rígida rotina escolar de leitura, “parecem responder às exigências da fantasia, pela qual, em acumulação infinita, articulam-se a outras de ficção ou as conhecidas por meio da transmissão oral”. O fato de incendiarem a imaginação explica e reforça a “clandestinidade” dessas leituras, que pouco ensinam de prático, mas que provocam consumo contínuo. Acrescentam: “essas leituras colocam esses leitores no território da literatura infantil e literatura de massa”. Mais: “a clandestinidade é a condição de a leitura poder se realizar a contento, sem a interferência dos adultos”<sup>159</sup>.

Em julho de 1927, Helena Kolody mudou-se com a família toda para Curitiba. Moraram na Rua Itupava, na época, fora do quadro urbano. Ou seja, rua barrenta, com ríozinho ao lado, sem luz elétrica e água encanada. Periferia... A sensação de periferia, também “dita” por Helena, é adequada à “posição” limiar de “primeira brasileira de uma família de ucranianos”. Uma face do Brasil periférico.



Primeiro endereço de Helena Kolody em Curitiba. Na época, a Rua Itupava resumia-se a um caminho que, entre outros destinos, os levava à Igreja do Cabral. Hoje, o Alto da XV é considerado um bairro central, em 1927, configurava a periferia da cidade. Moraram neste endereço por, cerca de, dez anos. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

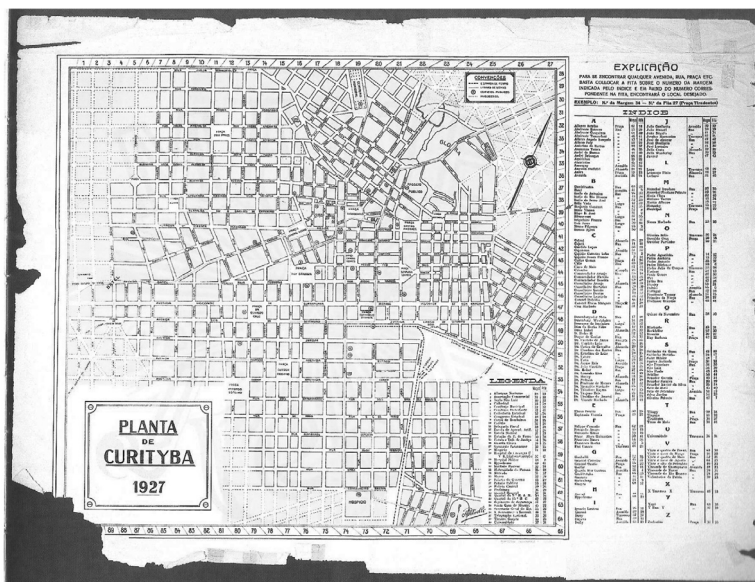


Em julho de 1927, Helena Kolody mudou-se com a família toda para Curitiba. Moraram na Rua Itupava, esquina com a Rua Sete de Abril, na época, fora do quadro urbano. Lá, Miguel Kolody abre uma casa de secos e molhados. Na ocasião, foram vizinhos do presidente Jânio Quadros. Hoje, há, no local, um posto de gasolina. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

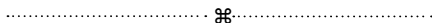
<sup>157</sup> BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. Op. cit., p. 43.

<sup>158</sup> VICTOR, Adriana; LINS, Juliana. *Ariano Suassuna: um perfil biográfico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007, p. 34.

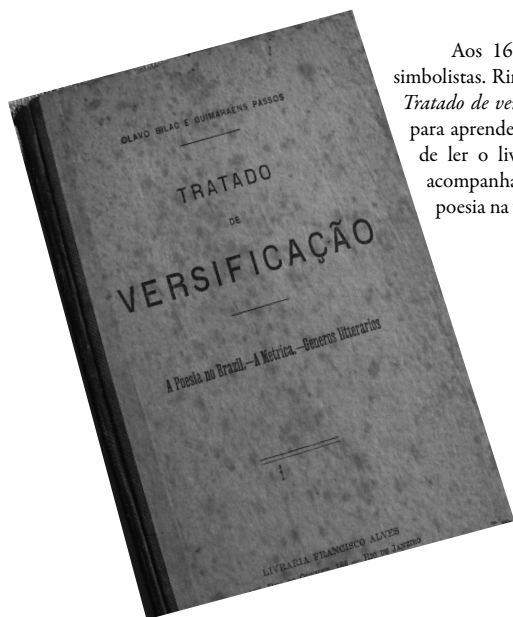
<sup>159</sup> LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. *A formação da leitura no Brasil*. Op. cit., p. 227.



Planta de Curitiba, 1927, ano em que Helena Kolody mudou-se para Curitiba. Reprodução do livro *Imagens da evolução de Curitiba*, de Otávio Duarte Guinski. Curitiba: Duarte, 2002. p. 95. Observar que na marcação 39, da margem do mapa, está a Rua Itupava, que foi o primeiro dos muitos endereços de Helena em Curitiba.



Estação Ferroviária de Curitiba, fotografia da época em que Helena mudou-se para Curitiba. Observar que a Estação Ferroviária significava a porta de entrada na cidade. Foi a estação que presentificou a chegada de grandes levas de imigrantes, muito vindos do Porto de Paranaguá em direção a diversas regiões do Estado do Paraná e a outros estados brasileiros. Fotograma do documentário *Helena de Curitiba*. Direção: Josina Melo. Curitiba: J. Melo Editora & Produções, 2005. 1 VHS (32 min.), son., color.



Aos 16 anos, Helena lia muito Olavo Bilac e os simbolistas. Rindo lembra que ganhou de um professor um *Tratado de versificação* de Olavo Bilac e Guimarães Passos para aprender métrica para fazer sonetos. “Nem terminei de ler o livro, pois cheguei à conclusão que se fosse acompanhar tudo o que o tratado ensinava jamais faria poesia na vida.”<sup>160</sup>

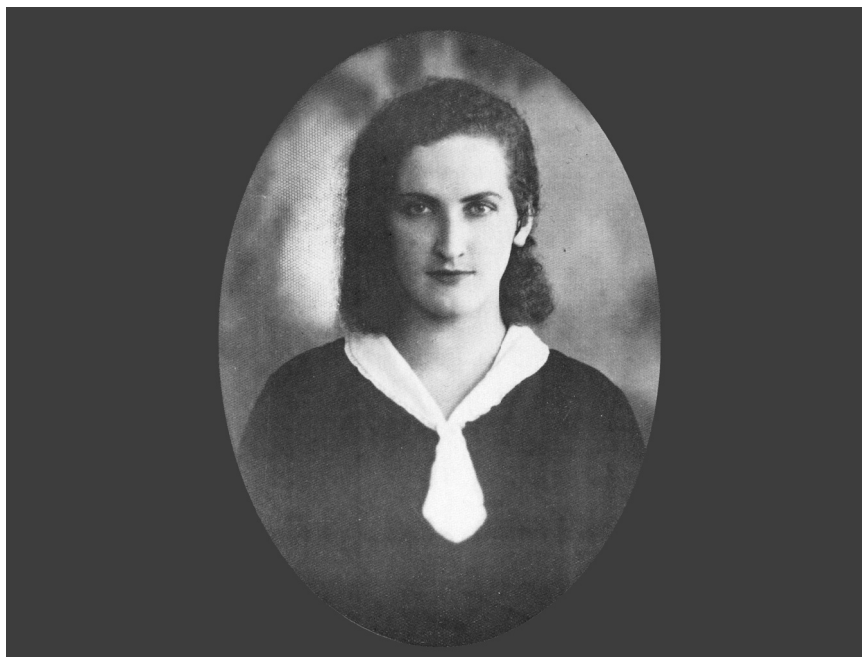
..... ❧ .....

Exemplar da biblioteca de Helena Kolody. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Seus depoimentos indicam a posse de impressos muito cedo e também a aquisição e a conservação de materiais de leitura em biblioteca pessoal. Boa parte deste acervo está sob a guarda de Olga, sua irmã, que o conserva tal e qual foi deixado por Helena. A existência de livros e jornais (o pai delas recebia regularmente jornais de São Paulo e da Europa) em casa serviu objetivamente como condição favorável à entrada no mundo da leitura. Esta condição completou-se com o acesso a bibliotecas escolares.

Estudou desenho com Lange de Morretes, referência nas artes plásticas paranaenses, no bairro curitibano Água Verde. Ia a pé, “amassando lama”, trocava o sapato num comerciante perto do Grupo Zacarias para ir de sapato limpo à escola. Muitos quilômetros separavam sua casa da escola.

<sup>160</sup> MARANHÃO, Malu. Vida poética. *Folha de Londrina*, Londrina, 9 jul 1985, p. 14.



Helena Kolody, em fotografia com uniforme de aluna da Escola Normal de Curitiba, Photo Brasil, 1931. Reprodução do livro *Viagem no espelho*, de Helena Kolody, p. 205.

“ O magistério e a poesia são as duas asas de um ideal. Escolhi o magistério levada pelo impulso irresistível da vocação. A poesia foi um imperativo psicológico. Desde criança, amei a poesia. Gostava de decorar os versos de meu livro de leitura; procurava cantá-los com a música dos hinos escolares: era um brinquedo fascinante. No alvorecer da adolescência, que é como um novo nascer, senti necessidade de fazer versos, mesmo sem saber fazê-los. Nunca os mostrei a ninguém. Mais tarde, destrui-os, o que hoje lamento. Portanto, a poetisa nasceu em mim antes da professora<sup>161</sup>.

”

---

<sup>161</sup> In: VENTURELLI, Paulo. *Helena Kolody*. Op. cit., p. 8.

Uma de minhas leituras prediletas nos meus tempos de mocidade foram os livros de Rabindranath Tagore, naquela coleção publicada em São Paulo, com diversos outros poetas. Então tive muita leitura desse tipo de poesia. Eu sou de origem ucraniana, mas li mais os orientais do que propriamente os ucranianos. Vejo que a espiritualidade de Tagore me marcou muito<sup>162</sup>.

Um texto de Tagore é epígrafe de seu primeiro livro, *Paisagem interior* (1941): “Com a ponta da asa largamente aberta do meu cântico eu roço os teus pés que nunca esperei alcançar”. Com o livro, Helena homenageia postumamente seu pai, recém-falecido.

Desde sempre cultivou duradouras amizades. Na juventude, destaque-se a convivência com a família de Júlio Leite, irmão do poeta Francisco Leite. Suas filhas Renée e Helvídia foram as primeiras amigas que teve em Curitiba. Elas tinham em casa coleções inteiras de revistas antigas: *O olbo da rua*, *Fanal*<sup>163</sup> e outras, bens simbólicos que fascinavam Helena Kolody. A afinidade maior era com Helvídia, que também escrevia versos, além de desenhar e pintar.

Lendo essas revistas, eu pude recuperar um passado paranaense que não possuía, por ser filha de estrangeiros. Uma espécie de reposição das raízes que me faltavam.<sup>164</sup>

Cursou a Escola Normal de Curitiba (atual Instituto de Educação do Paraná), diplomou-se professora em 1931. De 1932 a 1937 lecionou em Rio Negro e Ponta Grossa.

Devido a seu excelente desempenho e suas boas notas foi convidada a ocupar, em Ponta Grossa, a vaga do professor Erasmo Piloto (cadeira de Pedagogia) que dirigia a escola e foi transferido para Curitiba. Com apenas 20 anos já era professora da Escola Normal de Ponta Grossa. Pensou: como posso enfrentar isso se não tenho preparo? Resolveu estudar mais ainda. Precisou enfrentar muitos obstáculos, até críticas de quem achava que não tinha competência para assumir a vaga. Mostrou que podia superar as dificuldades. Assim, trabalhou em Ponta Grossa de 1933 a 1936, quando deveria assumir o cargo de diretora, teve que retornar a Curitiba para atender a mãe adoentada.

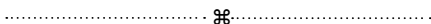
<sup>162</sup> In: VENTURELLI, Paulo. *Helena Kolody*. Op. cit., p. 22-3.

<sup>163</sup> *O olbo da rua* era uma revista literária, auto-intitulada humorística, que circulou em Curitiba e região de 1907 a 1911. Praticava um anticlericalismo ferrenho. *Fanal* foi um periódico literário que surgiu em 1911, já apontando sinais de um modernismo nascente. Veiculou a corrente espiritualista do modernismo.

<sup>164</sup> In: VENTURELLI, Paulo. *Helena Kolody*. Op. cit., p. 27.



Helena Kolody, bem no centro, com turma da Escola Normal de Ponta Grossa. 1934. Fotografia reproduzida da revista *Rumo Paranaense*, Curitiba, ano II, n. 35, p. 8, Nov. 1976.



Helena, com normalistas da Escola Normal de Curitiba. Fotograma do documentário *Helena de Curitiba*. Direção Josina Melo. Curitiba: J. Melo Editora & Produções, 2005. 1 VHS (32 min.) son., color.



Durante o ano de 1934, sua irmã Olga Kolody Muñoz Ferrada, também professora, fez estágio em Ponta Grossa, nas chamadas escolas isoladas, sob a supervisão da professora Ernestina Silveira, diretora da Escola Primária e Intermediária. Foi na casa de Ernestina Silveira que as irmãs Kolody moraram (Rua Coronel Bittencourt). Das 60 alunas que Helena teve, cerca de apenas 15 eram mais novas que ela, as demais, em sua maioria, já eram professoras, mas como a escola primária foi transformada em secundária, para que tivessem o direito de continuar a lecionar precisaram voltar à sala de aula como alunas, muitas delas com 15, 20 anos de serviço. Para aprimorar seu conhecimento, mandou buscar livros em São Paulo, Rio e até na Espanha, principalmente sobre a Escola Nova<sup>165</sup>. Essa linha pedagógica incentiva a exaltação da natureza humana, de suas virtudes, sua bondade natural, seu poder; ideias importantíssimas em qualquer época, mas principalmente naquela, tão marcada por rupturas. Pelo decreto de reorganização previa-se que a Escola Normal funcionasse como um centro de cultura e de investigação pedagógica.



Lucia Dechandt foi uma das diretoras da Escola Normal de Ponta Grossa no período em que Helena Kolody integrou seu corpo docente. Fotografia reproduzida de *Album do Paraná*, Curitiba, ano II, n. 13, 1922, p. 28.



A grande preocupação da professora Helena creditava-se ao grande respeito pelo ocupante anterior de sua cadeira: Erasmo Pilotto – suas alunas foram anteriormente alunas dele. Aliás, o mesmo Pilotto dirigiu os quatro primeiros números da inovadora revista *Joaquim*<sup>166</sup>, de abril a setembro de 1946; logo depois, foi nomeado Secretário Estadual de Educação e Cultura (1947-1949). A escritora conta que, inclusive, muitas vezes, deixou de ir a festinhas e passeios para estudar. Em mente, sempre, a responsabilidade de ensinar e o amor ao magistério.

..... ✻ .....

Escadaria que leva à entrada principal do Instituto de Educação do Paraná. Neste acesso à escola, Helena Kolody deixou-se fotografar com muitas de suas turmas. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

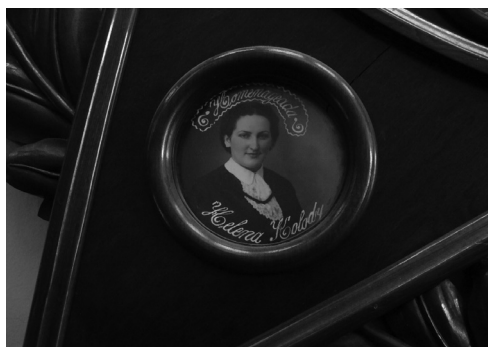
<sup>165</sup> Movimento eclético e de origens muito complexas, que influenciou uma época e seus ecos ainda se fazem ouvir.

<sup>166</sup> De Dalton Trevisan, que, aliás, foi aluno de Helena no Instituto de Educação do Paraná, em Curitiba, logo depois.



Instituto de Educação do Paraná Erasmo Pilotto. O colégio foi durante muitas décadas referência de estudo de qualidade no Estado do Paraná. Ai Helena Kolody fez escola normal e lecionou por 23 anos. Segundo estimativa da própria escritora, ao longo dos trinta anos de magistério, quatro mil alunos passaram por suas mãos. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Ainda em Ponta Grossa, o jornal *Diário dos Campos* estampava em sua primeira página do dia 10 de setembro de 1936: “Congresso de Honra – vibrantes palavras do chanceler Hitler”; “Os integralistas confessam – estavam se armando, mas para combater o comunismo”. No mesmo exemplar, seu diretor, José Hoffmann, anuncia a criação da “Página Feminina” em “um ligeiro preâmbulo: esta página espelhará, palida e modestamente, a alma pulchra da MULHER PONTAGROSSENSE”. A esta, seguiram-se mais oito páginas coordenadas por Helena Kolody, em nome do Centro de Cultura Feminina: 17 de setembro, 24 de setembro, 1 de outubro, 8 de outubro, 29 de outubro, 5 de novembro, 19 de novembro e 17 de dezembro. Observe-se que após este período, Helena Kolody foi nomeada para a Escola Normal de Curitiba. Curiosamente, à exceção da própria Helena, de Anita Philipovsky – na época já consagrada – e de Emília Dantas, todas as demais “escritoras”, em sua maioria professoras ponta-grossenses, assinavam usando pseudônimos: Branca de Neve, Cinderela, Ranzinza, Chiffon, Brasileira, Mike, Flor de Lótus, Muriel, Espanholita, Satanela, Tia Bilu, Ming-Toi... – que até mereceriam um estudo à parte; outras, apenas as iniciais: GIP, LPM, CL<sup>167</sup>.



No detalhe, fotografia de Helena Kolody, professora homenageada da turma de 1935, da Escola Normal de Ponta Grossa. O quadro se encontra no Centro de Cultura Cidade de Ponta Grossa. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Quadro com alunos e professores homenageados, turma de 1935, da Escola Normal de Ponta Grossa. A professora Helena Kolody, com apenas 23 anos, é uma das homenageadas. O quadro se encontra no Centro de Cultura Cidade de Ponta Grossa. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

<sup>167</sup> FONTES, Luísa Cristina dos Santos. Roteiro insuspeito: Helena Kolody em PG. *Diário dos Campos*. Ponta Grossa, 15 set 2007. Suplemento Especial: um século de literatura, p. C9.







.....⌘.....

Helena Kolody, entre suas alunas de uma de suas muitas turmas da Escola Normal de Curitiba, hoje, Instituto de Educação do Paraná. Década de 1940. Fotograma do documentário *Helena de Curitiba*. Direção Josina Melo. Curitiba: J. Melo Editora & Produções, 2005. 1 VHS (32 min.) son., color.

.....⌘.....

Helena Kolody, com turma de normalistas da Escola Normal de Curitiba, hoje, Instituto de Educação do Paraná. Curitiba, década de 1960. Fotograma do documentário *Helena de Curitiba*. Direção Josina Melo. Curitiba: J. Melo Editora & Produções, 2005. 1 VHS (32 min.) son., color.



Em 1939, foi fundada a Academia José de Alencar<sup>168</sup>, em Curitiba. Aníbal Calderari, diretor do Colégio Parthenon, cedeu o salão nobre do estabelecimento para suas reuniões semanais. Todos os domingos, pela manhã, reuniam-se jovens e velhos (os moços em maior número), para falar de literatura. Helena conta que cada um lia o que o outro escrevera, ouvia a leitura do trabalho dos outros e discutia o que havia sido feito<sup>169</sup>. Ela saía da reunião vibrando, motivada pelo convívio com os outros do mesmo métier. A presença de associações literárias marca novos espaços de mediação, de acesso e de socialização de textos e impressos. São espaços, antes de tudo, de encontro, de comemoração e de instrução. Para Lacerda, esses espaços são instâncias favoráveis à apropriação dos impressos e, além disso, dão pistas sobre as formas de ler, suas práticas e partilhas<sup>170</sup>. Nesta época, começa a receber o incentivo, muitas vezes público, do jornalista João Batista Carvalho Oliveira, o Rodrigo Júnior. Cassiana Lacerda Carollo registra que Rodrigo Júnior, incentivador de talentos, costumeiramente, recebia em sua biblioteca Helena Kolody e Dalton Trevisan<sup>171</sup>.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, a cidade viveu anos de inquietação. Para os imigrantes e seus descendentes, a angústia era ainda maior já que muitos amigos e parentes estavam em territórios severamente castigados. Na época, a maior preocupação da família Kolody era que o irmão de Helena, José, fosse convocado para ir à guerra, o que acabou não acontecendo com o final do conflito armado. Naqueles anos, começaram as filas para compra de alimentos. “A primeira, em Curitiba, foi a fila do pão, lembra Helena.”<sup>172</sup> Faltava tudo na cidade e os produtos que havia eram muito caros. Lembro-me que o (mercado) Abage comprara um navio de trigo e eram enormes as filas para adquirir seu pão”. Outra lembrança de Helena diz respeito a uma aluna judia: Raquel. “Eu era professora do Instituto, na década de quarenta, Raquel fora sempre uma boa aluna. Passara a ficar tensa e não ir bem nos estudos. Quando questionei a razão, explicou que toda sua família vivia na Alemanha e há tempos não recebia notícias. Um dia fui procurada por ela, contou-me que toda sua família havia sido exterminada num campo de concentração nazista.”<sup>173</sup>

A poeta foi professora do Instituto de Educação do Paraná por mais de vinte anos. Por seus ensinamentos passaram centenas de meninas, que Helena considerava como filhas. Para manter a atenção das irrequietas alunas, fazia um trato: bom comportamento em troca de uma poesia declamada no final da aula. Segundo uma de suas alunas (Uziara Holtz), era o momento mais esperado.

Em 1941 publica *Paisagem interior*, seu primeiro livro, em homenagem ao pai recém-falecido, e às próprias expensas, o que acontecerá até 1985, quando pela primeira vez, uma editora (Criar) encarrega-se da publicação de um livro seu. Em 1962, aposenta-se como professora do estado e, em 1967, como inspetora de ensino.<sup>174</sup>

<sup>168</sup> Começou como Associação de Cultura José de Alencar.

<sup>169</sup> “A lágrima” foi seu primeiro poema publicado, em 1928, na revista *O Garoto*, editada por um grupo de estudantes.

<sup>170</sup> LACERDA, Lilian de. *Album de leitura*: memória de vida. histórias de leitoras. Op. cit., p. 53.

<sup>171</sup> CAROLLO, Cassiana Lacerda, João Batista Carvalho Oliveira. In: *Dicionário histórico-biográfico do Estado do Paraná*, Curitiba: Chain; Banco do Estado do Paraná, 1991, p. 324.

<sup>172</sup> Em depoimento a Emildo Coutinho. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 11 de dezembro de 1992, p. 7.

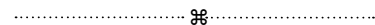
<sup>173</sup> Ibid.

<sup>174</sup> Os dados biográficos de Helena Kolody foram coletados com Nicolás Hec (*Luz Infinita*), Helena Kolody (*Série Paranaenses, Cadernos do Museu da Imagem e do Som, Sinfonia da vida, Viagem no espelho*) e depoimentos orais de sua irmã Olga Kolody Muñoz Ferrada.



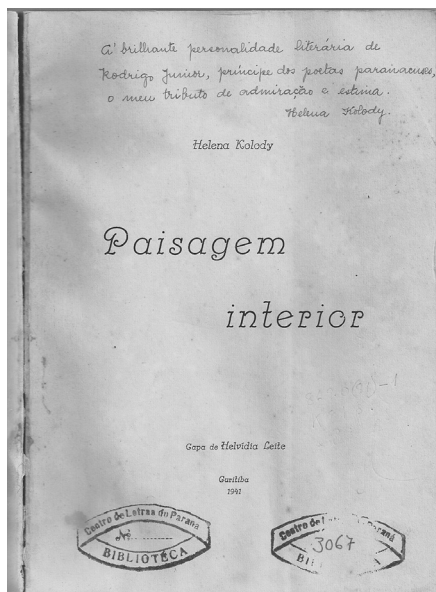
O prédio da Escola Normal de Ponta Grossa era considerado “gêmeo” das escolas normais de Paranaguá e de Curitiba pela semelhança arquitetônica, os três construídos por Caetano Munhoz da Rocha. Helena Kolody, em início de carreira no magistério, lecionou na Escola Normal de Ponta Grossa de 1933 até o final de 1936. Hoje, a edificação abriga o Colégio Estadual Regente Feijó. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.





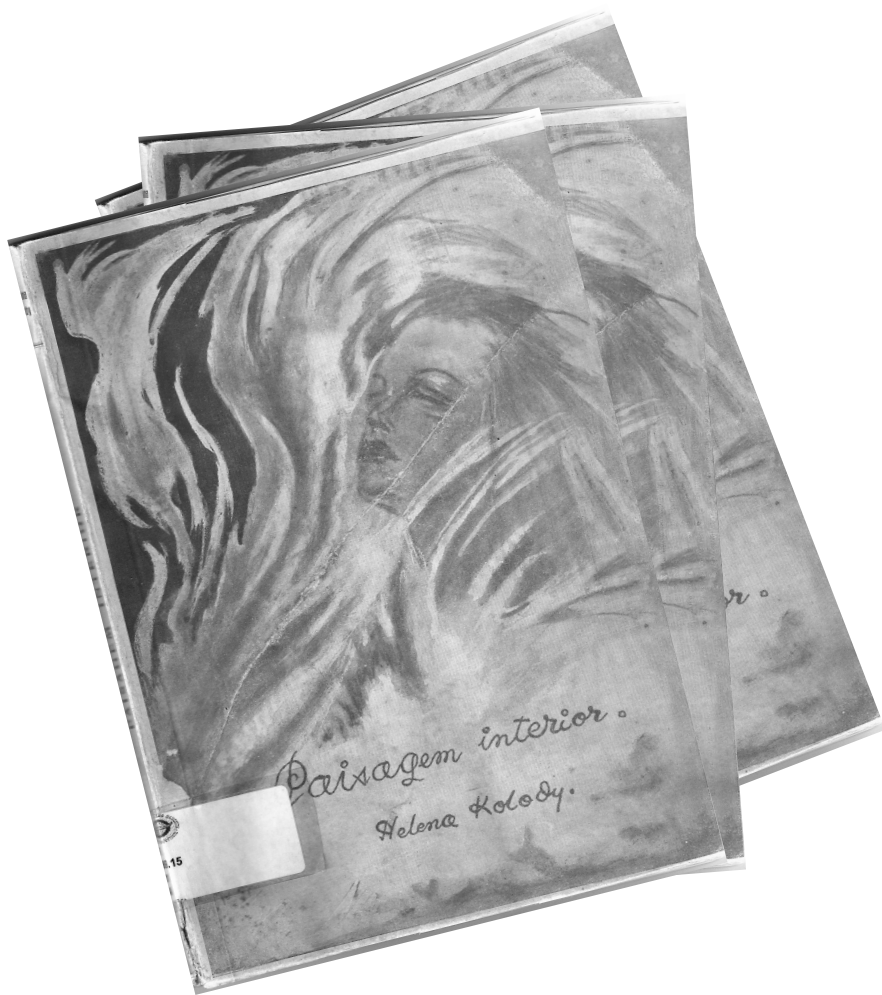
Secretaria da Escola Normal de Ponta Grossa, 1937. Observar, à direita, o quadro com os formandos de 1935, pelos quais Helena Kolody foi homenageada. Fonte: Ficha de classificação para a inspeção preliminar, apresentada pelo Inspetor Federal Dr. Joaquim Loyola, da Escola Normal de Ponta Grossa. Acervo: Carlos Mendes Fontes Neto. Reprodução: Foto Carlos, Ponta Grossa.

Quando Helena lança, em Curitiba, a coletânea *Paisagem interior*, “seu primeiro buquê de poemas”, lembra Leminski, “já estava morto e enterrado o rico movimento simbolista que, presente no Brasil todo, tinha tido em Curitiba o seu centro mais ativo. É Brito Broca quem diz que, em 1910, Curitiba era a cidade literariamente mais importante do Brasil. Basta dizer que oito das quinze revistas do Simbolismo brasileiro foram nela editadas, entre 1895 e 1915. Mas, quando Helena começa a produzir e publicar, esse momento já tinha passado, deixando atrás de si apenas um perfume e uma vibração”<sup>175</sup>.



Folha de rosto do primeiro livro publicado por Helena Kolody. Este exemplar, que integra a Biblioteca do Centro de Letras do Paraná, tem dedicatória ao escritor Rodrigo Junior, grande incentivador da Literatura Paranaense e, focando em Helena, foi ele quem propiciou suas primeiras publicações. Reprodução: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

<sup>175</sup> LEMINSKI, Paulo. *Santa Helena Kolody*. Op. cit.



Capa do primeiro livro publicado por Helena Kolody: *Paisagem interior* (1941). Custou a ela quinhentos contos de réis pelos 450 exemplares da primeira edição. Capa com ilustração da amiga Helvídia Leite. A publicação era um presente ao pai coruja em seu aniversário de 60 anos, no entanto, ele falecera um pouco antes de o livro ficar pronto. Foi publicado pela gráfica do antigo Liceu Industrial do Paraná, hoje Centro Federal de Educação Tecnológica, com o apoio do poeta Rodrigo Junior. Exemplar da Biblioteca do Centro de Letras do Paraná. Reprodução de Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Em 1930, a revista *Marinha...* Revista do litoral paranaense, de Paranaguá, passa a publicar seus poemas, por especial deferência de Rodrigo Júnior. Por vezes, colaboradores resenharam seus livros, avaliaram seu fazer literário, nas páginas da *Marinha...* Neste exemplar, de outubro de 1945, Gabriel Fontoura elogia a escritora de *Música submersa*, segundo livro de Helena Kolody. Acervo: Biblioteca do Centro de Letras do Paraná. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Capa da *Marinha...* Revista do litoral paranaense, da qual Helena Kolody participou inúmeras vezes, constando, inclusive, seu nome entre os colaboradores efetivos do periódico. Acervo: Biblioteca do Centro de Letras do Paraná. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Edifício São Bernardo, Centro de Curitiba.

O escritor Paulo Leminski muito a estimulou. Ainda jovem, começando a escrever, falou de seu espanto por Helena já fazer haikai em 1941. Ele estava acabando de descobrir este tipo de poesia. Leminski estudou inclusive o japonês para melhor entender a essência da poesia japonesa. A amizade com Leminski começou quando foram vizinhos no Edifício São Bernardo, Rua Dr. Muricy, Curitiba. Na década de 1960. Helena já era autora de uns dez livros e Leminski tinha cerca de 20 anos. Convém observar que a trajetória de Paulo Leminski, o escritor, guarda paralelos com a trajetória de Helena Kolody. Ambos trabalharam como tradutores, como professores, apesar da origem ucraniana (de Helena) e polaca (de Leminski), ambos mergulharam na cultura oriental.

Novamente emerge a temática da fronteira, do confronto de limites para além dos geográficos, dos políticos. Em algumas poesias, Helena frisa sua conexão sanguínea e espiritual-atávica com a Ucrânia, com sua história, com seu povo, sua vontade de liberdade e, finalmente, com a imigração ucraniana e sua luta dolorosa. A pátria original com seu povo sofredor e sedento de liberdade acorda na alma da poeta, na lembrança de seu sangue, um sentimento profundo de dor e sofrimento. “A alma dos ancestrais sofre e chora em mim”. Porém, a

imaginária paisagem ucraniana de “estepes e urzes floridas”, “bosques de bétulas”, o “Dnipro cantado por Tarás” e os cânticos ucranianos enchem a poeta com saudade antiga e aquecem seu coração com ternura e alegria.

A propósito, em seus depoimentos, é possível identificar a atuação da mãe, Victoria Szandrowska Kolody, como dado fundamental de sua história como leitora, na medida em que esta contribuiu com um repertório favorável por meio do que lia, da partilha de seu gosto e da preferência literária transmitida, oralmente, como parte de seu legado cultural. A leitura orientada pela mãe cumpre, em muitos momentos, um papel propedêutico. No trecho a seguir é possível retomar parte daquilo que a memória conservou e tomou para ser relembrado. É passagem que recompõe o retrato da mãe leitora e ajuda a reconstituir, nas relações pessoais e familiares, a forma como essa personagem atuou na trajetória de vida e de leitura de sua filha.

Lembro de mamãe recitando poemas nesta língua, porque ela lia em voz alta para a gente: Pensamentos, meus caros pensamentos, eu sou infeliz convosco... – não podemos esquecer que Tarás, autor destes versos, viveu exilado – Por que se alinham no papel em fileiras tão tristes? Por que o vento não vos espalhou na estepe como pólen das flores? – Minha mãe recitava isso em ucraniano, decorei por influência dela.<sup>176</sup>

Esse repertório mínimo também definiu a formação de sua mãe, que chegou ao Brasil já com formação escolar completa. Não raramente, à época, as mães tinham grande influência no processo de aquisição da leitura.

Do grande poeta Tarás Chevtchenko, Helena fez, ainda em 1940, a primeira tradução de alguns poemas que foram publicados no jornal de língua ucraniana *O Lavrador*. Nos anos 1950, colaborou na versão portuguesa de poesias ucranianas, que entraram na *Antologia da Literatura Ucraniana* sob a organização de Wira Selanski

<sup>176</sup> KOLODY, Helena. *Um escritor na biblioteca*, Op. cit., p. 23.



Máquina de escrever de Helena Kolody, segundo a irmã Olga – guardiã de seus objetos –, usada raras vezes, já que a escritora preferia manuscrever. Foto: Luísa Cislina dos Santos Fontes.

(1959 e 1977). Convém lembrar que, antes de se casar, seu pai fundou em Curitiba o jornal ucraniano *Zoriá*.

Algumas memórias são entrecortadas pelas memórias de leituras que podem, algumas vezes, ser reveladas por meio de epígrafes e citações de textos da literatura nacional e estrangeira. No livro *A sombra no rio* (1951), selecionou para a epígrafe trecho do escritor inglês Charles Morgan: “Eu, ontem, pousei na árvore da morte,/Mas o vento do mundo arrebatou-me vivo.../ E no tristonho pouso da gaiola/ Vi-me, de novo, pássaro cativo”. Para o livro *Trilha sonora* (1966) foram selecionadas duas epígrafes. A primeira, de Tasso da Silveira, poeta curitibano, um dos principais componentes da ala espiritualista do modernismo, pertenceu ao grupo das revistas *Fanal e Festa*: “A alegria maior da vida é colher os poemas/ que pendem como dourados pomos/ dos ramos frágeis e frescos da realidade.// As horas passam como pássaros,/ os pomos pendem no silêncio.// Enquanto dura a colheita/ é sempre madrugada.” A segunda, do poeta americano T. S. Eliot: “Neste trânsito breve onde os sonhos se cruzam/ No crepúsculo cruzado de sonhos entre o berço e a mortalha/ (A tua bênção, Pai) ainda que eu não deseje desejar estas coisas,/ Da janela tão larga para a praia granítia/ As velas brancas inda voam para o mar, pelo mar afora voam,/ Asas intactas”. As memórias de Helena Kolody não se poderia omitir as epígrafes de cunho religioso, como aquelas que prepararam para a leitura do livro *Era Espacial*, de 1966: “Onde estavas quando lancei os fundamentos da terra?”/ “Quem colocou nela a pedra de ângulo,/ sob os alegres concertos dos astros da manhã?” Jó XXXVIII – 4, 6 e 7. “E



olhei, e eis que estavam quatro rodas junto dos querubins./ Possuíam elas o clarão da gema de Társis”/ “... bem como as rodas estavam cheios de olhos em toda a volta.”/ “E a estas rodas, ouvindo-o eu (o Senhor) chamou ágeis.” Ezequiel X 8, 9, 12 e 13.

Como pontua Eneida Maria de Souza, em suas “Notas sobre a crítica biográfica”, os fatos da experiência, ao serem interpretados como metáforas e como componentes importantes para a construção de biografias, integram-se sob a forma de uma representação do vivido.<sup>177</sup> É preciso contar com a formulação de uma posição<sup>178</sup> de enunciação migrante, na medida em que a identidade já se reveste como híbrida, ao falar e responder a partir de dois ou mais lugares, não conduzindo, portanto, a sínteses, fusões ou identidades estáveis.<sup>179</sup>

Por fim, sem pôr fim, e já que o valor da biografia se justifica principalmente pelo biografado, as anotações reunidas e re-p(r)ensadas mostram uma Helena Kolody não apenas escritora. Kolody é, antes, leitora, e das mais argutas. Para além de poética, a experiência de vida que seus textos ou depoimentos expressam está imersa, conforme já apontei, em uma profunda e específica experiência de mulher – leitora, estudante, professora e escritora.

Curitiba, cidade-menina  
1997

Curitiba, cidade menina,  
paisagem do meu amanhecer.

Por toda parte, a marca de meus passos,  
o fantasma de meus sonhos.

Jardins, pomares,  
pinheiros e mais pinheiros,  
onde moravam sabiás cantores  
e bem-te-vis moleques.

As torres da Catedral  
olhavam por cima dos sobrados.

---

<sup>177</sup> SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult.* Op. cit., p. 119.

<sup>178</sup> Emerge novamente a questão dos contornos e domínios: limites!

<sup>179</sup> SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult.* Op. cit., p. 13.

Carroças de Santa Felicidade  
trepidavam no calçamento das ruas  
e faziam tremer a voz cantante  
das colonas italianas:  
– “Qué comprá lenha,  
batata doce, repolho, óvo!”

Bondes elétricos circulavam, vagarosos,  
do centro para os bairros.

Perdia-se nos longes  
o pregão do peixeiro português:  
– “Pei... xe! Camarão!”

Corria pelas ruas  
o anúncio dos pequenos jornaleiros:  
– “Gazeta e Dia”  
– “Diário da Tarde!”

Estudantes eletrizavam a cidade  
com sua ruidosa juventude.

Acotovelavam-se risos e conversas de crianças,  
pombos brancos a caminho da escola.

Recordo Curitiba adolescente...  
Uma névoa de saudade  
me envolve o coração.

Do livro *Helena Kolody: Sinfonia da vida*, org. Tereza Hatue de Rezende.

*Sinfonia da vida*

Helena Kolody, em fotografia da  
década de 1940, Curitiba, Photo  
Brasil. Reprodução do livro  
*Viagem no espelho*, de Helena  
Kolody, p. 90.





Foto de Helena Kolody,  
início da década de 90. Foto:  
Sueli Sanson. Acervo: Olga  
Kolody Munhoz Ferrada.  
Reprodução: Luísa Cristina  
dos Santos Fontes.





# 4

## O espaço metafórico

Babel de Luz



Na página anterior: bordado de autoria de Helena Kolody, sob a guarda de Olga Kolody Muñoz Ferrada  
Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

#### 4 | O espaço metafórico: Babel de Luz<sup>180</sup>

Profissão de fé ∞ As influências e orientações ∞ *Viagem no espelho* ∞  
Crenças e opiniões ∞ O processo ideativo da ocultação

A lembrança da cena cheia de lirismo de seus pais lendo à luz de lampião, à noite, os versos de Tarás Chevtchenko, o mais popular poeta ucraniano, depois valsando ao redor da mesa, acompanhou Helena durante toda a sua vida. Cena do início do século XX, tempo em que o mundo ainda não era “duplicado” por fotos e vídeos. Ela e suas irmãs encantavam-se os espiando, à noite, sonhavam observando os desenhos formados no teto pelas luzes dos lampiões, qual pêssankas a desvelar na frágil e tênue casca de ovo histórias milenares. Eis a mesma pequena Helena, devoradora de livros de histórias infantis e amante de poesia, que também gostava de cantar poesias populares, em casa, quando cuidava de seus afazeres.

Imigrante de traços marcantes, Vó Nástia cantava baladas ucranianas, enquanto penteava os cabelos das netas, Helena, Olga e Rosinha, contava-lhe sagas e contos de fadas. Helena foi a única pessoa da família a prosseguir os estudos de língua ucraniana. Evidentemente, um escritor, antes de mais nada, é um cultor, é um manejo de afetos, uma acumulação de intuições profundas sobre vida e história. No caso de Helena Kolody, rico conjunto de anamneses, de acordo com Barthes: “lembranças de infância fixadas como breves haicais”<sup>181</sup>. Assim é o sinal da cruz feito ainda com os três dedos, juntos, como se faz na Ucrânia, na representação da união entre Pai, Filho e Espírito Santo, que pode ser apreciado como um quadro cheio de significados.

Sobre esse período de sua infância, a escritora conta: “dos dois aos sete anos, o mundo era meu. Em Três Barras eu podia brincar em toda parte. Era aquela infância à antiga: com pátio para brincar, terreno em frente da casa, o quintal, o rio perto... espaço grande e imaginação trabalhando mais fácil”<sup>182</sup>. A vida era ingênua e simples, no entanto, rica em experiências sensoriais, como evoca em “Infância” do livro *A sombra no rio*: “Aqueles tardes de Três Barras/ Plenas de sol e de cigarras! (...) Do tempo, só se sabia/ Que no ano sempre existia/ O bom tempo das laranjas/ E o doce tempo dos figos.../ Longínqua infância... Três Barras/ Plena de sol e cigarras!”<sup>183</sup>

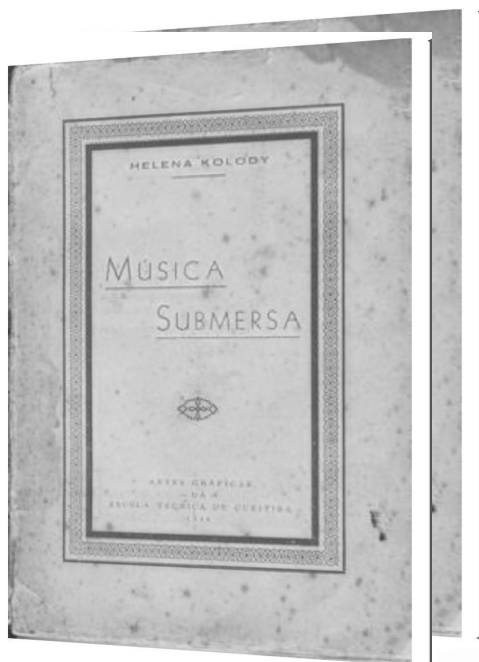
---

<sup>180</sup> Título do documentário do cineasta Sylvio Back.

<sup>181</sup> BARTHES, Roland. *Roland Barthes por Roland Barthes*, São Paulo: Estação Liberdade, 2003, p. 23.

<sup>182</sup> HELENA de Curitiba. Direção: Josina Melo. Edição: Fernando Severo e Josina Melo. Curitiba: Josina Melo Produções, mar. 2005. 32 min. VHS.

<sup>183</sup> *Paisagem interior, Música submersa, A sombra no rio*. Curitiba: SENAI, 1962, p. 196.



Segundo livro publicado por Helena Kolody, *Música submersa* foi impresso na Escola Técnica de Curitiba, em 1945. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Em 1957, Helena Kolody lança *A sombra no rio e Poetas escolhidas*. Com edição da própria autora e capa de Anna Maria Muricy, a obra, impressa pela Escola Técnica de Curitiba, reúne os três livros anteriores: *Paisagem interior*, *Música submersa* e *A sombra no rio*. Em 1949, *A sombra no rio* recebeu o terceiro lugar no Concurso de Livros do Centro de Letras do Paraná e o Prêmio Ismael Martins. Como premiação, o livro foi publicado em 1951 pelo Centro de Letras do Paraná. Após a publicação de *A sombra no rio*, um intervalo de treze anos de silêncio se fez até que Helena voltasse a produzir. Reprodução: Luísa Cristina dos Santos Fontes.





A cidade de Três Barras foi basicamente construída pela empresa madeireira norte-americana Southern Brazil Lumber and Colonization, que aproveitou a estação ferroviária do local para suas instalações. Inaugurada em 1913, a Estação Ferroviária de Três Barras era o ponto de entrada e saída da empresa Lumber, a maior serraria da América Latina na época. Foto de Lysandro Lima. Disponível em: <[www.radarsul.com.br/tresbarras](http://www.radarsul.com.br/tresbarras)>.



A precariedade do ensino em Três Barras não impediu que a pequena Helena, não podendo comprar livros, lesse os livros da biblioteca da classe, principalmente atraída pelas instigantes lendas de Teseu, do Minotauro, de Simbad... e que, também, como a maioria das meninas naquele tempo, sonhasse ser professora. Destaque-se, a primeira obra literária com a qual Helena Kolody manteve contato e que marcou o início de seu aprofundamento na leitura foi a coleção infantil *As grandes lendas da humanidade trocadas em miúdos*, lida na biblioteca do Grupo Escolar Barão de Antonina, onde estudou<sup>184</sup>.

No ano de 1924, em Mafra<sup>185</sup>, iniciou sua produção poética, no entanto, acanhamento e autocritica não permitiram que mostrasse e nem conservasse esta produção inicial. Tempo de amores platônicos... resignada, não acreditava que a amassem, achava-se gordinha. Publicou seu primeiro poema “A lágrima” em 1927, em Curitiba, na revista *O Garoto*, considerada uma publicação pré-modernista e fundada pelo jovem filho do cônsul de Portugal, na época. Nunca negou que escolheu o magistério levada pelo impulso da vocação, e que a poesia fora, como sempre afirmava, imperativo psicológico. Preparava com esmero suas aulas e pegava o ônibus sonhando com poesia. A alma da professora florescia na poesia.

“A poetisa nasceu em mim antes da professora. No alvorecer da adolescência, que é como um novo nascer, senti necessidade de fazer versos, mesmo sem saber fazê-los. Nunca os mostrei a ninguém. Mais tarde, destruí-os, o que hoje lamento. Nos primeiros livros, os poemas eram mais espontâneos, mais descritivos, com vivas tonalidades emocionais.”<sup>186</sup>

<sup>184</sup> KOLODY, Helena. *Gazeta do Povo*, 22 de março de 1992.

<sup>185</sup> Na época, Mafra integrava o município paranaense de Rio Negro, hoje é um município catarinense.

<sup>186</sup> KOLODY, Helena. *Sinfonia da vida*. Op. cit., p. 37.

Pouco tempo depois, em 1936, o jornal *Diário dos Campos*, de Ponta Grossa – conforme descrito no capítulo anterior – inaugurou uma página literária feminina especialmente organizada pela jovem professora e escritora Helena. No início da década de 1940, participou como colaboradora assídua na *Marinha...* Revista do litoral paranaense, de Paranaguá, apadrinhada por Rodrigo Júnior e Ilnah Secundino, periódico que prestou grande serviço de divulgação de valores, principalmente das letras estaduais, conseguindo mesmo levar para as suas colunas figuras de projeção nacional, como Tasso da Silveira, Plácido e Silva e Leôncio Corrêa. Foi ali que a poetisa, muito jovem, começou a despertar a atenção do público e da crítica, assinando versos em que se denotava a expansão de uma sensibilidade diferente, não contagiada por nenhuma preocupação de exibicionismo e de exagerado modernismo, o que poderia acabar insensibilizando a suavidade de determinadas imagens e o poder de tocar fundo os temperamentos mais resistentes. Apesar da participação inaugural no *Diário dos Campos*, a *Marinha...* tornou-se o primeiro veículo de divulgação de fato da jovem escritora graças à abrangência da distribuição do periódico, inclusive, para além das fronteiras do país.

O primeiro livro, preparado em segredo, seria uma surpresa para o adorado pai, em seu aniversário de 60 anos. Meticulosa, Helena cuidou pessoalmente de sua publicação, desde a escolha (e compra) do papel até a seleção dos tipos gráficos, da criação da capa ao livro costurado, determinando com muita segurança suas opções. Com tiragem de 450 exemplares e publicado às próprias expensas, custou-lhe quinhentos contos de réis<sup>187</sup>. *Paisagem interior* acabou virando homenagem póstuma, já que Miguel Kolody falecera dois meses antes do aniversário. O livro reúne poemas escritos no decurso de dez anos. Quase cancelou a publicação por desgosto, no entanto, as amigas Lília Carrano Robine e Zeny Carrano de Almeida instaram para que o publicasse. Movida por profundo pudor de alma, enfraquecida pelo luto, escondeu-se durante algum tempo após o lançamento da obra, em Rio Negro, temendo a recepção dos leitores e da crítica.

A morte do pai, segundo revela Helena, gerou um clima de saudade e de insegurança que repercutiu em seus livros seguintes. As dificuldades de ordem financeira acarretaram inúmeras mudanças residenciais ao longo de quatro décadas. Ao primeiro endereço, ainda gerenciado pelo pai, Rua Irupava esquina com Rua Sete de Abril, Alto da XV; seguiram-se Rua Presidente Faria, frente para Rua São Francisco, nos fundos do prédio central da Universidade Federal do Paraná, Praça Santos Andrade; Rua Comendador Araújo, Centro, onde ficava o Clube Thalia e, hoje, está o Supermercado Mercadorama, a casa pertencia ao escritor Andrade Muricy. Quando aí morava, faleceu o pai, de infarto, sucedendo-se dificuldades para a família. Mudaram-se para a Rua Carlos de Carvalho, esquina com Brigadeiro Franco, ao lado morava Bento Munhoz da Rocha, que mais tarde foi governador do Estado. Na sequência, Rua Treze de Maio; Rua Fernando Amaro, entre a



Edifício Vila Rica, na Rua Voluntários da Pátria, 11, Centro de Curitiba, visto da Praça Rui Barbosa. Prédio em que Helena Kolody viveu por mais de trinta anos. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

<sup>187</sup> *O Estado do Paraná*, 23 de março de 1988, p. 4.



Porta principal do Edifício São Bernardo, Rua Dr. Muricy, 839, 10º andar, apartamento 1001, Centro de Curitiba. Ai, Helena, sua mãe e irmãs moraram de 1961 a 1969. Os escritores Paulo Leminski e Alice Ruiz moravam no mesmo andar, apartamento 1003. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Tamandaré e a José de Alencar, a casa, já demolida, tinha um lindo jardim, coberto de roseiras trazidas de Joinville e outras plantas, cujas mudas trouxeram de São Paulo. A casa acolheu as brincadeiras dos sobrinhos. Depois, Rua Paula Gomes. Entre 1961 e 1969, Rua Dr. Muricy, 839, Edifício São Bernardo, Centro, décimo andar, ap. 1001, no qual vizinharam Paulo Leminski e Alice Ruiz (ap. 1003). Moraram ainda, por apenas um mês, na Rua Voluntários da Pátria, Edifício Reinaldo Thá, esperando a conclusão de reparos no Edifício São Bernardo. Em 1969, finalmente, compraram o apartamento da Rua Voluntários da Pátria, 11, ap. 901, Ed. Vila Rica, Centro, mudaram-se logo que o prédio foi construído. Ai Helena residiu até falecer, em 2004.

Entrada do Edifício Vila Rica, na Rua Voluntários da Pátria, 11, Centro de Curitiba. Junto ao nome do prédio foi afixada uma placa em que o então prefeito de Curitiba, Cassio Taniguchi, homenageia a escritora. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Porta do apartamento do Edifício Vila Rica, na Rua Voluntários da Pátria, 11, Centro de Curitiba. Neste apartamento, Helena viveu seus últimos trinta anos. No lado de dentro da porta, um costume familiar de décadas chama a atenção: escrever o nome dos três reis magos na porta na véspera de Natal, o que propiciava que o ano vindouro fosse de muita prosperidade. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



No andar térreo do Edifício Vila Rica, há uma galeria com diversas lojas, que liga a Rua Voluntários da Pátria à Praça Rui Barbosa. A galeria foi denominada Helena Kolody. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



NO APARTAMENTO 901 DESTA EDIFÍCIO MOROU HELENA KOLODY (1912 - 2004), PARANAENSE DE CRUZ MACHADO, RADICADA EM CURITIBA.

PROFESSORA, AJUDOU A FORMAR GERAÇÕES DE ALUNOS. POETISA DE MÉTRICA PERFEITA, SOUBE FAZER DAS PALAVRAS O BÁLSAMO, TRANSFORMANDO A DOR EM ESPERANÇA E A VIDA EM EMOÇÃO.

A ELA, QUE SOUBE SER "A SOLÍCITA MÃO QUE ESPALHA, SEM MEDIDAS, ESTRELAS PELA NOITE ESCURA DE OUTRAS VIDAS", A ETERNA HOMENAGEM DOS MORADORES DO CONDOMÍNIO VILA RICA E DE TODOS OS CURITIBANOS.

CURITIBA, DEZEMBRO DE 2004

CASSIO TANIGUCHI

PREFEITO MUNICIPAL

Tema que está na ordem-do-dia, falar sobre cidade é tarefa bastante instigante. No entanto, traçar um mapa do imaginário fragmentado de uma cidade é coisa para poeta-viajante. A escritora Helena Kolody mapeou uma cidade polifônica, exorbitantemente eloquente: Curitiba. Cidade modelada em palavras e imagens. Nem tão por acaso, coloca em nossas mãos uma ansiedade: sua carta desestabiliza em vez de colocar ordem nos espaços, gera travessias desvanecentes que orientam a busca da poeta: a Helena de Curitiba, embora nascida em Cruz Machado e com raízes muito profundas na Ucrânia.

O encontro da poeta com a cidade indicia-se quando ela ronda, busca, volta, caminha, persegue, cruza, procura e encontra a cidade em suas estranhas entranhas: a cidade que respira e que a (ins)pira. Vale dizer, insinua-se nas sinuosidades que traçam um percurso, nada ortodoxo e pra lá de imaginário, do Alto da XV a Boca Maldita. Com base neste tipo de analogia, que acaba investindo também no estranhamento, a cidade refletida por Helena é o seu caminho, ainda que as ruas não sejam as mesmas, dêem em becos sem saída e por isso mesmo encontre o seu “não-lugar”, justificativa para a sua existência. Como bem lembra Benjamin, saber orientar-se numa cidade não significa muito. Perder-se numa cidade requer instrução<sup>188</sup>.

Ao pisar e re-pisar suas experiências, a cidade invade as entranhas da poeta e a reinscreve no pulsante cartograma citadino. A onipresença da movência, movediça territorialidade, emerge, mesmo que ainda incipientemente, desde seus primeiros trabalhos.

O poema “Elogio do poeta” integra a obra de estreia, e foi mantido (acrescido de sutis modificações) no livro *Viagem no espelho*, antologia em que a escritora selecionou o que considerava mais significativo de cada um de seus livros. A obra apresentou-a ao país. Narrativa em versos, “Elogio do poeta” é paradigmático no reporte aos primeiros trabalhos da escritora e também retoma uma concepção, aliás, muito comum naquela época, da crença na singularidade da manufatura poética e na sua ressonância universal, subliminarmente evoca o argumento da excepcionalidade dos poetas.

---

<sup>188</sup> BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. *Obras escolhidas*, v. II. 5. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 73.

## Elogio do poeta

Alvorecia a vida estuante e tumultuária,  
E o céu da madrugada inda floria estrelas,  
Quando o poeta sentiu pulsar, indefinida,  
A própria inspiração.  
Impregnou seu olhar do mistério das sombras  
E os olhos embebeu de claridade astral.

Depois, mergulhou no tumulto do mundo,  
Onde aprendeu a melodia das palavras  
E o compasso febril do coração humano.  
Conheceu o vibrante alvoroço do riso  
E da mágoa sorveu o nocivo licor.

Penetrou o profundo ignoto de si mesmo  
E bebeu água viva, emanção perene  
Da fonte interior.

Só então compôs para os homens  
A sua canção singular.

Quando os homens fitaram os olhos do poeta  
Acharam na sua luz a luz do próprio olhar  
E no sonho o próprio sonho refletido.  
No ritmo do seu verso, então, reconheceram  
A canção que cantariam, se soubessem cantar.<sup>189</sup>

---

<sup>189</sup> In: KOLODY, Helena. *Paisagem interior*. Op. cit., p. 34-5.



Andrade Muricy (1895-1984) foi crítico literário e musical brasileiro; autor de obras de ficção, de ensaios, crítica literária e musical. Recebeu o Prêmio Machado de Assis em 1973, atribuído pela Academia Brasileira de Letras. Andrade Muricy chamou a atenção de Helena Kolody para o seu espírito de síntese, de brevidade, ressaltando que seus melhores poemas eram os pequenos. Seu livro *A nova literatura brasileira* foi fonte de referências importantes para a escritora. Fotografia reproduzida de Literatura paranaense – notícia histórica, Tasso da Silveira. *Revista Comemorativa do Centenário da Emancipação do Paraná*, Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 1953, p. 21.

*Paisagem interior* recebeu muitas e generosas apreciações críticas pela imprensa escrita. De Euclides Bandeira, escritor, participante do movimento simbolista, particularmente contrário à corrente liderada por Tasso da Silveira e Andrade Muricy, fundador do Centro de Letras do Paraná, recebeu a seguinte avaliação, por carta, mais tarde reproduzida no jornal *Gazeta do Povo*. Nela antecipa seu vanguardismo, a intensidade de seus sentimentos e suas inquietações:

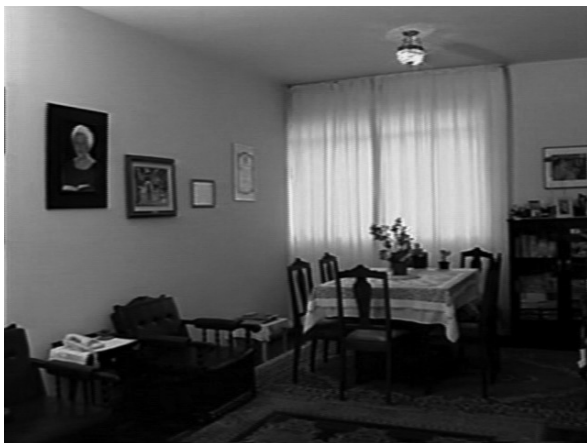


Muitos dos poemas já me eram conhecidos, sendo que de alguns guardara lembranças a título de obras-primas; encantou-me, porém, reencontrá-los agora no formoso volume, ao lado de outros igualmente característicos, traduzindo, na amplitude da técnica modernista, atributos específicos da psique eslava. Reporto-me, no ponto, a “Atavismo”, que é autobiografia espiritual, e onde a autora, evocando os antepassados da estepe, sente acordada em seu sangue “a tara da saudade”.<sup>190</sup>



Euclides Bandeira, em óleo sobre tela. No dia 19 de dezembro de 1912, aniversário da instalação da Província do Paraná, no salão de honra do *Diário da Tarde*, na presença de 65 intelectuais paranaenses, foi fundado o Centro de Letras do Paraná. Euclides Bandeira foi seu primeiro presidente, teve importância fundamental numa polêmica contra os novíssimos (do Simbolismo) e a corrente espiritualista do Modernismo, de caráter mais ideológico e menos interessado em romper com a geração consagrada, em que despontavam Tasso da Silveira e Andrade Muricy. Disponível em: <[www.centrodeletrasdoparana.blogspot.com](http://www.centrodeletrasdoparana.blogspot.com)>. Acesso em: 10 de agosto de 2010.

Sala de visitas do apartamento da Rua Voluntários da Pátria, 11. Aqui, incansável e sempre gentilmente, Helena Kolody recebia amigos, alunos, fãs, jornalistas... Com seu porte majestático, acolhia indistintamente a todos com sua palavra iluminada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



<sup>190</sup> BANDEIRA, Euclides. *Paisagem interior*. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 21 fev 1942. p. 9.

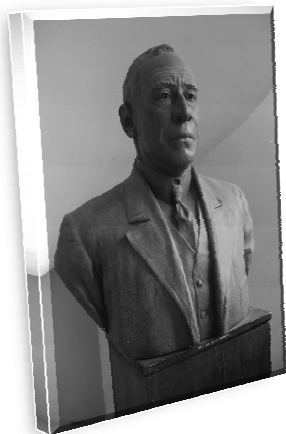
O escritor e jornalista Rodrigo Júnior (João Batista Carvalho Oliveira) desde o início instou Helena a que evitasse o verso alexandrino. Grande incentivador de talentos (entre eles, além de Helena, Dalton Trevisan) e promotor cultural, Rodrigo Júnior apresenta *Paisagem interior* quase como uma tela executada por uma verdadeira técnica em pintura:

Cinco versos, apenas cinco versos, de um sintetismo, uma limpidez, uma perfeição clássicas! E de uma beleza moral, no fundo, admirável! Helena Kolody é um espírito independente em arte, não se apegando a cânones estéticos, não se submete à imposição de preceitos ou regras escolásticas. É que a sua argúcia aquilina compreendeu, de certo, que, tanto o modernista, como o post-modernista, se possuidores de legítimo talento, já conseguiram libertar-se das etiquetas e dos formulários<sup>191</sup>.



Nas paredes da sala de visitas, há três iluminuras de Carlos Garbaccio, artista italiano que pintou a catedral de Curitiba. Três pinturas do renomado pintor Guido Viaro ilustram os três haicais das iluminuras. Os três quadros foram presenteados pelas alunas do Instituto de Educação, quando Helena Kolody completou 50 anos. Outro quadro na mesma sala, de autoria de Odete de Melo e Silva, assistente do Guido Viaro, foi inspirado em um poema de Helena Kolody sobre suas sobrinhas. Há, ainda, duas gravuras do, não menos renomado, artista plástico Poty Lazzarotto, "Solidão" e "Procição", um feito em uma tampa de caixa de sapato. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

<sup>191</sup> OLIVEIRA, João Batista Carvalho (Rodrigo Júnior). *Diário da Tarde*, Curitiba, 21 jan 1942. p. 4.



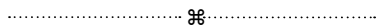
Busto de Emiliano Pernetá, localizado no hall de entrada da sede do centenário Centro de Letras do Paraná. Emiliano Pernetá é um dos grandes nomes do Simbolismo Brasileiro e, ao lado de Euclides Bandeira, fundou em 19 de dezembro de 1912 o Centro de Letras do Paraná. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

O crítico literário Jorge Moreira Nunes dedica-lhe uma coluna destacando as potencialidades e singularidades da escritora que fascina seus interlocutores até hoje:

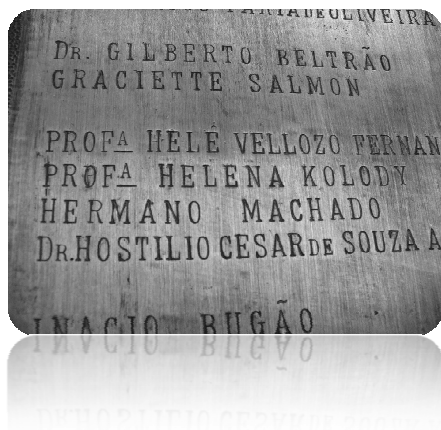
Não me lembro agora quem foi, mas alguém já disse que basta um único verso para revelar um poeta. Em *Paisagem interior* há não apenas muitos versos, mas inúmeros poemas que revelam um poeta verdadeiro, alguém que tem algo para dizer, e não um mero arrumador de estrofes e palaviado oco. Muitos deles são definitivos.<sup>192</sup>

Fanny Luíza Dupré, também poeta, também haicaísta, evoca sua personalidade vibrátil:

Vive e vibra a grandiosa e profunda poetisa patrícia, reflexo de uma superior intelectualidade, em *Paisagem interior* e *Música submersa*. Soube expressar o pensamento, com maestria, nos mais belos poemas, em versos que confirmam incontestável valor artístico.<sup>193</sup>



Placa em bronze, afixada no hall de entrada da sede do Centro de Letras do Paraná. Datada em 29 de março de 1953, ano do centenário paranaense e aniversário de Curitiba, elenca os Sócios Beneméritos da instituição, entre eles, Helena Kolody. O Centro de Letras do Paraná tem sido, ao longo de seus cem anos, a principal agremiação da vida literária paranaense. A propósito, Helena Kolody integrou inúmeras entidades culturais e literárias. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



<sup>192</sup> NUNES, Jorge Moreira. Fala um leitor. *Unidade* (Revista), Rio de Janeiro, 1942. p.11.

<sup>193</sup> DUPRÉ, Fanny Luísa. Helena Kolody. *Tapejara*, Ponta Grossa, jan. 1953, ano III, n. 9, p. 15.

Helena lembra, em entrevista a Valfrido Piloto<sup>194</sup>, que desde o início encontrou estímulo e apoio, muito embora os poetas da “velha guarda” daquele tempo lamentassem sua paulatina libertação do metro e da rima, o que, de certa forma, a princípio muito a incomodou. Naquela época, ainda imperava o soneto. Entre seus primeiros incentivadores, destaca as amigas Helvídia Leite e Iva Mendes. Mais tarde, a escritora Ilnah Secundino, fundadora do Centro Paranaense Feminino de Cultura em 1933, em cuja casa sempre se reuniam os intelectuais, entre outros, Heitor Stokler, Eolo Cesar de Oliveira, Rodrigo Júnior. Mas, efetivamente, a crítica construtiva de Andrade Muricy foi sempre a mais lembrada por Helena Kolody em inúmeras entrevistas e depoimentos.

Recebeu o aplauso e a orientação de Andrade Muricy, que embora radicado no Rio de Janeiro, sempre atuou intensamente nas esferas culturais do Paraná. Helena era muito amiga das irmãs mais novas do crítico e, por diversas vezes, as visitou no Rio, acompanhada pela mãe, Victoria. Sua criteriosa palavra de teórico da literatura muito a ajudou. Foi ele quem lhe chamou a atenção para o seu espírito de síntese, de brevidade, ressaltando que seus melhores poemas eram os pequenos, que nos poemas curtos Helena chegava mais a seu objetivo. “Isso serviu para me abrir os olhos para uma qualidade que eu não sabia que tinha”.<sup>195</sup>

Foi através de um livro de Andrade Muricy, *A nova literatura brasileira* (1936), que Helena descobriu Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade... escritores que marcam indelevelmente qualquer leitor sensível, com quem, inclusive, trocou correspondência e afagos. Lembrar que, até então, via de regra, a escritora tivera contato apenas com autores considerados parnasianos e simbolistas (lembrar, como já citamos anteriormente, a força do movimento simbolista no Paraná<sup>196</sup>, notadamente em Curitiba). A assunção do “des-locamento” em relação a “con-contração” das atividades literárias no Rio de Janeiro e São Paulo atua como catalisadora de algumas questões fundamentais para delimitar sua identidade sem fronteiras.

Ser poeta fora do eixo Rio-São Paulo... Agora não sei, porque estou afastada, na posição de quem observa. Mas antes eu sentia uma tendência para se passar por cima do Paraná e tudo ia parar direto no Rio Grande do Sul. Aqui éramos sempre esquecidos. Até quando fazem previsão do tempo na tevê, ignoram a gente, talvez seja porque o Paraná antigamente fazia parte de São Paulo, não tinha autonomia, ou então, isso é resultado dos próprios paranaenses que não se prestigiam. O doutor David Carneiro foi muito censurado por ter feito uma espécie de psicologia do paranaense e averiguar que nós não damos valor ao que fazemos. Certamente isso está mudando, mas antes, só tinha valor o que vinha de fora. Não havia olhos para os daqui, sempre vistos pelos defeitos que apresentavam.<sup>197</sup>

Toda poesia de Helena Kolody é delicadeza, sensibilidade e arte. Arte pura, simples, que transcende e que cria vida na espontaneidade dos versos, cheios de observações. Aí a superioridade de sua arte: cantar a vida em todos os seus múltiplos aspectos com elegância, sobriedade e, traço característico de sua personalidade artística: simplicidade. Curiosa é a sensibilidade com que cercou a sua vida; como ela mesma o diz em seu “Rio de Planície”: “Minha vida é um largo rio de águas mansas/ – vida sem ilusões, nem esperanças – /rio de planície ignorada; rio, cujas águas/passarão sem deixar memória/ da sua silenciosa trajetória”.<sup>198</sup>

<sup>194</sup> RUMO Paranaense, Curitiba, ano II, n. 35, Nov. 1976.

<sup>195</sup> VENTURELLI, Paulo. *Helena Kolody*. Op. cit., p. 20.

<sup>196</sup> Ver BROCA, Brito. *A vida literária no Brasil: 1900*. Op. cit., p. 189.

<sup>197</sup> VENTURELLI, Paulo. *Helena Kolody*. Op. cit., p.31.

<sup>198</sup> Ver: KOLODY, Helena. *Paisagem interior*. Op. cit., p. 33.



## PAISAGEM INTERIOR

Com agradecimento pelo exemplar com que fui contemplado, venho trazer parabens á distinta poetisa Helena Kolody pelo seu PAISAGEM INTERIOR. Muitos dos poemas já me eram conhecidos, sendo que de alguns guardára lembrança a título de obras-primas; encantou-me, porém, reencontrá-los agora no formoso volume, ao lado de outros igualmente característicos, <sup>na</sup> amplitude da técnica modernista, atributos específicos da psiquê eslava. Reporto-me, no ponto, a Atavismo, que é auto-biografia espiritual, e onde a autora, evocando os antepassados das stepes, sente recordada em seu sangue "a tara da saudade."

Exatamente os atributos raciaes, refletidos na idealização artística, é que singularizam Helena Kolody em nosso cosmos literario, mais propenso ás paisagens exteriores nas quaes, torturadas embora as figuras, por mais lugubres as charnecas e mais agoniados os horisontes, em alguma nuança da perspetiva ha sempre um raio de sol. A riqueza da paleta desta pintora de estados d'alma, é apreciavel; dahi o colorido apropriado ás telas grandiosas (Genes, Mundos, Identificação, Elogio do poeta, Paisagem Interior, As obras de misericórdia, A Tristeza da Mão, Bonança, Vigília...) e ás aquarelas amenas. De notar a delicadeza das tintas, mesmo nos pequenos quadros de estudos psiquicos com vehemencia de ancelos, sonhos e fantasias. É possível o engano, mas penso que PAISAGEM INTERIOR trouxe algumas vibrações novas ao rimario feminino paranaense.

Com muito apreço

Euclides Bandeira.



Há, na vida da escritora, um desprendimento completo pelo alarido e pelo fústico da existência; sua vida sempre foi pautada por um comportamento reservado e longe dos holofotes. Desde muito menina, foram inúmeros os problemas de saúde que a acometeram, com cerca de cinco anos contraiu a gripe espanhola<sup>199</sup>. Sofreu, ainda, de artrose, doença ciática, visícula biliar, erisipela, catarata, problema de garganta, nas cordas vocais... no entanto era alegre, expansiva, gregária...

### Influenza pelo Dr. Nilo Cairo

...o começo da molestia é ordinariamente brusco. Em geral os typos classicos da influenza começam por uma “febre” bastante forte, depois de repetidos “arrepios” de frio, violenta “dor de cabeça”, grande prostração geral, e muito frequentemente “dores” bastante intensas das “costas e das cadeiras”. A prostração é algumas vezes tão profunda que pessoas bem robustas são obrigadas a se meter na cama. Outras vezes se observam symptomas nervosos, excitação e delirio ... Aponta-se também como symptoma característico da influenza, um “peso doloroso nos olhos”, que se produz principalmente quando o doente move com os olhos.

*Diário da Tarde*, 11 de novembro de 1918<sup>200</sup>

..... 96 .....

Reprodução: relatório publicado no livro *O mez da gripe*, de Valêncio Xavier, p. 74. Nele é possível constatar o alcance e poder arrasador da chamada gripe espanhola. O quadro mostra que, no ano de 1918, o do pico da doença, Curitiba tinha 73 mil habitantes, dos quais mais de 45 mil foram infectados e adoeceram. Chama a atenção também que dos 1466 óbitos, 384 foram decorrentes da gripe.

#### OS MORTOS DA GRIPPE

| ANNO DE 1918<br>POPULAÇÃO DE CURITYBA E SUBURBIOS = 73.000 HABITANTES |                  |                 |        |                  |      |       |
|---|------------------|-----------------|--------|------------------|------|-------|
| DISTRICTOS  | NASCI-<br>MENTOS | CASA-<br>MENTOS | OBITOS | OBITOS POR GRIFE |      |       |
|   |                  |                 |        | NOV.             | DEZ. | TOTAL |
| CURITYBA  | 1.629            | 137             | 1.261  | 254              | 67   | 321   |
| S. CASEMIRO   |                  |                 |        |                  |      |       |
| DO TABOÃO   | 240              | 71              | 59     | 7                | 2    | 9     |
| NOVA  |                  |                 |        |                  |      |       |
| POLODIA   | 127              | 16              | 34     | 3                | 2    | 5     |
| PORTÃO  | 248              | 59              | 112    | 31               | 18   | 49    |
| TOTAL GERAL   | 2.244            | 283             | 1.466  | 295              | 89   | 384   |

DOENTES DE GRIFE = 45.249  
PORCENTAGEM DE OBITOS = 0,84%

RELATÓRIO DO SR DR. TRAJANO REIS  
DIRECTOR DO SERVIÇO SANITÁRIO  
CURITYBA 1919

<sup>199</sup> A gripe espanhola – como ficou conhecida devido ao grande número de mortos na Espanha – surgiu em duas ondas diferentes em 1918. Na primeira, em fevereiro, embora contagiosa, era uma doença branda, controlável. Já na segunda, em agosto, tornou-se mortal e devastou o mundo inteiro. No Brasil, a epidemia chegou no final de 1918, por marinheiros que prestavam serviço militar em Dakar, África, e desembarcaram doentes no porto de Recife. Em pouco mais de duas semanas, surgiram casos de gripe em outras cidades do Nordeste e daí rapidamente se espalhou pelo país. As estimativas do número de mortos em todo o mundo durante a pandemia de gripe em 1918-19 variam entre 20 e 40 milhões (informações obtidas no site da Fundação Oswaldo Cruz – FIOCRUZ – [www.fiocruz.br](http://www.fiocruz.br)).

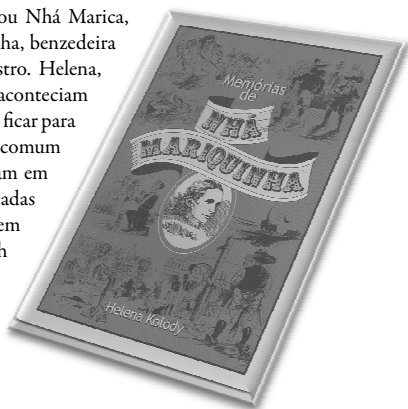
<sup>200</sup> Em XAVIER, Valêncio. *O mez da gripe*. Curitiba: Fundação Cultural, Casa Romário Martins, 1981, p. 45.

Dáí talvez a introspecção, o subjetivismo e a grande compreensão das imperfeições humanas, e, consequentemente, a tolerância para tudo e a bondade com todos que a procuravam. Em junho de 1943, por exemplo, para curar-se de problemas respiratórios, submeteu-se a um tratamento médico com a água sulfurosa da Fonte Santa Terezinha, em Castro.

“No dia 28 de setembro p. p. foram iniciados, no terreno da Fonte de Santa Terezinha, os trabalhos de construção do primeiro balneário paranaense. A importância desse empreendimento, que devemos a operosidade do Dr. Sousa Brasil, achamos desnecessário salientar, já é uma cidade ideal para repouso, com um clima e uma natureza adoráveis, será de futuro o ponto escolhido pelos paranaenses abastados, par sua estação de repouso e de águas. *Castro Jornal*, acoroçoando as iniciativas que visam o progresso de nossa terra, foi o primeiro a noticiar ao Paraná, por intermédio dos jornais de Curitiba, a alvisareira notícia.”<sup>201</sup>

Acompanhada pelas irmãs Olga e Rosinha, hospedaram-se na casa de Maria das Dores Barbosa, mais conhecida como Nhá Mariquinha ou Nhá Marica, avó de duas amigas de Helena: Elcídia e Judith. Nhá Mariquinha, benzedeira e contadora de “causos”, era pessoa muito conhecida em Castro. Helena, discretamente, decidiu tomar nota de tudo. Os relatos da anciã aconteciam a qualquer hora, principalmente perto do fogão, onde gostava de ficar para se aquecer, em especial nas noites de frio. Nesses momentos era comum Helena recitar suas poesias. A visita e as entrevistas se repetiram em janeiro de 1944. Estas histórias renderam um livro publicado décadas depois, em 2002, *Memórias de Nhá Mariquinha*<sup>202</sup>, único livro em prosa de Helena Kolody, ressalte-se, prosa muito poética. Judith Carneiro de Mello, até há poucos anos diretora do Museu do Tropeiro, em Castro, patrocinou a publicação da obra – mais que relicário de família. O belo casarão que hospedou a escritora pertencia ao então Prefeito de Castro, Vespasiano Carneiro de Mello, pai de Elcídia e Judith. A respeito da “obra”, cerca de dez anos antes da publicação, Helena comenta:

... então enquanto eu fazia o tratamento com aquela água, ela ia me contando a vida dela e eu fui escrevendo tudo, porque ela tinha vivido coisas saborosíssimas, coisas do tempo antigo. As minhas amigas guardaram aquilo e repassam entre si. Na verdade, não é uma obra literária, é apenas um levantamento de uma época e de uma vida.<sup>203</sup>



O mês de junho de 1943 levou Helena Kolody para Castro, Paraná, em busca de tratamento médico com a água sulfurosa da Fonte Santa Terezinha. Entrevistas com Maria das Dores Barbosa, conhecida como Nhá Mariquinha, renderam um livro, *Memórias de Nhá Mariquinha*. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

<sup>201</sup> CASTRO JORNAL, 4 de outubro de 1931. Em *Jornal da Manhã*. Ponta Grossa, 21 de julho de 2010. Castro News (suplemento). p. D16.

<sup>202</sup> Tiragem de 500 exemplares.

<sup>203</sup> KOLODY, Helena. *Helena Kolody*. Série Paranaenses. 1995. p. 26.

Muito embora, a escritora Doris Lessing tenha declarado, certa vez, que a ficção trabalha melhor a verdade do que a simples reminiscência<sup>204</sup>, não há como ler a poesia de Helena Kolody apenas com a lente da abstração, já que sua lista de ingredientes não economiza contornos e características dos quais, visceralmente, ela faz parte.

Seus primeiros livros incluem poemas mais longos e influências que determinaram um tipo de ritmo preso ao tratamento do metro fixo, razão pela qual Helena Kolody refez alguns de seus primeiros textos, com vistas à edição de *Viagem no espelho*, buscando maior leveza e concisão. É fácil perceber o sentido da retomada dos versos pelo conceito de poesia defendida por Helena Kolody: “poesia é um jogo difícil, ainda que tenha momentos lúdicos de prazer. É como o que você não consegue armar, não consegue vencer. Às vezes não era aquela que você quer. Então eu burilo, trabalho, suou, para chegar onde quero”<sup>205</sup>.

Tasso da Silva também ressaltará em Helena Kolody “o amor profundo ao vocábulo. Porque o vocábulo é o plasma virgem em que o poeta modela seu mundo de beleza... Mas que pretende Helena Kolody com esta poesia sem artificios, sem palhaçadas, sem enigmas pitorescos, sem charadas novíssimas, – no momento em que tudo isso é que constitui poesia no Brasil? Mas que pretende Helena Kolody com essa poesia feita de experiência real, de comoção verdadeira, de substância eterna de vida, – deste momento brasileiro de poesia “inventada”? Ele percebe em *A sombra no rio* “a poesia feita de experiência real de comoção verdadeira de substância de eterna vida.”<sup>206</sup>

Seu poema “Renúncia” resume bem como Helena lidou com a questão amorosa. No dia 9 de abril de 1945, Olga Kolody e o astrônomo chileno Carlos Muñoz Ferrada casaram-se, na casa da Rua Carlos de Carvalho, no mesmo dia em que Helena Kolody noivou com o também escritor Herbert Munhoz van Erven (1908-1985). O noivado foi desfeito dois meses depois, já que a escritora entendeu que a vida boêmia de Herbert poderia “transformar o encanto do sentimento em decepção e amargura”<sup>207</sup>. Consta, foi seu único amor. Herbert era militar. Autor de diversos trabalhos sobre a história regional, biografias e ensaios sobre literatura. *Poemas do amor impossível* tem versos que, segundo o editor Roberto Gomes, a poeta teria dedicado à grande paixão de sua vida<sup>208</sup>.

Olga Kolody e seu marido, o professor e astrônomo chileno Carlos Muñoz Ferrada. A fotografia pertence ao acervo de Olga Kolody Muñoz Ferrada, irmã de Helena, autora desconhecida. Por conta do casamento e das atividades de Carlos, Olga morou durante algum tempo no Chile, outro, no México, e esteve algumas vezes nos Estados Unidos. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Reprodução: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Estação Ferroviária, Castro, Paraná. Na primeira metade do século XX, a estação ferroviária era a porta de entrada e saída de muitas pessoas adoentadas, a exemplo de Helena Kolody, que vinham atrás das águas medicinais da Fonte Santa Terezinha. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



<sup>204</sup> Conforme KAKUTANI, Michiko. Lessing looks back on shadows and parents. *The New York Times*, 5 ago 2008. Disponível em: <www.nytimes.com/2008/08/05/books/05kaku.html?ref=dorislessing>. Acesso em: 31 jan 2012.

<sup>205</sup> KOLODY, Helena. *Helena Kolody*. Série Paranaenses. 1995. p. 46.

<sup>206</sup> SILVEIRA, Tasso da. Pura poesia e crítica impura. *A estante*, Revista Brasileira de Bibliografia e Cultura. Rio de Janeiro, n. 1, julho 1952. p. 10.

<sup>207</sup> WOELLNER, Adélia Maria. In: “A voz da mulher na literatura”. *Revista de Literatura, História e Memória: Narrativas da memória – o discurso feminino*. v. 3. n. 3. Cascavel: UNIOESTE, 2007.

<sup>208</sup> GAZETA DO POVO, Caderno G, 10 março 2003, p. 1.



O belo casarão – que hospedou Helena Kolody na década de 1940 – pertencia ao então prefeito de Castro, Vespasiano Carneiro de Mello, e localiza-se à Rua Dr. Jorge Xavier da Silva, 81, antiga Rua das Tropas, Castro, Paraná. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Placas que situam a Rua Dr. Jorge Xavier da Silva, antiga Rua das Tropas, bem no centro de Castro, Paraná. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Porque fujo de ti, dizes que sou covarde.  
Não percebes, então, a excessiva bravura  
que é preciso empregar por fugir-se à ventura,  
quando em sede de afeto o coração nos arde?

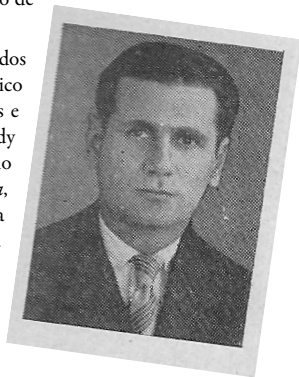
Heróica e silenciosa, ignorada e sem glória,  
a renúncia do amor, é a suprema vitória.<sup>209</sup>

A escritora, em muitas oportunidades, enfatiza que, por temperamento muito amoroso, certamente

<sup>209</sup> Renúncia. (In: KOLODY, Helena. *Caixinha de música*. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura do Paraná, 1996. p. 19).

teria se dedicado inteiramente à família se tivesse casado. “Tenho certeza que Deus me queria poeta e eu canalizei toda esta energia para o escrever... quer dizer, a vida amorosa, para mim, ficou fazendo parte de um sonho.”<sup>210</sup> Por diversas vezes mencionou o sonho de ser mãe que acabou por sublimar no amor às suas centenas de alunas.

Este, provavelmente, pudesse ser elencado como um dos argumentos mais contundentes para explicar o profícuo e rico relacionamento por correspondência com escritores, críticos, leitores e amigos. Com data de 29 de março de 1946, por exemplo, Helena Kolody recebe de Carlos Drummond de Andrade um agradecimento: “Venho agradecer a amável oferta de um exemplar de seu livro *Música submersa*, onde fui encontrar, com alegria, poemas como “Fio d’água” e “Pereira em flor”, em que à expressão mais simples e discreta se alia uma fina intuição dos “imponderáveis” poéticos. Realmente, o processo que torna Helena Kolody a poeta da pureza e da simplicidade associadas à síntese do haicai pode ser acompanhado nos versos que foram destacados por Drummond.



O escritor e militar Herbert Munhoz van Erven (1908-1985) foi noivo de Helena Kolody por dois meses em 1945. Segundo consta, foi seu único grande amor. Fotografia (de autoria desconhecida) reproduzida da orelha do livro *A emoção e o ritmo na arte e no estilo de Jaime Balão Júnior*, de autoria de Herbert Munhoz van Erven, publicado em 1963.

Fio d’ água

Não quero ser o grande rio caudaloso  
Que figura nos mapas.

Quero ser o cristalino fio d’ água  
Que canta e murmura na mata silenciosa.

Pereira em flor

De grinalda branca,  
Toda vestida de luar,  
A pereira sonha.

<sup>210</sup> KOLODY, Helena. *Helena Kolody*. Série Paranaenses. 1995, p. 36.

Rio de Janeiro, 29 de março de 1946.

A poetisa Helena Kolody,

Venho agradecer a amável oferta de um exemplar de seu livro "Música submersa", onde fui encontrar, com alegria, poemas como "Fio d'água" e "Ferreira em flor", em que à expressão mais simples e discreta se alia uma fina intuição dos "imponderáveis" poéticos.

Cordialmente,

*Carlos Drummond de Andrade,*

Rua Joaquim Nabuco, 81

..... ❧ .....  
Helena Kolody manteve intensa correspondência com escritores e amigos. A carta recebida de Carlos Drummond de Andrade foi guardada pela escritora como verdadeira relíquia, e destaca seu talento principalmente nos poemas sintéticos, microformato cada vez mais em voga. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada.

*Carlos Drummond de Andrade,*



Rio, 28 de junho de 1946

Helena Kolody : são muito agradáveis os  
propósitos expressos em tua última carta,  
e desejo-lhe pleno êxito.

Em agosto, parece que irei ao Paraná, por  
duas conferências, segundo me acaba de  
comunicar o Dr. Muniz.

Espero, nestas férias, ter o prazer de co-  
nhecê-la e de conversar com calma  
sobre esses assuntos.

Bons votos de

Cecília Meireles —



Além do relacionamento com Carlos Drummond  
de Andrade, Helena Kolody manteve também  
correspondência com a escritora Cecília Meireles.  
Carta datada de 28 de junho de 1946. Acervo: Olga  
Kolody Muñoz Ferrada.

Cecília Meireles —

Pouco depois, a 28 de junho de 1946, e do mesmo Rio de Janeiro, na época Capital Federal, chega correspondência de Cecília Meireles: “Helena Kolody: são muito razoáveis os propósitos expressos em sua última carta, e desejo-lhe pleno êxito. Em agosto, parece que irei ao Paraná, para duas conferências, segundo me acaba de comunicar o Dr. Muricy. Espero, nessa ocasião, ter o prazer de conhecê-la e de conversar com calma sobre esses assuntos”. O encontro acabou não acontecendo conforme demonstra outra carta de Cecília Meireles para Helena Kolody, datada em 25 de dezembro de 1946: “Cara Helena Kolody: acabo de receber seus votos de Boas Festas, os mesmos que lhe faço com fervoroso carinho. Foi pena não nos termos encontrado este ano, mas decerto nos encontraremos breve, e então conversaremos sobre essas coisas de espírito a que se dedicam as nossas vidas. Sempre que houver rosas, dê-lhes lembranças minhas. E, quando escrever seus poemas, pense que eu os lerei como se contemplam rosas”. Elas nunca se encontraram pessoalmente. Certa vez, em uma visita ao Rio de Janeiro, Helena a viu em uma livraria, invariavelmente discreta, não teve coragem de se aproximar.

Quando se aposentou, Helena já havia publicado cinco livros: *Paisagem interior* (1941), *Música submersa* (1945), *A sombra no rio* (1951), *Trilogia* (Separata da antologia *Um século de poesia*, lançada pelo Centro Paranaense Feminino de Cultura – 1959) e *Poesias completas* (reunindo seus três primeiros livros – 1962), este último publicado por seus alunos em homenagem a seus 50 anos. *Paisagem interior* classifica-se em segundo lugar no Concurso de Poesia promovido pela Sociedade de Homens de Letras do Brasil, sediada no Rio de Janeiro. *A sombra no rio* recebeu o terceiro lugar no Concurso de Livros do Centro de Letras do Paraná e o Prêmio Ismael Martins; foi publicado em 1951 pelo Centro de Letras do Paraná.

Justamente no período posterior ao último livro inédito, já que os dois últimos são novas edições dos anteriores, um intervalo de silêncio se fez, ficou de 1951 a 1964 sem escrever. Treze anos sem escrever uma linha. O que acabou servindo de divisor de sua obra em duas fases bem nítidas: a primeira mais lírica e a segunda, mais filosófica. “Eu não escrevo quando quero, não procuro a poesia, é ela que me procura. Para mim a poesia é um estado de graça, quando vem a inspiração, fico aérea, vivo um sonho de palavras. Não tem hora para acontecer, de repente começo a sonhar em palavras. Aí tenho que estar disponível, sozinha, e tenho que escrever, senão o poema se perde. Posso dizer que nestes momentos estou em estado de graça”<sup>211</sup>.

Autocrítica e muito sensível à crítica, Helena colecionou meticulosamente, durante a vida toda, as matérias publicadas a seu respeito; as primeiras, as mais significativas e algumas cartas compõem álbum organizado por ela. Para que se perceba o nível de importância dada às críticas a seu trabalho, por causa de alguns comentários, abalada, deixou, por exemplo, de compor haicais por anos. Só voltou ao caminho do haikai por incentivo do escritor Paulo Leminski, estudioso do gênero.

“Sou tão sensível à crítica que, muitas vezes, por causa de certas coisas que foram ditas, deixei de fazer haikai. Eu não confio em mim, não tenho segurança no que faço. Ainda hoje. Veja, não sei quem foi, mas alguém falou que *Ontem, agora* é um livro de circunstância. Eu já fiquei com medo de voltar a escrever. Só fiz o *Reika* porque eles me deram o título daí eu tinha uns poemas prontos e me animei a criar outro livro. Mas fico retraída, pensando sempre que está na hora de parar.”<sup>212</sup>

<sup>211</sup> HELENA de Curitiba. Direção: Josina Melo. Edição: Fernando Severo e Josina Melo. Curitiba: Josina Melo Produções, mar. 2005. 32 min. VHS.

<sup>212</sup> KOLODY, Helena. *Helena Kolody*. Série Paranaenses. 1995. p. 43. Quando concedeu esta entrevista para Paulo Venturelli, Helena Kolody contava 82 anos. *Ontem, agora* foi publicado, em 1991, por insistência de Regina Benítez, ex-aluna de Helena Kolody e, na época, responsável pelo Setor de editoração da Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, que publicou a obra.

Rio, 5 de Março de 1952

Helena Kolody = depois de tanto silêncio,  
foi uma grande alegria ter notícias suas  
com "A Sombra no Rio". Muito sentido,  
o seu livro; muito melancólico — mas que  
é a poesia seu sentido melancolia?  
Espero ter mais notícias, em novos  
versos. Fato sempre de união, e a-  
fidega-lhe que não se esqueça de mim.

Um carinhoso abraço

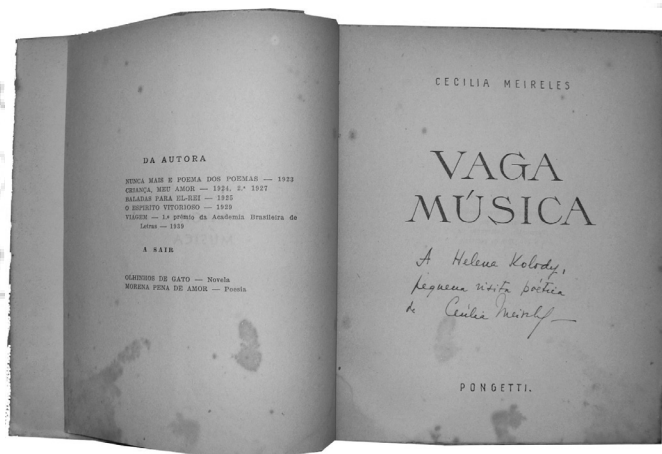
de  
Cecília Meireles —

Carta de Cecília Meireles, datada de 5 de março de 1952, em resposta ao recebimento do livro *A sombra no rio*, de Helena Kolody. De Walmir Ayala (Rio de Janeiro, *Jornal do Commercio*, 30 de janeiro de 1962), passando por Raul Gomes (Curitiba, *Diário Popular*, 17 de junho de 1979), Aramis Millarch (Curitiba, *O Estado do Paraná*, 23 de março de 1988), Paulo Leminski (São Paulo, *Folha de S. Paulo*, 25 de junho de 1988), João Manuel Simões (Curitiba, *O Estado do Paraná*, 1º de fevereiro de 1989), Paulo Venturelli (*Helena Kolody*, Ed. UFRP, 1995) e Miguel Sanches Neto (Curitiba, *Gazeta do Povo*, 8 de abril de 2008), foram muitos os escritores que leram Cecília Meireles e Helena Kolody. Ambas simbolistas por formação. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



.....✿.....

Cecília Meireles. Fotografia  
Disponível em:[http://sirius.  
bookmarc.pt/bn2/index.  
php/arquivo/283-antonio-  
osorio.html](http://sirius.bookmarc.pt/bn2/index.php/arquivo/283-antonio-osorio.html)>. Acesso em: 5 de  
dezembro de 2009.



O exemplar de *Vaga música* foi encaminhado por Cecília Meireles, sua autora, com a seguinte dedicatória: "A Helena Kolody, pequena visita poética de Cecília Meireles". Desta edição, de 1942, foram impressos apenas 200 exemplares, não comercializados. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Envelope de carta remetida por Cecília Meireles para Helena Kolody. A casa onde morou a poetisa Cecília Meireles pertence à sua família até hoje e é administrada por seu neto, Alexandre Teixeira. O casarão da Rua Smith de Vasconcelos 30, no Cosme Velho, Rio de Janeiro, sofre um processo de restauração e passará a abrigar um centro literário ou cultural. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



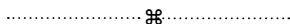
Entre os livros separados por Helena Kolody para ocupar a pequena estante de seu quarto, destacam-se os de Cecília Meireles, sua maior devoção literária: *Ruy*; *Romanceiro da Inconfidência*; *Vaga música*; *Metal Rosier*; *Cântico*; *Escolha o seu sonho*; *Mar absoluto e outros poemas*; *Antologia poética*; *Poemas escritos na Índia*; *Solombra*; *Doze noturnos da Holanda* & *O aeronauta*; *Canções*; *Viagem*. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Alice Ruiz e Helena Kolody foram homenageadas pela comunidade nipo-brasileira em outubro de 1993. Foto Disponível em: <[www.aliceruiz.mpbnet.com.br](http://www.aliceruiz.mpbnet.com.br)>. Acesso em: 3 nov 2009.



Paulo Leminski "canonizou" Helena Kolody. Em artigo publicado no jornal *Gazeta do Povo*, em 26 de junho de 1985, Leminski abaliza *Sempre palavra* e toda obra anterior de Helena com seu belíssimo "Santa Helena Kolody". O texto foi repetido, com alterações, na *Folha de S. Paulo*, de 25 de junho de 1988. Apesar do, quase, anonimato por anos, com o gesto fundador de Leminski, Helena Kolody virou moda. Foto: Nani Gois. Disponível em: <http://educarparacrescer.abril.com.br/leitura/catatau-403262.shtml>>. Acesso em: 6 jun 2010.



Segundo o escritor Miguel Sanches Neto<sup>213</sup>, é a partir de Leminski que Helena Kolody sofre um processo de positivação nas letras paranaenses e brasileiras. "Ela é em si um poema como ser humano, dessas raras pessoas que fizeram do ofício de viver uma arte", queda-se por inteiro o jornalista, escritor e editor do jornal *Nicolau*, Wilson Bueno. Com Helena, segundo o jornalista Zeca Corrêa Leite, "surge uma das mais límpidas poesias do Brasil de hoje. Poesia extremamente comprometida com a vida, porque a poeta é a vanguarda da vida"<sup>214</sup>.

Quanto ao processo de criação, a professora de Biologia expõe: "Escrevo por prazer. Às vezes, meus poemas afloram por inteiro. São os que chamo vivíparos (olha aí o meu vocabulário de professora de Biologia...) E são os melhores e geralmente estavam hibernando dentro de mim. Outros podem levar até dois anos para serem gestados, os poemas ovíparos, é só um núcleo que amadurece lentamente."<sup>215</sup> Tudo o que Helena diz é poesia, quer pela forma rica e imprevisível, quer pela densidade da emoção, quer pela sutileza da intuição, ou ainda pela raridade da observação.

Sempre madrugada

Para quem viaja ao encontro do sol,  
É sempre madrugada.<sup>216</sup>

<sup>213</sup> Depoimentos de Miguel Sanches Neto e Wilson Bueno em: HELENA de Curitiba. Direção: Josina Melo. Edição: Fernando Severo e Josina Melo. Curitiba: Josina Melo Produções, mar. 2005. 32 min. VHS.

<sup>214</sup> Helena Kolody: 80 anos de poesia; Zeca Corrêa Leite. *Folha de Londrina*, 11 de outubro de 1992.

<sup>215</sup> Helena Kolody, disponível em: <<http://polacadabarreinha.blogspot.com/2005/10/helena-kolody>>.

<sup>216</sup> Poema citado por Helena como exemplo de "vivíparo". (In: KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 48).

## Dom

Deus dá a todos uma estrela.  
Uns fazem da estrela um sol.  
Outros nem conseguem vê-la.<sup>217</sup>

“Dom” é um de meus poemas mais citados. Quando este poema nasceu, era só o primeiro verso. Dormiu dois anos na minha “gaveta de sapateiro”<sup>218</sup>, onde guardo alguma ideia que aparece. Guardei e esqueci. Quando mais tarde, eu o retomei, percebi o que estava evidente: nem todos vêem a sua estrela. Então trabalhei na ideia. E acabei fazendo o segundo verso assim: uns fazem dela..., mas não gostei do “faz dela”. Precisava experimentar outras fórmulas e cheguei a este resultado que é o poema que temos hoje. Mas eu nunca fico satisfeita com o que faço e estou sempre aprimorando. Às vezes, volto a formas antigas para me experimentar. A gente nunca pode escolher o velho ditado: “o diabo tanto mexeu no olho do filho que até furou”.<sup>219</sup>

Para Helena, o nascimento de um poema vem da inspiração, de um momento, de um estado de poesia. A maior parte de sua obra foi produzida na escuridão da noite. Por isso, tinha como companheiros de cabeceira um bloco de anotações e uma caneta. Segue-se o burilamento, procedimento que antes não adotava. O seu burilar significa, principalmente, cortar, o que sempre exige o debruçar-se sobre rascunhos. Muitos poemas antigos foram reduzidos, reescritos, decantados. Ao mesmo tempo, a escritora observa que a poesia, paulatinamente, surge-lhe cada vez mais enxuta, mais essencial. Então, acredita que apenas o momento inicial seja o da inspiração, do arrebatamento. Por conseguinte, adquiriu aos poucos a consciência da responsabilidade que a palavra gera, de seu alcance incalculável, de como ela pode deixar marcas indeléveis na inteligência e na sensibilidade dos outros.

Um exemplo dessa possibilidade é contado por Helena diversas vezes. É o caso de uma ex-aluna que deixou de cometer o suicídio depois de ler um poema de Helena num livro que lhe presenteara. Depois do acontecido, Helena confessa que sempre procurou escrever com o maior cuidado, pensando na repercussão de seu trabalho no leitor de seus versos. O poema “Prece”, que “salvou” a ex-aluna, é reconhecido pela grande amiga Diva Torres Weber<sup>220</sup> como versos que personificam com rigor a própria escritora. Após curar-se da depressão, a própria ex-aluna levou o poema e a história à direção da igreja católica; Dom Manuel da Silveira d’Elboux, arcebispo de Curitiba, legitimou a, hoje de fato, “prece” com o *imprimatur*.

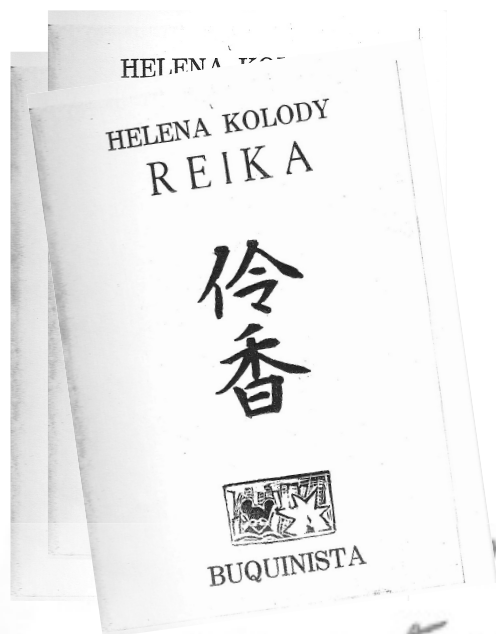
<sup>217</sup> Poema citado por Helena como exemplo de “oviparo”. (In: KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 27).

<sup>218</sup> Segundo Olga Kolody Muñoz Ferrada, “gaveta de sapateiro” era uma expressão muito usada na época para caracterizar aquele lugar, aos moldes de uma literal gaveta de sapateiro, onde se encontra de tudo. A “gaveta de sapateiro” a que Helena se refere fica em seu pequeno escritório.

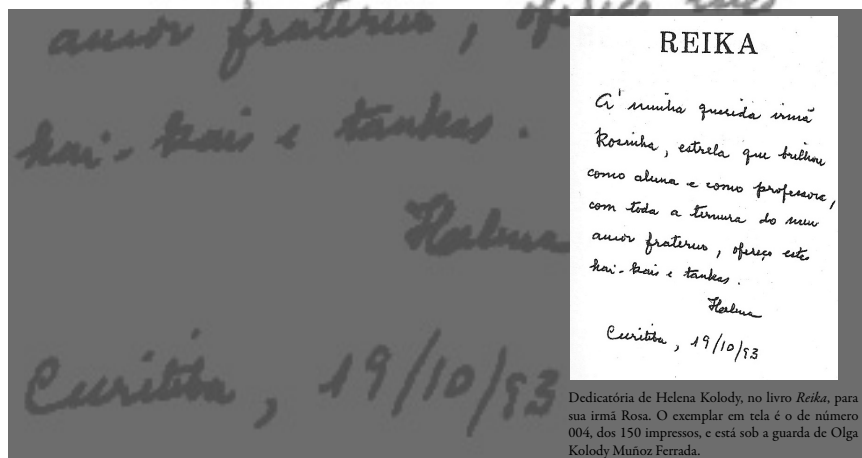
<sup>219</sup> Depoimentos de Helena Kolody extraídos de *Sinfonia da vida*, Op. cit., p. 41; e *Helena Kolody – Série paranaenses*, Op. cit., p. 23-4.

<sup>220</sup> Diva Torres Weber trabalhou com Helena Kolody na Inspeção Federal de Ensino, desde 1959, foi sua amiga por mais de cinquenta anos, hoje atende Olga Kolody Muñoz Ferrada.






Em outubro de 1993, publica-se *Reika*, obra composta por 28 poemas em haicais e tankas, em 76 páginas. Foi uma iniciativa de Nivaldo Lopes, que num trabalho em tipografia manual edita o quinto exemplar da sua editora Ôcios do Ofício, e o terceiro da coleção Buquinista, da Fundação Cultural de Curitiba. As ilustrações da obra são elaboradas pelos artistas Guinski, Denise Roman, Seto e João Suplicy, e a coordenação editorial é de Cassiana Lacerda Carollo. *Reika* tem tiragem única numerada de 150 exemplares e foi uma edição comemorativa dos 81 anos de Helena Kolody nos 300 anos de Curitiba.



Dedicatória de Helena Kolody, no livro *Reika*, para sua irmã Rosa. O exemplar em tela é o de número 004, dos 150 impressos, e está sob a guarda de Olga Kolody Muñoz Ferrada.



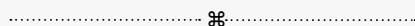
Rosa Kolody (1918-1996). Rosa Kolody, irmã de Helena, foi professora desde os quinze anos. Era, também, bibliotecária formada pela UFRJ. Lá estudou por oito anos, morando na época, no Colégio Angelus (no Flamengo). Fez concurso e foi aprovada para trabalhar na Biblioteca Nacional; quando a mãe ficou doente, pediu transferência para a Biblioteca Pública do Paraná. Organizou o Setor Paranaense da BPP, já em sua moderna sede erigida pelo governador Bento Munhoz da Rocha Neto para as comemorações do centenário do Paraná. Rosinha não se casou. Porta-retrato pertencente a Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



## Prece

Concede-me, Senhor, a graça de ser boa,  
De ser o coração singelo que perdoa,  
A solícita mão que espalha, sem medidas,  
Estrelas pela noite escura de outras vidas  
E tira d' alma alheia o espinho que magoa<sup>221</sup>.

<sup>221</sup> Do livro: KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 184.



Escritório de Helena Kolody, no apartamento da Rua Voluntários da Pátria. As estantes de madeira agrupam inúmeros livros, principalmente de literatura; cadernos, cartas, agendas, a máquina de escrever, recortes de jornais, rascunhos... Na estante ao lado destas, fica a chamada "gaveta de sapateiro", na qual a escritora guardava por uns tempos os textos que não julgava suficientemente bons para virem a público. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Para Leminski, Helena Kolody é o poeta mais moderno de Curitiba. Foi a primeira mulher a publicar haikai no Brasil, segundo ele, o primeiro poeta a fazer haikai no Paraná. Na verdade, em 1941, apenas poucas experiências no gênero foram desenhadas por Guilherme de Almeida. Em entrevista, Helena conta que se interessou pelo gênero através do *Jornal de Letras* e no aprendizado com a haicaísta paulista Fanny Dupré, com quem trocou correspondência e visitas (no livro *Pétalas ao Vento*, de 1949, Fanny dedicou haikai a Helena).

No tempo em que foram vizinhos, Paulo Leminski apresentou à poeta o movimento concretista de Haroldo de Campos por intermédio das revistas do movimento: *Invenção* e *Noígrandes*. Convém relevar este talento de Helena Kolody, já mencionado no começo deste trabalho, de circular, com desenvoltura, entre todas as turmas literárias: os românticos, os simbolistas, os haicaístas, os parnasianos, os modernistas, os espiritualistas, os vanguardistas... o que acontece mesmo após sua morte.

Anos mais tarde, em 13 de junho de 1993, Helena Kolody e a escritora Alice Ruiz – companheira de Leminski durante 19 anos e mãe de seus filhos – foram homenageadas pela comunidade nipônica com o nome de haicaísta. Fato raro, considerando-se o fato de serem ocidentais. Helena, *Reika*, e Alice, *Yuuka*. Conforme explicação de Alice<sup>222</sup>, o *Ka* dos dois nomes significa flor. Os prefixos *Rei* e *Yuu* são adjetivos/virtudes específicas da flor. Ambos apontam para formas de grandeza. Superlativos para quem pratica a *Poesia mínima*. O maior da menor poesia (em sílabas). Rodolfo Guttilla destaca que uma das mais valorizadas qualidades do “haikai à brasileira” é a brevidade. Enfatiza também que, já em seu primeiro livro, Helena apresentou haicais que “denotam apuro formal de quem já dominava as regras abraçadeiras de composição do poemeto”<sup>223</sup>.

<sup>222</sup> RUIZ, Alice. In: KOLODY, Helena. *Sinfonia da Vida*, Op. cit., p. 15.

<sup>223</sup> GUTTILLA, Rodolfo Witzig Haikai, haicais. In: \_\_\_\_\_. (org) *Boa companhia – Haikai*. São Paulo: Copanhia das Letras, 2009, p. 100.



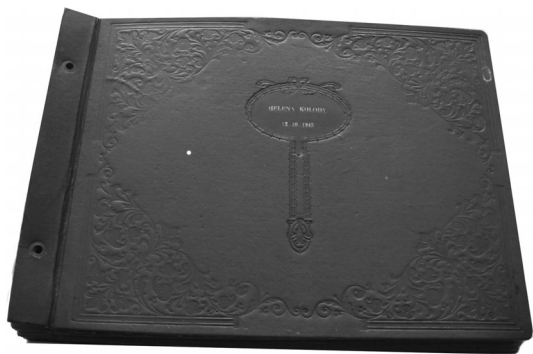
Reprodução da revista *Rumo Paranaense*, n. 35, de novembro de 1976, exemplar que homenageia Helena Kolody dedicando-lhe 16 páginas. Em uma delas, o escritor Valfrido Piloto, autor de dezenas de livros e colaborador assíduo dos jornais curitibanos, entrevista Helena. Acervo: Biblioteca Pública do Paraná. Reprodução: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



É bem possível também que estes livros – que foram separados dos demais para ficarem bem próximos a si – tenham o estatuto de uma presença para além do presente, o estatuto de uma presença transformadora, uma presença capaz de subverter a realidade para reinventá-la. O que, aliás, não obstante perturbador, é próprio do mistério que nos constitui e humaniza. À cifra desta derivação, uma reflexão apresenta-se problematizada na materialidade discursiva da obra<sup>224</sup> em tela: a representação do tempo, aliás, questionamento do homem moderno. O procedimento sistematizado pela escritora tem sido descrito subliminarmente ao longo deste trabalho, *déjà-vu* nada fortuito, e será “re-flectido” nos próximos capítulos.

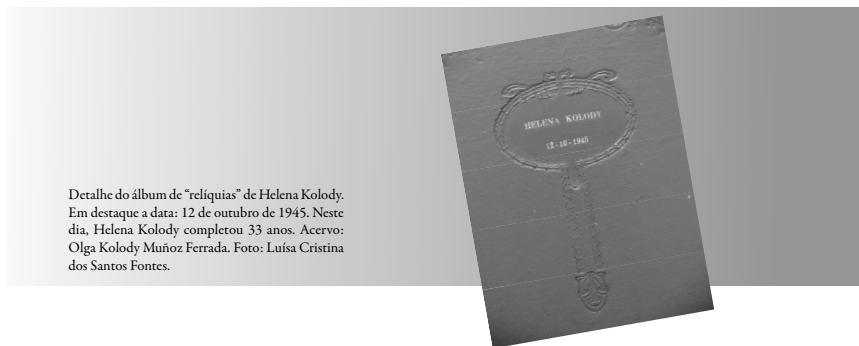
---

<sup>224</sup> Obra, no sentido de Barthes. “A obra de Barthes é o conjunto de seus livros, através dos quais se pode seguir a evolução (os deslocamentos) de suas ideias teóricas e críticas. O texto de Barthes está nas entrelinhas desse discurso falsamente acadêmico, nas conotações de seu léxico, nas vibrações de seus arranjos frásicos, nas tonalidades de sua enunciação inconfundível: em sua escritura. E quando se teve a sorte de conhecer Roland Barthes em pessoa, esse texto se entrelaça a um outro “texto”, de anamneses: cenas a que se assistiu ou que nos contaram, fragmentos de suas falas, indissolivelmente ligadas ao timbre particular de sua voz grave e pausada. Pedacinhos de um vitral que projetam luzes móveis e intermitentes sobre a figura acabada e nítida da obra.” (PERRONE-MOISÉS, Leyla, *Roland Barthes*. Op. cit., p. 14).



Álbum de recortes de jornais e algumas cartas, organizado por Helena Kolody, inclui, principalmente, as primeiras críticas a seus primeiros livros. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

.....✻.....



Detalhe do álbum de "reliquias" de Helena Kolody. Em destaque a data: 12 de outubro de 1945. Neste dia, Helena Kolody completou 33 anos. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Pois bem, Helena Kolody, a primeira brasileira de uma família de ucranianos, curiosamente, tem seu talento reconhecido na arte de composição nipônica. Mais do que dados de uma realidade mapeada em livros, as fronteiras que vemos aqui são (re)organizadas numa tradução que supera quaisquer sotaques. Em tempo: tradução é negociação.

Leu muito, poesia, é óbvio. Adorava Paulo Leminski e Alice Ruiz. Não dispensava Cecília Meireles, Drummond, Carlos Nejar e Pablo Neruda<sup>225</sup>. Admirava as poesias satíricas de Emílio de Meneses.<sup>226</sup> Seus livros continuam exatamente como quando os deixou em 14 de fevereiro de 2004. Na estante pequena, ao lado de sua cama, os livros mais caros, os mais revisitados (relação em anexo); sobressaem quinze títulos de Cecília Meireles, alguns com dedicatória da autora para Helena Kolody, cinco de Andrade Muricy, dois de Baudelaire – em francês, Drummond, Alphonsus de Guimaraens, Guilherme de Almeida, Mario Quintana, Manuel Bandeira, João Cabral... não surpreende o fato de serem quase todos livros de poesia e, entre eles, alguns de crítica literária.

<sup>225</sup> MARANHÃO, Malu. Vida poética. *Folha de Londrina*, 9 jul 1985, p. 14.

<sup>226</sup> MILLARCH, Aramis. Nos haikais do dia a dia o significado da permanência. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 23 mar 1988, p. 14.

On the other hand, the fact that the  $\beta$ -phase is not observed in the  $\beta$ -phase region of the phase diagram (Fig. 1) is not in agreement with the results of the present study. The reason for this is not clear, but it may be due to the fact that the phase diagram was obtained from a study of the equilibrium between the  $\alpha$ - and  $\beta$ -phases, and the present study is a study of the equilibrium between the  $\alpha$ - and  $\beta$ -phases.

[illegible]

Euclid's Elements.





# estante

| Título  | Autor                                 | Edição/ano    | Editora                           | Particularidade  |
|---|---------------------------------------|---------------|-----------------------------------|--|
| Ulisses   | Joyce                                 | 1982 – 2. ed. | Civilização Brasileira            |  |
| Compacto simples                                  | Cecília Meireles                      |               |                                   |  |
| Poetas novos de Portugal                          | Cecília Meireles (seleção e prefácio) |               | Dois Mundos – RJ                  |  |
| Les fleurs du mal                                 | Baudelaire                            | S/d           | Garnier – Paris                   |  |
| Petits poèmes en prose                            | Baudelaire                            | 1925          | Calmann-Lévy                      |  |
| Felicidade  | Katherine Mansfield                   | 1940          | Globo                             | Trad. Erico Veríssimo  |
| Encântaros  | Hamilton Faria                        | 1995          | Escrituras – SP                   | HK assina orelha   |
| O suave convívio                                  | Andrade Muricy                        | 1922          | Typographia do Annuario do Brasil | Autografado pelo autor; dedicatória para Oscar Gomes                       |
| Poemas  | Juana de Ibarbourou                   | 1947 – 7. ed. | Austral – Argentina               |  |
| O cancionero de Petrarca                          | Jamil Almansur Haddad                 | 1945          | José Olympio                      |  |
| Metal Rosicler                                    | Cecília Meireles                      | 1960          | Livros de Portugal – RJ           |  |
| Morte e vida Severina e outros poemas em voz alta | João Cabral de Melo Neto              | 1967 – 2. ed. |                                   |  |
| Preparativos de viagem                            | Mário Quintana                        | 1989          | Globo                             |  |
| Poesia moderna                                    | Pérides Eugénio Ramos (org.)          | 1967          | Melhoramentos                     |  |
| Vaga música                                       | Cecília Meireles                      | 1942          | Pongetti                          | Tiragem: 200 exemplares, não comercializados. Com dedicatória de CM p/ HK. |
| Antologia poética                                 | Cecília Meireles                      | 1963          | Editora do autor – RJ             |  |
| Poemas traduzidos                                 | Por Manuel Bandeira                   | 1956 – 3. ed. | José Olympio – RJ                 |  |
| Poemas escritos na Índia                          | Cecília Meireles                      | 1953          | Livr. São José – RJ               |  |
| Romanceiro da Inconfidência                       | Cecília Meireles                      | 1953          | Livros de Portugal – RJ           |  |
| Ruy – pequena história de uma grande vida         | Cecília Meireles                      | 1949 – 2. ed. | Livros de Portugal – RJ           | Com dedicatória de CM p/ HK  |
| Solombra  | Cecília Meireles                      | s/d           | Livros de Portugal – RJ           | Parece edição artesanal  |
| Doze noturnos da Holanda & O aeronauta            | Cecília Meireles                      | 1952          | Livros de Portugal – RJ           |  |
| Canções   | Cecília Meireles                      | 1956          | Livros de Portugal – RJ           | Com dedicatória de CM para HK  |
| Viagem – poesia                                   | Cecília Meireles                      | 1939          | Editorial Império – Lisboa        |  |
| Escolha o seu sonho – crônicas                    | Cecília Meireles                      | 1964          | Record - RJ                       |  |

# c a b e c e i r a

| Título  | Autor                                  | Edição/ano           | Editora                                   | Particularidade  |
|---|--|----------------------|---|--|
| Mar absoluto e outros poemas                      | Cecília Meireles                       | 1945                 | Globo – Porto Alegre                      | Com dedicatória de CM para HK                            |
| Cântico   | Cecília Meireles                       | 1994 – 9. ed.        | Moderna                                   |  |
| Poesias   | Alphonsus de Guimaraens                | 1 v.<br>1955 – 2.ed. | Simões – RJ                               |  |
| Flores das flores do mal                          | Guilherme de Almeida                   | 1944 – 1. ed.        | José Olympio – Rio de Janeiro             | Exemplar numerado – 520 (6000)                           |
| Buda  | Jorge Luiz Borges e Alicia Jurado      | 1977                 | DIFEL – RJ                                |  |
| Os 18 melhores contos do Brasil                   |  | 1968                 | Bloch                                     |  |
| Letras paranaenses                                | Felício Ratani Neto e Colombo de Sousa | 1. ed.               | Curitiba                                  |  |
| Poemas do amor impossível                         | Helena Kolody                          | 2002                 | Criar – Curitiba                          |  |
| Alceu Chichorro                                   | Wilson Bóia                            | 1998                 | Secretaria Estadual da Cultura – Curitiba | Dedicatória do autor para HK                             |
| Poemas para louvar – I, II, III                   | Martha Francisca Sripes                | 2001                 | CEFIL – Londrina                          | Apresentação de HK. Dedicatória da autora para HK        |
| Puro canto  | Tasso da Silveira                      | 1956                 | Simões – RJ                               | Dedicatória do autor para                                |
| Iluminaciones                                     | J. Arthur Rimbaud                      | 1955 – 2. ed.        | Córdoba, Argentina                        |  |
| O cemitério marinho                               | Paul Valéry                            | 1984 – 2. ed.        | São Paulo – Max Limonad                   |  |
| O símbolo – à sombra das araucárias – memórias    | Andrade Muricy                         | 1976                 | Conselho Federal de Cultura               | Dedicatória do autor para HK                             |
| Antologia paranaense – poesia                     | Rodrigo Jr e Alcibiades Plaisant       | Tomo I<br>1938       | Mundial – Curitiba                        |  |
| A nova literatura brasileira: crítica e antologia | Andrade Muricy                         | 1936                 | Globo – Porto Alegre                      | Exemplar numerado – 684                                  |
| Villa-Lobos – uma interpretação                   | Andrade Muricy                         | 1961                 | Min. da Educação e Cultura – RJ           |  |
| Literatura nacionalista – ensaio                  | Andrade Muricy                         | 1916                 | Raiz da Serra – Petrópolis                |  |
| A rosa do povo                                    | Carlos Drummond de Andrade             | 1945                 | José Olympio                              |  |
| Menino antigo                                     | Carlos Drummond de Andrade             | 1973                 | José Olympio                              |  |
| Amar se aprende amando                            | Carlos Drummond de Andrade             | 1986 – 6. ed.        | Record – Rio de Janeiro                   |  |
| Obras primas da poesia universal                  | S. Milliet                             | 1955 – 2. ed.        |   |  |
| Poetas norteamericanos                            |  | 1942                 | BIPA – Rio de Janeiro                     | Pro Cooperacion Intelectual Entre Los Pueblos Americanos |

Para o Místico  
Saudade

O passado se faz presente, na única nave-  
 gação, em busca do paraíso perdido  
 Lá na saudade, repete-se a travessia dos  
 dias sem retorno. Dóis de serias cantam a  
 magia das recordações. O coração de navegante  
 se enluta, e sonha com a felicidade que foi e  
 não é mais.

Helena Kolody

(publicado em destaque)

.....✿.....

Rascunho de Helena Kolody para texto publicado no jornal *Nicolau*. Este procedimento – rascunhar – era prática usual da escritora, quer para publicações, quer para correspondências, quer, ainda, para tarefas do dia-a-dia. O texto foi publicado com o título “navegar navegar”, no *Nicolau* n. 45, de setembro de 1992. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Curitiba, 29 de abril de 1996

Caro Nejar:

A muita idade e a pouca saúde impediram-me de escrever. E, com a desgastada brevidade, para agradecer o precioso presente de “*Aquem da Infância*”.

Perdoe-me, por favor.

Mequei fundo no oceano poético e perdi-me em abismos insondáveis; voltei à tona e flutuei na bumbosa belga das ondas.

Você aprisionou na magia das palavras o impensável da infância. Transfigurou a dupeira objetiva do mundo tecnológico em maravilhante oceano de belga.

A poesia transborda das palavras e fica vibrando em nossa sensibilidade.

Navegamos um mar de imagem e metáforas, levados pelo tempo sem tempo da infância. Tempo que nunca se apaga. Infância que persiste nos fantasmas que nos fascinam e assombram ao longo do caminho.

Obrigada, Carlos Nejar, pelos momentos de sonho e encantamento que a leitura de seu livro me proporcionou.

Abraço – o com admiração e carinho.

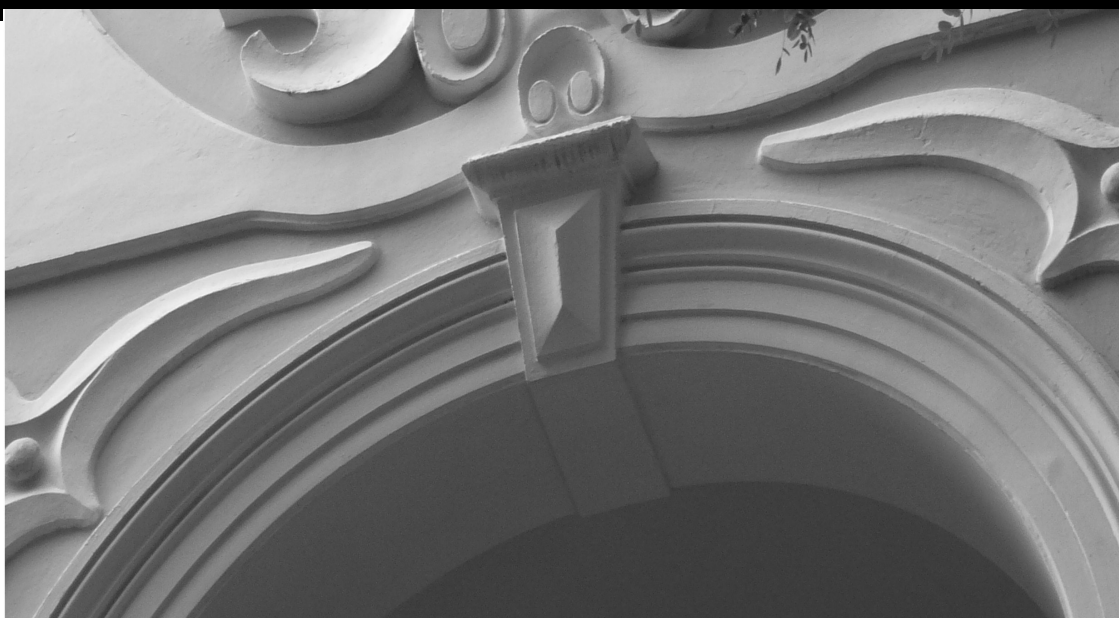
Helena Kolody

Rascunho da carta que Helena escreveu ao escritor Carlos Nejar, no dia 29 de abril de 1996, em agradecimento pelo envio do livro *Aquem da infância*, publicado em 1995, em comemoração aos seus 35 anos de poesia. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada.



# 5 A ascensionabilidade

Para quem viaja ao encontro  
do sol, é sempre madrugada



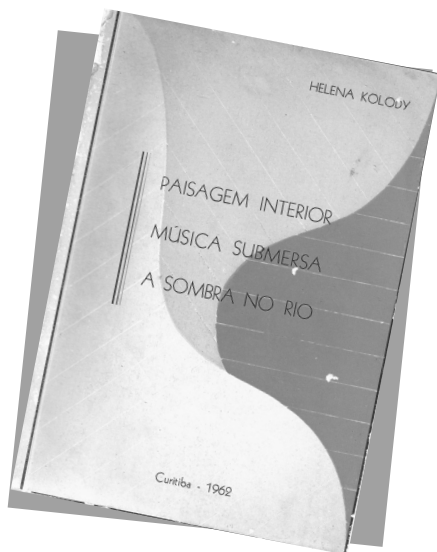
Na página anterior: relógio no frontão do prédio centenário que abriga a Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, a qual promove há vinte anos o Concurso Nacional de Poesia Helena Kolody. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

## 5 | A ascensionabilidade: Para quem viaja ao encontro do sol, é sempre madrugada<sup>227</sup>

Aperfeiçoamento ☯ A receptividade à obra de Helena Kolody ☯  
Santa Helena Kolody: Padroeira da Poesia<sup>228</sup> ☯ O reconhecimento de público e de crítica

Ao completar 50 anos, em 1962, as alunas de Helena Kolody no Instituto de Educação a homenagearam com a edição de *Poesias Completas*. Quase cinquenta anos depois, por proposta do Centro Paranaense Feminino de Cultura, foi elaborada a Lei 14.821/2005 de autoria do Deputado Hermas Brandão instituindo 12 de outubro, dia de nascimento de Helena Kolody, como Dia da Poesia Curitibana. A lei, outorgada em 19 de setembro de 2005, objetiva reconhecer a participação e fomento cultural literário em poesia. No respeitável intervalo entre as duas homenagens, há incontáveis gestos de “pro-postura” da justa locação da escritora no panorama literário contemporâneo.

..... ☯ .....  
*Poesias Completas* reúne os livros publicados até 1962 (*Paisagem interior*, *Música submersa* e *A sombra no rio*). No mesmo ano a escritora aposenta-se como professora do Estado. Acervo e foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



<sup>227</sup> Versos de poema do livro KOŁODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit.

<sup>228</sup> Epítetos atribuídos pelo escritor Paulo Leminski.



Helena Kolody, em fotografia do final dos anos 1960, Photo Brasil, Curitiba. Reproduzida de seu livro *Viagem no espelho*, 1988, p. 23. Anteriormente, 1983, a fotografia já havia sido publicada em seu livro **БІЛІПАМІ ПЛОЕІІ**, que teve tiragem reduzida (500 exemplares).

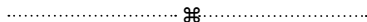
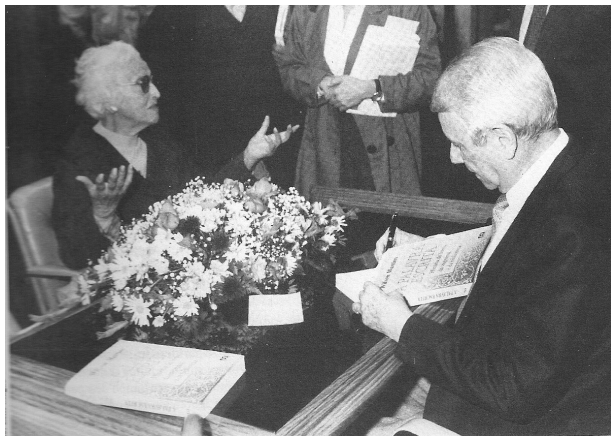
“A padroeira da poesia acaba de fazer mais um milagre.”<sup>229</sup> “E a canonização da poeta Helena Kolody? – Está consumada. Ela é nossa santinha municipal. Nosso próximo passo é mudar o nome da Galeria Júlio Moreira para Gruta Contemporânea Santa Helena Kolody.”<sup>230</sup> Vinte e cinco anos separam o depoimento de Paulo Leminski do de Hélio Leites, performer curitibano. Há pouco, aliás, Hélio Leites lançou livro em que apresenta suas miniaturas, todas feitas em pequenos objetos de sucata (palitos, caixinhas de fósforos, tampinhas...). O que é descartável, o que é quase nada, re-articula-se para contar do vivido, obra original. Equivale a dizer: abandonam o escopo da insignificância. O carbono acorda diamante. Entre elas está o oratório “Canonização de Santa Helena Kolody”, acompanhado dos versos: “Pra canonizar pessoas/É preciso milagres./Pra canonizar poetas,/apenas poemas”<sup>231</sup>. O artista já avisou: não vende o oratório de jeito nenhum.

<sup>229</sup> LEMINSKI, Paulo. Santa Helena Kolody. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26 jun 1985, p. 11.

<sup>230</sup> LEITES, Hélio. Entrevista. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 22 nov 2009, p. 4.

<sup>231</sup> O livro *Mínimos* de Hélio Leites foi lançado no dia 27 de abril de 2011. In: VECCHIO, Annalice del. Significador de insignificâncias. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 27 abr 2011. Caderno G, p. 1.

A Igreja Católica exige milagres para elevar um pecador à categoria de santo. Mas a poeta paranaense Helena Kolody dizia que o verdadeiro milagre é a família, por isso foi canonizada pelos artistas da Igreja da Salvação pela Graça. E, colocada dentro da capelinha, ali se encaixou e não saiu mais. Da caixa de fósforo faíscam luzes, pois seu poema mais famoso reza que Pra quem viaja de encontro ao sol / É sempre madrugada. A Igreja demora muito para fazer uma santa. Essa foi feita em dois meses.<sup>232</sup>



Lançamento do livro *A palavra escrita*, de Wilson Martins, em 1996. Na foto, o crítico de literatura autografa o exemplar de Helena Kolody. “Segundo Wilson Martins, Helena Kolody vive o paradoxo de ser, enquanto poeta, uma ‘figura exponencial das letras paranaenses’, sem ter gravado o seu nome e sua obra no quadro mais amplo da literatura brasileira. Ela é, com certeza, ‘poeta do Paraná não apenas pela naturalidade regional, mas também por haver acrescentado a voz do imigrante à temática da poesia brasileira’”<sup>233</sup>. Foto: Lélis Magno. Do livro *Wilson Martins*, volume n. 8 da Série paranaenses da Ed. da UFPR, lançado em 1997, organizado por Miguel Sanches Neto.

<sup>232</sup> LEITES, Hélio. *Mínimos*. Curitiba: Cultural Office, 2010, p. 22.

<sup>233</sup> CRUZ, Antonio Donizeti da. *Viagem no espelho, de Helena Kolody*. Resumo. Publicado em 24 fev 2008. Disponível em: <<http://www.mundovestibular.com.br/articles/2438/1/VIAGEM-NO-ESPELHO---Helena-Kolody-Resumo/Paacutegina1.html>>. Acesso em: 30 mar 2009.





Helena Kolody, em foto de Vilma Slomp, na sala de seu apartamento da Rua Voluntários da Pátria. A foto integra a revista *Leite Quente: nariz, retratos de um perfil curitibana*. Curitiba, n. 8, ago. 1992, p. 17. A fotografia capta, com felicidade, o perfil majestático e enigmático da escritora. Acervo: Luisa Cristina dos Santos Fontes.



Apesar do anonimato na mídia por anos a fio, apesar da escala artesanal e reduzida das edições de seus livros, apesar de não se deixar levar pelas modas modernas – apesar da modernidade diccional –, Helena virou moda... e foi canonizada há muitas estações. O ensaísta João Manuel Simões aponta Helena como sua santa da devoção estética, ao lado de Cecília Meireles e Florbela Espanca, entre outras.<sup>234</sup> Além da óbvia alusão à coincidência entre a data de nascimento de Helena Kolody e o dia da Padroeira do Brasil – 12 de outubro –, evidencia-se a religiosidade transbordante e arrebatadora de seus poemas.

### **Dia da Poesia Curitibaana**

LEI Nº 11.515, de 19 de setembro de 2005

DECLARA O DIA 12 DE OUTUBRO COMO DIA DA POESIA CURITIBANA.

A CÂMARA MUNICIPAL DE CURITIBA, CAPITAL DO ESTADO DO PARANÁ, aprovou e eu, Prefeito Municipal, sanciono a seguinte lei:

Art. 1º Fica criado e declarado o dia 12 de outubro de cada ano como o Dia da Poesia Curitibaana, em homenagem ao nascimento da grande poetisa Helena Kolody.

Parágrafo Único. A honraria deverá ser apresentada até 30 de junho de cada ano e será em número de 01(uma) por Vereador a cada Sessão Legislativa.

Art. 2º A data será comemorada anualmente, em sessão solene dessa Câmara Municipal, especificamente convocada para o ato.

I – Fará parte dessa solenidade a oferta de diploma oficial desta Câmara aos poetas laureados.

II – Cada Vereador poderá encaminhar a indicação do nome de uma pessoa física ou entidade de reconhecida participação e fomento cultural literário em poesia, em atividade nesta capital, para ser laureado com o diploma oficial supra mencionado. Como atividade literária considere-se a publicação, preferencialmente em Curitiba, de obra poética pelos meios de comunicação tradicionais e eletrônicos, bem como a apresentação oral pública dos mesmos.

III – Caberá à Comissão da Casa competente a análise e aprovação dos nomes, que serão por fim encaminhados para aprovação pelo douto plenário.

Parágrafo Único. A data da sessão solene comemorativa deverá ser marcada preferencialmente para o dia 12 de outubro de cada ano.

Art. 3º Esta lei entra em vigor na data de sua publicação.

PALÁCIO, 29 DE MARÇO, em 19 de setembro de 2005.

**LUCIANO DUCCI**

Prefeito Municipal em Exercício



Por proposta do Centro Paranaense Feminino de Cultura, foi elaborada a Lei 14.821/2005, de autoria do Deputado Hermas Brandão, instituindo 12 de Outubro (dia do nascimento de Helena Kolody) como Dia da Poesia Curitibaana. Disponível em: <http://simultaneidades.blogspot.com/2010/10/homenagem-helena-kolody-dia-da-poesia.html>. Acesso em: 7 dez 2010.

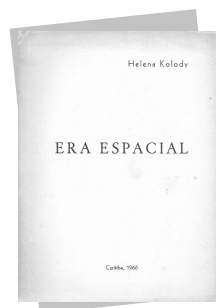
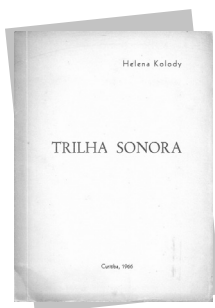
<sup>234</sup> SIMÕES, João Manuel. A “opera ominia” de Helena Kolody. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 1 fev 1989.

A autora, no exercício cotidiano da liturgia de sua arte, elegeu a ausência de vaidades como seu manto sagrado. Sua simplicidade sempre esteve acima de todas as honrarias recebidas, mesmo não havendo razão para tanta modéstia. Seu trabalho sincero, efetivamente, sempre esteve comprometido com a máxima honestidade poética. A tão decantada ausência de vaidade costumava se revelar na emoção com que se deparava ante algumas homenagens. Em 1978, por exemplo, recebeu um telefonema do então reitor da Universidade Federal do Paraná, Professor Ocyron Cunha informando que seu poema “Maquinomem”<sup>235</sup> fora escolhido como texto base para a redação do vestibular da UFPR em janeiro de 1979. “Essa foi a homenagem mais importante que eu poderia receber; nem uma estátua em praça pública ou placa de ouro poderia me deixar mais feliz”, declarou a *O Estado do Paraná*, em 9 de janeiro de 1979.

Helena Kolody estreou com *Paisagem interior* num momento em que no Paraná ainda era bastante latente a presença de representantes da corrente simbolista, mais precisamente, como aponta o crítico Miguel Sanches Neto, em meio a uma literatura produzida à maneira simbolista<sup>236</sup>. Sanches Neto retoma avaliação do movimento simbolista no Paraná que Antonio Candido apresenta na revista *Joaquim* n. 3: “O seu vago espiritualismo, o seu desfibrilamento criador, unido, aliás, às melhores intenções, e geralmente, aos melhores caracteres pessoais, deram cabo de nosso pobre simbolismo nacional e, felizmente, enfraqueceram os arrancos neocatólicos e reacionários a que se atrelou a maioria daqueles excelentes rapazes”.



O livro *Tempo* foi publicado em 1970. Acervo do Centro de Letras do Paraná. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



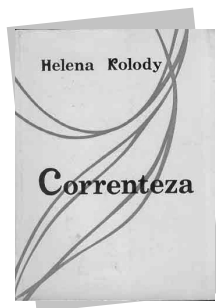
Os livros *Trilha sonora* e *Era Espacial* foram publicados em edição conjunta, em 1966. Acervo da Academia de Letras dos Campos Gerais. Fotos: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

<sup>235</sup> Do livro *Era Espacial*, publicado em 1966, p. 22.

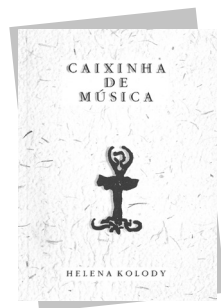
<sup>236</sup> SANCHES NETO, Miguel. Enorme modernidade. *Rasquinho*. Disponível em: <<http://tudoparana.globo.com/rasquinho/controle/impressa.php?id=315>>. Acesso em: 16 mar 2004.



O livro *Vida breve* foi publicado em 1964. Acervo do Centro de Letras do Paraná. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

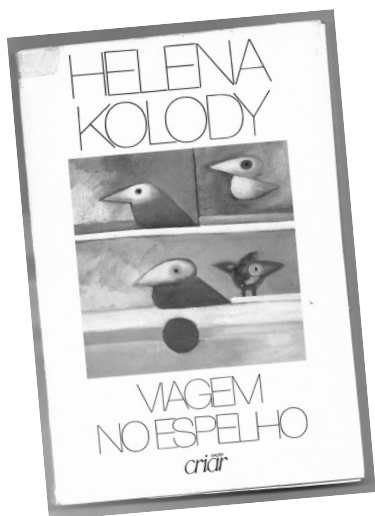


O livro *Correnteza* foi publicado em 1977. Acervo do Centro de Letras do Paraná. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



O livro *Caixinha de música* foi publicado em 1996, pela Secretaria de Estado da Cultura. Acervo e foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Sanches Neto, a partir de tal vinculação, entende que Helena Kolody não poderia deixar de pagar um tributo a esta corrente que vai orientar significativa parte de sua poesia. Muito embora a escritora nunca tenha deixado a espiritualidade fora de seu trabalho poético, paulatinamente vai atenuando a sisudez acadêmica instaurando um verbo de “valor moderno”.



..... ❧ .....

A antologia poética de Helena Kolody, *Viagem no espelho*, teve sua primeira edição lançada pela Criar Edições, em 1988, com a obra completa da escritora até então. A segunda edição, revista e ampliada, foi publicada pela Ed. da UFPR, em 1995. A obra encontra-se na quinta edição. Foto: de Luísa Cristina dos Santos Fontes.



..... ❧ .....

Helena Kolody, em fotografia do final dos anos 1960, autor desconhecido. Fotograma do documentário *Helena de Curitiba*, dirigido por Josina Melo e lançado em 2005.

Na década de 1980, uma Helena Kolody desprendida de valores poéticos ultrapassados, conquista um público leitor mais jovem com uma poesia “mais leve e mais breve”, mais imediata, mais urgente. Pela primeira vez um livro seu, *Sempre palavra*<sup>237</sup>, é publicado por uma editora, a Criar Edições, de Roberto Gomes. A publicação em escala comercial permitiu que os versos da escritora alcançassem um público nacional. A prática do culto à palavra em estado de síntese por Helena torna-se o mote de um texto referencial ao se estudar a obra da escritora: escrito por Paulo Leminski e publicado pela primeira vez na *Gazeta do Povo* em 25 de junho de 1985; Santa Helena Kolody (mais tarde, publicado com poucas modificações no jornal *Folha de S. Paulo* e no periódico cultural *Nicolau*).

### Santa Helena Kolody<sup>238</sup>

Paulo Leminski

A padroeira da poesia em Curitiba acaba de fazer mais um milagre.

Chama-se *Sempre palavra*, tem apenas cinquenta páginas e inclui uns quarenta pequenos poemas. Mas tem luz bastante para iluminar esta cidade por todo um ano.

Embora seja a própria poesia encarnada, nossa padroeira está toda prosa. E com razão. Depois de onze livros de poemas editados por conta própria, é a primeira vez que é publicada por uma editora, a Criar, daqui de Curitiba mesmo, acionada pelo escritor Roberto Gomes.

Helena Kolody (ou Guélena Kolódy, para quem sabe) é filha de imigrantes ucranianos, tem 73 anos e o mais belo par de olhos azuis que já vi. Ah, se eu tivesse nascido em 1911 como meu pai!

Como a precursora Gilka Machado e Cecília Meireles, sua admiração confessa, nossa padroeira foi, a vida toda, professora de escola normal, quase o único ofício fora de casa que uma mulher podia exercer naquelas épocas, quando Getúlio Vargas,

<sup>237</sup> KOLODY, Helena. *Sempre palavra*. Op. cit.

<sup>238</sup> Ver em: *Gazeta do Povo*, 26 jun 1985; *Correio de Notícias*, 26 ago 1985; *Folha de S. Paulo*, 25 jun 1988. *Nicolau*, dez 1992.

nosso grande déspota esclarecido, dizia na Voz do Brasil, “Trabalhadores do Brasil”, mas não dizia, “Trabalhadoras...”

Para o magistério, viveu. E, como professora, aposentou-se.

Como professora, eu disse. Como poeta, ela é mais viva e atual que boa parte dessa garotada que, hoje, anda por aí, apertando uma espinha aqui, enrolando um poema ali, achando que poesia é um texto qualquer nota e se julgando, em sua infinita ignorância, o maior gênio incompreendido do planeta.

Nossa padroeira é o poeta mais moderno de Curitiba, de uma modernidade enorme, uma modernidade de quase oitenta anos. Nenhum de nós tem modernidade desse tamanho.

Nossa padroeira nunca casou. E viveu a vida toda com a mãe e as irmãs, seu tesouro eslavo de afetividade e dedicação.

Vida. Esse é o assunto de Helena Kolody. Não é à toa que essa nossa mestra de poesia é professora de biologia.

Mas tudo isso que eu digo não passaria de uma efusão sentimentalóide, se a poesia de Helena não se sustentasse em nível de linguagem, de design, de essência.

Que dizer, porém, de um poeta que chega, de repente, e, apenas, te diz num poema de duas linhas, “para quem viaja ao encontro do sol, é sempre madrugada”?

“Essências e medulas”, assim definia Pound a poesia. E esse era o nome que eu daria para um ensaio sobre a poesia da nossa padroeira.

Quando, em 1941, Helena publica, em Curitiba, às suas próprias custas, a coletânea *Paisagem interior*, seu primeiro buquê de poemas, Bilac ainda é um Deus, o Modernismo de 22 ainda é apenas um escândalo e a poesia só é reconhecível nos trajes de gala do soneto.

Sobretudo já estava morto e enterrado o rico movimento simbolista que, presente no Brasil todo, tinha tido em Curitiba



o seu centro mais ativo: É Brito Broca quem diz, em 1910, Curitiba era cidade literalmente mais importante do Brasil. Basta dizer que oito das quinze revistas do Simbolismo brasileiro foram editadas aqui, entre 1895 e 1915.

Mas, quando Helena começa a produzir e publicar, esse momento já tinha passado, deixando atrás de si apenas um perfume e uma vibração.

No escuro, no silêncio, na penumbra, Helena veio então construindo sua poesia e publicando aqui mesmo, *Música submersa*, *A sombra no rio*, *Era Espacial*, *Trilha Sonora*, *Infinito Presente*, sempre ela, até este *Sempre palavra*.

Algo na poesia e na vida, no produto e no processo, de Helena, me lembram o gaúcho Mário Quintana, a mesma pureza, a mesma entrega, a mesma singeleza, a mesma santidade.

Mas Helena é mais enxuta, mais rápida, mais haikai que o mestre de Porto Alegre: Helena chega no gol com menos toques na bola.

Periférica como Quintana, Helena passou esses anos todos meio intocada pelas novidades que fervilharam no eixo Rio-São Paulo, alquimista mergulhando sozinha até a essência do seu fazer lírico, até o momento em que, como diz ela, “o carbono acorda diamante”.

Tem certas manhãs azuis em Curitiba, mas tão azuis, tão azuis, que eu tenho certeza: Helena Kolody acordou cedo e olha por todos nós.

# Santa Helena Kolody

## Santa Helena Kolody

Paulo Leminski

GAZETA DO Povo 26/6/85

A padroeira da poesia em Curitiba acaba de fazer mais um milagre.

Chama-se "Sempre Palavra", tem apenas cinquenta páginas e inclui uns quarenta pequenos poemas. Mas em luz bastante para iluminar esta cidade por todo um ano.

Embora seja a própria poesia encarnada, nossa padroeira está toda prosa. E com razão. Depois de onze livros de poemas editados por conta própria, é a primeira vez que é publicada por uma editora, a Criar, daqui de Curitiba mesmo, acionada pelo escritor Roberto Gomes.

Helena Kolody (ou Guêlena Kolódy, para quem sabe) é filha de imigrantes ucranianos, tem 73 anos e o mais mais belo par de olhos azuis que já vi. Ah, se eu tivesse nascido em 1911 como meu pai!

Como a precursora Gilka Machado e Cecília Meireles, sua admiração confessa, nossa padroeira foi, a vida toda, professora de escola normal, quase o único ofício fora de casa que uma mulher podia exercer naquela época, quando Getúlio Vargas, nosso grande despota esclarecido, dizia na Voz do Brasil, "Trabalhadores do Brasil", mas não dizia, "Trabalhadoras..."

Para o magistério, viveu. E, como professora, aposentou-se.

Como professora, eu disse. Como poeta, ela é mais viva e atual que boa parte dessa garotada que, hoje, anda por aí, apertando uma espinha aqui, enrolando um poema ali, achando que poesia é um texto qualquer nota e se julgando, em sua infinita ignorância, o maior gênio incompreendido do planeta.

Nossa padroeira é o poeta mais moderno de Curitiba, de uma modernidade enorme, uma modernidade, de quase oitenta anos. Nenhum de nós tem modernidade desse tamanho.

Nossa padroeira nunca casou. E viveu a vida toda com a mãe e as irmãs, seu tesouro: escravo de afeição e dedicação.

Vida. Esse é o assunto de Helena Kolody. Não é à toa que essa nossa mestra de poesia é professora de biologia.

Mas tudo isso que eu digo não passaria de uma efusão sentimentalíde, se a poesia de Helena não se sustentasse em nível de linguagem, de "design", de essência.

Quer dizer, porém, de um poeta que chega, de repente, e, apenas, te diz num poema de duas linhas, "para quem viaja ao encontro do sol, é sempre madrugada"?

"Essências e medulas", assim definiu Pound a poesia. E esse era o nome que eu daria para um ensaio sobre a poesia da nossa padroeira.

Quando, em 1941, Helena publica, em Curitiba, as suas próprias ciatas, a coletânea "Paisagem Interior", seu primeiro buquê de poemas, Bilac ainda é um Deus, o Modernismo de 22 ainda é apenas um escândalo e a poesia só é reconhecível nos trajes de gala do soneto.

Sobretudo já estava morto e enterrado o rico movimento simbolista que, presente no Brasil todo, tinha tido em Curitiba o seu centro mais ativo: É Brito Broca quem diz; em 1910, Curitiba era cidade literalmente mais importante do Brasil. Basta dizer que oito das quarente revistas do Simbolismo brasileiro foram editadas aqui, entre 1895 e 1915.

Mas, quando Helena começa a produzir e publicar, esse momento já tinha passado, deixando atrás de si apenas um perfume e uma vibração.

No escuro, no silêncio, na penumbra, Helena veio entrando construindo sua poesia e publicando aqui mesmo, "Música Submersa", "A Sombra do Rio", "Era Espelha", "Trilha Sonora", "Infinito Presente", sempre ela, até este "Sempre Palavra".

Algo na poesia e na vida, no produto e no processo, de Helena, me lembram o gaúcho Mário Quintana, a mesma pureza, a mesma entrega, a mesma singeleza, a mesma santidade.

Mas Helena é mais enxuta, mais rápida, mais haikai que o mestre de Porto Alegre: Helena chega no gol com menos toques na bola.

Periférica como Quintana, Helena passou esses anos todos meio intoxicada pelas novidades que fervilharam no velho Rio-São Paulo, alquimista mergulhando sozinho a essência do seu fazer lírico, até o momento em que, como diz ela, "O carbono acordou diamante".

Tem certas manchas azuis em Curitiba, mas tão azuis, tão azuis, que eu tenho certeza: Helena Kolody acordou cedo e olha por dentro nela.

Escrito por Paulo Leminski e publicado pela primeira vez na *Gazeta do Povo* em 26 de junho de 1985, "Santa Helena Kolody" é um artigo referencial quando se trata da obra de Helena. Mais tarde foi publicado com poucas modificações no jornal *Folha de S. Paulo* (25 de junho de 1988) e no periódico cultural *Nicoulas* (dezembro de 1992). Reprodução: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Sucedendo período de repressão política, o ano de 1987, julho, marca o início de circulação do periódico de cultura *Nicolau*, publicado pela Secretaria de Cultura do Estado do Paraná, dirigido de 1987 a 1994 pelo escritor Wilson Bueno, seu idealizador e diretor das 55 primeiras edições. O último número foi publicado em 1998. O periódico objetivava suprir algumas lacunas regionais: a necessidade de a produção literária recente divulgar seus textos, bem como registrar a história do Estado e de sua gente, sob a marca da “pluralidade de pensamento”. A escolha de seu título – *Nicolau* – já alude à conformação sociohistórica do Estado. Com tiragem de 150 mil exemplares, distribuídos mensal e gratuitamente, quer por mala direta, quer encartado nos principais jornais do Paraná, não obstante o órgão estatal de viabilização da edição, *Nicolau* não se transformou em porta-voz da ideologia oficial, muito pelo contrário, sua proposta estética e de pensamento era bastante independente.



Exemplar número 1 de *Nicolau*, 1987. Publicado pela Secretaria de Estado da Cultura e Imprensa Oficial do Estado do Paraná, Editor: Wilson Bueno. Reprodução: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Em 1989, Wilson Bueno argumenta em favor da publicação:

... ágil, inteligente o bastante para ser capaz de rupturas, de não se deixar aniquilar pelo besteirol que varre a imprensa no Brasil, de nivelar por cima, nunca por baixo, que isso é uma herança da política cultural, entre aspas, da mais recente ditadura brasileira. Procuramos informar, acrescentar e até, mesmo didatizar certos temas através da linguagem jornalística porque, uma vez que o tabloide é encartado em 11 jornais do Estado, pressupomos que se dirija basicamente aos que estão habituados, familiarizados pela leitura de jornais e revistas. Os momentos em que *Nicolau* se arrisca a ir além são “insights” do que queremos como ruptura. Não haveria vida inteligente na Terra se o homem não fosse capaz de transgredir, não só no sentido de ir contra a regra, mas de ir além da regra, do morno, do velho, do estabelecido<sup>239</sup>.

<sup>239</sup> BUENO, Wilson. *Nicolau*. O Estado do Paraná, Curitiba, 6 jun 1989. p. 4. Almanaque.

.....✻.....

O escritor Wilson Bueno dirigiu de 1987 a 1994 o periódico cultural *Nicolau*. Foi seu idealizador e diretor nas 55 primeiras edições, das quais Helena Kolody esteve presente em pelo menos um terço. *Nicolau* subsistiu muito pouco após a saída de Bueno. Foto Disponível em: <www.jornalmemai.com.br/2009/11/a-transfiguracao-do-tankã/> Acesso em: 15 fev 2010.



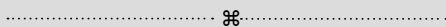
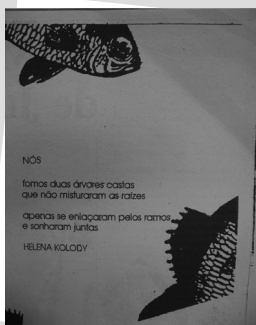
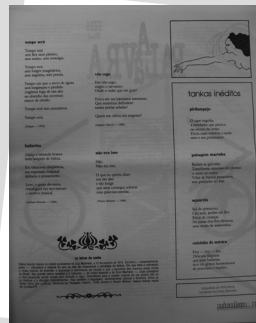
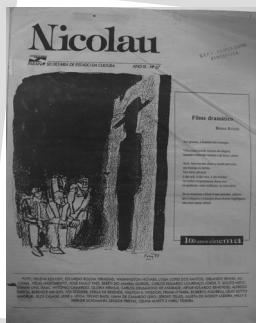
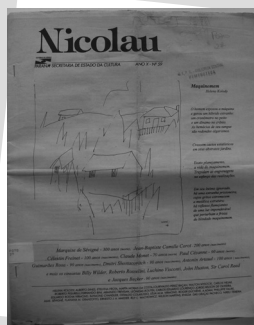
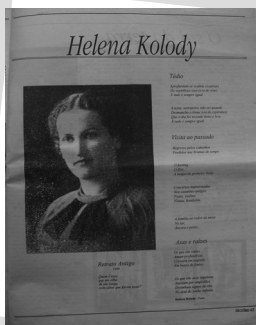
No espaço reservado à literatura, predominante, a preferência recai sobre os autores do Estado, como assinala Eduardo Marquardt, “carentes de espaço, editoras e, mais ainda, de leitores”<sup>240</sup>. No entanto, a frequência de “personalidades” da literatura brasileira e também da universal, em todas as edições, acaba legitimando e consagrando a publicação. Ao lado de Octavio Paz, Haroldo de Campos, Augusto de Campos, Wilson Martins, José Paulo Paes, dentre inúmeros outros nomes de renome, inclusive internacional, o jornal acolheu muitos textos dos estreantes, na época, como Miguel Sanches Neto, Carlos Dalla Stella, Rodrigo Garcia Lopes ou Eduardo Hoffmann, e até mesmo Arnaldo Antunes. Marquardt, ao analisar o primeiro ano de *Nicolau*, observa que, por sua estruturação, ele “lembra muito a postura adotada pelo que se pode chamar de primeira fase do *Folhetim*, da *Folha de S. Paulo*, no que concerne a um projeto de ‘catequização da cultura’<sup>241</sup>, mas que no caso do *Nicolau* canaliza-se num claro processo de construção de identidade”.

Uma das peculiaridades mais interessantes de *Nicolau* diz respeito à presença considerável da literatura oriental, o que, em muito, contribuiu para o enriquecimento do jornal em termos estéticos. Entre os autores mais presentes, divulgou-se obras de poetas clássicos chineses, tais como: Li Tai Po, um dos maiores poetas da China, Po Chu I, com ideogramas originais, e Issa Kobayashi, já no primeiro número publicado. Os haicais, representantes da poesia oriental, foram privilegiados em várias páginas do jornal, revelando, como destaca Maria Lúcia Vieira, “uma certa atração de seus artistas criadores por esta forma literária misteriosa e intrigante. Tão intrigante que, a partir de 1970, o haikai foi adotado pela geração *beat*, em todo o mundo, e, por muitos poetas brasileiros importantes, inclusive Paulo Leminski, numa busca esotérica de sentido para a vida, associada, em parte, à irreverência e crítica ao recente regime político ditatorial (1964-1984)”<sup>242</sup>.

<sup>240</sup> Em MARQUARDT, Eduardo. *O primeiro ano de Nicolau: “Nós do Paraná”*. Disponível em: <www.elsonfroes.com.br/kamiquase/nicolau3.htm> Acesso em: 29 ago 2010.

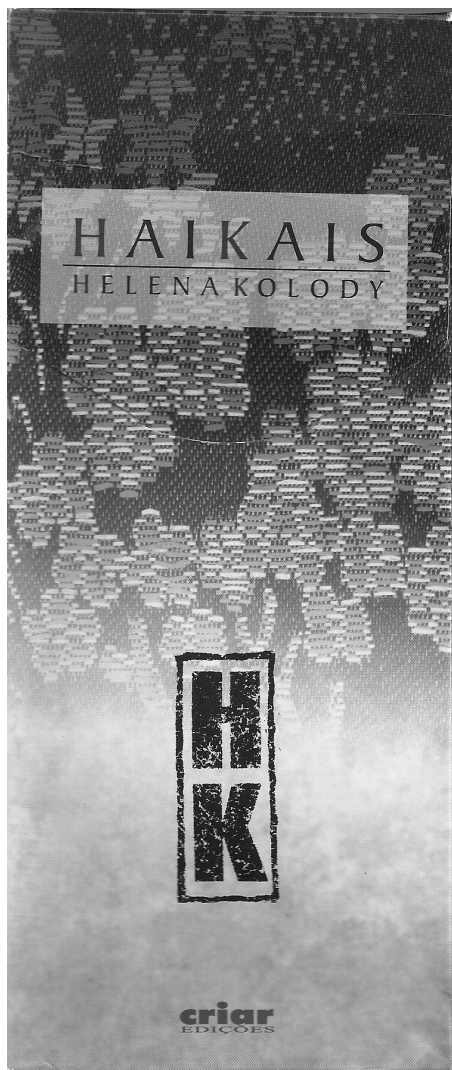
<sup>241</sup> Conforme CHAGA, Marco Antonio Maschio Cardozo. “O suplementário Folhetim da Folha de S. Paulo.” *Boletim de Pesquisa – NELIC*, n. 1. Ilha de Santa Catarina: fev/1997, p. 10-4.

<sup>242</sup> VIEIRA, Maria Lucia. *Um periódico cultural em busca de poesia*. Disponível em: <www.utp.br/eletras/ca/eletras3/art02.htm> Acesso em: 29 ago 2010.



Exemplares de *Nicolau*, publicados pela Secretaria de Estado da Cultura e Imprensa Oficial do Estado do Paraná, nos quais Helena Kolody participou destacadamente. Exemplares do acervo da Biblioteca Pública do Paraná.  
Fotos: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Para reforçar o conceito de valorização estética proposto pelo periódico, convém observar a presença do texto não-verbal complementando o texto verbal, o que aparece efetivamente comprovado, por exemplo, no espaço dedicado à poesia oriental, via seus ideogramas. Estudiosa dedicada, Helena Kolody enreda, a partir dos meandros de seu universo literário:



..... 卐 .....

*Haikais*, de Helena Kolody. Edição comemorativa dos 60 anos da publicação do primeiro livro de Helena Kolody, *Paisagem interior*. Edição especial, formato 9 x 21 cm, com espiral e encartada. Da Criar Edições, 2001. A diagramação assinala a feliz coincidência: as iniciais HK. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Os ideogramas aprisionam apenas um momento de ação, como a câmara fotográfica surpreende um momento de um gesto ou de um sorriso, que não acabam aí... Há ideogramas de uma beleza pictórica admirável... Esse ir além das palavras constitui a verdadeira força da poesia... Nos ideogramas chineses, tão sugestivos, tão ligados às raízes da vida, cada símbolo acumula um potencial de energia vital.<sup>243</sup>

Considerando sua práxis poética, o que, frise-se, inclui a inserção dos orientais, *Nicolau* convidava o leitor a ler poeticamente. Já apontamos algumas evidências expressivas que salientam esse traço estético. Outro traço também impregnado de poesia era representado pelos exercícios de tradução, *traduttore traditore*, a tradição da tradução, que o diretor do jornal preferia chamar de “transcrição de poesia”, por acreditar que a tradução para outra língua, apesar de ter que respeitar as características originais da obra, deveria ser criativa. Nesse movimento labiríntico, que traz de volta o passado, poetas traduzem poetas. Convém lembrar o que diz Susana Scramim, observando a noção de confinamento de Massimo Cacciari, “a poesia deles (no caso, os poetas tradutores) confina com os textos que eles traduzem”<sup>244</sup>. Em procedimento de sobreposição, os tradutores revelaram-se leitores reflexos e poetas estrategistas, dado imprescindível para reportar a carga lírica do texto original. Raúl Antelo esclarece: o estratagemma da tradução revolve e devolve potência à literatura<sup>245</sup>.

Ancorado no olhar de quem aponta para algo específico e propõe um enigma, o discurso poético, presente em vários textos do *Nicolau*, além dos inúmeros poemas publicados, suscitam uma reflexão no que se refere à globalização deste mundo cada vez mais integrado pelos meios de comunicação, e que insiste em reproduzir, incompreensível frivolidade, a concepção do progresso como fruto do avanço tecnológico. A avaliação de Maria Lucia Vieira<sup>246</sup>, ao analisar o papel inovador do periódico, verifica que em tempo algum houve semelhante valorização do pensamento técnico/científico – tão despojado de qualquer conteúdo enriquecedor da cultura humana – voltado exclusivamente para a função de produzir e consumir. Aprofunda-se um abismo entre o discurso científico ou ensaístico e o discurso poético ou artístico, com as suas respectivas possibilidades, virtudes, características e limitações. O primeiro opera com a análise, o segundo com a síntese. Aquele visa evitar a ambiguidade; este exatamente instaurá-la, pois ao ensejar múltiplas leituras, torna-se mais aberto e democrático, permitindo, ou mesmo exigindo, a participação emotiva e complementar da imaginação do receptor. Possibilidade viva, o *Nicolau* em seu caráter, sempre ambíguo ou dialético, vale dizer: originalíssimo, contém em si mesmo a possibilidade da crítica que desconstrói a possível manipulação ideológica, tão costumeira em seus aparelhos.

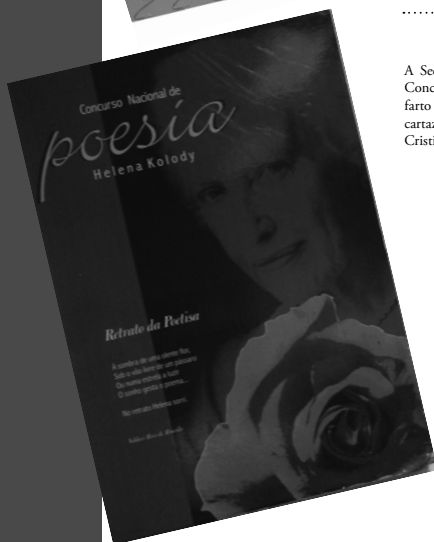
<sup>243</sup> KOLODY, Helena. “À margem dos ideogramas”. *Toda via*, Revista Mensal de Literatura. Curitiba: Casa do Poeta do Paraná. Ano 1. n. 1. jul 1988. p. 4-5.

<sup>244</sup> SCRAMIM, Susana. *Literatura do presente*: história e anacronismo dos textos. Chapecó, Argos, 2007. p. 67. Na obra, amparada por Cacciari, ela “limita” o conceito de confinamento: “Confinamento, além de ser um limite que nos separa do outro, é o que nos colocaria cara-a-cara com ele por envolver a noção de fronteira, uma vez que o que está na fronteira está próximo, isto é, avizinha-se do outro”.

<sup>245</sup> ANTELO, Raúl. Anotações da palestra “Que futuro para o passado? I Semana Acadêmica de Letras, no dia primeiro de novembro de 2007, no Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>246</sup> VIEIRA, Maria Lucia. *Um periódico cultural em busca de poesia*. Disponível em: <www.utp.br/eletras/ca/eletras3/art02.htm>. Acesso em: 29 ago 2010.

Plenamente afinada à linha editorial de *Nicolau*, Helena Kolody publicou seus textos em dezenove de seus números, sendo que ainda concedeu uma entrevista numa das edições (n. 8, entrevista concedida à jornalista Telma Serur) e teve uma caricatura sua publicada em outra (n. 33, ao lado de Dalton Trevisan, Wilson Bueno e Paulo Leminski, caricaturas de Paixão). Ou seja, resumindo, participou de um terço de todos os exemplares do periódico, o que não é pouco e é muito revelador.

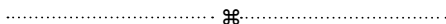


A Secretaria de Estado da Cultura promove, desde 1989, o Concurso Nacional de Poesias Helena Kolody. Para tanto, farto material de divulgação é confeccionado e distribuído. Os cartazes foram fotografados na própria secretaria. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.





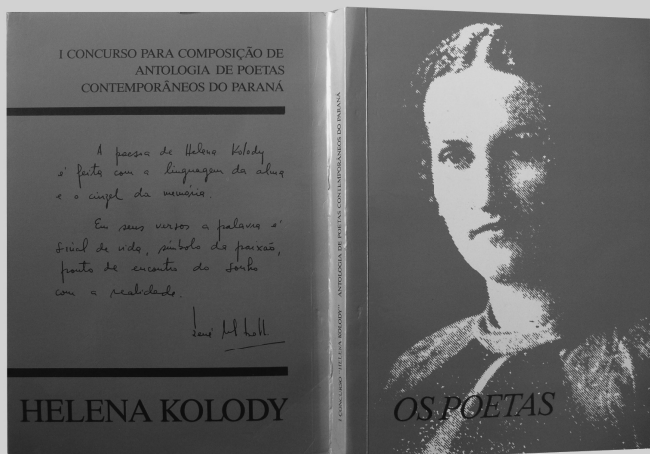
Sede da Secretaria de Estado da Cultura, localizada à Rua Ébano Pereira, 240, Curitiba. O prédio, construído em 1903, abrigou o antigo Gymnasio Paranaense. A Secretaria promove, desde 1989, o Concurso Nacional de Poesias Helena Kolody, hoje em sua vigésima edição. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

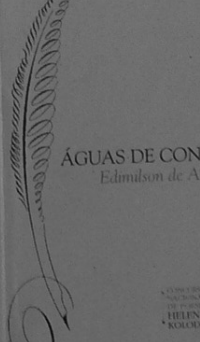
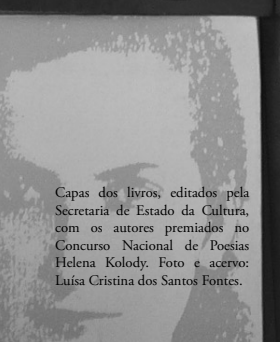
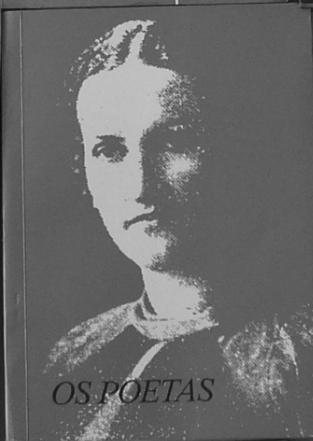
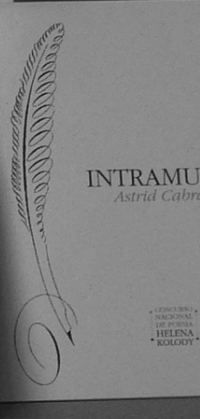
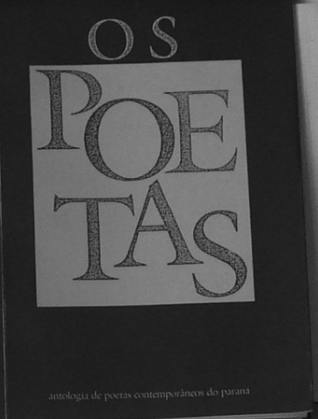
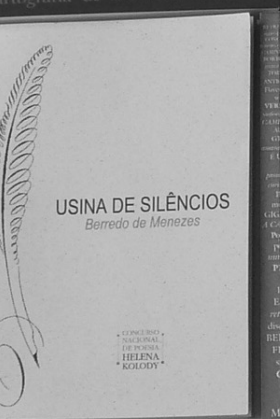
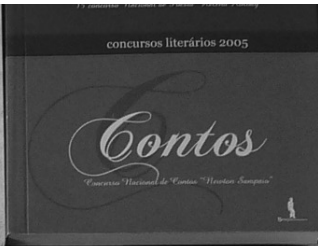
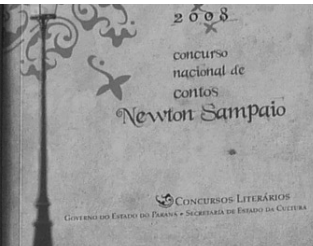
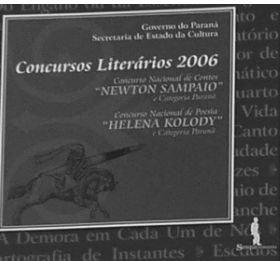


Premiação do II Concurso Helena Kolody, Auditório da Secretaria de Estado da Cultura, 1991. Luísa Cristina dos Santos Fontes, uma das premiadas, cumprimenta Helena, observada, entre outras, por Alice Ruiz (a primeira, sentada à esquerda). Foto: Róbison Benedito Chagas. Acervo: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Nestes tempos, mais precisamente, em 1988, foi criado o Concurso Nacional de Poesia Helena Kolody, instituído pela Secretaria Estadual de Cultura, do Paraná, realizado anualmente desde então. Na ocasião, o jurista Renê Ariel Dotti era o Secretário de Estado da Cultura. A primeira coletânea com os textos premiados foi lançada em 1990, com o título *Os Poetas*. Destaque-se o nome da jornalista Regina Benitez, organizadora das primeiras edições do certame, ex-aluna de Helena Kolody no Instituto de Educação. Hoje, o concurso está em sua vigésima edição e contou, nesta última edição, com mais de três mil participantes.

Exemplar de *Os Poetas*: antologia de poetas contemporâneos do Paraná, lançado em 1990, com os premiados do I Concurso Helena Kolody, promovido pela Secretaria de Estado da Cultura, Governo de Alvaro Dias. As primeiras edições do concurso foram coordenadas por Regina Benitez, Chefe do Setor de Editoração da Secretaria. Foto e acervo: Luísa Cristina dos Santos Fontes.





Capas dos livros, editados pela  
Secretaria de Estado da Cultura,  
com os autores premiados no  
Concurso Nacional de Poesias  
Helena Kolody. Foto e acervo:  
Luísa Cristina dos Santos Fontes.



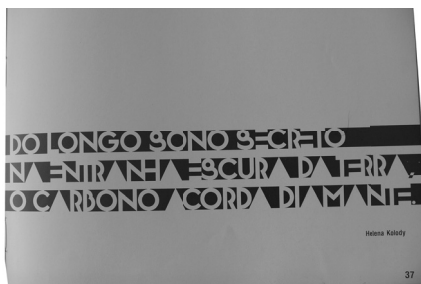
Farto material de divulgação é confeccionado e distribuído para o Concurso Nacional de Poesias Helena Kolody, entre eles: marcadores de livros. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Absolutamente sintonizada com a prática poética de seu tempo, Helena participou de inúmeras antologias que revelaram e firmaram nomes importantes e de vanguarda de nossa literatura mais contemporânea. A referendar uma linhagem poética da época, Arnaldo Antunes co-edita a revista gráfico-poética *Atlas* (*Almanak 88*)<sup>247</sup>. Ao todo são 84 criadores num álbum que combina poesia, artes gráficas, artes plásticas, música e cinema. Aí, a palavra de Helena Kolody, aparentemente simples e, ao mesmo tempo, cósmica, reverbera a palavra, entre outros, de Haroldo de Campos, Régis Bonvicino, Waly Salomão, José Lino Grunewald, Sebastião Uchoa Leite, Décio Pignatari, Glauco Mattoso e Paulo Leminski. A obra compõe-se de um conjunto de trabalhos distribuídos em procedimentos inventivos – não só pela exploração da visualidade tipográfica da superfície escritural – aplicados ao signo poético, que fazem da palavra o eixo fundamental e mantenedor de suas relações. Ao mesmo tempo, discute-se, sublinearmente, o estabelecimento de limites no campo artístico, ao se promover diferentes modos de conexão da comunicação artística contemporânea.



..... ☼ .....

A revista gráfico-poética *Atlas* (*Almanak 88*), com projeto arrojado, além de Helena Kolody, publicou, entre outros, Haroldo de Campos, Régis Bonvicino, Waly Salomão, José Lino Grunewald, Sebastião Uchoa Leite, Décio Pignatari, Glauco Mattoso e Paulo Leminski. A obra de 45x31 cm, hoje rara, integra acervo de Luísa Cristina dos Santos Fontes. Fotos: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



<sup>247</sup> ANTUNES, Arnaldo et al. *Atlas – Almanak 88*. Op. cit.

Mais do que ressonâncias, não há como não enfatizar uma onipresença na vida literária de Helena Kolody – Leminski, que usava como ninguém estratégias de *marketing*. Inserido em toda movimentação cultural, Paulo Leminski, antes que as vozes de escritoras se revelassem e se multiplicassem, fomentou a visibilidade de Helena. É interessante notar a cumplicidade existente entre os dois que extrapola o “simples” paralelismo de suas obras. Beira à devoção, a carta para uma amiga o comprova:

Querida amiga Fátima:

Perdoe meu longo silêncio. Como posso justificar-me? Quantas vezes reli suas cartas, tão cheias de vida e de cordialidade; mas não me senti com ânimo para respondê-las. Adorei a que me escreveu em folhas de caderno, no intervalo das aulas. Foi como se me tivesse enviado um trecho palpitante de sua vida, tão (?) Tantas coisas más me aconteceram! Perdi dois amigos queridos: Sylvia Carneiro, uma pessoa maravilhosa (amiga de longa data) e Paulo Leminski, que era como um filho; até me chamava de mãe. Como a morte nos despoja! Também morremos um pouco com aqueles que amamos.

Além disso, acidentei-me, caí ao descer de um ônibus e fui parar no Pronto Socorro. Graças a Deus, já estou restabelecida; só o pé luxado ainda me incomoda.

Envio-lhe dois exemplares de *Viagem no espelho* para suas amigas.

Querida Fátima: adoro suas cartas! Não deixe de escrever. Não se decepcione com a demora de minhas respostas. Lembre-se que tenho 76 anos e pouca saúde.<sup>248</sup>

Compor e recompor as memórias... os dados nem sempre estão previamente “prontos”... As informações, que nem sempre estão na superfície dos textos, digamos oficiais, exigem um trabalho de combinação, montagem, cruzamento, complementação e análise. Para tanto, cartas e cartões recebidos, cartas e cartões enviados, manuscritos, dedicatórias, são fonte documental rica, às vezes saborosas, em pistas, vestígios, indícios, fragmentos, cacos, lascas, migalhas... de vidas em incontornável conformação. Em sua trajetória, Helena Kolody,

---

<sup>248</sup> Rascunho encontrado dentro do envelope da carta enviada por Fátima, uma professora do Acre, e que a responde. Aqui não foi transcrito o que Helena riscou para eliminar. Paulo Leminski faleceu no dia 7 de junho de 1989.

correspondente contumaz, escreveu muito e para muitas pessoas<sup>249</sup>. Preservou sua correspondência mais pessoal, inclusive os rascunhos de correspondências enviadas, o que revela sua preocupação em guardar a memória de um tempo. Caixas e mais caixas (de sapato) com o rico patrimônio se avolumam num banheirinho em sua última morada, o referencial apartamento da Rua Voluntários da Pátria, em Curitiba. Desejo de arquivo ou “mal de arquivo”<sup>250</sup>?

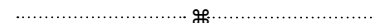
..... ✎ .....

Envelopes de correspondências recebidas e emitidas por Helena Kolody. A escritora manteve, com assiduidade, correspondência com outros escritores, amigos e críticos. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada e Luísa Cristina dos Santos Fontes. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



<sup>249</sup> Em Mesa Redonda: “Correspondência de escritores”, coordenada por Zahidê Lupinacci Muzart, apresentei algumas considerações a respeito da correspondência de Helena Kolody. Na I Semana Acadêmica de Letras, em 30 out 2007, no Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina.

<sup>250</sup> Referência explícita a Jacques Derrida, conforme “traduz” em *Torres de Babel*.



Caixas empilhadas num banheiro guardam a correspondência que Helena Kolody selecionou para o futuro. O tesouro, a ser descoberto, pertence à irmã, Olga Kolody Muñoz Ferrada, e seus sobrinhos. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Numa época em que os arquivos virtuais cada vez mais se tornam presentes em todos os setores das nossas vidas, a valorização das correspondências se impõe como uma necessidade de preservar e, para alguns, de “auratizar”<sup>251</sup> um objeto fadado ao quase total esquecimento. Por outro lado, ela acaba também por colocar o missivista e o leitor num mesmo plano, pulverizando os mitos de inacessibilidade. No caso das cartas, a intimidade que se revela é única. Ela instiga o nosso lado *voyeur*.



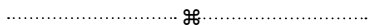
O Museu da Imagem e do Som do Paraná registra, em Caderno n. 13, *Helena Kolody: poetisa*. A apresentação é do escritor Valêncio Xavier, na ocasião, 1989, diretor do museu. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



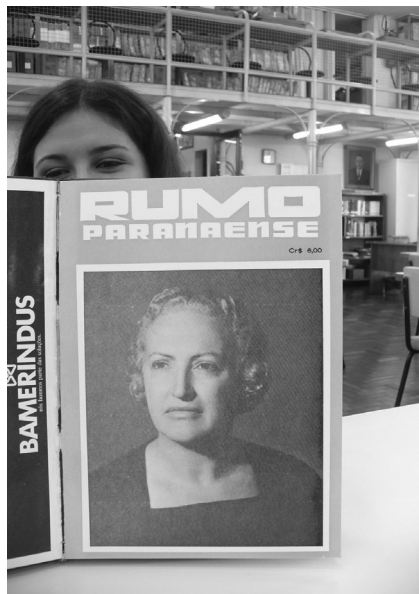
A antologia poética *Sinfonia da vida: Helena Kolody* foi organizada por Teresa Hatue de Rezende. O lançamento foi em 1997, pela Pólo Editorial do Paraná, proposta que uniu Governo do Estado do Paraná (Jaime Lerner) e Editora Letraviva. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

<sup>251</sup> Conforme Teresa Montero pensa a respeito das cartas de Clarice Lispector. In: MONTERO, T. (Org.). *Correspondências: Clarice Lispector*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002, p. 12.

Em uma introdução ao debate sobre a problemática do pós-modernismo na Literatura Brasileira<sup>252</sup>, Italo Moriconi reflete sobre os anos 80 e 90 do século passado. Observando a partir de um ponto de vista cultural mais amplo, polemiza: “o fim do século XX é pós-canônico, pós-vanguardista, pós-modernista. Na poesia brasileira, é marginal e pós-marginal, pós-moderno e pós-modernista... O fim do século foi para lá de depois.” Defensor do debate sobre a pós-modernidade, considerado estratégico, Moriconi destaca a pertinência de outros debates surgidos no período, como os estudos culturais, o debate sobre globalização, a questão do pós-colonial e do pensamento diaspórico. A partir daí defende que na poesia brasileira do fim do século, o sujeito marcado por gênero é de longe o mais importante nessa multiplicação de marcas. A poesia escrita por mulheres apareceu no cenário com força quantitativa. Cita alguns nomes: Olga Savary, Cora Coralina, Neyde Archanjo, Orides Fontela, Helena Kolody, Lupe Cotrim Garaudy, Josely Vianna Baptista, Zila Mamede, Lélia Coelho Frota, Iara Vieira entre tantas outras.



A revista *Rumo Paranaense*, em novembro de 1976, homenageia a escritora com quinze páginas de críticas elogiosas, depoimentos, fotografias e suas poesias. Acervo Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Muito embora não concorde com Moriconi em muitos aspectos, Paulo Venturelli também evidencia o fato de Helena Kolody, filiada à grande tradição lírica da poesia em língua portuguesa, saber colocar “sua dicção de mulher escrevendo numa época em que isto não era muito comum”<sup>253</sup>. Ainda lembra, o que já destacamos em capítulo anterior, que seu lugar no panorama literário está garantido por tudo isto, além de ter sido uma das primeiras, entre nós a praticar o haicai. O Professor Paulo Venturelli é o autor de *Helena Kolody*, da Série Paranaenses<sup>254</sup>, sem sombra de dúvidas, um dos mais importantes e citados trabalhos sobre a escritora até hoje.

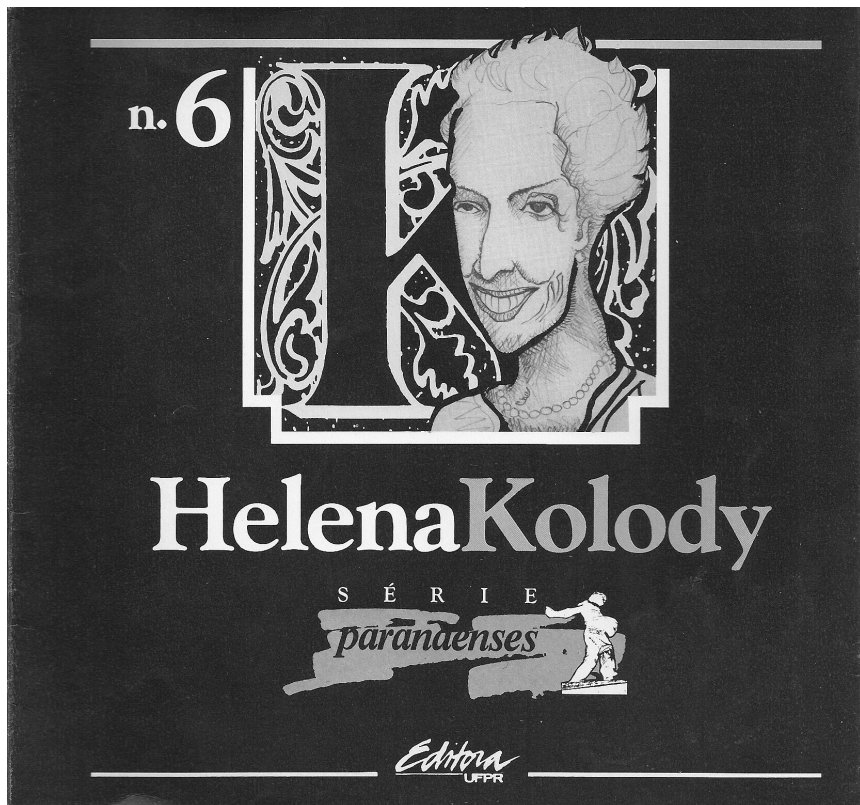
Para ilustrar a heterogeneidade que compõe o repertório de experimentos de Helena Kolody, basta conferir os procedimentos adotados para as comemorações de seus 80 anos, em 1992: concertos, recitais de poesia, distribuição de poemas e cartazes pelos terminais de ônibus, nos ônibus (1.600), táxis (500), escolas, centros culturais, bares, outdoors e até um *clip* poético veiculado na televisão. Um lanche no Clube Curitibano que reuniu 300 ex-alunos, missa em ação de graças e palestra da Professora Cassiana Lacerda: “Helena Kolody – 80 anos de Vida e Poesia” comemoraram a trajetória da escritora.

<sup>252</sup> CADERNOS da ABE. V. III, n. 1. Niterói: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. fev/mar 2004. Disponível em: <[www.filologia.org.br/abf/volume3/numero1](http://www.filologia.org.br/abf/volume3/numero1)>. Acesso em: 15 out 2009.

<sup>253</sup> VENTURELLI, Paulo. Entrevista concedida a Luísa Cristina dos Santos Fontes, em fevereiro de 2010, por e-mail.

<sup>254</sup> VENTURELLI, Paulo. *Helena Kolody*. Op. cit.





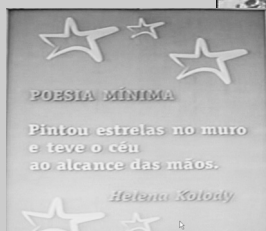
*Helena Kolody*, volume n. 6 da Série paranaenses da Ed. da UFPR, lançado em 1995, com organização de Paulo Venturelli, é, sem sombra de dúvida, uma obra referencial para quem estuda a escritora. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Camisetas serigrafadas com poemas de Helena Kolody relevam a popularidade da escritora e, simultaneamente, reconhecem o mérito de sua produção poética. À venda no Museu Ucrâniano em Curitiba. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

..... ∞ .....

A Prefeitura Municipal de Curitiba homenageou Helena Kolody, por seus 80 anos, com *outdoors* de alguns poemas. "Poesia mínima" foi colocado no centro histórico da cidade, na Travessa Nestor de Castro. Observar que ao lado se encontra o painel "Largo da Ordem", de Poty Lazzarotto. Fotograma do documentário *Helena de Curitiba*, dirigido por Josina Melo e lançado em 2005.



O cineasta Sylvio Back lançou o filme *A Babel da Luz* que estreou nacionalmente em Curitiba, no teatro do Palácio Avenida, em 14 de outubro, com sua presença e a da aniversariante. “Auto-retrato protagonizado pela poeta Helena Kolody, enquanto espelho de suas próprias angústias, enquanto aventura linguística única, enquanto repositório de uma biografia interminável – que o poema, afinal, continua a vida... É uma biografia feita em poemas e com tradução gráfica”<sup>255</sup>. Assim, Back resume sua produção. O filme *A Babel da Luz* recebeu o prêmio de melhor curta-metragem do XXV Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e o de melhor montagem<sup>256</sup>. Concorreu com mais de 50 inscritos no festival. Além do “Candango”, Sylvio Back recebeu um prêmio de 30 milhões de cruzeiros. Em entrevista, logo depois da estreia, o cineasta conta entusiasmado: “as pessoas, no final da projeção, vinham me perguntar mais sobre Helena Kolody. O incrível é que nossa poeta não é nacionalmente conhecida. E quando for, 500 poetas deixarão de existir, pois ela é iluminada”. Antes mesmo da premiação em Brasília, o crítico Rubens Ewald Filho já havia pedido para exibir o curta-metragem na TV A, o que aconteceu poucos dias depois<sup>257</sup>.



..... ❧ .....  
Helena Kolody e o jurista René Ariel Dotti. Dotti foi Secretário de Estado da Cultura no governo de Álvaro Dias. Com o patrocínio de sua secretária, em 1991, foi lançado o livro *Ontem agora – poemas inéditos*. Fotograma do documentário *Helena de Curitiba*, dirigido por Josina Melo e lançado em 2005.



Ainda em comemoração de seus 80 anos, em São Paulo, leitura e comentário sobre a sua poesia foram programados na Casa de Cultura do Butantã, no dia 17 de outubro de 1992, e, no dia 24, na Casa de Cultura do Ipiranga, programação organizada pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. Seus textos foram utilizados na televisão, no cinema, no teatro, na música, na dança, na pintura, em grafites, em camisetas... Hoje, são tocados pela inevitabilidade digital.

..... ❧ .....  
*A Babel da Luz*, filme (35 mm) dirigido por Sylvio Back. Lançado em 1992, recebeu o prêmio de melhor curta-metragem do XXV Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e o de melhor montagem. O “poemografilme” de 10 minutos apresenta Helena Kolody falando de seus poemas e de sua alma, e, ainda, brinda-nos cantando músicas ucranianas. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

<sup>255</sup> In: “Filme e outdoors para Helena Kolody”. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 11 out 1992, p. 2.

<sup>256</sup> O “poemografilme” contou com o patrocínio do Banco Bamerindus, d’O Boticário, da Fundação Cultural de Curitiba e do Instituto Brasileiro de Arte e Cultura.

<sup>257</sup> LOPES, Adélia Maria. Poeta Helena Kolody comove Brasília. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 3 dez 1992, p. 21.



Sessão solene da Academia Paranaense de Letras para a investidura do escritor Rafael Valdomiro Greca de Macedo, 2001. O ex-ministro de Esporte e Turismo e ex-prefeito de Curitiba, entre outros, Rafael Greca saúda Helena Kolody. Atrás, estão, entre outros, as escritoras Adélia Maria Woellner e Leonilda Hilgenberg Justus, também integrantes da APL. Disponível em: [http://www.rafaelgreca.org.br/blog/?page\\_id=159](http://www.rafaelgreca.org.br/blog/?page_id=159)>. Acesso em: 11 mar 2009.

No mesmo ano, dia 25 de março, aconteceu a solenidade de posse de Helena Kolody na Academia Paranaense de Letras. Presença há muito reclamada pela comunidade cultural paranaense. Seu irmão, José, vestiu-a com a pelerine oficial, presenteada pela Secretaria de Estado da Cultura. A posse aconteceu no Auditório do SESC da Esquina, Curitiba. Helena foi imortalizada na cadeira 28, cujo patrono é o também poeta Francisco Carvalho de Oliveira, seu filho, João Batista de Carvalho Oliveira, mais conhecido como Rodrigo Júnior, foi o primeiro ocupante, seguido por Leonardo Henke. Leopoldo Scherner apresentou o discurso de saudação. Helena foi a segunda mulher a ingressar na entidade, a primeira fora Pompília Lopes dos Santos, um ano antes. Ambas foram eleitas na gestão do escritor Felício Raitani Neto.

Outra prova de reconhecimento público, ocorreu em 8 de maio de 2003, aos 90 anos. Helena Kolody foi agraciada com o título de *Doutora Honoris Causa*, pela Universidade Federal do Paraná, ano em que a instituição também comemorava seus noventa anos. O Reitor, Professor Carlos Moreira, assim resumiu a honraria: “Sou um fã incondicional da pessoa e da obra de Helena Kolody, por isso propusemos ao Conselho Universitário, em conjunto com a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, a homenagem. E este não teve nenhuma dúvida em outorgar-lhe o título... E estamos comemorando 90 anos, mesma idade da professora. Nada mais justo do que lembrá-la.”<sup>258</sup>

..... ❧ .....  
Helena Kolody recebeu em 8 de maio de 2003 o título de Doutora *Honoris Causa* pela Universidade Federal do Paraná. A entrega da honraria foi feita pelo Reitor Professor Carlos Moreira. Disponível em: <[www.jornaldondrina.com.br/brasil/conteudo.php?tema=1&id=797601](http://www.jornaldondrina.com.br/brasil/conteudo.php?tema=1&id=797601)>. Acesso em: 3 de mar 2011.



<sup>258</sup> Disponível em: <[www.parana-online.com.br/editoria/policia/news/46907](http://www.parana-online.com.br/editoria/policia/news/46907)>. Notícia de 7 mai 2003>. Acesso em: 15 jun 2009.

Já que o procedimento aqui selecionado é o da sobreposição, o da experiência umbilicalmente infante (só para tangenciar Giorgio Agamben<sup>259</sup>) de contar *ad infinitum* a mesma história<sup>260</sup>, uma interessante articulação se processa entre a palavra de Helena e a música (será verificada com atenção no próximo capítulo). Em 1967, por exemplo, suas poesias receberam música e foram apresentadas no Teatro Municipal de São Paulo por Helsa Cameu: “Ilusão”, “Entardecer”, “Crepúsculo de Abril”, “Sobrevivência”, “Música Eterna”. Os cantores Hermelindo Castello Branco e Maria Sylvia Pinto interpretaram-nas. Em 1987, “Prece” ganha versão musicada, por Sandra de Andrade, com arranjo musical do maestro Pedro de Castro, em Minas Gerais. Em 1999, o compositor Henrique de Curitiba (que é o pseudônimo de Henrique Morozowicz) apresenta no XIX Festival de Música de Londrina, na estreia da peça Um ciclo de canções paranaenses: *Seis Poemas de Helena Kolody*, obra musicada e executada pelo próprio compositor e cantada pela soprano Denise Sartori, no Cine-Teatro Ouro Verde. Em 2003, a Editora da UFPR publica *Seis poemas de Helena Kolody*: canções para soprano e piano, textos de Helena Kolody com as respectivas partituras de Henrique de Curitiba.



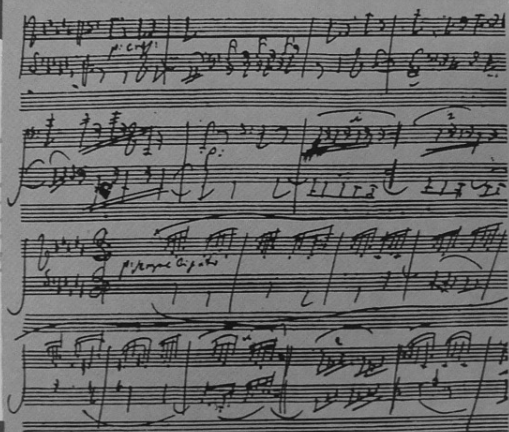
..... ¶ .....  
A Universidade Federal do Paraná, a universidade mais antiga do Brasil, outorgou a Helena Kolody o título de Doutora *Honoris Causa* em 8 de maio de 2003. A instituição completava 90 anos, mesma idade da escritora. Foto: Atílio Leone. Postal publicitário de Papéis Melhoramentos datado de jul 2007.

<sup>259</sup> AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005. p. 62-63.

<sup>260</sup> Conforme o fiz no trabalho “Babel: vista dos anacronismos da revista”, sob orientação de Maria Lucia de Barros Camargo. In: *Boletim de Pesquisa NELIC*, v. 8, n. 12/13, 2008. p. 81-92. Disponível em: <[www.periodicos.ufsc/index.php/nelic/article/view/7804](http://www.periodicos.ufsc/index.php/nelic/article/view/7804)>.

*Seis poemas de Helena Kolody* – canções para soprano e piano, do compositor Henrique de Curitiba (pseudônimo de Henrique Morozowicz), foi lançada pela Ed. da UFPR, em 2003, na Série Partituras. A obra foi comissionada para o XIX Festival de Música de Londrina, 1999, em homenagem à poeta Helena Kolody. Foto: de Luísa Cristina dos Santos Fontes.

# Seis Poemas de Helena Kolody



Henrique de Curitiba

Editora  
UFPR

Cada nova pegada descoberta no mapa de uma escritora re-compõe sua viagem, pequenos movimentos potencializados. Seja o recebimento do título de Cidadã Honorária de Curitiba, em 1987, por proposição do vereador Waldir D'Ángelis; seja o título de Vulto Emérito de Curitiba, pela Câmara de Vereadores de Curitiba, em 1999, por proposição da vereadora Julieta Reis. Seja a nomeação de uma escola<sup>261</sup> ou biblioteca; seja a análise de seu fazer poético por diversas monografias, dissertações e tese<sup>262</sup>. Entre outras, Helena Kolody integrou, luminosamente, as seguintes instituições: Academia Paranaense de Letras; Academia de Letras José de Alencar; Academia Feminina de Letras do Paraná; Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraniana; Sociedade Ucraniana do Brasil; Academia Rio-Grandense de Letras; Casa do Poeta, de São Paulo; Confraternidade Universal Balzaciana, de Montevidéu; Casa Del Artista; Instituto de Cultura La Plata, de Montevidéu; Centro de Letras do Paraná; Centro Paranaense Feminino de Cultura; Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico do Paraná; Centro Brasileiro de Cultura, de Curitiba; Instituto Brasileiro de Cultura, do Rio de Janeiro; Clube de Poesia, de Campos, Rio de Janeiro; Centro Cultural Humberto de Campos, de Vitória; Associação de Cultura Guiratinga, Minas Gerais; Sociedade de Cultura Artística Brasília Itiberê; Clube Curitiba. De outras tantas entidades, parainfa cadeiras.



Helena Kolody, em homenagem a seus 90 anos, na Biblioteca Pública do Paraná, 4 out. 2002. Sentadas a seu lado estão as escritoras Adélia Maria Woellner, amiga de todas as horas, e a também escritora Chloris Casagrande Justen. Atrás de Adélia, em pé, Olga Kolody Muñoz Ferrada. Fotografia do acervo de Adélia Maria Woellner.

<sup>261</sup> Centro Municipal de Educação Infantil Helena Kolody - Rua Prata, s/n, Telêmaco Borba, PR; Colégio Estadual Helena Kolody - Ensino Fundamental e Médio - Rua Maria Izabel Tosin, 181, Colombo, PR; Colégio Estadual Helena Kolody - Ensino Fundamental e Médio - Linha Vitória, s/n, Cruz Machado, PR; Colégio Estadual Helena Kolody - Ensino Médio e Profissional - Rua Ataulfo Alves, 332, Terra Boa, PR; Colégio Estadual Helena Kolody - Ensino Fundamental e Médio - Rua Euclides Cunha, s/n, Sarandi, PR; Escola Estadual Professora Helena Kolody - Rua Estados Unidos, 1669, Cambé, PR; Escola Municipal Helena Kolody - Rua Humberto Bertoldi, 281, Curitiba, PR; Escola Municipal Helena Kolody - Educação Infantil e Ensino Fundamental - Rua Bariri, 721, Prado Ferreira, PR; Centro Municipal Professora Helena Kolody - Educação de Jovens e Adultos (CEHELENA), Ponta Grossa, PR.

<sup>262</sup> No capítulo *Fortuna Crítica*, elenco boa parte destes trabalhos.



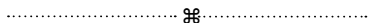


..... ¶ .....

Helena Kolody recebeu o título de Vulto Emérito de Curitiba, em 1999. A proposta foi apresentada pela Vereadora Julieta Reis, endossada pelo então prefeito, admirador da escritora, Cassio Taniguchi. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

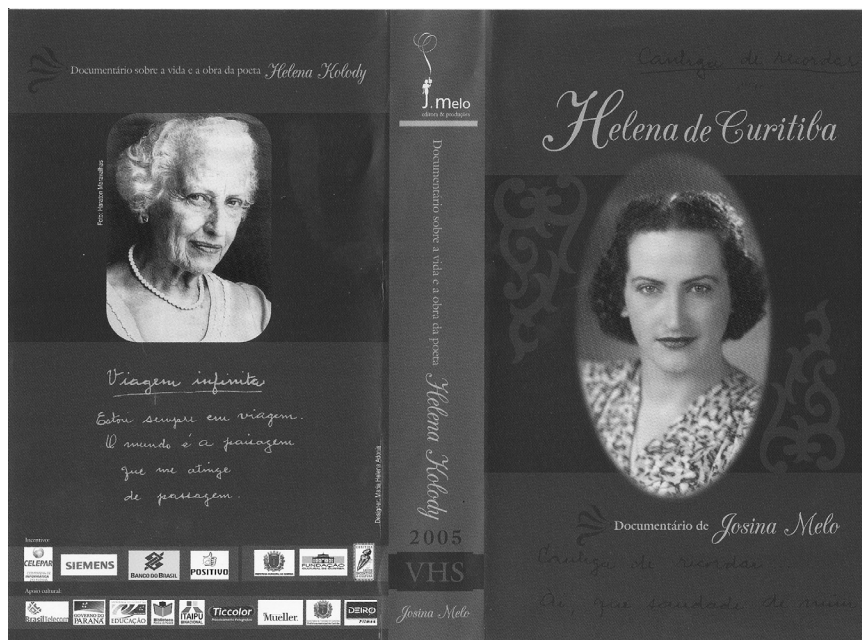


Poty Lazzarotto e Helena Kolody, em evento comemorativo dos 300 anos de Curitiba, no Largo da Ordem, 1993. Foto de Lina Faria. Fonte: cartunista Solda. Disponível em: <http://curitibaneando.wordpress.com/2010/09/07/poty-lazzarotto-e-helena-kolody/> Acesso em: 10 dez 2010.



HELENA Kolody por Helena Kolody. CD idealizado e produzido por Paulinho Lima e lançado em 1997. Trilha musical composta por Iuri Cunha. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Vistos com a distância que se me permite, tais vestígios franqueiam um profuso exercício de procedimento de montagem em *petit pavé* (tão característicos em/de Curitiba), com enfrentamento de discursos intersticialmente. Seu transcurso fecha-se antes e fecha-se depois, em tautocronismo, posto que veículo da literatura do presente, presente, como frisa Paolo Virno, visto como se já tivesse sido<sup>263</sup>. Todas estas informações formam para o autêntico colecionador uma “completa enciclopédia mágica, uma ordem do mundo”. Revendo as lições de Benjamin: “Acompanhemos um colecionador que manuseia os objetos de sua vitrine. Mal seguros nas mãos, parece estar inspirado por eles, parece olhar através deles para o longe, como um mago. (Seria interessante estudar o colecionador de livros como o único que não necessariamente desvinculou seus tesouros de seu contexto funcional.)”<sup>264</sup>. Ainda que de objetos díspares, a bagagem de Helena Kolody é a materialização de seu trabalho, uma peculiar cartografia de auto-referências levadas ao extremo e, não obstante o aparente feito paradoxal, retoma os biografemas barthesianos.



Documentário de Josina Melo, em VHS, *Helena de Curitiba*, lançado em 2005, conta vida e obra de Helena Kolody. Em 2006, foi lançado em DVD. Reprodução: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

<sup>263</sup> VIRNO, Paolo. In: SCRAMIM, Susana. *Literatura do presente: história e anacronismo dos textos*. Chapecó, Argos, 2007. p. 96-97.

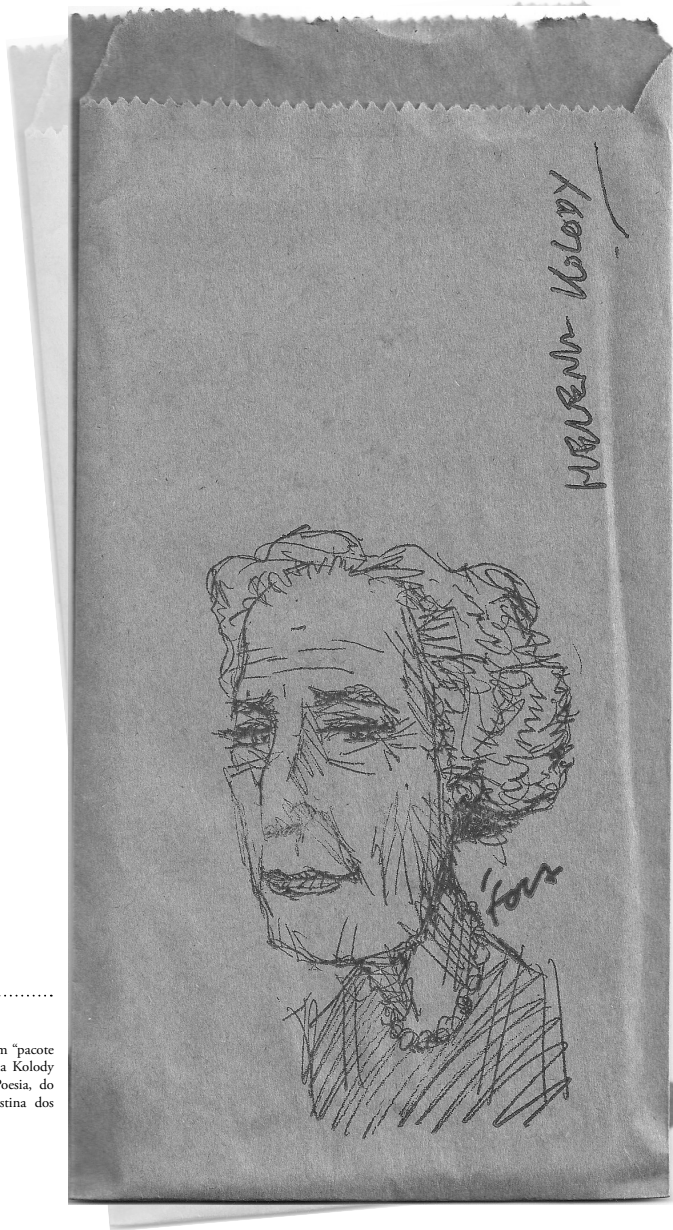
<sup>264</sup> O colecionador. (In: BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Op. cit., p. 241).



.....✻.....

Rachel de Queiroz e Helena Kolody  
no lançamento do livro *Obra Reunida*,  
de Raquel, na Livraria Ipê Amarelo,  
Curitiba, 1991. Fotografia do acervo  
de Olga Kolody Muñoz Ferrada.  
Reprodução: Luísa Cristina dos Santos  
Fontes.





.....✂.....

Folhas em papel *knuff*, encartadas em "pacote de pão", reúnem poesias de Helena Kolody lançadas pelo Projeto Pacote de Poesia, do SESC em 2008. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



..... ❧ .....  
A Coleção Nossa Gente, lançada pela Fundação Ecumênica de Proteção ao Excepcional, de Curitiba, apresenta breve biografia de pessoas que contribuíram para o enriquecimento cultural do Estado do Paraná. Com texto de Denise Grein Santos e desenhos de Solange Corrêa Ferreira, o volume *Helena Kolody*, lançado em 2001, posta na capa aquarela de Guido Viaro, de 1957, acervo de Olga Kolody Muñoz Ferrada. Integram a coleção, que está à venda no Museu Oscar Niemeyer, em Curitiba: Potsy, Guido Viaro, De Bona, Erasmo Pilotto, Paulo Leminski, Turin e Groff. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.





# 6 O tempo inexorável ampulheta



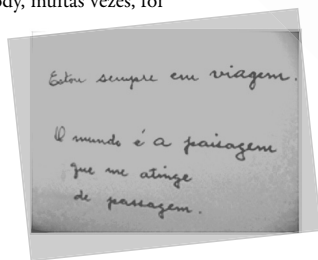


Na página anterior: terços de Helena Kolody, pendurados na parede de seu quarto. Foto: Luisa Cristina dos Santos Fontes.

## 6 | O tempo: inexorável ampulheta<sup>265</sup>

A matéria do infinito ∞ Poder encantatório ∞ Maturidade  
Inexorabilidade ∞ Projeto de plenitude

Em tensão poética permanente, na qual habitam todos os deslocamentos da poeta, seus versos subsumem uma paisagem, não obstante as tonalidades por vezes brandas, profundamente aferida com seu contexto afetivo. Assim, o ponto de partida, para Helena Kolody, muitas vezes, foi a estação tubo<sup>266</sup> da Praça Rui Barbosa, que a transportava “ligeirinho” para todos os lugares – a Curitiba Babel, do Bosque do Papa, de Santa Felicidade, da Praça da Espanha, do Parque dos Tropeiros, do Bosque Alemão, do Memorial Italiano, da Praça do Japão, e do Memorial Ucraniano – e lugares de todos os mundos: à Viagem infinita, à Esquecida primavera, Pelos bairros esquecidos, à Paisagem interior, à Terra inculta, ao Gênesis, ao sentido secreto da vida, ao Marumbi, ao Mar Morto, ao Mar de sargaços, À sombra no rio, a Vênus, ao Cosmo, à Reminiscência... ao Limiar...<sup>267</sup> Helena Kolody viajou muito... e viajou muito dentro da própria cidade.<sup>268</sup>



“Viagem infinita”, do livro *Ontem agora* – poemas inéditos, de Helena Kolody. p. 53. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes

<sup>265</sup> KOLODY, Helena. Verso de poema do livro KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 46.

<sup>266</sup> Em 1974, foi implantado em Curitiba o “Sistema Expresso” que criou canalizações exclusivas para circulação de ônibus. Dessa forma os ônibus circulam sem congestionamento e somente param para embarque/desembarque e nos sinais de trânsito, tornando a viagem mais rápida. Atualmente os ônibus desse sistema são operados com veículos articulados/biarticulados. O embarque é realizado em nível através das estações tubo. Em cada uma delas existe um cobrador que cobra antecipadamente a passagem, o que agiliza o processo e torna a viagem mais rápida.

<sup>267</sup> São títulos de poemas de Helena Kolody.

<sup>268</sup> No dia 4 de agosto de 2011, apresentei comunicação intitulada “Helena Kolody e uma pulsante cartografia de Curitiba”, em que discorro a respeito dessa relação, a cidade vista a partir do olhar de uma mulher. Deste “farol”, cada assunto corriqueiro, cada coloquialismo, assume um sentido poético e universal. Na Universidade de Brasília, XIV Seminário Nacional e V Seminário Internacional Mulher e Literatura do GT “Mulher e Literatura”, da Associação Nacional em Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL).

Rodopiando com a Terra,  
girando em torno do Sol,  
viajamos velozmente  
pela Via Láctea.

(... tão minúsculos  
que nem percebemos  
esse estar sempre em viagem.)<sup>269</sup>

O viajar representa, entre outras coisas, uma procura. Assim é que não canso de reconstituir a cena de uma Helena já bem madura, a observar o mar, a certa distância... na linha do horizonte mar e céu se misturam... o mesmo céu que duplica o azul dos olhos de Helena, já decantados por Paulo Leminski e tantos mais... A mesma água que a menina Helena gostava de ver correr no rio Negro, que separa Rio Negro e Mafra. A contemplação... Parava sobre a ponte e perdia-se olhando as águas passando... e as águas a transportam para ... “Seu olhar profundo/olha na poça d’água/e enxerga estrelas no fundo.”<sup>270</sup> Aqui se pode retomar as imagens de *Terra Estrangeira*, Paco à deriva, vulnerável deriva... Assim, à cifra de derivações, Helena Kolody (in)forma – cartografia subjetiva – o país conceitual que habita.

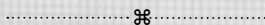
<sup>269</sup> KOLODY, Helena. Sempre em viagem. (In: KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p 34).

<sup>270</sup> Avesso. In: *Helena de Curitiba*. p. 72.

# Desembarque



A estação tubo da Praça Rui Barbosa dava acesso a muitas das viagens de Helena Kolody: “Estou sempre em viagem./O mundo é a paisagem/ que me atinge/de passagem”. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Helena, Olga e a cunhada, Delohe, costumavam passar breves temporadas em Caiobá, em diferentes épocas do ano. Viajar é também reviver. Estes “intervalos” eram meticulosamente anotados em suas agendas. Delohe Rodrigues Dalledone Kolody, na maturidade, foi companheira de passeios de Olga e Helena. Hospedavam-se na sede da Associação dos Servidores Públicos do Paraná (ASPP), cada uma em seu quarto. O quarto de Helena, quase sempre, era o de número 407. Olga lembra carinhosamente do funcionário Roberto, descendente de índios, que as atendia, mais, destaca que eram recebidas calorosamente por todos. Helena lia muito, à noite, no quarto, e, durante o dia, devido a problemas com o tornozelo, alugava cadeira e guarda-sol na Caiobanca, da Avenida Atlântica, para suas leituras no calçadão enquanto Delohe e Olga caminhavam. Eis “o” ponto de vista, um belíssimo e sugestivo horizonte se descortinava ante os olhos da escritora. Entre as revistas preferidas, *Caminhos da Terra*, proporcionava a Helena as viagens que não pode fazer. Uma curiosidade: no emblemático 11 de setembro de 2001, dia de aniversário de Olga, estavam na sede da ASPP em Caiobá.

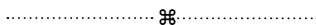


O mar, visto do ponto preferido de Helena Kolody – em frente à Caiobanca, na Avenida Atlântica, em Caiobá –, em suas andanças pelo litoral paranaense. No horizonte, a mistura de azuis, cromatismo recorrente em seus versos e que catalisava muitas de suas viagens. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

.....✿.....

Sede da Associação de Servidores Públicos do Paraná, em Caiobá, litoral paranaense. O quarto 407 costumava hospedar Helena Kolody, às vezes, vários dias no ano. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.





A revista *Os caminhos da Terra* proporcionava a Helena Kolody a visita a lugares desconhecidos, era a leitura preferida nas temporadas em Caiobá. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Dito de outro modo, nem mesmo a fotografia nos mostra o real literal. Um ponto de vista. Uma determinada mensagem. Um recorte. O que está em cena é a criação poética literária e uma poeta que se entrega ao seu ofício. Tal constatação remete-me ao escritor Harry Laus, em entrevista concedida ao também escritor Salim Miguel: “Mesmo quando não escrevo memórias propriamente ditas, estou fazendo memórias. Memórias do que ocorreu comigo, daquilo que ocorreu a minha volta, de situações que ocorreram com outros, mas que poderiam ter acontecido comigo.”<sup>271</sup>



Olga e Helena em lanche com amigas. É possível, pelas fotografias de Helena Kolody, perceber uma postura receptiva desde os primeiros tempos, pontuada, com muita propriedade, pela amiga Adélia Maria Woellner: “As mãos se levantam, abertas, leves como pássaros se alçando para o voo. Mãos generosas, acolhedoras. Acompanha as mãos, o sorriso largo, sincero. E os olhos confirmam todos os gestos: profunda e intensamente azul, também se doam, sorriem. Afinal, mesmo sentada, seu corpo todo recebe, amorosa e serenamente.”<sup>272</sup> Data aproximada da foto: ano 2000. Acervo: Diva Weber Torres.

<sup>271</sup> LAUS, Harry. In: MUZART, Zahidé (Org.). *Tempo e andanças de Harry Laus*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993. p. 65.

<sup>272</sup> WOELLNER, Adélia Maria. A voz da mulher na literatura. *Revista de Literatura, História e Memória*: Narrativas da memória – o discurso feminino. v. 3. n. 3. 2007. Cascavel: UNIOESTE. p. 31.

O escritor propõe, desta forma, uma evidente permeabilidade entre criação e recriação de mundos. Antonio Cândido chama atenção para a presença de uma espécie de teimosia do mundo referencial na produção literária dos anos 60, 70, o desejo de ver a literatura representando o mundo em que vivemos.<sup>273</sup> O escritor, ou melhor, o artista, nessa perspectiva, explora a existência, o mundo real é absorvido pelo mundo imaginário. Cecília Salles<sup>274</sup> fala do artista como canibal da realidade, da existência, experiência que parte de uma necessidade de observar e aproveitar essa realidade, de extrair suas riquezas. É esta a sua sina: a multiplicação, viver a poesia da cisão.<sup>275</sup> Na reconstrução desta trajetória, a identidade volta de maneira *effroyable*.

Pelos bairros esquecidos,  
tantos passos,  
tantos risos,  
tantos sonhos perdidos!<sup>276</sup>



..... ❧ .....  
O espelho de Helena sobre a sua penteadeira. Bem mais que o prosaísmo, na obra de Helena Kolody, o objeto referencia questões das mais subjetivas. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

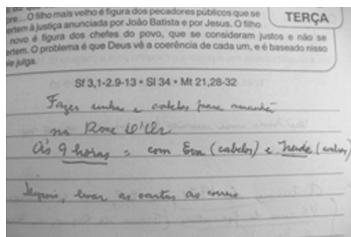
Gaveta da penteadeira de Helena Kolody, onde estão guardados alguns de seus objetos pessoais. Entre eles, estojos de sombras, esponja para pó, pentes, escovas, lâminas, símbolos, ainda, de uma identidade feminina. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

<sup>273</sup> In: HOLLANDA, Heloisa B.; GONÇALVES, Marcos. *Anos 70*. Rio de Janeiro: Europa, 1980. p. 17.

<sup>274</sup> SALLES, Cecília A. Jogos com a realidade. *Manuscrita*: Revista de Crítica Genética, São Paulo, n. 6. Anna Blume, nov 1996. p. 73-82.

<sup>275</sup> SANTOS, Luísa C. Harry Laus: sujeito e texto. *Publicatio UEPG – Humanities, Applied Social Sciences, Linguistics, Letters and Arts*, Ponta Grossa: Ed. UEPG, v. 10, n. 1, 2002. p. 111-129.

<sup>276</sup> Do livro: KOLODY, Helena. *Ontem agora* – poemas inéditos. Op. cit., p. 37.



Na agenda de Helena Kolody, 1999, anotações mostram que a “condição feminina” é disposição indispensável, sempre. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

..... ✂ .....

que impedia a apreensão do sujeito na sua dispersão e diversidade. Há o reconhecimento, no sujeito, de um caráter contraditório, marcado pela incompletude e pela vontade de “querer ser inteiro”. Desta forma, o centro da relação não está mais nem no eu, nem no tu, mas no espaço discursivo criado entre ambos. Ou seja, a apropriação das formas de linguagem não é individual, mas social e constitutiva.

Ser uma densa floresta sombria

Que tece filigranas vegetais

E em segredo se adorna para a festa da luz.<sup>278</sup>

Isto posto, a noção de história é fundamental, já que o sujeito é marcado espacial e temporalmente. A partir desta determinação é possível articular à concepção de sujeito mobilizado por processos histórico-sociais, a de um sujeito ideológico. Assim, há uma forma de apropriação de linguagem em que está inscrita a ilusão do sujeito, a sua interpelação feita pela ideologia. Como ser projetado num espaço e num tempo orientado socialmente, o sujeito situa o seu discurso em relação aos discursos do outro. Outro que envolve não só o seu destinatário para quem planeja, ajusta a sua fala (nível intradiscursivo), mas que também envolve outros discursos historicamente já constituídos e que emergem na sua fala (nível interdiscursivo).



<sup>277</sup> ORLANDI, Eni P. *A linguagem e seu funcionamento*. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987. p. 53.

<sup>278</sup> KOLODY, Helena. “Retrato antigo”. In: KOLODY, Helena. *Ontem agora – poemas inéditos*. Op. cit., p. 35.



Puseste a castidade como um selo  
Em meus sentidos.

Túnica talar,  
A renúncia vestiu-me.

Em meu túmulo, Mãe, poderão levantar  
Um arco triunfal como o das virgens chinesas.<sup>279</sup>

Com a noção de subjetividade surgindo relativizada no par eu-tu, incorporando o outro como constitutivo do sujeito, a concepção de linguagem não pode mais ficar assentada na noção de homogeneidade. A linguagem não é mais evidência, transparência de sentido produzida por um sujeito uno, homogêneo, todo-poderoso. O sujeito fragmentado, partido, com brechas, se preenche polifonicamente. Equivale também a dizer que a observação dos sentidos pode considerar a presença de várias vozes, que apontam para lugares discursivos diferentes... no entanto, todos constitutivos do sentido.

Tentemos situar o sujeito em relação ao que Michel Foucault<sup>280</sup> chama de controladores internos e externos delimitadores de seus discursos; paralelamente, observemos como ele, institucionalmente inscrito na Literatura, transita e ocupa descontinuadamente várias posições dentro de um mesmo texto. Neste sentido, o texto concretiza uma dispersão do sujeito. Isto é, é atravessado por vários discursos. O sujeito pode ser visto em lugares distintos, representando-se de diferentes maneiras, ocupando posições diferentes. Portanto, a construção subjetiva, a escrita de si cede o lugar para um sujeito constituído socialmente, heterogeneamente.

“As impressões que me atingem vão se acumulando em meu inconsciente e elaborando uma espécie de húmus, no qual se misturam impressões de muitos tempos; desse húmus brota o poema, impregnado de minha própria personalidade.”<sup>281</sup>

<sup>279</sup> “Intemerata” foi escrito em maio de 1942 e publicado pela primeira vez em 1995, ou seja, mais de cinquenta anos depois. In: VENTURELLI, Paulo (Org.). *Helena Kolody*. Op. cit., p. 60.

<sup>280</sup> FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. FOUCAULT, Michel. Op. cit.

<sup>281</sup> KOLODY, Helena. *Um escritor na biblioteca*. Op. cit., p. 19.

07.07.19 Dn 2,31-45 • (Dn 3,57-61) • Lc 21,5-11

A turma de 1942 (que pararam) vai fazer  
 o 1º ano de formação. A Joana Constante Gerdilich  
 vai com elas - me.  
 Jovens Ulysses e eu. Vai ser um curso.  
 Alguém vai buscar as.  
 A Sociedade de Estudos Clássicos não é mais - us  
 Telefone auto.  
 Não nos buscare a Engl - telefone auto  
 Não é de 45 - Telefone auto.  
 Foi uma reunião muito agradável. Pouca gente e muita  
 cordialidade. Como se fosse em 1942.

de Rio Largo, telefone  
 Rio Largo vai homenagear  
 a comuna de Rio Largo  
 Uma jovem escritora, talvez, vai dar  
 livro neste dia.  
 Combinamos o dia 31 de maio  
 Vem alguém de Rio Largo para  
 Barnilton Faria Telefone auto para a  
 com calendário, no final, no mês de maio

.....☿.....

Agenda de Helena Kolody, 1999. Beirando a diário, a agenda traz anotações das mais prosaicas, por exemplo, Fulano virá buscar R\$ 10 para a instituição Tal, às mais poéticas, caso de um poema para homenagear um aniversariante querido ou impressões de uma reunião calorosa: "Foi uma reunião muito agradável. Pouca gente e muita cordialidade. Como se fosse em 1942..." Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Texto em prosa muito poética escrito por Helena Kolody, especialmente para *Nicolau* (n. 45, set/out 1992, p. 2), a convite do editor Wilson Bueno. Nele estão presentes seus temas mais recorrentes: subjetivismo, viagem, onirismo, tempo, misticismo... Reprodução: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



**navegar navegar**

*Na onírica navegação em busca do  
paraíso perdido, o passado se faz pre-  
sente.*

*Só na saudade se repete a travessia  
dos dias sem retorno. Vozes de sereias  
cantam as recordações. O coração do  
navegante se enleva, a sonhar com a  
felicidade que foi e não é mais.*

**Helena Kolody** — poeta



Por esse viés, Foucault lembra que o discurso não tem como função constituir a representação fiel de uma realidade, mas assegurar a permanência de uma certa representação. Por isso, há na gênese de todo discurso o projeto (vocação) totalizante de um sujeito – vontade de constituir-se como inteiro e representar-se como tal (é esta “vontade” que o posiciona como responsável pelo texto que produz) –, projeto este que o converte em “autor”. É neste projeto de construção da autoria que se estabelece a aparente unidade, escondendo toda heterogeneidade e materialidade do sentido. O sujeito se constitui como autor ao constituir o texto, lugar onde realiza o seu projeto. Nesse processo, exercendo uma função crítica, é preciso levar em conta dois fatos: o processo de constituição do sujeito e a materialidade do sentido.

“É a relação do sujeito com o texto, deste com o discurso, e a inserção (ou inscrição) do discurso em uma formação discursiva determinada que produz a impressão da unidade, a transparência, em suma, a completude do seu dizer”.<sup>282</sup> No entanto, a subjetividade é instância não negociável. Roland Barthes enfatiza que o sujeito que fala não é preexistente, mas produz-se, no próprio texto, em instâncias sempre provisórias. A escritura seria, portanto, o lugar do engajamento do escritor, língua e estilo, não são passíveis de escolha, constituem contingências, mas a escritura traz possibilidades de escolha. As escrituras possíveis a certo escritor serão definidas ao sabor da História e da Tradição. Nas palavras há lembranças de um tempo precedente, resquícios de um uso já renovado, mas não abolido, memória que perpassa a novidade. “A escritura é precisamente esse compromisso entre uma liberdade e uma lembrança; é essa liberdade lembrante que só é liberdade no gesto da escolha, mas já não o é mais na sua duração”.<sup>283</sup>



<sup>282</sup> ORLANDI, Eni P. et al. *Sujeito e texto*. São Paulo: EDUC, n. 31, 1988. p. 9-16.

<sup>283</sup> BARTHES, Roland. *O grau zero da escritura*. São Paulo: Cultrix, 1974. p. 14.



Helena Kolody recebe, em sua casa, a cineasta Josina Melo, diretora do vídeo *Helena de Curitiba*, lançado em 2005. A cena releva a postura sempre acolhedora da poeta, sempre de mãos estendidas carinhosamente, sempre com o queixo suavemente erguido. Foto (sem autoria) ilustra o artigo "Notícias do mundo de cá", de Adriane Perin. Curitiba, *Gazeta do Povo*, 22 fev 2004, Caderno G, p. 4.

Paradigmática, Helena Kolody perquire, com paciência oriental, acerca dos limites do ser, suas fronteiras e seus domínios, geografia delimitada por intermédio de versos expurgatórios:

Sempre cheguei tarde  
ou cedo demais.  
Não vi a felicidade acontecer.

Nunca floresceram  
em minha primavera  
as rosas que sonhei colher.

Mas, sempre os passarinhos  
cantaram  
e fizeram ninhos  
pelos beirais  
do meu viver.<sup>284</sup>

“Nunca e sempre”, escrito em 1990, pode ser cotejado com alguns depoimentos da/sobre a escritora em que o poema parece traduzir “verdadeiramente”, e com veemência, seus anseios: “Eu queria ser mãe. Como não pude, transferi esse amor para as minhas alunas”...<sup>285</sup> “Helena Kolody não quis se casar mas tem como filhos os vários alunos que já conduziu pela vida afora. É quando fala deles que sobressai seu instinto maternal, qualidade que ela diz ter profundamente... ‘Foram os filhos que escolhi’”.<sup>286</sup> Esse sentimento materno, que a poeta experimentou sem haver parido, é expressão de sua vocação de ternura e piedade



Helena Kolody com exemplar de *Viagem no espelho*, o *punctum* sugere que a escritora lia versos e enlevada vislumbra o céu, por entre o enquadramento de sua janela. Homenagem da *Gazeta do Povo* nos 90 anos da poeta. Curitiba, 12 out 2002. p. 7. Foto: Antônio Costa.

<sup>284</sup> KOLODY, Helena. “Nunca e sempre”. In: KOLODY, Helena. *Ontem agora* – poemas inéditos. Op. cit., p. 77.

<sup>285</sup> In: POSSEBOM, Audrey. *Gazeta do Povo*, 12 de outubro de 2002. Suplemento G Documento. p. 4.

<sup>286</sup> COUTINHO, Emildo. *O Estado do Paraná*, 11 de dezembro de 1992. p. 7.

de uma sensibilidade mística. Questionada a respeito de sua sexualidade: “Eu venho de uma época em que a mulher solteira tinha que ser virgem. Por aí você já pode tirar uma conclusão. Para mim, o amor foi um sonho. Eu não tenho experiência nesse lado. Mas aceito as mudanças que ocorrem hoje, por que a época e os valores são outros.”<sup>287</sup> No poema “Intemerata”, reproduzido acima, Helena, em 1942, já se expunha no assunto.

Não existe como elemento constitutivo deste “discurso” um outro que diz: a mulher existe para casar e ter filhos? Há até bem pouco tempo, ter filhos era o caminho para que mulheres fossem completas, realizadas, bem encaminhadas na missão suprema da feminilidade. Mesmo hoje, quando está bem claro que a realização pode ser encontrada trilhando outros caminhos, essa não é uma questão que se faça de maneira tão “hamletiana”. “Las más de las veces la maternidad no es percebida o vivida como un desequilibrio de la identidad... sino como una completud...”<sup>288</sup> Ampliando a dimensão desta interface, que pode também ser lida como um movimento de transposição de fronteiras, poderíamos nos perguntar: Toda escritura não é então genericamente, autobiográfica?<sup>289</sup> A obra de Helena Kolody, constituída por seus cerca de quinhentos textos além dos outros quinhentos que o tangenciam ou transpassam diametralmente ou não, sugerem a modulação de uma “autobiografia literária”<sup>290</sup> e por isso mesmo, situa-se no entre-lugar da verdade histórica e da ficção.

Outro catalítico nada tênue a atuar neste processo diz respeito a uma teoria da sexualidade, vista como espaço discursivo onde se tramam, se enredam, saberes, poderes e certas posições de sujeito (cabe aqui pensar no *excitable speech*, de Butler<sup>291</sup>). Através dela, chegou-se a um passaporte no dispositivo de enunciação da sexualidade: o franqueamento do foucaultiano paradoxo de se falar da sexualidade por meio do interdito, da proibição, do veto<sup>292</sup>.



“Uma moça fazer poesia era coisa bonitinha, engraçadinha, mas não levada a sério. Homem fazendo poesia já era diferente.”<sup>293</sup>



Helena Kolody, junto à janela que aparece parcialmente na foto maior acima, de onde contemplava com olhos de “menino de arranha-céu” sua Curitiba. Fotograma do documentário *Helena de Curitiba*, dirigido por Josina Melo e lançado em 2005.

<sup>287</sup> KOLODY, Helena. Em entrevista a Telma Serur. “O coração numeroso de Helena Kolody”. *Nicolau*, n. 8, fev. 1988. p. 6.

<sup>288</sup> KRISTEVA, Julia. La maternidad: completud y vacío. *Sentido y insentido de la revuelta*. Buenos Aires: EUDEBA, 1998. p. 178-9.

<sup>289</sup> Conforme Maria Marta Furlanetto avalia. In: “Para uma abordagem do gênero: animus, anima”. FUNCK, Susana (Org.). *Trocando ideias sobre a mulher e a literatura*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994. p. 69-79.

<sup>290</sup> Conforme emprego de Philippe Lejeune. In: *Le pacte autobiographique*. Paris: Seuil, 1983. p. 13-46.

<sup>291</sup> BUTLER, Judith. *Excitable speech – a politics of the performative*. New York: Routledge, 1997.

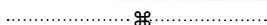
<sup>292</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 29. ed. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes, 2004.

<sup>293</sup> KOLODY, Helena. In: MARANHÃO, Malu. Vida poética. *Folha de Londrina*, 9 jul 1985.





Detalhe da sala de estar do apartamento da Voluntários da Pátria, como foi deixado por Helena Kolody. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



## Menino de arranha-céu

Canarinho preso,  
A voar a rosa-dos-ventos  
Num mundo de estampas.

Viajam teus olhos curiosos  
Imaginados caminhos,  
Guardados pelas vidraças,  
Camundongo emparedado<sup>294</sup>.

---

<sup>294</sup> *Viagem no espelho*. Curitiba, Criar, 1988. p. 99.





Ilustração que abre o Caderno G ideias, *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26 jan. 2008. p. 1. O ensaio “Tímida e rarefeita” de Luciana Romagnoli e Luis Alvarez discute a identidade cultural paranaense. Simbolicamente, a impressão digital paranaense inclui, entre outros ícones (pinhão, Cataratas do Iguaçu, Dalton Trevisan, araucárias, leite quente, Cristóvão Tezza, Igeirinho, Paulo Leminski...), Helena Kolody.

O sujeito encontra na linguagem a possibilidade e os recursos para lidar com o poder, para redistribuir a tensão que o embate entre direitos e deveres, responsabilidades, cobranças e justificativas estabelece. É ela também instrumento de resistência do sujeito pelo direito de se posicionar, de não aceitar a coerção, de poder batalhar por um lugar no qual se encontre em poder de dizer. Esta batalha é marcada por sua história, sendo própria da relação que ele estabelece com o seu discurso e com o discurso do outro.<sup>295</sup> Instigante viagem por citações, “in-citações” que, em Helena Kolody, não lhe tiram o mérito da manifestação epifânica.

Assim este sujeito se mostra em todas as formas possíveis, concretizando, de certa forma, o que é próprio do pacto biográfico. É como se sua imagem se multiplicasse, calidoscopicamente, êxtase fragmentário consumado na pluralidade de vozes. Uma “viagem no espelho” de complexa configuração simbólica. A diversidade dos discursos, no entanto, busca um efeito em bloco para sustentar uma imagem unitária. Cremos que esse “bloco de sustentação” seja um plano discursivo em que o sujeito enunciativo busca legitimidade externa – em nosso caso, a instituição literária.

A especificidade do texto literário confirma-se como dispositivo discursivo, no qual o gesto ficcional coincide com o gesto de constituição do fato em história. A restituição do real. Ao exercitar a linguagem literária, reconstrói a história através de uma memória dinâmica, ancorada num presente perpétuo que a instituição literária viabiliza. Vale dizer, faz sentido o olhar sobre as fronteiras entre o discurso literário como reproduzidor de discursos sociais e seu funcionamento a gerenciar uma postura voltada para o mundo e para si próprio.

<sup>295</sup> Já propus esta reflexão ao pensar sobre aspectos da textualidade do escritor Harry Laus, principalmente no que diz respeito a relações homoafetivas. Ver: SANTOS, Luísa C. Harry Laus: sujeito e texto. *Publicatio UEPG – Humanities, Applied Social Sciences, Linguistics, Letters and Arts*, Ponta Grossa: Ed. UEPG, v. 10, n. 1, 2002, p. 111-129.

..... ❧ .....

O quadro com imagens de Nossa Senhora do Sagrado Coração e do Sagrado Coração de Jesus, na mesa de cabeceira de Helena Kolody, revela, mais que o poder suscitador da imagem, sua relação profunda com a manifestação religiosa. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



No texto vários sistemas se entrecruzam e servem reciprocamente de intertextos, revelando, por esta via, a composição social e conflitos de época, os limites da visão do mundo e a ideologia do escritor. Sendo assim, malgrado os embates da vida ou, antes, por causa deles, o sentimento de Deus dá a toda a produção poética de Helena Kolody um tom indescritível de interlocução sublime, tão superiormente ficou nos versos que desse sentimento nasceram.

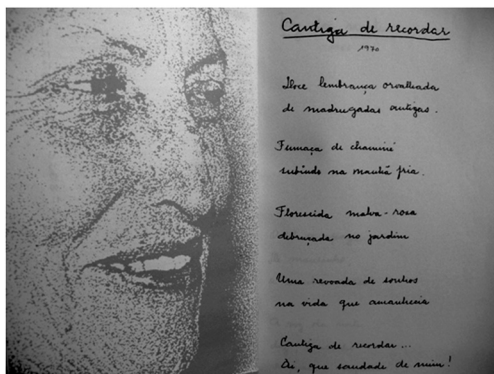
Cristo, com que olhar me fitaste  
Do noturno abismo do sofrimento humano!

Como pude, insensível ausentar-me,  
Concentrada em cuidados pequeninos?!

Abandono de dormir tranquilamente,  
Quando pisavas o chão de minha vida  
E Teus passos chamavam, de manso, meu coração.<sup>296</sup>

---

<sup>296</sup> KOLODY, Helena. Egoísmo (In: KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 120).



..... ¶ .....  
 O livro *Ontem agora* – poemas inéditos reúne 38 poemas manuscritos de Helena Kolody. A obra foi lançada em 1991, patrocinada pela Secretaria de Estado da Cultura. As poesias vêm em sua caligrafia de normalista, personalizando poemas escritos em diferentes momentos de sua carreira de escritora. Poema “Cantiga de recordar”, p. 10-1. As fotos de Helena Kolody no livro são de Alice Varajão e o projeto gráfico é de Vera Andrión. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Nossa poeta concebe a criação do mundo como a obra magna de Deus, à qual contempla extasiada e à qual atribui o calor de sua inspiração. Apesar das notórias simplicidade e modéstia, Helena Kolody tinha consciência de seus dons e suas potencialidades no cultivo das letras. Com singular entusiasmo, vivia em comunhão com o que considerava a fonte primordial da vida e cifrava nos altos valores do espírito, junto à beleza da forma, o sentido de sua criação poética.

Ensina-me, Senhor, a palavra exata,  
 A grande palavra reveladora e fecunda  
 Que devo clamar, clamar e clamar  
 Para acordar nos que adormeceram  
 A consciência do seu destino maior<sup>297</sup>

Para esta poeta, imensurável, a palavra encarnava o alento do divino, ferramenta que formata a sua interpretação de mundo e sustenta as verdades profundas que sua intuição capta. O exercício criativo era para a poeta uma necessidade espiritual que nasce de suas entranhas. Helena Kolody canta a emoção de sentir-se parte do universo e em tal virtude canta a Criação e exalta o amor divino. O amor puro instou à suas entranhas o hálito incorpóreo, platônico e sublime de viver, à intimidade de sua alma, o divino rumor que reúne conjuros e paixões à luz do sonho supremo.

<sup>297</sup> “Apelo” foi escrito em junho de 1941 e publicado pela primeira vez em 1995, ou seja, mais de cinquenta anos depois. In: VENTURELLI, Paulo (Org.). *Helena Kolody*. Série paranaenses. n. 6. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995. p. 48.

Como cristã, entendeu que a angústia e a dor, são motivos de catarse purificadora para o sentido transcendente do sacrifício humano; e como poeta, aprendeu que o infortúnio e a nostalgia são nutrientes da veia inspiradora da poesia. Em face ao exposto, o sonho de integração no divino e “perfeito círculo de luz” parece se realizar no poema “Exílio”, do livro *A sombra no rio*, no qual Deus surge como seu interlocutor, da mesma forma que nos poemas “Egoísmo”, Cristo é seu interlocutor, e “Apelo”, Senhor é seu interlocutor, ambos acima:

Que saudade, meu Deus, que implacável saudade  
De integrar-me, outra vez, em Tua eternidade!

Inquieta, a alma cintila,  
Qual pássaro de fogo  
Em cárcere de argila.

Quer ser, de novo, um ponto imponderável  
Em teu perfeito círculo de luz.<sup>298</sup>



O ano 2000 é o ano em que foi lançada a primeira edição de *Alegria de viver*, pelo Instituto Euclides da Cunha. Em 2002, saiu a segunda edição e, em 2006, a terceira. Ao todo, somam-se uma tiragem de 90.000 exemplares de distribuição gratuita. A escritora e amiga de Helena, Adélia Maria Woellner, conta que os livretos são editados pelo presidente do Condomínios Garantidos do Brasil, que queria homenageá-la. Todas as edições trazem, na contracapa, uma frase em que Adélia a reverencia: “Helena Kolody é mais que poeta: ela é poesia”. Adélia organizou o volume, escolheu os poemas e os submeteu à aprovação de Helena, que já havia dado o título do livrete. Na 3ª. edição, incluiu o texto de agradecimento à Olga. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

<sup>298</sup> Exílio. (In: KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 131).



Igreja de Bom Jesus, Praça Rui Barbosa, Centro de Curitiba. Católica fervorosa, Helena frequentou a Igreja de Bom Jesus e a Gruta de Nossa Senhora de Lourdes desde que passou a morar em Curitiba. Fotos: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Cosmonauta por natureza, a poeta encontra na palavra a solidariedade para sua solidão. Palavra refúgio no universo. Escapando-lhe às mãos, não lhe escapa à onipotência do Verbo Criador. O evasimismo dos primeiros anos foi dando lugar à apreensão do transcendente nas coisas simples do cotidiano, à presentificação das realizações sinestésicas. A persistência da memória propicia alargar, quando não dissolver, a dicotomização eu *versus* mundo, e a poeta percebe que existe no mundo que nela existe. Reichmann relaciona essa dimensão da angústia na poesia “kolodyana” como item essencial em sua poética. “Trata-se de uma angústia imanente, limitada à natureza, ou ela abrange a própria ‘angústia de Deus’”.<sup>299</sup>

Desde que chegaram a Curitiba, em julho de 1927, a família Kolody, de católicos fervorosos, elegeram a Igreja Bom Jesus, na Praça Rui Barbosa, como seu templo religioso. Católica praticante, comungava todo domingo. Fazia o sinal da cruz com os três dedos juntos, como se faz na Ucrânia, na representação da união do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Define num gesto tão simples, tão puro e tão fundo (como um dia Drummond definiu sua arte), sua vivência viajeira. Uma tocante cerimônia religiosa, em rito ucraniano (bizantino), marcou seu velório, no dia 15 de fevereiro de 2004.

O sentido religioso de Helena Kolody produziu em seu fazer poético um vínculo com a terra, a língua, o homem e o cosmos mediante um sentimento de integração e co-participação com os eflúvios da paisagem, o discurso de seus “co-terrâneos” e o hábito intangível da eternidade. Quando questionada a respeito da marca da religiosidade em seu trabalho, respondeu:

<sup>299</sup> In: PUGLIELLI, Hélio de Freitas. As 14 indagações de E. R. sobre Helena Kolody. *O Estado do Paraná*, Curitiba, 29 jan. 1991. p. 13.

“Em primeiro lugar, eu sempre tive um espírito muito religioso. Em segundo, tive uma formação católica desde criança. Por causa de minha família, eu sou muito mística, assisto à missa com verdadeiro fervor. Mas isso não me impede de ser tolerante. Desde menina sempre tive amigas de todos os credos e respeito a religião de todos, porque eu acho que Deus é uma luz e para esta luz cada um vai caminhando por onde é chamado. Só tenho pena de quem não crê, pois este não vê a luz, não vê a estrela.”<sup>300</sup>

Helena estabelece uma fecunda relação criadora, mediante a arte da criação poética, entre a realidade estética, íntima e pessoal, com a realidade cultural, geográfica e humana e a realidade interior e mística (religiosa). Para ser devidamente admirada, é preciso sua captação em todos os aspectos, a poesia santificadora<sup>301</sup> de Helena Kolody é, basilarmente, uma obra de conjunto, um corpo de ideias harmoniosamente apresentado. Para Venturelli, a escritora alia “subjatividade isolacionista com o interesse pela reflexão através de filigranas verbais”. Mais, “em diversos momentos tingem-se de acento místico, raiando a transcendência, que uma vez mais afasta seu corpo poético da praça social, onde se encontram todas as vozes.”<sup>302</sup> Em suma, essa relação possibilitou uma instância interpretativa:

---

<sup>300</sup> VENTURELLI, Paulo. *Helena Kolody*. Op. cit., p. 28.

<sup>301</sup> Notificação de Herbert Munhoz van Erven, o crítico literário, na época, noivo de Helena. In: A poesia de Helena Kolody. *Prata de Casa*, Curitiba, abr. 1945, p. 28.

<sup>302</sup> VENTURELLI, Paulo. *Helena Kolody*. Op. cit., p. 10.

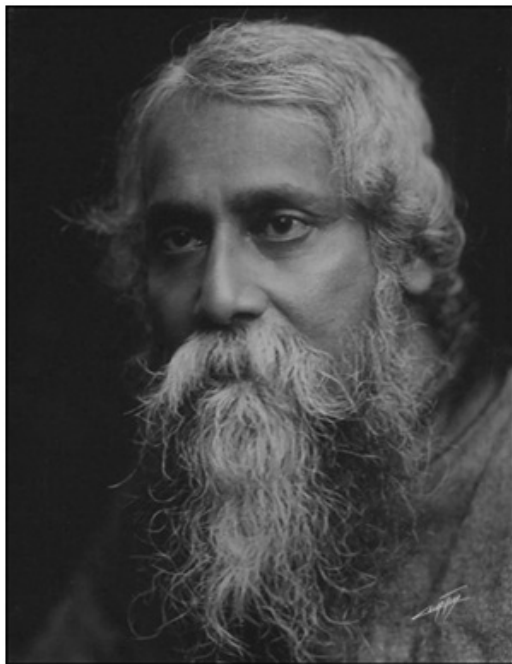
Noto a passagem do tempo,  
Porque minh 'alma imutável  
Projeta na correnteza  
Fugaz dos dias da vida  
A quieta sombra do eterno.

Passo e permaneço.

Passo nessas águas  
Tão atormentadas  
Pelas asperezas,  
Tão escravizadas  
Dentro do limite,  
Que não sabem nada  
De sua trajetória.

Passo... e permaneço!

Fico nessa sombra  
De contorno exato,  
Quase perturbado  
Pela correnteza.  
Sombra do “eu” imóvel  
Que conhece o rumo  
Para além dos dias.<sup>303</sup>



O escritor indiano Rabindranath Tagore (1861-1941) ganhou o Prêmio Nobel de Literatura em 1913. Helena Kolody conta que o escritor estava entre suas leituras prediletas nos tempos de mocidade. Confessa que a espiritualidade de Tagore, que estimulou o culto do bom e do belo, muito a marcou. Disponível em: <http://sathyaibaiba.files.wordpress.com/2009/02/rabindranath-tagore.jpg>. Acesso em: 20 set. 2009.



Achados fortuitos como instrumentos de conhecimento... no conjunto das manifestações observadas, deu-se especial atenção às possibilidades enunciativas, à demarcação de lugares vinculados às formações discursivas, posições interpretadas por imagens determinadas por estas formações. No mapeamento dos mecanismos de manifestação de si, confirmei que tais dispositivos, se não verdadeiras fendas, revelaram uma imbricação que permitiu que se convocasse o nível interdiscursivo. Nesta convocação foi possível retomar sentidos, “detectando os pontos em que as regras de procedimento se rompem e como, nessas fissuras, abrem-se novas perspectivas de leitura dessa narrativa de vida e obra”<sup>304</sup>. Ainda e principalmente aí, é a eternidade que toca:

<sup>303</sup> A sombra no rio. (In: KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 130.

<sup>304</sup> GOTLIB, Nádia B. Na contramão da história biográfica. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Op. cit.





estiveram em contato com ela. Pinço entre suas atitudes, aquela em que cobra dos pesquisadores e do governo estadual o reconhecimento dos méritos da escritora Laura Santos (1919-1981), uma poeta negra, de rara sensibilidade, completamente esquecida. Seus versos sensuais e arrebatadores encontraram em Helena Kolody uma defensora ardorosa: “... Levemente ao redor do meu leito flutuas;/sinto em meus seios nus as tuas faces nuas,/ e o teu vulto sutil, subjetivamente,/em insano prazer,/em volúpia fremente,/como serpe voraz, se enrola no meu ser.”<sup>307</sup> A reclamação de Helena fez com que a Secretaria de Estado da Cultura localizasse os textos de Laura Santos e publicasse uma antologia, mesmo que com tiragem reduzida<sup>308</sup>. Rosse Marye Bernardi, que prefaciou a obra lançada em 1990, confessa que os escritos de Laura Santos foram “resgatados graças à providencial memória de Helena Kolody.”<sup>309</sup> Substancial levantamento a respeito de sua vida-obra, de autoria de Rosana Cássia Kamita, foi publicado recentemente em excepcional obra que mapeia a produção literária dos afrodescendentes no Brasil<sup>310</sup>. A memória da escritora Graciete Salmon também figurava entre as preocupações da sensibílissima Helena.

Com a mesma sensibilidade, atendia delicadamente às incontáveis solicitações de apreciação de textos literários, às incontáveis solicitações de prefaciação, aval de indiscutível credibilidade. Paciente para receber alegremente, em sua casa, grupos de jovens, de crianças, em busca da experiência literária da grande dama das letras, isso quando, por não raros motivos de saúde, não podia mais ir ao encontro deles.

Devido aos recorrentes problemas de saúde, nos últimos anos de vida, foram várias as internações na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba. O intervalo entre o hospital e o apartamento da Voluntários da Pátria preenche-se apenas pela Praça Rui Barbosa, intervalo que aqui pode ser compreendido como espaço e como tempo. Suas últimas despesas médicas foram cobertas pelo, então, prefeito de Curitiba Cássio Tanigushi. Onipresentes nos momentos mais dramáticos, a irmã Olga e a amiga Diva Weber Torres.

No sábado, 14 de fevereiro de 2004, ela foi pra UTI, e foi cantando, conforme depoimento de Olga e Diva, declamando para as enfermeiras, mesmo enquanto era colocada na maca.

Há uma prece permanente no olhar da poeta, que não perde o horizonte. A certeza de eternidade é



..... ❧ .....  
A escritora Laura Gonçalves dos Santos foi funcionária pública, especializada em enfermagem de guerra e saúde pública. Integra a antologia *Um século de poesia*, publicada em 1959 pelo Centro Paranaense Feminino de Cultura. Foto: <<http://www.portalaquibrasil.com/noticias/vcr/sabado-poetico-homenagem-a-laura-santos-a-primeira-poeta-negra-do-parana>> Acesso em: 23 set 2011.

<sup>307</sup> SANTOS, Laura. *Um século de poesia*. Op. cit., p. 397.

<sup>308</sup> SANTOS, Laura. *Poemas* – Laura Santos. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 1990. 62 p. Tiragem de 500 exemplares.

<sup>309</sup> O que exemplifica muitíssimo bem os problemas enfrentados pelas escritoras do passado. Como bem lembra Zahidé Muzart, ou porque eram mulheres e/ou porque eram negras (MUZART, Zahidé. “Feminismo e literatura”. In: MOREIRA, Maria Eunice. *Histórias da literatura: teorias, temas e autores*. Op. cit., p. 274).

<sup>310</sup> KAMITA, Rosana Cássia. Laura Santos. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Vol. I - Precursores. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p. 483-490.

um dos traços mais marcantes da poesia de Helena Kolody. A poeta está sempre cruzando estradas, em exílio pungente.

Em seus últimos momentos de vida, cantou “Ramona”, a música preferida na mocidade, sucesso da atriz mexicana Dolores Del Rio<sup>311</sup>, curiosamente, no documentário de Sylvio Back, em que ela interpreta os próprios versos, escolheu cantar “Ramona” para abrir o vídeo e encerra cantando uma canção do folclore ucraniano. As escolhas, mesmo que gratuitas, propõem um movimento de continuidade, de circularidade, de rejeição do ponto final que o momento derradeiro poderia sugerir.

## Ramona

Na solidão do campo  
Onde os montes altos  
Beijam o céu sem fim  
Encontrei-te um dia  
Como a primavera  
A ansiar por mim

Ramona,  
Ouço os sinos repicando.  
Ramona,  
Cantam pelo nosso amor.  
Bendito seja  
O dia em que tu me ensinaste amar,  
Ó doce e pura bonequinha em flor!  
Ramona,  
Recordo a rosa que trazias  
Nos teus cabelos como um resplendor.  
Ramona, dou-te a rede dos meus braços ternos,  
Ramona, Ramona, amor!

Mas passado o tempo  
Que a distância leva  
Sem querer levar,  
Longe dos teus olhos,

Resta-me a saudade  
Para te cantar.

---

<sup>311</sup> Valsa de 1926, de autoria de Wolfe Gilbert e Mabel Wayne; feita para o filme de mesmo nome, protagonizado por Dolores Del Rio e Warner Baxter. “Ramona” foi pela primeira vez cantada numa transmissão de rádio em cadeia nacional por Dolores Del Rio um mês antes de estreiar o filme. Teve êxito imediato o que acelerou tanto a venda do disco como as entradas para a película. Versão em língua portuguesa de Olegário Mariano.

Já na UTI, a médica pediu para ela fazer uma poesia, ao que respondeu: – “Agora não dá mais, o pássaro da poesia levantou voo”. Helena Kolody faleceu às 21 horas de um sábado, 14 de fevereiro de 2004. Produziu cerca de 500 poemas, teve cerca de quatro mil alunos.

Sua voz literária não somente traduziu o que ela viveu, e sim, traça um itinerário de seu próprio viver. Ela entrega em cada um de seus versos sua complexa visão de mundo e sua paixão pela vida. Carbono e diamante. Mais do que literalmente, posto professora de Biologia, foi mestre no exercício da vida. É

importante assinalar que sua figura literária se enriquece com as máscaras imaginárias que incorpora em sua escritura, ao mesmo tempo em que sua voz se multiplica em vozes e ecos. Valioso legado, o sobrevoa a sua obra – e sua gênese – viabiliza a passagem ao seu ofício, um pouco, seu santuário secreto. A literatura, assim lida, pode ser tanto um experimento de linguagem, como subsumir a criação da nossa própria identidade. Esfinge indecifrável? Eis a viagem no espelho, tantas vezes reconstituída por Helena Kolody, comprovando que sua poesia, contrária ao posto de que o universo poético deve ser uma realidade paralela, traduz-se franqueada por um passaporte biográfico e histórico.



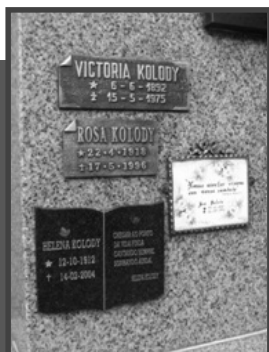
Hospital de Caridade Santa Casa de Misericórdia, Praça Rui Barbosa, Centro de Curitiba. Helena Kolody aí foi internada inúmeras vezes por conta de seus problemas de saúde. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



A agenda de Helena Kolody, 1999, revela-se em escopo bem mais abrangente que o de simples agenda. No recorte, o registro a respeito da tese do Prof. Antonio Donizeti da Cruz. Acervo: Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

*"O Donizeti telefonou. Contou que continha  
trabalhando na tese sobre a minha poesia.  
Disse, também, que está reunindo, num livro,  
os meus escritos inéditos.  
Prometeu dar-lhe uma colaboração para a fu-  
turação da tese.  
Na próxima semana, pretende vir a Curitiba."*

*Agora não dá mais o pássaro da poesia já voou*



.....✚.....

Túmulo da Família Kolody no Cemitério São Francisco de Paula, em Curitiba. Ali, o corpo de Helena Kolody foi enterrado, ao lado de sua mãe, Victoria, sua irmã, Rosa, e seu irmão, José. Fotos: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

Sem aviso,  
o vento vira  
uma página da vida.<sup>312</sup>

<sup>312</sup> O poema "Sem aviso", escrito em 1988, integra o livro *Ontem agora* – poemas inéditos (KOLODY, Helena. Op. cit., p. 25).

Em 2193,  
única unanimidade curitibana será quanto à mãe de Curitiba:  
Helena Kolody,  
que nos amamentou de poesia.<sup>313</sup>

“À noite, Richa esteve nas festividades  
oficiais dos 20 anos de independência da  
Ucrânia, em Kiev. Em discurso, citou a  
poeta Helena Kolody, o pintor Miguel  
Bakun e a mímica Denise Stoklos como  
“expressões da cultura ucraniana” no Paraná.”<sup>314</sup>

“Encerro aqui com a poesia de Helena Kolody:  
‘Deus dá a todos uma estrela.  
Uns fazem da estrela um sol.  
Outros nem conseguem vê-la’.”<sup>315</sup>

---

<sup>313</sup> MENDONÇA, Dante. Certidão de nascimento. Curitiba, 27 mar 2009. Disponível em: <http://pron.com.br/colunistas/70/64995/?postagem=HOROSCOPO+DO+DIA>>. Acesso em: 15 set 2011.

<sup>314</sup> MEDEIROS, Ricardo Marques de. Adeus, Ucrânia. Curitiba, *Gazeta do Povo*, 24 ago 2011. p. 18.

<sup>315</sup> Final do discurso da ministra Gleisi Hoffmann ao deixar o Senado para assumir como Ministra-Chefe da Casa Civil, do governo de Dilma Rousseff, em 8 jun 2011. Disponível em: <[www.gazetaderondonia.com.br/web/confira-a-integra-do-discurso-da-ministra-gleisi-hoffmann-no-senado.html](http://www.gazetaderondonia.com.br/web/confira-a-integra-do-discurso-da-ministra-gleisi-hoffmann-no-senado.html)>. Acesso em: 28 ago 2011.



### Vestígios

Uma coluna,  
uma ogiva,  
um friso  
lembram a beleza antiga.<sup>316</sup>

..... ✂ .....

Em uma de suas últimas fotos, uma nonagenária Helena Kolody encara a lente com o mesmo ar indecifrável e altivez de sempre. A foto, de Antônio Costa, ilustra artigo de Irineo Netto: Onde estão as mulheres? *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 abr. 2006. Caderno G, p. 6.

---

<sup>316</sup> KOLODY, Helena. *Viagem no espelho*. Op. cit., p. 45.



*Helena de Curitiba*: Poemas selecionados Helena Kolody. Antologia lançada pelo Grupo Positivo em 2005, com revisão e orientação da escritora Adélia Woellner. Os noventa poemas resumem as diferentes fases de sua vida literária. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



O livro *Ontem agora* – poemas inéditos reúne 38 poemas manuscritos de Helena Kolody. A obra foi lançada em 1991, patrocinada pela Secretaria de Estado da Cultura. As poesias vêm em sua caligrafia de normalista, personalizando poemas escritos em diferentes momentos de sua carreira de escritora. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

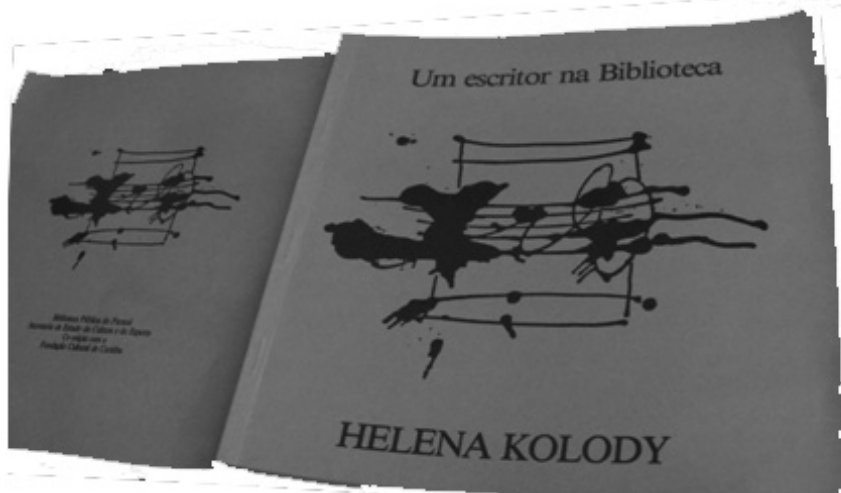


..... ☼ .....

A edição italiana de *Viagem no espelho* – *Viaggio nello specchio* – foi lançada em 2003. O livro foi traduzido por Domenico Corradini H. Broussard e publicado em Pisa pela Tipografia Editrice Pisana. Um curioso ensaio – “I custodi della terra: bibliografia, filmografia e discografia sul brasil”<sup>317</sup>, publicado pela Mediateca del comune de San Lazzaro di Savena, no item “La letteratura: un mixer culturale”, indica este livro de Helena Kolody para leitura, ao lado de *Teresa Batista stanca di guerra*, de Jorge Amado, *Sagarana*, de Guimarães Rosa, *L’alienista*, de Machado de Assis, *Cronaca de uma innamorata*, de Zélia Gattai, ... e *L’alchimista*, de Paulo Coelho, entre outros. “Um elenco, seguramente parcial, di grande interesse e di altissima qualità letteraria”. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

<sup>317</sup> Disponível em: <<http://www.puta.it/blog/wp-content/uploads/2008/09/i-custodi-della-terra-bibliografia-sul-brasil1.pdf>>.

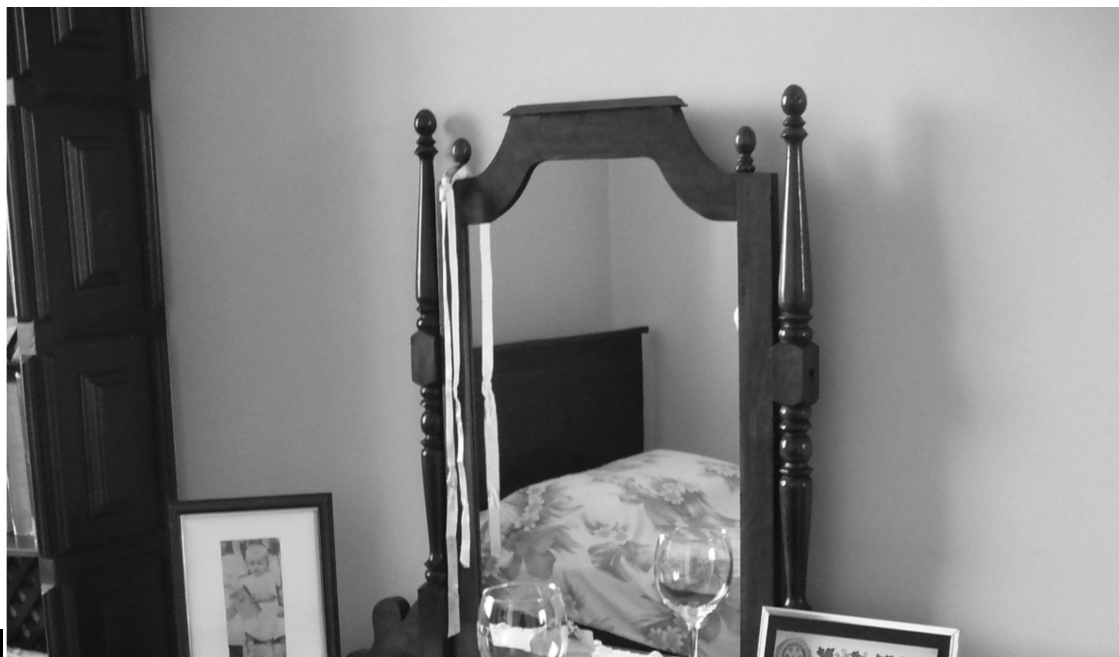




*Um escritor na Biblioteca:* Helena Kolody foi lançado em 1986. O projeto, da Biblioteca Pública do Paraná, consiste na edição de um livro a partir da transcrição de um bate-papo entre escritora e leitores. A conversa com o público baseia-se em literatura e como as bibliotecas influenciariam sua formação como leitor e escritor. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



Em *Poesia mínima*, lançado em 1986, Helena Kolody aborda, com rara sensibilidade e com o predomínio de formas poéticas breves, a metapoética e a metalinguagem. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



# 7 Cronologia de vida e obra



Na página anterior, penteadeira e objetos de Helena Kolody, refletida no espelho a cabeceira de sua cama. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

## 7 | Cronologia de vida e obra

1894 – Miguel Kolody chega ao Brasil, Curitiba, com a família, fugindo da epidemia de cólera que se alastrava pela Europa e vitimara parentes próximos.

1911 – Victoria Szandrowsky chega a Cruz Machado com a família, fugindo da guerra.

1912 – Filha primogênita de Miguel e Victoria Kolody, ucranianos que se conheceram e se casaram no Brasil, Helena Kolody nasce em Cruz Machado, Paraná, no dia 12 de outubro, nove meses após o casamento de seus pais. Seu registro de nascimento, no entanto, só se deu quatro anos depois, na cidade de Irati.

1913 – A família muda-se para Três Barras, na época, município paranaense. Miguel Kolody abre, com um primo, uma casa comercial que atendia, basicamente, os funcionários da Lumber Corporation, serraria norteamericana. Helena aí permanece até 1920.

1918 – Quase morreu ao contrair, a chamada, gripe espanhola.

1920/22 – Estuda no Grupo Escolar Barão de Antonina, da cidade de Rio Negro, por interferência de sua tia, a Professora Rosa(lia) Kolody Procopiak, que lhe deu os primeiros ensinamentos em português e ucraniano. Concluiu o curso primário em 1922. Miguel Kolody passa a trabalhar no Engenho de Erva-Mate Sant'Ana.

1923 – Para continuar os estudos, Helena transfere-se para Curitiba, foi morar com a madrinha, onde permaneceu apenas um ano, retornando a Rio Negro, após a morte de sua protetora. Em Curitiba, estudou no Colégio Divina Providência e na Escola Intermediária (atual Instituto de Educação do Paraná).

1924 – Volta para Rio Negro/Mafra. Passa a frequentar o curso de guarda-livros na Escola Wenceslau Muniz, frequentado apenas para ocupar o tempo já que lá não havia escola além do nível primário. Complementa sua “educação de moça destinada ao lar” com cursos de cerâmica, costura, etc. Ai, também, começa a estudar piano, pintura, e escreve os primeiros versos.

1927 – Sua família se transfere para Curitiba, onde Miguel Kolody se estabelece com uma casa de secos e molhados na Rua Itupava, esquina com 7 de abril. Helena, preparada por D. Virginia Fernandes, faz o art. 91, curso ginásial em tempo reduzido.

1928 – Primeira publicação de um poema seu. Foi na revista *O Garoto*, editada por um grupo de estudantes. O poema denomina-se “A lágrima”.

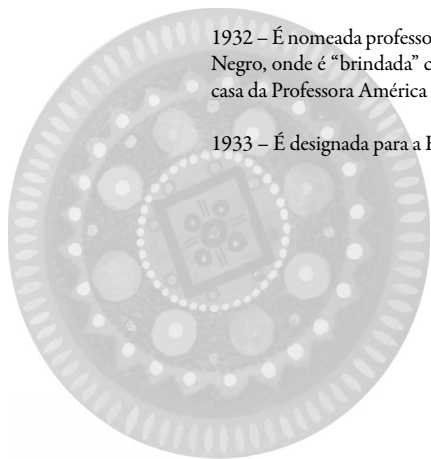
1928 – Cursa a Escola Normal Secundária (atual Instituto de Educação do Paraná).

1930 – Começou a escrever muito jovem, por volta dos treze anos, mas só a partir deste ano seus poemas são publicados em jornais e revistas, especialmente na revista *Marinha*, editada em Paranaguá.

1931 – A formatura da Escola Normal Secundária de Curitiba (atual Instituto de Educação) aconteceu no antigo Teatro Guaíra e o baile, no Clube Curitibano.

1932 – É nomeada professora do Grupo Escolar Barão de Antonina, de Rio Negro, onde é “brindada” com uma seleção de alunos repetentes. Mora na casa da Professora América Sabóia.

1933 – É designada para a Escola Normal de Ponta Grossa.





1937 – Transferida para a Escola Normal de Curitiba, onde lecionou durante 23 anos, com interrupção de apenas um ano (1944), quando prestou serviços na Escola de Professores de Jacarezinho.

1940 – “Prece” ganha versão musicada, cantada por Babi de Oliveira, renomada intérprete do Rio de Janeiro.

1941 – Falece Miguel Kolody (dois meses antes de completar 60 anos), que não pôde ver o primeiro livro cuja edição sua filha preparava em segredo, *Paisagem interior*, a ele dedicado. A publicação era um presente ao pai em seu aniversário de 60 anos, no entanto, ele faleceu um pouco antes de o livro ficar pronto. Quase cancelou a publicação por desgosto. Foi publicado pela gráfica do antigo Liceu Industrial do Paraná (mais tarde, Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET, hoje, Universidade Tecnológica Federal do Paraná), com o apoio do amigo, poeta Rodrigo Junior. Tiragem de 450 exemplares. De medo da opinião dos outros, escondeu-se após o lançamento.

1942 – *Paisagem interior* classifica-se em segundo lugar no Concurso de Poesia promovido pela Sociedade de Homens de Letras do Brasil, sediada no Rio de Janeiro.

1943, junho – Tratamento médico com a água sulfurosa da Fonte Santa Terezinha, em Castro. Entrevistas com Maria das Dores Barbosa, conhecida como Nhá Mariquinha, que renderam livro publicado décadas depois (*Memórias de Nhá Mariquinha*), aliás, seu único livro em prosa. As entrevistas continuaram em janeiro de 1944.

1945 – Publicação de *Música submersa*. Em 9 de abril, noivou com Herbert Munhoz van Erven, no mesmo dia em que se casava sua irmã Olga com o cientista chileno Carlos Muñoz Ferrada. O noivado foi desfeito dois meses depois.

1947 – Presta concurso público para a função de Inspetora Federal de Ensino Secundário, classificando-se em quarto lugar.

1949 – *A sombra no rio* recebeu o terceiro lugar no Concurso de Livros do Centro de Letras do Paraná e o Prêmio Ismael Martins (publicação da obra). Este livro foi publicado em 1951 pelo Centro de Letras do Paraná.

1950 – Aprovada, em segundo lugar, no concurso para Delegado de Ensino do MEC no Paraná. É nomeada inspetora federal do ensino secundário da Delegacia do MEC no Paraná. Segunda edição de *Paisagem interior*.

1951 – Publicação de *A sombra no rio*.

1957 – Segunda edição de *A sombra no rio*.

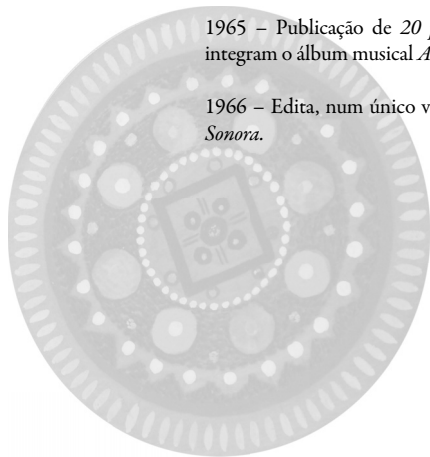
1959 – Publicação de *Trilogia*, separata de *Um século de poesia*, livro editado pelo Centro Paranaense Feminino de Cultura.

1962 – Como homenagem aos seus 50 anos, seus alunos editam *Poesias Completas*, que reúne os livros publicados até esta data. Aposenta-se como professora do Estado.

1964 – Publicação de *Vida Breve*.

1965 – Publicação de *20 poemas*. As poesias “Conselho” e “Berceuse” integram o álbum musical *Arte, poesia da vida*, de Maria Eugênia.

1966 – Edita, num único volume, dois novos livros: *Era Espacial, Trilha Sonora*.





1967 – Aposenta-se como inspetora de ensino. Publicação de *Antologia Poética*. Suas poesias são musicadas e apresentadas no Teatro Municipal de São Paulo por Helza Camêu: “Ilusão”, “Entardecer”, “Crepúsculo de Abril”, “Sobrevivência”, “Música Eterna”. Os cantores Hermelindo Castello Branco e Maria Sylvia Pinto interpretaram-nas.

1970 – Publicação de *Tempo*.

1975 – Falecimento de Victoria Szandrowska Kolody, mãe de Helena.

1977 – Publicação de *Correnteza*.

1979 – O reitor da UFPR, Ocyron Cunha, comunica a escolha de sua poesia “O maquinomem” para servir de texto base para a redação do Vestibular da Universidade.

1980 – Publicação de *Infinito Presente*.

1983 – Edição de *Poesias Escolhidas*, tradução de Wira Wowk para ucraniano de 22 de seus poemas.

1984 – Maria de Lourdes Martins apresenta sua Dissertação de Mestrado (Primeira Dissertação de Mestrado sobre a poesia de Helena Kolody), intitulada *O infinito como motivo poético em Helena Kolody*.

1985 – Pela primeira vez, a poeta teve uma obra publicada sob a chancela de uma editora, a Criar (de Roberto Gomes). É o ano de *Sempre palavra*. Recebe o “Diploma de Mérito Literário”, conferido pela Prefeitura Municipal de Curitiba. Ao mesmo tempo inaugurou-se, na Casa Romário Martins, a exposição fotográfica de Sérgio Sade: “Helena Kolody-Perfume



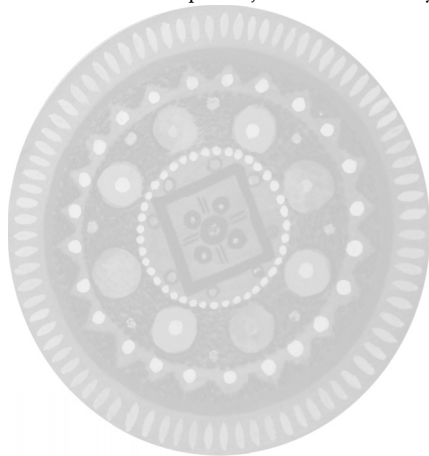
de Poesia”. Helena Kolody foi a primeira personalidade paranaense focada pela campanha “Bicho do Paraná”, produzida pela Agência Umuarama, patrocinada pelo Banco Bamerindus, veiculada pela TV Paranaense, Canal 12, filiada à Rede Globo. A campanha, de grande repercussão, durou dez anos.

1986 – Segunda edição de *Sempre palavra*. Primeira edição de *Poesia mínima*. Participa do programa “Um escritor na Biblioteca”, da Biblioteca Pública do Paraná, do qual resulta a edição do caderno *Helena Kolody*.

1987 – Recebe, na Câmara Municipal de Curitiba, o título de Cidadã Honorária de Curitiba, em 2 de outubro, proposição do vereador Waldir D’Angelis. “Prece” ganha segunda versão musicada, por Sandra de Andrade, com arranjo musical do maestro Pedro de Castro, em Minas Gerais.

1988 – A Criar Edições publica, com capa de Rogério Dias e introdução de Antônio Manoel, *Viagem no espelho*, que reúne todos os seus livros até então publicados. A Secretaria de Estado da Cultura institui o Concurso Nacional de Poesia Helena Kolody, realizado anualmente desde então. A primeira coletânea com os textos premiados foi lançada em 1990, com o título *Os Poetas*.

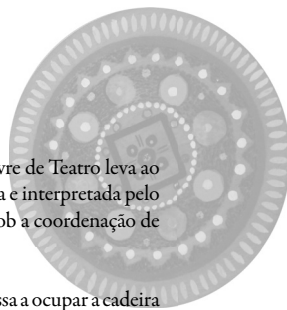
1989 – Recebe do Centro Paranaense Feminino de Cultura, a Cadeira Patronal. Seu depoimento ao Museu da Imagem e do Som resulta na publicação de “Helena Kolody: poetisa”, *Cadernos do MIS*, número 13.



1990 – No dia 22 de dezembro, o grupo da Oficina Livre de Teatro leva ao palco, *Helena Kolody, uma mulher*, peça escrita, dirigida e interpretada pelo grupo, promovida pelo Museu da Imagem e do Som, sob a coordenação de Marcelo Marchioro.

1991 – Eleita para a Academia Paranaense de Letras, passa a ocupar a cadeira 28, fundada por Rodrigo Júnior e anteriormente ocupada por Leonardo Henke. Publicado pela Secretaria de Estado da Cultura, *Ontem, Agora*, livro de poemas inéditos.

1992 – Homenagem a Helena Kolody na comemoração de seus 80 anos. Concertos, recitais de poesia, distribuição de poemas e cartazes pelos terminais, ônibus, táxis, escolas, centros culturais, outdoors e até um *clip* poético veiculado na televisão. Lanche no Clube Curitibano com, cerca de, 300 ex-alunos. Missa em ação de graças. Palestra de Cassiana Lacerda. Lançamento do filme *A Babel da Luz*, de Sylvio Back, que estreou nacionalmente em Curitiba, no teatro do Palácio Avenida, em 14 de outubro. Foram prestadas homenagens também em São Paulo, promovidas pela Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo. O filme *A Babel da Luz* recebeu o prêmio de melhor curta-metragem do 25º. Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e o de melhor montagem. No dia 25 de março de 1992, aconteceu a solenidade de posse de Helena Kolody na Academia Paranaense de Letras. Seu irmão, José, vestiu-a com a pelerine, presenteada pela Secretaria de Cultura. A posse aconteceu no Auditório do SESC da Esquina, Curitiba. A eleição ocorrera em 21 de novembro de 1991. Cadeira 28, patrono poeta Francisco Carvalho de Oliveira, ocupada por seu filho, João Batista de Carvalho Oliveira, mais conhecido como Rodrigo Júnior, e Leonardo Henke. Leopoldo Scherner saudou a imortal. Helena foi a segunda mulher a ingressar na entidade, a primeira foi Pompília Lopes dos Santos, um ano antes. Ambas foram eleitas na gestão de Felício Raitani Neto.



1993 – É publicado *Reika*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba. Série Buquinista. É homenageada com a Comenda Honorífica Ordem da Cultura, da Academia de Cultura de Curitiba, em 16 de dezembro.

1994 – *Antologia Poética*. Curitiba: Livrarias Curitiba. Falecimento do irmão, José Kolody.

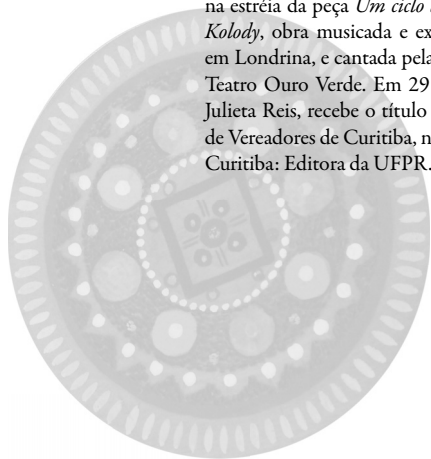
1995 – *Viagem no espelho*, 2ª edição. Curitiba: Editora da UFPR.

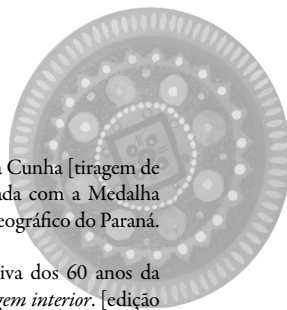
1996 – *Caixinha de Música*. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura. *Helena Kolody, uma mulher*, peça de teatro, foi apresentada no mini-auditório do Teatro Guaíra. Falecimento de Rosa Kolody, irmã de Helena.

1997 – *Luz Infinita*. Curitiba: Museu Biblioteca Ucrânianos em Curitiba. Tradução de Ghryghory Kotchur e Wira Selanski para o ucraniano. Edição bilíngue. Publicação da antologia *Sinfonia da vida*, pelo Pólo Editorial do Paraná. Lançamento do CD *Helena Kolody por Helena Kolody*. Coleção Poesia falada. É lançada a 3ª edição de *Viagem no espelho*. Curitiba: Editora da UFPR, 1997. Recebe o título de Cidadã Benemérita do Estado do Paraná e, também, o título de Cidadã Benemérita de Cruz Machado.

1998 – *Viagem no espelho*. 4ª ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1998.

1999 – O compositor Henrique de Curitiba (que é o pseudônimo de Henrique Morozowicz) apresentou no 19º Festival de Música de Londrina, na estréia da peça *Um ciclo de canções paranaenses: Seis Poemas de Helena Kolody*, obra musicada e executada pelo próprio compositor, que reside em Londrina, e cantada pela soprano paranaense Denise Sartori, no Cine-Teatro Ouro Verde. Em 29 de abril de 1999, por proposta da vereadora Julieta Reis, recebe o título de “Vulto Emérito de Curitiba”, pela Câmara de Vereadores de Curitiba, no Palácio Rio Branco. *Viagem no espelho*. 5ª ed. Curitiba: Editora da UFPR.





2000 – *Alegria de viver*. Curitiba: Instituto Euclides da Cunha [tiragem de 30.000 exemplares, distribuição gratuita]. Condecorada com a Medalha Rocha Pombo, concedida pelo Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

2001 – *Haikais*. Curitiba: Criar. Edição comemorativa dos 60 anos da publicação do primeiro livro de Helena Kolody, *Paisagem interior*. [edição com espiral e encartada]. Apresentação da primeira Tese de Doutorado sobre Helena Kolody: de Antonio Donizeti da Cruz – *O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody*.

2002 – Exposição na Biblioteca Pública do Paraná comemorou seu 90º aniversário: “90 Vezes Helena Kolody”. É publicado único livro de prosa – muito poética, diga-se de passagem – *Memórias de Nhá Mariquinha*. O espetáculo teatral “Encontros” une vida e obra de Helena Kolody e Julia da Costa. Sai a 2ª. edição de *Alegria de viver*. Curitiba: Instituto Euclides da Cunha [tiragem de 30.000 exemplares, distribuição gratuita]. Criar Edições publica coletânea da autora: *Poemas do Amor Impossível*.

2003 – Agraciada com o título de *Doutora Honoris Causa*, pela Universidade Federal do Paraná, em 8 de maio.

2003 – *Viaggio nello specchio*. Tradução para o italiano: Domenico Corradini H. Broussard. Pisa, Italy: Tipografia Editrice Pisana.

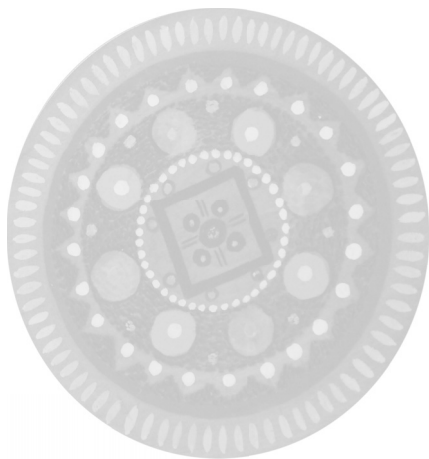
2004 – Helena Kolody faleceu às 21:20 h de um sábado, 14 de fevereiro, na Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, com 91 anos. O atestado de óbito foi firmado pelo médico Divino França, dando como causa da morte: assistolia ventricular, arritmia cardíaca, insuficiência cardíaca, arteriosclerose difusa, senilidade, trombose venosa profunda. Uma tocante cerimônia religiosa, em rito ucraniano (bizantino), marcou o velório. O sepultamento foi realizado no Cemitério Municipal São Francisco de Paula.

2005 – É lançado em março o vídeo *Helena de Curitiba*. Direção: Josina Melo. Edição: Fernando Severo e Josina Melo. Curitiba: Josina Melo Produções. 32 min. VHS. Em setembro, sai nova edição de 700 exemplares do vídeo e antologia poética, pelo Grupo Positivo. Em outubro, é premiado no Festival de Cinema de Curitiba como Melhor Vídeo Documentário.

2006 – *Alegria de viver*, 3ª. edição. Curitiba: Instituto Euclides da Cunha [tiragem de 30.000 exemplares, distribuição gratuita]. Sai edição de *Helena de Curitiba*, de Josina Melo, em DVD.

2009 – Concerto da Orquestra Solista de Londrina sob regência de Rogério Krieger. A segunda parte do concerto é voltada a obras inéditas do próprio regente. A peça *A Lua de Helena* foi escrita para orquestra de cordas e piano-solo, inspirada na obra da poetisa Helena Kolody. Capela Santa Maria – Espaço Cultural, dias 17 e 18 de junho de 2009.

2011 – Lançamento de *Infinita Sinfonia*, organizado por Adélia Maria Woellner. Helena Kolody, *in memoriam*, é condecorada com a Grã-Cruz da Ordem do Mérito Cultural, mais alta homenagem da cultura brasileira, concedida pelo Ministério da Cultura. A cerimônia de oficialização se deu no Teatro Santa Isabel, Recife, 9 de novembro de 2011, com a presença da Ministra da Cultura Ana de Hollanda.

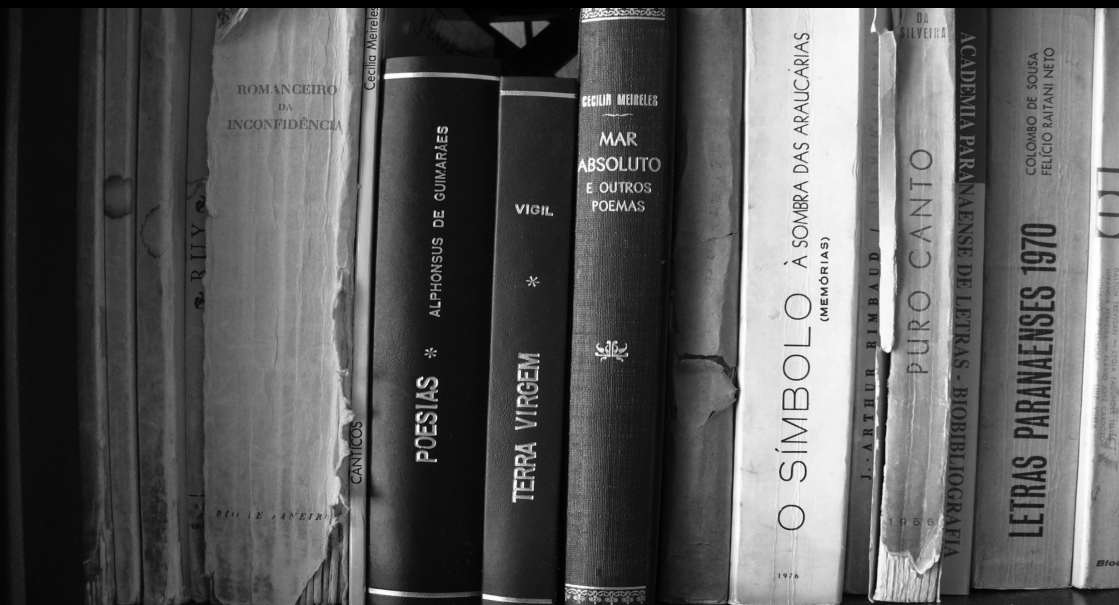




Filmogramas do filme *A Babel da Luz*, de Sylvio Back. O filme estreou nacionalmente em Curitiba, no teatro do Palácio Avenida, em 14 de outubro de 1992, com a presença de Helena Kolody e do cineasta. Segundo Back, uma biografia (interminável) feita em poemas. *A Babel da Luz* recebeu o prêmio de melhor curta-metragem do XXV Festival de Brasília do Cinema Brasileiro e o de melhor montagem. Acervo: Cinevideo – Identidade Paranaense. Recorte de filmogramas: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

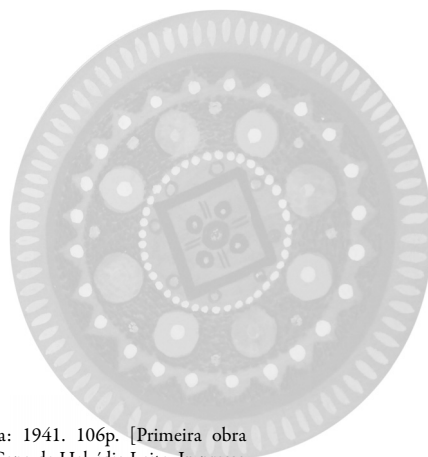


# 8 Fortuna crítica





Na página anterior: Livros integrantes da estante do quarto de Helena Kolody. Foto: Luisa Cristina dos Santos Fontes.



### 8. 1. Obras de Helena Kolody

KOLOGY, Helena. **Paisagem interior**. Curitiba: 1941. 106p. [Primeira obra publicada por Helena Kolody. Edição da autora. Capa de Helvídia Leite. Impresso nas Artes Gráficas da Escola Técnica de Curitiba].

KOLOGY, Helena. **Música submersa**. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1945. 96 p.

KOLOGY, Helena. **Paisagem interior**. 2. ed. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1950. 106p.

KOLOGY, Helena. **A sombra no rio**. Curitiba: Centro de Letras do Paraná, 1951. 80 p.

KOLOGY, Helena. **A sombra no rio e Poesias escolhidas**. Curitiba: 1957. 109p. Edição da autora. Capa de Anna Maria Muricy. Impresso pela Escola Técnica de Curitiba.

KOLOGY, Helena. Trilogia. In: SANTOS, Laura. **Um século de poesia**. Curitiba: Centro Paranaense Feminino de Cultura, 1959. (Separata).

KOLOGY, Helena. In: SELANSKI, Wira. **Antologia da Literatura Ucraniana**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1959. 171 p. [Adaptação Poética]

KOLOGY, Helena. **Poesias completas [Paisagem interior, Música submersa e A sombra no rio]**. Curitiba: SENAI, 1962. 208 páginas.

KOLOGY, Helena. Prefácio. In: **Tarás Chevtchenko: o poeta da Ucrânia**. Curitiba: Dnipró, 1962.

KOLOGY, Helena. **Vida breve**. Curitiba: SENAI, 1964. 76 p.

KOLOGY, Helena. **20 poemas**. Curitiba: Santa Cruz, 1965. 28 p.

KOLOGY, Helena. **Era Espacial e Trilha sonora**. Curitiba: SENAI, 1966. 84 p.

KOLOGY, Helena. **Antologia poética**. Curitiba: Vicentina, 1967. 68 p.

KOLOGY, Helena. **Tempo**. Curitiba: SENAI, 1970. 56 p.

KOLOGY, Helena. **Correnteza**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1977. 250 p.

KOLOGY, Helena. **Infinito presente**. Curitiba: Repro-Set, 1980. 64 p.

KOLOGY, Helena. **Poesias escolhidas** [BIIÖPAHI HIOE3II]. Tradução de Wira Wowk para o ucraniano. Curitiba: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucrânia / Tipografia Prudentópolis, 1983. 32 p.

KOLOGY, Helena. **Sempre palavra**. Curitiba: Criar Edições, 1985. 48 p.

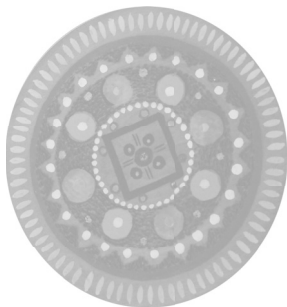
KOLOGY, Helena. **Sempre palavra**. 2. ed. Curitiba: Criar Edições, 1986.

KOLOGY, Helena. **Poesia mínima**. Curitiba: Criar Edições, 1986. 48 p.

KOLOGY, Helena. **Um escritor na Biblioteca**: Helena Kolody. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986. 42 p.

KOLOGY, Helena. **Viagem no espelho**. Curitiba: Criar Edições, 1988. [1ª edição. 208 páginas. Esta antologia reúne as obras completas da autora até esta data].

KOLOGY, Helena. **Ontem agora** – poemas inéditos. Curitiba: SEEC, 1991. 86 p.



KOLOGY, Helena. **Reika**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba: Ócios do ofício, 1993 (Série Buquinista). Obra composta por 28 poemas em haicais e tankas. 76 p. [Foi uma iniciativa de Nivaldo Lopes, que num trabalho em tipografia manual edita o quinto exemplar da sua editora Ócios do Ofício, e o terceiro da coleção Buquinista, da Fundação Cultural de Curitiba. As ilustrações da obra são elaboradas pelos artistas Guinski, Denise Roman, Seto e João Suplicy].

KOLOGY, Helena. **Sempre poesia**: antologia poética. Organizada por Reinoldo Atem. Curitiba: Livrarias Curitiba, 1994. 20 p.

KOLOGY, Helena. Discurso pronunciado por Helena Kolody. In: **Helena Kolody - Eduardo Rocha Virmond**. Curitiba: Academia Paranaense de Letras, 1994. 12 p. [Discurso de Helena Kolody por ocasião da posse de Eduardo Rocha Virmond, na Academia Paranaense de Letras, em 22 de setembro de 1994].

KOLOGY, Helena. **Viagem no espelho**. 2. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1995. 238 p. [Foram acrescentadas as obras: **Ontem agora** – poemas inéditos e **Reika**].

KOLOGY, Helena. **Caixinha de música**. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura, 1996. 60 p.

KOLOGY, Helena. **Luz Infinita**: Helena Kolody. Curitiba: Museu - Biblioteca Ucrânianos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva: Clube Ucrânio-Brasileiro: Organização Feminina, 1997. 204 p. [Edição bilingue. Tradução de Ghryghory Korchur e Wira Selanski para o ucraniano].

KOLOGY, Helena. **Viagem no espelho**. 3. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1997. p. 238.

KOLOGY, Helena. **Viagem no espelho**. 4. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1998.

KOLOGY, Helena. **Viagem no espelho**. 5. ed. Curitiba: Editora da UFPR, 1999.

KOLOGY, Helena. **Sinfonia da vida**: Helena Kolody. Antologia poética organizada por Tereza Hatue de Rezende. Curitiba: Pólo Editorial do Paraná – Letraviva, 1997. 98 p.

KOLOGY, Helena. **Helena Kolody**: poetisa. Curitiba: Museu da Imagem e do Som do Paraná, 1989 (Caderno do MIS, n.13).

KOLOGY, Helena. **Helena Kolody por Helena Kolody**. CD idealizado e produzido por Paulinho Lima. Trilha musical composta por Iuri Cunha. Curitiba: Luz da Cidade, 1997. 1 disco compacto. (Coleção "Poesia Falada", vol. 4). CD-ROM.

KOLOGY, Helena. **Haikais**. Curitiba: Criar, 2001. 77 p. [Edição comemorativa dos 60 anos da publicação do primeiro livro de Helena Kolody, **Paisagem interior**. Edição com espiral e encartada].

KOLOGY, Helena. **Viagem no espelho e vinte e um poemas inéditos**. Curitiba: Criar, 2001. [Edição comemorativa dos 60 anos da publicação do primeiro livro de Helena Kolody, **Paisagem interior**].

KOLOGY, Helena. **Memórias de Nhá Mariquinha**. Castro: Kugler, 2002. 47 p. [Ilustrações de J. L. Weiss. Patrocínio do Museu do Tropeiro, de Castro].

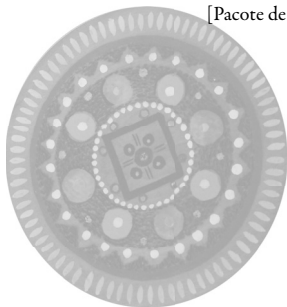
KOLOGY, Helena. **Poemas do Amor Impossível**. Curitiba: Criar, 2002. 77 p.

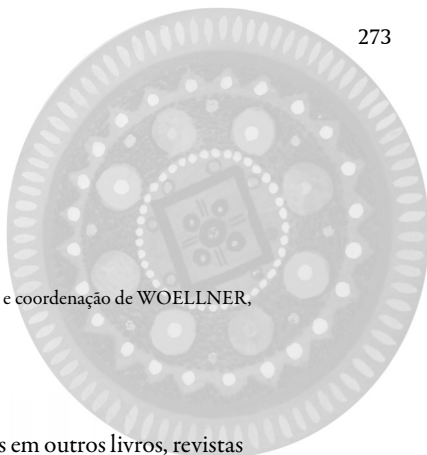
KOLOGY, Helena. **Viaggio nello specchio**. Tradução para o italiano: Domenico Corradini H. Broussard.. Pisa, Italy, Tipografia Editrice Pisana, 2003. 77 p.

KOLOGY, Helena. **Alegria de viver**. Curitiba: Instituto Euclides da Cunha, 2000 [tiragem de 30.000 exemplares, distribuição gratuita]. 24 p. [2. edição (2002): 30.000; 3. edição (2006): 30.000].

KOLOGY, Helena. **Helena de Curitiba**: Poemas selecionados Helena Kolody. Curitiba: Positivo, 2005. 110 p. [Coordenação Departamento de Marketing do Grupo Positivo].

KOLOGY, Helena. **Helena Kolody**. Curitiba: SESC da Esquina, mai. 2008. 20 p. [Pacote de Poesia, 9. ed., folhas em papel kraft, encartadas em "pacote de pão"].





KOLOGY, Helena. **Infinita sinfonia**. Organização e coordenação de WOELLNER, Adelia Maria. Curitiba: Ed. do Autor, 2011. 256 p.

## 8. 2. Textos de Helena Kolody publicados em outros livros, revistas e jornais

### 8. 2. 1. Diário dos Campos

KOLOGY, Helena. "Templo de Ouro". **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, n. 8036, p. 9, 17 de setembro de 1936.

KOLOGY, Helena. "Paisagem interior". **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, n. 8043, p. 5, 24 de setembro de 1936.

KOLOGY, Helena. "Genesis". **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, n. 8049, p. 5, 1 de outubro de 1936.

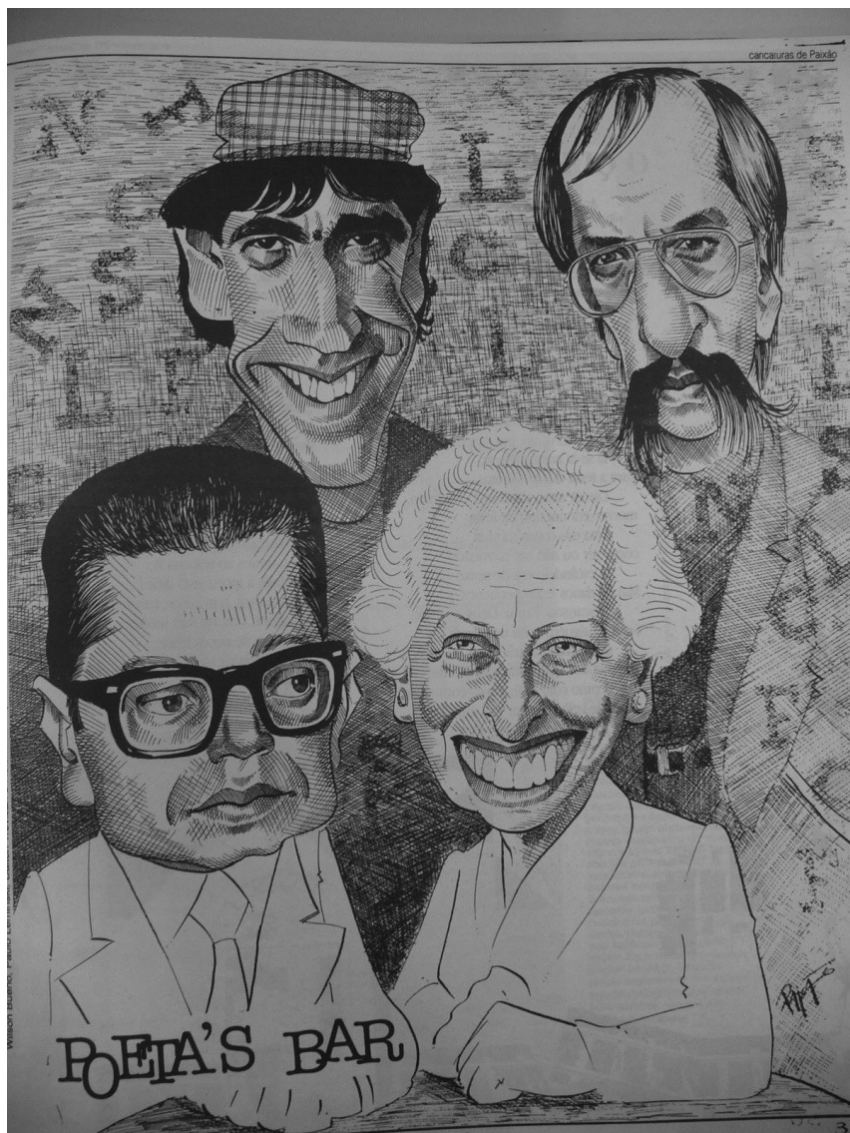
KOLOGY, Helena. "Bilhete" (prosa); "Vitoria Intima". **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, n. 8054, p. 5, 8 de outubro de 1936.

KOLOGY, Helena. "Siria". **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, n. 8073, p. 5, 29 de outubro de 1936.

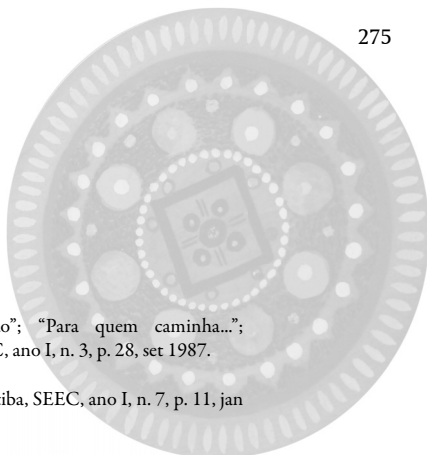
KOLOGY, Helena. "Noite provinciana". **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, n. 8077, p. 5, 5 de novembro de 1936.

KOLOGY, Helena. "Araucária". **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, n. 8087, p. 2, 19 de novembro de 1936.

KOLOGY, Helena. "Menular". **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, n. 9005, p. 4, 17 de dezembro de 1936.



Caricatura de Helena Kolody ladeada pelas de Dalton Trevisan, Wilson Bueno e Paulo Leminski – grandes nomes da literatura paranaense contemporânea. No olhar arguto do artista, o destaque ao sorriso de Helena. Publicadas no n. 33, 1990, de *Nicolau*. Caricaturas de Paixão.



### 8. 2. 2. Jornal **Nicolau**

KOLOGY, Helena. “Instante”; “Transfiguração”; “Para quem caminha...”; “Luminosas musselinas...”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano I, n. 3, p. 28, set 1987.

KOLOGY, Helena. “Figo da Índia”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano I, n. 7, p. 11, jan 1988.

KOLOGY, Helena. “O sol se apaga...”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano II, n. 7, p. 25, jun 1988.

KOLOGY, Helena. “Código”; “Circuito”; “Olhos de antes”; “Onde?”; “Tempo relativo”; “Difícil”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano II, n. 8, p. 6-8, fev 1989.

KOLOGY, Helena. “Nós”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano III, n. 23, p. 19, maio 1989.

KOLOGY, Helena. “Que ilha você levaria para um livro deserto?”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano III, n. 24, p. 3, jun 1989.

KOLOGY, Helena. “Ontem agora”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano IV, n. 32, p. 2, abr 1990.

KOLOGY, Helena. “Grafite”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano IV, n. 35, p. 20, out./nov 1990.

KOLOGY, Helena. “Espelhismo”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano V, n. 37, p. 11, fev. mar 1991.

KOLOGY, Helena. “Rosas de inverno”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano V, n. 38, p. 26, abr/mai 1991.

KOLOGY, Helena. “Com que epígrafe você grafaria sua vida?”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano V, n. 41, p. 3, out/nov 1991.

KOLOGY, Helena. “Caixinha de música”; “Aquarela”; “Paisagem marinha”; “Pirilampejo”; “Não era isso”; “Vôo cego”; “Bailarina”; “Tempo será”; “Porvir”; “Lua



crescente”; “A espera”; “Segredo”; “Fio d’água”; “Prisão”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano VI, n. 46, p. 12-3, nov/dez 1992.

KOLOGY, Helena. “Navegar, navegar”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano VI, n. 45, p. 2, set/out 1992.

KOLOGY, Helena. “Felicidade”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano VII, n. 50, p. 3, set/out 1993.

KOLOGY, Helena. “Filme dramático”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano IX, n. 57, p. 1, dez 1995.

KOLOGY, Helena. “Sinos da Paz”; “A injusta imolação”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano IX, n. 56, p. 32, ago 1995.

KOLOGY, Helena. “Pêndula”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano X, n. 58, p. 23, mai 1996.

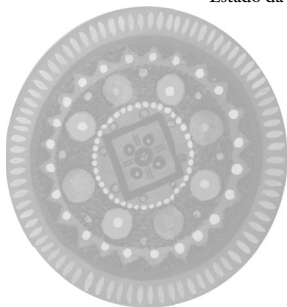
KOLOGY, Helena. “Maquinomem”; “Tédio”; “Visita ao passado”; “Asas e raízes”; “Retrato antigo”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano X, n. 59, p. 1 e p. 43, dez 1996.

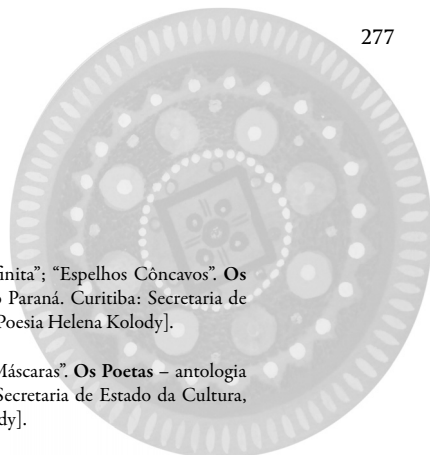
KOLOGY, Helena. “Sintonia”; “Pletora”. “Quem canta?”. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano XI, n. 60, p. 25, mar 1997.

### 8. 2. 3. Antologias do Concurso Helena Kolody de Poesia

KOLOGY, Helena. “Helena Kolody”; “Tarde demais”; “Altivez”; “O olhar para trás”. **Os Poetas** – antologia de poetas contemporâneos do Paraná. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1990. p. 7-10. [I Concurso Helena Kolody].

KOLOGY, Helena. “Dom”; “Significado”; “Altivez”; “Lâmpada de Aladim”. **Os Poetas** – antologia de poetas contemporâneos do Paraná. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1991. p. 5-8. [II Concurso Helena Kolody].





KOLOGY, Helena. "Ontem agora"; "Viagem Infinita"; "Espelhos Côncavos". **Os Poetas** – antologia de poetas contemporâneos do Paraná. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1992. p. 3-5. [III Concurso de Poesia Helena Kolody].

KOLOGY, Helena. "Loucura lúcida"; "onde?"; "Máscaras". **Os Poetas** – antologia de poetas contemporâneos do Paraná. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1993. p. 3-5. [IV Concurso de Poesia Helena Kolody].

KOLOGY, Helena. "Grafite"; "Sem aviso"; "Invenção". **Os Poetas** – antologia de poetas contemporâneos do Paraná. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1994. p. VII-IX. [V Concurso Helena Kolody de Poesia].

KOLOGY, Helena. "Retrato antigo"; "Sem aviso"; "Sou outra". **Os Poetas** – antologia de poetas contemporâneos do Paraná. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura, 1996. p. V-VII. [VI Concurso Helena Kolody de Poesia].

#### 8. 2. 4. Revista da Academia Paranaense de Letras

KOLOGY, Helena. "Ideal"; "Voltagem"; "Chuva de cinza". In: **Revista da Academia Paranaense de Letras**, Curitiba, n. 31, p. 125-128, 1990/1993.

KOLOGY, Helena. "Ser"; "Sabedoria". In: **Revista da Academia Paranaense de Letras**, Curitiba, n. 33, p. 257, dezembro 1994.

#### 8. 2. 5. LETRAS: Revista da Universidade Federal do Paraná

KOLOGY, Helena. Poemas: "Ilhas", "Poesia"; "A espera". In: **Letras: Revista da Universidade Federal do Paraná**, Curitiba, n. 7 e 8, p. 45-46, 1957.

KOLOGY, Helena. Poemas: "Jardim"; "Aquarela eslavo-brasileira"; "Materialista"; "Pânico"; "Indigência"; "Sábios"; "Intercoerência"; "Complexidade". In: **Letras: Revista da Universidade Federal do Paraná**, Curitiba, n. 16, p. 119-121, 1968.

## 8. 2. 6. Outros

KOLOGY, Helena. “Síria”. **Jornal dos Poetas**. Curitiba, 15 fev. 1938, ano I, n. 13, p. 4.

KOLOGY, Helena. “Vida intensa”; “Poetas mortos”; “Tarde demais”. In: RODRIGO Júnior. **Sonetos da minha terra**. Curitiba: Escola Técnica de Curitiba, 1953. p. 71-2.

KOLOGY, Helena. Poemas: “Coragem”; “Matinal”; “Rosas de inverno”. In: JÚNIOR, Rodrigo; JÚNIOR, Léo. **Sonetos do Paraná**. Curitiba: Prata de Casa, 1953. p. 74-75.

KOLOGY, Helena. “Em segredo”. In: **Revista do Centro de Letras do Paraná**. Curitiba, n. 19, vol. 62, 1959. p. 49-50.

KOLOGY, Helena. “Valfrido Piloto”. In: PILOTO, Valfrido. **Querência**. Curitiba: Max Roesner, 1968?. [capa].

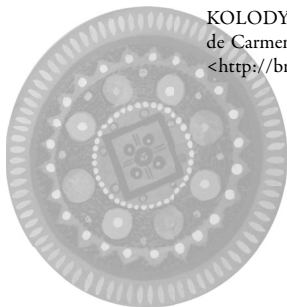
KOLOGY, Helena; SABÓIA, América. Apresentação [orelhas]. In: FERNANDES, Hellê Vellozo. **Nos campos e nos pinhais**. Curitiba: O Formigueiro/Vicentina, 1970.

KOLOGY, Helena. “América da Costa Sabóia”. In: MEIRELES, Elvira. **Antologia didática de escritores paranaenses**. Curitiba: Vicentina, 1970. [orelha].

KOLOGY, Helena. “Matinal”, “Maquinomem”, “Vida intensa”, “Sonhar”, “Prece”. In: RAITTANI Neto, Felício; SOUSA, Colombo. **Letras paranaenses**. Curitiba: Requião, 1970. p. 308-11.

KOLOGY, Helena. “América da Costa Sabóia”. In: SABÓIA, América da Costa; FERNANDES, Hellê Vellozo. Helena Kolody. In: **Antologia didática de escritores paranaenses**. 2. ed. revista e ampliada. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1976. p. 399.

KOLOGY, Helena. Em carta de 24 jun. 1979, sobre o ensaio “A poesia essencialista de Carmen Carneiro”, de autoria de Herbert Munhoz van Erven. Disponível em: <<http://br.geocities.com/dvanerven/herbert.html>>. Acesso em: 1 jun. 2008.



KOLOGY, Helena. "Norte novo". In: MARANHÃO, Malu. Vida poética. **Folha de Londrina**, Londrina, 9 jul. 1985.

KOLOGY, Helena. "Rosas de inverno". **Jornal do Livro**, Curitiba, abr./jun. 1985, n. 7, p. 4-5.

KOLOGY, Helena. "Apelidos"; "Marcar..."; "Gestação"; "Lição"; "HAYKA"; "Solta a flor na correnteza". In: KOLOGY, Helena. **Um escritor na Biblioteca**; Helena Kolody. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986. p. 16; 17; 21; 32; 33.

KOLOGY, Helena. "A lágrima". **O Estado do Paraná**, Curitiba, 5 abr. 1987. p. 15.

KOLOGY, Helena. "A lágrima". In: PIRES, Delores. Helena Kolody e a poesia. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 12 abr. 1987. p. 5.

KOLOGY, Helena. "A lágrima"; "Ontem, o Cristo me puxou pela manga"; In: PIRES, Delores. Helena Kolody e a poesia. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 12 abr. 1987. p. 5.

KOLOGY, Helena. "Praça Rui Barbosa" (poema ilustrado por Denise Roman). In: **O Estado do Paraná**, Curitiba, 22 nov. 1987. Almanaque. p. 21.

KOLOGY, Helena. "Por falar em Alice Ruiz". In: RUIZ, Alice. **Alice Ruiz**. Curitiba: Scientia et Labor, 1988. Série Paranaenses, n. 3. p. 3-5.

KOLOGY, Helena. "Do longo sono secreto". In: ANTUNES, Arnaldo et al. **Atlas – Almanak 88**. São Paulo: Kraft, fev.-nov. 1988. p. 37.

KOLOGY, Helena. "Apanhei na calçada/ uma pena de pombo"; "Quando damos entrevistas"; In: MILLARCH, Aramis. Nos haikais do dia a dia o significado da permanência. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 23 mar. 1988.

KOLOGY, Helena; MIRANDA, Tonicato. "À margem dos ideogramas". In: **Toda via** – revista mensal de literatura. Curitiba: Casa do Poeta do Paraná, ano 1, n. 1, jul. 1988, p. 2-5.

KOLOGY, Helena. “Mágoa”. In: **Indústria e comércio**, Curitiba, 21 jan. 1989.

KOLOGY, Helena. “Não morrem de uma só vez/ alguns teimosos velhinhos”. In: **Folha da Imprensa**, Curitiba, 4 out. 1991.

KOLOGY, Helena. “Reta final”. In: NÚÑES, Natália. Helena Kolody: a senhora dos poemas curtos e das ideias lípidas. **Jornal do Estado**, Curitiba, 21 nov. 1991. Caderno 3, p. 1-C.

KOLOGY, Helena. “Reta final”. In: LEITE, Zeca Corrêa. 80 anos de poesia. **Folha de Londrina**, Londrina, 11 out. 1992. Caderno 2, p. 1.

KOLOGY, Helena. “A praça”. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 21 mar. 1993. Cultura G, p. 1.

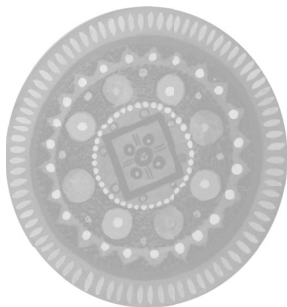
KOLOGY, Helena. “Norte novo”. In: LEITE, Zeca Correia. Viagem no espelho. Reminiscências. **Folha de Londrina**, Londrina, 8 out. 1994. Folha 2, p. 4-5.

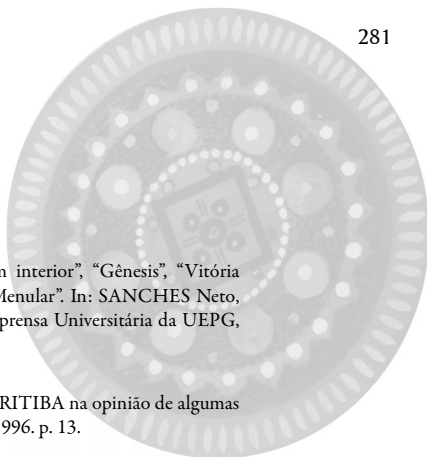
KOLOGY, Helena. “Em jovem era uma uva”. In: **Folha de Londrina**, Curitiba, out. 1994. p. 4.

KOLOGY, Helena. Discurso pronunciado pela acadêmica Helena Kolody, na Academia Paranaense de Letras, saudando o acadêmico Eduardo Rocha Virmond em sua posse (22/09/1994). In: **Revista da Academia Paranaense de Letras**, Curitiba, n. 33, p. 76-81, dezembro 1994.

KOLOGY, Helena. “As estações da vida”. In: “As Estações do Ano e as “Estações” da Vida”. (Folder – Convite Festa da Casa da Paz, Curitiba, junho de 1995). Capa: ilustração de Denise Romã.

KOLOGY, Helena. Sem título. In: FARIA, Hamilton. **Encântaros**. São Paulo: Escrituras, 1995. Orelha.





KOLOGY, Helena. “Templo de ouro”, “Paisagem interior”, “Gênesis”, “Vitória íntima”, “Síria”, “Noite provinciana”, “Araucária”, “Menular”. In: SANCHES Neto, Miguel (Org.). **Uniletras**. n. 17. Ponta Grossa: Imprensa Universitária da UEPG, dez. 1995. p. 143-9.

KOLOGY, Helena. “Curitiba adolescente”. In: CURITIBA na opinião de algumas ilustres figuras. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 29 mar. 1996. p. 13.

KOLOGY, Helena. “Curitiba, cidade-menina”. In: **Direção**: o Paraná no rumo certo (Revista). Curitiba, Posigraf, vol. 1, n. 1, p. 107, 1997.

KOLOGY, Helena. “Trem de carga”. In: XAVIER, Valêncio. A poetisa do Paraná. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 out. 1999. Caderno G. p. 1.

KOLOGY, Helena. “Pássaro de ouro, na árvore da vida” (Poema em homenagem a Graciete Salmon). In: WOELLNER, Adélia Maria. **Graciete Salmon**: a ciranda da estrela sozinha. Curitiba: 1999.

KOLOGY, Helena. “Nostalgia”; “Para além das fronteiras do conhecimento”; “Reflexo”; “Seu olhar profundo”; “Barcos pesqueiros”; “Como prender na imagem”; “Poesia”; “Nascem das calmarias”; “Na chuva”; “Maneiras de ser”. In: CRUZ, Antonio Donizeti da. Uma breve leitura da obra inédita de Helena Kolody: Tear de palavras: poemas inéditos e reunidos. **Revista da II Jornada de Estudos Linguísticos e Literários** / Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel: EDUNIOESTE, 1999. p. 141- 152.

KOLOGY, Helena. “Nostalgia”; “Para além das fronteiras do conhecimento”; “Reflexo”; “Seu olhar profundo”; “Barcos pesqueiros”; “Como prender na imagem”; “Poesia”; “Nascem das calmarias”; “Na chuva”; “Maneiras de ser”. In: CRUZ, Antonio Donizeti da. Uma breve leitura da obra inédita de Helena Kolody: Tear de palavras: poemas inéditos e reunidos. In: **Anais: XIII Seminário CELLIP** (Centro de Estudos linguísticos e Literários do Paraná), Campo Mourão, CELLIP, 1999.

KOLOGY, Helena. “Beleza”; “Arte”; “Ilusão”; “Palavra”; “Vida”; “O castor”; “?”; “Não se morre de uma vez”. In: Helena Kolody. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 26 de março de 2000. Caderno G, p. 8.

KOLOGY, Helena. “Balanço”, “Tesouro” e “Cantar”. In: *Antologia dos acadêmicos*: edição comemorativa dos 60 anos [Academia de Letras José de Alencar]. São Paulo: Scortecci, 2001. p. 68-9.

KOLOGY, Helena. “Araucária”, “Mundos”, “Imigrantes eslavos”, “Serraria”. In: *Páginas escolhidas*: literatura, vol. II. Curitiba: Assembléia Legislativa do Paraná, 2003. p. 167-9.

KOLOGY, Helena. “Cantar”, “Cantiga de roda”, “Voz da noite”, “Âmago”, “Nunca e sempre”, “Viagem infinita”. In: CURITIBA, Henrique de. *Seis poemas de Helena Kolody*: canções para soprano e piano. Curitiba: Editora da UFPR, 2003, p. 9-20.

KOLOGY, Helena. “Poeira esparsa no vento”. In: SANTOS, Diair. *Castro – antiga Sant’Ana do Iapó*. 3. ed. Castro: Museu do Tropeiro / Kugler, 2008. p. 4.

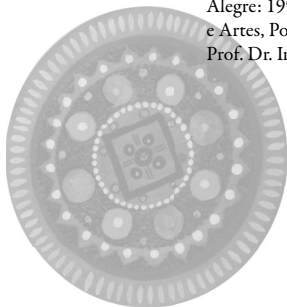
KOLOGY, Helena. “Ressonância”, “Os tristes”, “Ipês floridos”. In: GUTTILLA, Rodolfo Witzig. (Org.) *Boa companhia* – haicai. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 99.

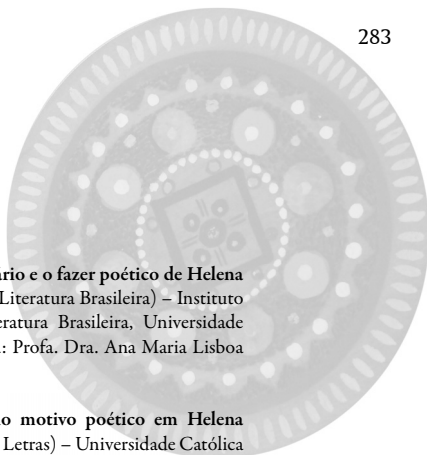
KOLOGY, Helena. “Minimélista”. In: PIRES, Rita de Cássia. *Pequenas grandezas* – miniaturas de Hélio Leites. Curitiba: Museu Oscar Niemeyer, 2010, p. 80-1.

### 8. 3. Trabalhos sobre Helena Kolody

#### 8. 3. 1. Teses e dissertações

CRUZ, Antonio Donizeti da. *Helena Kolody: a poesia da inquietação*. Porto Alegre: 1993. Dissertação. (Mestrado em Teoria da Literatura) – Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993. Orientador: Prof. Dr. Ir. Elvo Clemente.





CRUZ, Antonio Donizeti da. **O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody**. Porto Alegre: 2001. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira) – Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Literatura Brasileira, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2001. Orientadora: Profa. Dra. Ana Maria Lisboa de Mello.

MARTINS, Maria de Lourdes. **O infinito como motivo poético em Helena Kolody**. Curitiba: 1984. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Católica do Paraná, 1984.

SARTORELLI, Soraya Rozana. **Em busca do pássaro inatingível: o processo criativo de Helena Kolody**. Londrina: 2001. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Londrina, 2001.

SOARES, Marly Catarina. **Helena Kolody: uma voz imigrante na poesia paranaense**. Campinas: 1997. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1997. Orientadora: Profa. Dra. Orna Messer Levin.

ZANINI, Ana Maria. **A poesia de Helena Kolody: religiosidade em confluências da arte**. Marechal Cândido Rondon: 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Orientador: Prof. Dr. Antonio Donizeti da Cruz.

### 8. 3. 2. Livros, jornais e revistas

ACADEMUS. Órgão Oficial da Academia Paranaense de Letras. A grande ausente. Curitiba, mar. 2004. n. 7, ano III, p. 1.

ADEUS aos artistas da terra. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 5 fev. 2009. Série Especial 90 anos. Fascículo 3, p. 14.

ADONIAS Filho. As asas dos cisnes. **Diário de Notícias**, Rio de Janeiro, 24 set. 1958.



A HISTÓRIA de Babi de Oliveira. **Fon-Fon**. Rio de Janeiro, 6 mai. 1950, p. 24.

ALBERNAZ, Darcy. Poesias completas de Helena Kolody. **A Tribuna**, Taubaté, 27 fev. 1965, p. 2.

\_\_\_\_\_. Poesias completas de Helena Kolody. **Diário de Mogi**, Mogi das Cruzes, 9 mar. 1965, p. 2.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody, a poetisa-professora. **Rumo Paranaense**, Curitiba, ano II, n. 35, p. 8, nov. 1976.

ALVES, Rubem. Helena Kolody. In: \_\_\_\_\_. **Ostra feliz não faz pérola**. São Paulo: Planeta, 2008. p. 100.

AMARAL, Raquel C. Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 13 mar. 1978, p. 31.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Carta a Helena Kolody (datada em 29 de março de 1946). In: **Rumo Paranaense**, Curitiba, ano II, n. 35, p. 4, nov. 1976.

\_\_\_\_\_. Carta a Helena Kolody (datada em 25 de agosto de 1980). In: VENTURELLI, Paulo (Org.). **Helena Kolody**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995 (Série paranaenses, n. 6). p. 7.

ANTONIA, Maria. Andorinhas. **A Gazeta**, São Paulo, 4 abr. 1953, p. 14.

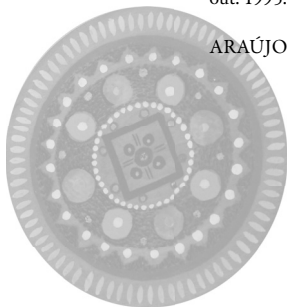
A POESIA paranaense lá fora – Helena Kolody. **O Dia**, Curitiba, 25 fev. 1945.

A POETISA que ensina. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 27 jun. 1993. Viver bem.

A POSSE de Helena. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 5 mar. 1974.

ARAÚJO, Adão de. A máxima Poesia mínima. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 12 out. 1995. Almanaque.

ARAÚJO, Adalto de. Música submersa. **Prata de Casa**, Curitiba, nov. 1945.



ARAÚJO, Murillo. Conceito inicial: poesia e imagem. **Carioca Repórter**, Rio de Janeiro, ago. 1964.

ATEM, Reinoldo. A poesia do instante infinito. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, ano III, n. 20, p. 27, fev. 1989.

\_\_\_\_\_. **Panorama da poesia contemporânea em Curitiba**. Curitiba: 1990. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, 1990.

\_\_\_\_\_. Uma poética da natureza em movimento. In: **Sempre poesia**. Curitiba: Ímã Publicidade, 1994.

AVELIMA, Luís. Fugitivo instante de beleza. **Leia**. São Paulo, set. 1985.

A VIVA voz. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 31 ago. 1997. Caderno G, p. 5.

AYALA, Walmir. Poesia – hera contra o muro, A sombra no rio, folhas da primavera. **Jornal do Commercio**, Folhetim, Rio de Janeiro, 30 jan. 1962.

\_\_\_\_\_. Crônica do livro. **A Marcha**, Rio de Janeiro, 8 fev. 1962.

BACK, Sylvio. O poema, afinal, continua a vida. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 11 out. 1992. Almanaque, p.1.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody: colagem biográfica. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 11 out. 1992. Almanaque, p.1.

\_\_\_\_\_. Rasteira no tempo. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 11 out. 1992. Almanaque, p.1.

\_\_\_\_\_. Filme e outdoors para Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 11 out. 1992. Almanaque, p. 1.

\_\_\_\_\_. Prêmio a um duelo de arte. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 3 dez. 1992. Cultura G, p. 24.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody. In: KOLODY, Helena. **Sinfonia da vida**: Helena Kolody (Antologia poética organizada por Tereza Hatue de Rezende). Curitiba: Pólo Editorial do Paraná – Letraviva, 1997. p. 16.

\_\_\_\_\_. O poema, afinal, a vida continua. **Gazeta do Povo**, 12 de out de 2002. G Documento, Suplemento especial da **Gazeta do Povo** nos 90 anos da poeta Helena Kolody. p. 11.

\_\_\_\_\_. **Sylvio Back recebe notícia da morte com tristeza**. Disponível em: <<http://tudoparana.globo.com/cultura/noticia.phtml?ide=62229>>. Acesso em: 1 jun. 2008.

BANDEIRA, Euclides. Paisagem interior. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 21 fev. 1942. p. 9.

BARK, Ali. Helena Kolody, a poetisa de asas de ouro e aço. In: **Rumo Paranaense**, Curitiba, ano II, n. 35, p. 1, nov. 1976.

BASSETI, Alzeli. Helena Kolody: poesia feito gente. **Brasília**: Revista de circulação nacional. Brasília, n. 53, p. 2-5, jul. 1990.

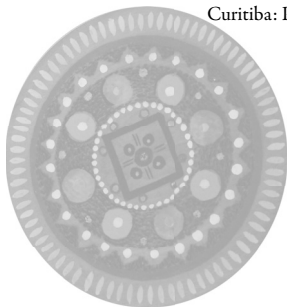
\_\_\_\_\_. Ping-pong com Helena Kolody. **Brasília**: Revista de circulação nacional. Brasília, n. 53, p. 2-5, jul. 1990.

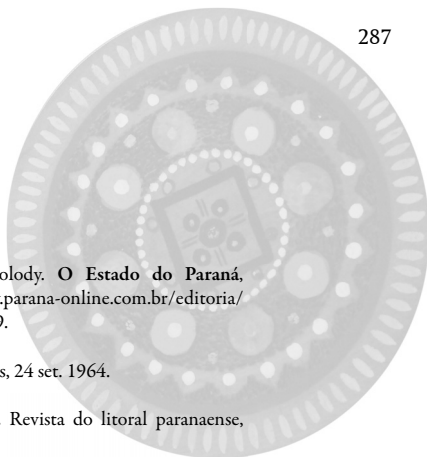
\_\_\_\_\_. O pouso de Kolody na Academia. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 21 nov. 1991.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody: poesia feito gente. In: VENTURELLI, Paulo (Org.). **Helena Kolody**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995 (Série paranaenses, n. 6). p. 52-3.

BELTRÃO, Odacir. Paisagem interior. **O Dia**, Curitiba, 12 abr. 1942.

BENITEZ, Regina. Helena Kolody. In: KOLODY, Helena. **Sinfonia da vida**: Helena Kolody (Antologia poética organizada por Tereza Hatue de Rezende). Curitiba: Pólo Editorial do Paraná – Letraviva, 1997. p. 17.





BIBLIOTECA Pública homenageia Helena Kolody. **O Estado do Paraná**, Almanaque, Curitiba, 4 outubro 2002. [www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/26720](http://www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/26720)>. Acesso em: 29 jun. 2009.

БІД А брєвє (Vida breve). **Trabalho**, Prudentópolis, 24 set. 1964.

BORGES, Durval. Paisagem interior. **Marinha...** Revista do litoral paranaense, Paranaguá, 1 abr. 1942.

\_\_\_\_\_. Música submersa. **O Dia**, Curitiba, 9 dez. 1945, p. 4.

\_\_\_\_\_. A sombra do rio. **Jornal do Paraná**, Ponta Grossa, 1 nov. 1952.

BRAZILIAN poet of ukrain descent. **Our life**, Philadelphia, USA, jun. 1961.

BRITO, Carlos de Caldas. Música submersa. **Fon-Fon**. Rio de Janeiro, 2 nov. 1946.

BROUSSARD, Domenico Corradini H. Musicale pianissimo con dedica: até ao último instante. In: KOLODY, Helena. **Viaggio nello specchio**. Tradução para o italiano: Domenico Corradini H. Broussard.. Pisa, Italy, Tipografia Editrice Pisana, 2003. p. 9-10.

BUENO, Raquel Illescas. Contagem Progressiva. In: VENTURELLI, Paulo (Org.). **Helena Kolody**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995 (Série paranaenses, n. 6). p. 58-9.

BUENO, Priscila. Poesia com o coração. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 18 jun. 2008. Suplemento especial 100 anos de imigração japonesa. p. 9.

BUENO, Wilson. As armas do coração. In: **Um escritor na biblioteca**: Helena Kolody. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986. [encarte].

\_\_\_\_\_. As armas do coração. **Correio de Notícias**, Curitiba, 12 mar. 1987. p. 18.

BUENO, Wilson de Araújo. Grã-Cruz para Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 24 set. 2011, p. 8.

CARNEIRO, David. Sempre palavra de Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 28 de ago. 1985.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. **Dicionário histórico-biográfico do Paraná**. Curitiba: Chain, Banco do Estado do Paraná, 1991. p. 236-240.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody: oitenta anos de vida e poesia. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 out. 1992.

CARVALHO, Abílio de. Nos bastidores das letras. **A Tribuna**, Vitória, ano IV, 25 nov. 1941.

CASTILHO, Cristiano. Paraná em cordas. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 17 jun. 2009, p. 1.

CASTRO, Elisabete. Helena Kolody é levada ao palco. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 22 dez. 1990. Almanaque, p. 17.

**CATÁLOGO Coletivo de Literatura, História e Geografia do Paraná**. Curitiba: Editora da UFPR, dez. 1972, p. 91-2.

CAVALCANTI, L. Leopoldino. Helena Kolody em “Música submersa”. **Diário da Tarde**, Curitiba, 7 jan. 1946.

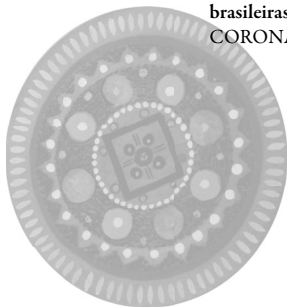
CHICHORRO, Alceu (Eloy de Montalvão). Paisagem interior. **O Dia**, Curitiba, 6 mai. 1942.

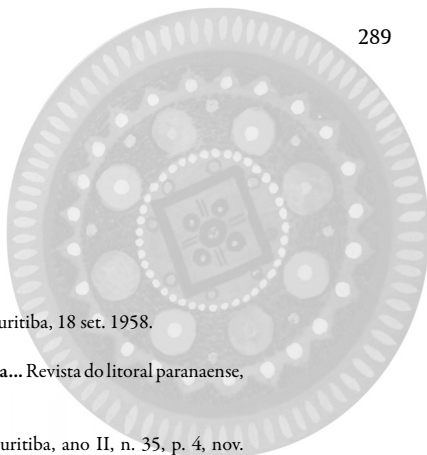
\_\_\_\_\_. A sombra no rio. **O Dia**, Curitiba, 6 mar. 1952, p. 5.

CLARK, Hecilda. Paisagem interior – Poemas de Helena Kolody. **Ciências e Letras** (Revista), tomo X, São Paulo, 1942.

COELHO, Nelly Novaes. Helena Kolody. In: **Dicionário crítico de escritoras brasileiras**. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 246-7.

CORONA, Ricardo. Entrevista. Disponível em: <[www.geocities.com/SoHo/](http://www.geocities.com/SoHo/)





Lofts/1418/corona.htm>. Acesso em: 9 abr. 2009.

CORREIA, Leocadio. Poesias. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 18 set. 1958.

CORREIA, Leôncio. Música submersa. In: **Marinha...** Revista do litoral paranaense, Paranaguá, set./dez.1946.

\_\_\_\_\_. Música submersa. **Rumo Paranaense**, Curitiba, ano II, n. 35, p. 4, nov. 1976.

COUTINHO, Emildo. As lembranças de Helena Kolody. Cartas na mesa. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 11 dez. 1992, p. 7.

COSTA, Karine Bueno. "Helena Kolody: esfinge de olhos azuis". Projeto Memórias Poéticas do Vale do Iguaçu. 2 mar. 2010. Disponível em: <<http://projetomemoriaspoeticas.blogspot.com/2010/03/helena-kolody-esfinge-de-olhos-azuis.html>>. Acesso em: 22 set. 2011.

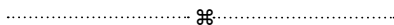
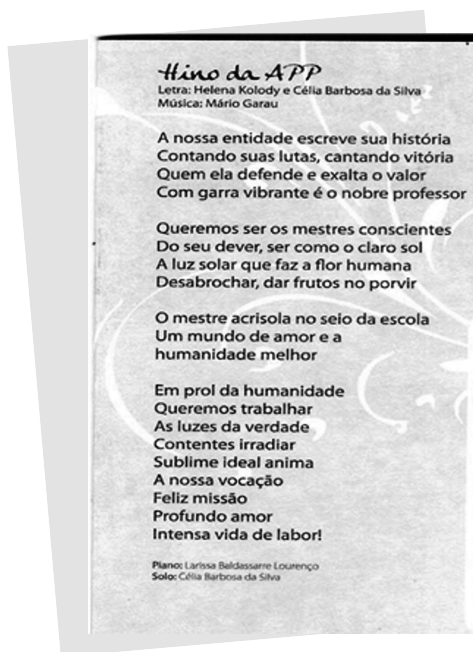
COSTA, Sueli Aparecida da; Cruz, Antonio Donizeti da. Helena Kolody e a poética do espelhamento. **Revista de Literatura, História e Memória**, v. 1, p. 1-12, 2006.

CRUZ, Antonio Donizeti da. A poesia sintética de Helena Kolody. **O Presente**, Marechal Cândido Rondon, 14 jan. 1994. n. 113, p. 2.

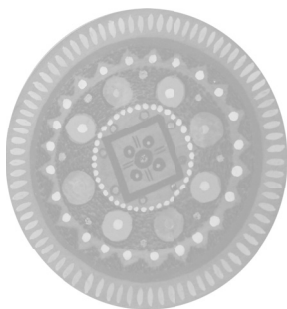
\_\_\_\_\_. A poesia de Helena Kolody: uma poeta latino-americana. **Tempo da Ciência**: Revista de Ciências Sociais e Humanas, Unioeste, Toledo, v. 1, n. 1, p. 69-77, jul./dez. 1995.

\_\_\_\_\_. A inquietação na poesia de Helena Kolody. **Consciência**: Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras e Faculdades Reunidas de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas de Palmas, v. 9, n. 1, p. 67-76, jan./jun. 1995.

\_\_\_\_\_. A poesia sintética de Helena Kolody. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 31, n. 3, p. 81-87, set. 1996.



As letras dos hinos do Instituto de Educação do Paraná, da APP-Sindicato (Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná) e do CEFET (Centro Federal de Educação Tecnológica) são de autoria de Helena Kolody. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.



\_\_\_\_\_. Tanka e haicais: uma leitura de Reika, de Helena Kolody. In: **ANAIS: XII Seminário CELLIP** (Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná), Foz do Iguaçu: CELLIP, 1998. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Uma breve leitura da obra inédita de Helena Kolody: Tear de palavras: poemas inéditos e reunidos. In: **ANAIS: XIII Seminário CELLIP** (Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná), Campo Mourão, CELLIP, 1999.

\_\_\_\_\_. Uma breve leitura da obra inédita de Helena Kolody: Tear de palavras: poemas inéditos e reunidos. In: **Revista da II Jornada de Estudos Linguísticos e Literários/Universidade Estadual do Oeste do Paraná**. Campus de Marechal Cândido Rondon. Curso de Letras/Português. Cascavel: EDUNIOESTE, 1999. p. 141-152.

\_\_\_\_\_. A lírica de Helena Kolody e o jogo dialético: vida e morte. **Línguas & Letras**. Unioeste, Cascavel, v. 2, n. 2, p. 201-213, 2001.

\_\_\_\_\_. A viagem na poesia de Cecília Meireles, Lila Ripoll e Helena Kolody – uma poética da travessia. In: **MELLO, Ana Maria Lisboa de (Org.). Cecília Meireles e Murilo Mendes (1901-2001)**. Porto Alegre: Uniprom, 2002.

\_\_\_\_\_. Trajetória poética e social de Helena Kolody. **Línguas & Letras**. Unioeste, Cascavel, v. 1, n. 7, p. 59-71, 2003.

\_\_\_\_\_. A poesia de Helena Kolody: a busca do essencial. Texto e comunicação apresentados no XV Encontro Nacional da ANPOLL – 4 a 8 de junho de 2000, Niterói, RJ. Disponível em: <<http://w3.ufsm.br/jaime/poesiaanpoll.html>>. Acesso em: 10 set. 2009.

\_\_\_\_\_. Poesia e jogo de xadrez: Fernando Pessoa, Jorge Luís Borges e Helena Kolody. **Anais da Jornada de Estudos Linguísticos e Literários**, p. 13-20, 2007.

\_\_\_\_\_. A influência da arte oriental na poesia de Helena Kolody e o ensino-aprendizagem do haikai. **Revista de Literatura, História e Memória**, Cascavel, Unioeste, v. 5, p. 147-161, 2009.



\_\_\_\_\_. **Helena Kolody: a poesia da inquietação.** Marechal Cândido Rondon: Edunioeste, 2010. 184 p.

DIAS, José Wanderley. Neuza, Flora, Helena. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 14 mar. 1990.

DIREÇÃO, professores e alunos do Instituto de Educação do Paraná Erasmo Pilotto. Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, 26 fev. 2004, p. 3.

DUPRÉ, Fanny Luiza. Helena Kolody. **Tapejara**, Ponta Grossa, jan. 1953, ano III, n. 9, p. 15.

EOLO [?]. Notas sociais. Curitiba, **Gazeta do Paraná**, 1 jul. 1942.

ERVEN, Herbert Munhoz van. A poesia de Helena Kolody. **Prata de Casa**, Curitiba, abr. 1945, p. 27-28.

\_\_\_\_\_. O último livro de Helena Kolody. **Diário da Tarde**, Curitiba, 12 out. 1945, p. 2.

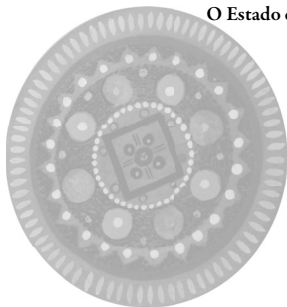
\_\_\_\_\_. **A emoção e o ritmo na arte e no estilo de Jaime Balão Junior.** Curitiba: [s. n.], 1963. p. 38, 73.

FARIA, Hamilton. Essência, ascensão e luz. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 11 de out. 1992. Almanaque, p. 4.

\_\_\_\_\_. Uma conversa poética com Helena Kolody. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 11 out. 1992. Almanaque, p. 2.

FARIAS, Octávio. Duas poetisas paranaenses. **Jornal do Commercio**, Rio de Janeiro, 28 jul. 1968, p. 3.

FEDALTO, Wilma Belquise. Ensaio de interpretação da poesia de Helena Kolody. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 23 ago. 1964, p. 28.



FERNANDES, Achilles. Trechos de uma carta do escritor mineiro Achilles Fernandes alusivos à poesia de Helena Kolody; a carta é endereçada ao poeta Pedro Saturnino. **Prata de Casa**, Curitiba, jun. 1945.

FERNANDES, Hellê Vellozo; SABÓIA, América da Costa. **Antologia didática de escritores paranenses**. Curitiba: Vicentina, 1970.

FERNANDES, José Carlos. A viva voz. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 31 ago. 1997. Caderno G, p. 5.

\_\_\_\_\_. Um presente em prosa. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 10 mar. 2003. Caderno G, p. 1.

\_\_\_\_\_. A menor galeria do mundo. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 15 ago. 2008, p. 3.

\_\_\_\_\_. Bichos à solta no canal 12. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 19 mar. 2009, Suplemento Especial: Francisco Cunha Pereira Filho, p. 14.

\_\_\_\_\_. Tem poesia na casa da Nair. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 24 abr. 2009, p. 3.

FERNANDES, Josué Corrêa. Helena Kolody – a poeta do Paraná. **Diário da Manhã**, Ponta Grossa, 22 fev. 2004. p. 15. Retalhos da História.

FERREIRA, Gevaldino. Paisagem interior. **Marinha...** Revista do litoral paranaense, Paranaguá, dez. 1942.

FIGUEIRA, Alberico. A sombra no rio. **O Dia**, Curitiba, 3 fev. 1952.

FILME e outdoors para Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 11 out. 1992.

FILME de Back ganha prêmio em Festival. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 3 dez. 1992, p.1.

FLORES, Hilda Agnes Hübner. Helena Kolody. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário de mulheres**. Porto Alegre: Nova Dimensão, 1999. p. 259.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody. In: \_\_\_\_\_. **Dicionário de mulheres**. 2. ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2011, p. 364.

FONSECA, José Paulo Moreira da. Alguns Poetas. **Jornal de Letras**, Rio de Janeiro, n. 115-116, fev./mar. 1959.

FONTÁN, Josette Maria S. Helena Kolody – a poetisa de “Vida breve”. **Correio do Paraná**, Curitiba, 8 nov. 1964.

FONTES, Luísa Cristina dos Santos; MARQUES, Marcos Aurélio. Helena Kolody em prosa. **Uniletras**. Ponta Grossa, v. 26, p. 265-268, 2005.

FONTES, Luísa Cristina dos Santos. A Terra Estrangeira de Helena Kolody. **Graphos**. João Pessoa, v. 9, p. 167-179, 2007.

\_\_\_\_\_. Alteridade eslava em Helena Kolody. III Seminário Internacional e XII Seminário Nacional Mulher e Literatura do GT Mulher e Literatura da ANPOLL. **Anais... Ilhéus**: Editus, p. 101-110, 2007.

\_\_\_\_\_. Roteiro insuspeito: Helena Kolody em Ponta Grossa. **Diário dos Campos**. Ponta Grossa, n. 30.226, p. C-9, 15 set. 2007.

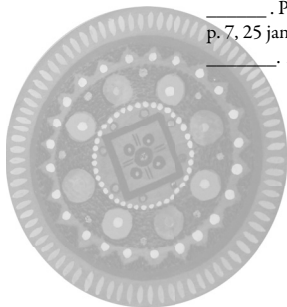
\_\_\_\_\_. Quando Helena Kolody cruzou a fronteira. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**. Brasília, v. 32, p. 161-172, 2008.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody em Ponta Grossa. **Diário da Manhã**. Ponta Grossa, p. 5, 4 mai. 2008.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody: reminiscências de leitura e escola. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8. **Anais...** Florianópolis, Ed. Mulheres, UFSC, 2008. CD-ROM.

\_\_\_\_\_. Ponta Grossa no mapa de Helena Kolody. **Jornal da Manhã**. Ponta Grossa, p. 7, 25 jan. 2009.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody e uma pulsante cartografia de Curitiba. XIV Seminário



Nacional Mulher e Literatura e V Seminário Internacional Mulher e Literatura, 2011. **Anais** do evento. Brasília: Universidade de Brasília.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody – 99 anos. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 3B, 15 out. 2011.

\_\_\_\_\_. Infinita Sinfonia. **Diário dos Campos**, Ponta Grossa, p. 3B, 21 out. 2011.

FONTOURA, Gabriel. Paisagem interior. **Marinha...** Revista do litoral paranaense, Paranaguá, out. 1942.

\_\_\_\_\_. Música submersa. **Marinha...** Revista do litoral paranaense, Paranaguá, ano VIII, nº 75, out.-dez., 1945.

GALENO, Candida Maria Santiago. Paisagem interior. **Correio do Ceará**, Fortaleza, 9 abr. 1951, n. 12.300.

GARAY, César de. A poesia de Helena Kolody. **O Dia**, Curitiba, 13 out. 1942.

GAZIRE, Tarcillo. Bibliografia – Paisagem interior. **Tingui**, Curitiba, fev. 1943.

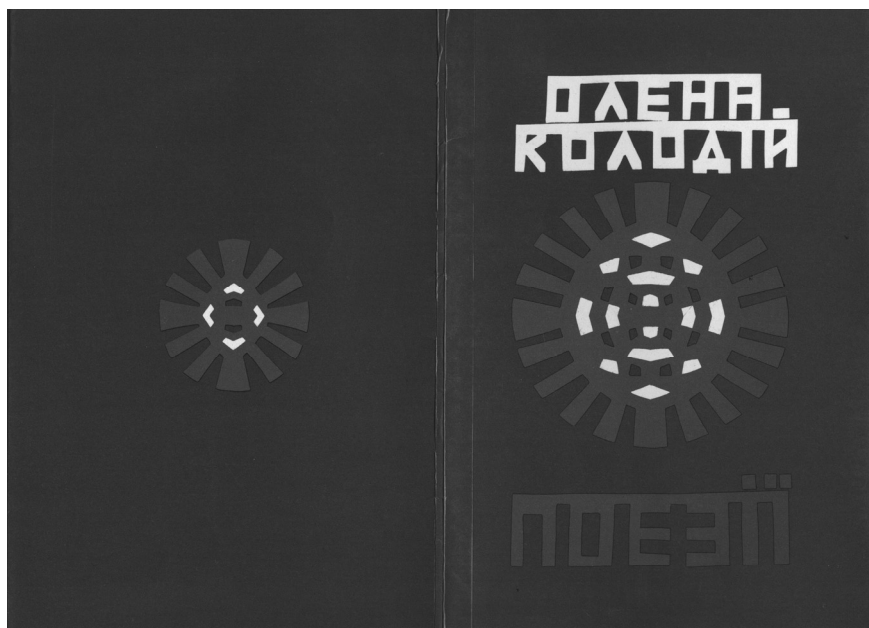
GEMAEI, Rosirene. Ave, padroeira da poesia. **Correio de Notícias**, Curitiba, 20 out. 1985, p. 22.

\_\_\_\_\_. Romaria à padroeira da poesia. **Correio de Notícias**, Curitiba, 2 out. 1987, p. 19.

\_\_\_\_\_. A musa de cinquenta verões. **Correio de Notícias**, Curitiba, 9 dez. 1988, p. 20.

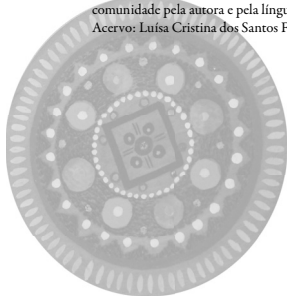
\_\_\_\_\_. Ontem agora, hoje e sempre. **Correio de Notícias**, Curitiba, 12 mar. 1991, p. 19.

GOMES, O. Martins. A inspiração de Helena Kolody. **Rumo Paranaense**, Curitiba,



Em 1983, a Sociedade dos Amigos da Cultura Ucraina lançou em Curitiba o livro *ВИБРАНІ ПОЕЗІЇ* (*Poesias escolhidas*), em edição bilingue. Os versos de Helena Kolody foram traduzidos para o ucraniano por Wira Wowk e a apresentação da obra é de autoria de Nikolas Hec. Mesmo a tiragem podendo ser considerada reduzida (500 exemplares), o que, se considerarmos o gênero (poesia), deve ser reconsiderado, sua publicação comprova o interesse da comunidade pela autora e pela língua.

Acervo: Luisa Cristina dos Santos Fontes.



Partitura de “Carroça de Tolda”, música de Pedro Kutchma para o poema de Helena Kolody. Publicada em 1983, no livro *ВІСЬОПАНИ НОЕЗІІ*, p. 31-2. Acervo: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

[illegible]

ano II, n. 35, p. 14, nov. 1976.

GOMES, Raul Rodrigues. Duas altezas da poesia nacional. **Jornal de Curitiba**, Curitiba, 6 jun. 1967, p. 5.

\_\_\_\_\_. Duas altezas da poesia nacional. **Diário Popular**, Curitiba, 17 jun. 1979, p. 5.

GOMES, Roberto. Um poema de olhos azuis. In: GEMAEL, Rosirene. Romaria à padroeira da poesia. **Correio de Notícias**, Curitiba, 2 out. 1987, p. 19.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody, viaggio incontro al sole. In: KOLODY, Helena. **Viaggio nello specchio**. Tradução para o italiano: Domenico Corradini H. Broussard.. Pisa, Italy, Tipografia Editrice Pisana, 2003. p. 47-51.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, Caderno G, 10 mar. 2003, p.1.

\_\_\_\_\_. Lembranças de Helena Kolody. **Cândido** – Jornal da Biblioteca Pública do Paraná, Curitiba, n. 3, out. 2011, p. 10-12.

GOMES, Roberto; LONGO, Raul; MORAES, Augusto. Helena Kolody. **Jornal do Livro**, Curitiba, n. 7, p. 4-5, abr./mai. 1985.

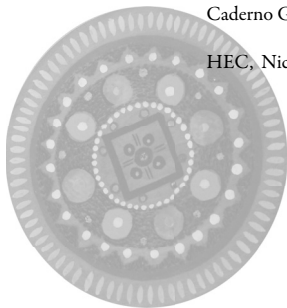
GONÇALVES, Maria Fernanda. No país de Adélia, Mário, Cora e Helena. **Gazeta do Povo**, 12 de out. de 2002. G Documento, Suplemento especial da Gazeta do Povo nos 90 anos da poeta Helena Kolody. p. 9.

GRANDE dia para Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 25 mar. 1992, p. 25.

GRANZOTO, Maria. Helena Kolody. 22 jan. 2009. [www.artculturalbrasil.blogspot.com](http://www.artculturalbrasil.blogspot.com)>. Acesso em: 29 jun. 2009.

HANATI, Yuti al'. A padroeira da poesia paranaense. **Gazeta do Povo**, Curitiba, Caderno G, 18 out. 2011, p. 3.

HEC, Nicolas. Helena Kolody: biografia. In: KOLODY, Helena. **Luz Infinita**.



Curitiba: Museu-Biblioteca Ucrânicos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva: Clube Ucrâno-Brasileiro: Organização Feminina, 1997. p. 19-36.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody. In: KOLODY, Helena. **Poesias escolhidas [ВІВІРАНИ ІНШЕ]**. Tradução de Wira Wowk para o ucraniano. Curitiba: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucrâna, 1983, p. 5-8.

HELENA Kolody no Instituto Brasileiro de Cultura. **Correio da Noite**, Rio de Janeiro, 7 set. 1940.

HELENA Kolody. **Diário da Tarde**, Curitiba, 1 jun. 1942, p. 14.

HELENA Kolody. **Marinha...** Revista do litoral paranaense, n. 52. Paranaguá, 1 jun. 1942.

HELENA Kolody: vitoriosa no concurso da Sociedade de Homens de Letras do Brasil, em 1942. **Diário da Tarde**, Curitiba, 1 jul. 1942.

HELENA Kolody: vitoriosa no concurso da Sociedade de Homens de Letras do Brasil, em 1942. **Correio de Notícias**, Rio de Janeiro, 7 set. 1942.

HELENA Kolody: vitoriosa no concurso da Sociedade de Homens de Letras do Brasil, em 1942. **Rumo Paranaense**, Curitiba, ano II, n. 35, p. 5, nov. 1976.

HELENA Kolody: "Melhor que uma placa de ouro". **Tribuna do Paraná**, Curitiba, 8 jan. 1979, p. 10.

HELENA Kolody. Entrevista, por Luiz Augusto Moraes, Raul Longo e Roberto Gomes. **Jornal do Livro**. Curitiba, abr.-mai. 1985, n. 7, p. 4-5.

HELENA Kolody. Com sua poesia, ela espalha estrelas pela noite escura de outras vidas. **Indústria e Comércio**, Curitiba, 17 jul. 1986.

HELENA Kolody, a normalista e a poeta. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 5 abr.



1987. p. 15.

HELENA Kolody, poetisa e nova imortal que vai assumir a Academia de Letras. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 22 mar. 1992.

HELENA Kolody, a nova imortal. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 22 mar. 1992, p. 4.

HELENA Kolody, dádiva da Ucrânia para o Paraná. **Indústria e Comércio**, Curitiba, 24 ago. 1994.

**HELENA Kolody**. Organizado por Paulo Venturelli. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995 (Série paranaense, n. 6, 86 p. : il.).

HELENA poesia. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 27 mar. 1992, p. 4.

HELENA Kolody é homenageada. **Correio de Notícias**, Curitiba, 3 dez. 1992, p. 4.

HELENA Kolody doa livros. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 5 jun. 1993.

HELENA Kolody doa livros para escolas públicas. **Indústria e Comércio**, Curitiba, 13 jun. 1993, p. 3.

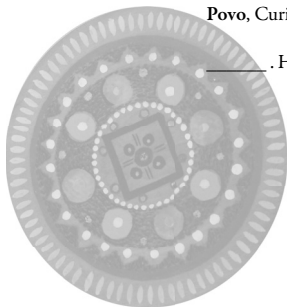
HELENA Kolody, imortal paranaense. **O Estado do Paraná**, Almanaque, 17 fev. 2004. Atualizado em 19 jul. 2008, [www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/73958](http://www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/73958)>. Acesso em: 14 nov. 2008.

HENKE, Leonardo. "Música submersa" de Helena Kolody. **Diário da Tarde**, Curitiba, 4 dez. 1945.

HERBERT Munhoz van Erven. Cronologia; algumas referências. Disponível em: <<http://br.geocities.com/dvanerven/herbert.html>>. Acesso em: 1 jun. 2008.

HOERNER Jr., Valério. Homenagem de Helena Kolody a Correia Jr. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 13 mai. 1990. Suplemento Viver bem.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody: acadêmica sem mácula. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 ago.



1990. Suplemento Viver Bem.

\_\_\_\_\_.; BÓIA, Wilson; VARGAS, Túlio. **Biobibliografia da Academia Paranaense de Letras: 1936-1995**. Curitiba: CR&C/Verbo, 1995. p. 167-171.

\_\_\_\_\_. **Biobibliografia da Academia Paranaense de Letras: 1936-2001**. Curitiba: Posigraf, 2001. p. 175-9.

HUGO, Vitor. A infinita presença de Helena Kolody. **Diário do Paraná**, Curitiba, 29 nov. 1981. Segundo Caderno.

JEDYN, Larissa. Versos que vêm de longe. **Gazeta do Povo**, 12 de out de 2002. G Documento, Suplemento especial da **Gazeta do Povo** nos 90 anos da poeta Helena Kolody. p. 3.

**JORNAL do Livro**, Curitiba, abr./jun. 1985, n. 7, p. 4-5.

JOSINA lança amanhã Helena de Curitiba. **O Estado do Paraná**, Almanaque, Curitiba, 30 mar. 2005. Disponível em: <[www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/116519](http://www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/116519)>. Acesso em: 5 jul. 2009.

JUSTEN, Chlois C. Helena Kolody. In: KOLODY, Helena. **Sinfonia da vida: Helena Kolody** (Antologia poética organizada por Tereza Hatue de Rezende). Curitiba: Pólo Editorial do Paraná – Letraviva, 1997. p. 14.

KAMITA, Rosana Cássia. “A sensível percepção de mundo em alguns poemas de Helena Kolody, de 1941 a 1951”. In: **Revista Mulheres e Literatura**. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: <[http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista\\_mulheres/volume5/ler.php?id=6](http://www.lettras.ufrj.br/litcult/revista_mulheres/volume5/ler.php?id=6)>. Acesso em: 10 set. 2009.

\_\_\_\_\_. “A sensível percepção de mundo em alguns poemas de Helena Kolody, de 1941 a 1951”. In: **Jornal de Poesia**. Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/rkamita.html#haicai>>. Acesso em: 20 jul. 2006.

\_\_\_\_\_. “Analisando o haicai “Pereira em Flor” de Helena Kolody”. In: **Jornal de**

**Poesia.** Disponível em: <<http://www.secrel.com.br/jpoesia/rkamita.html#haicai>>. Acesso em: 20 jul. 2006.

\_\_\_\_\_. A sensível percepção de mundo em alguns poemas de Helena Kolody, de 1941 a 1951. In: SANTOS, Luísa Cristina dos (Org.). **Literatura e mulher** – das linhas às entrelinhas. Ponta Grossa: Ed. UEPG; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002. p. 165-173.

KINDRA, Ivan. Helena Kolody – uma poeta ucraniana do Paraná. Cultura Ucraniana, Portal Ucraniano. Disponível em: <[www.pessoal.utfpr.edu.br/zasyaki/ivan\\_kindra.html](http://www.pessoal.utfpr.edu.br/zasyaki/ivan_kindra.html)>. Acesso em: 10 set. 2009.

L.B. батьківським заповітом, Brazilian poet of ukrainian descend. **Our life**, Philadelphia, jun. 1961, p. 9-10.

LEITE, Francisco. Helena Kolody. **Visão Brasileira** (revista), Rio de Janeiro, fev.-mar., 1942, p. 15-6.

\_\_\_\_\_. Carta a Helena Kolody. **Revista das Academias de Letras**, n. 61, Rio de Janeiro, 1º sem. 1946, p. 86-89.

LEITE, Zeca Corrêa. Helena Kolody, a poesia mergulha no silêncio, Helena não quer mais escrever. **Folha de Londrina**, Londrina, 20 ago. 1987. Caderno 2.

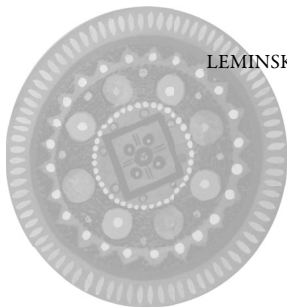
\_\_\_\_\_. 80 anos de poesia. **Folha de Londrina**, Londrina, 11 out. 1992. Caderno 2, p. 1.

\_\_\_\_\_. Aroma de poesia. **Folha de Londrina**, Londrina, 19 out. 1993. Caderno 2, p. 3.

\_\_\_\_\_. Viagem no espelho. Reminiscências. **Folha de Londrina**, Londrina, 8 out. 1994. Folha 2, p. 4-5.

LEITES, Hélio. **Mínimos**. Curitiba: Cultural Office, 2010. p. 22-7; 110; 116; 118.

LEMINSKI, Paulo. Santa Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 jun. 1985.



p. 11.

\_\_\_\_\_. Santa Helena Kolody. **Correio de Notícias**, Curitiba, 26 ago. 1985.

\_\_\_\_\_. Santa Helena Kolody. In: **Um escritor na Biblioteca**: Helena Kolody. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986. p. 34-5.

\_\_\_\_\_ et al. Entrevista. In: **Um escritor na Biblioteca**: Helena Kolody. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986. p. 13-31.

\_\_\_\_\_. Koloda, Pilão, Pilastra. In: ROMARIA à padroeira da poesia. **Correio de Notícias**, Curitiba, 2 out. 1987. p. 18.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody: o dom. **Nicolau**, Curitiba, SEEC, v. 6, n. 46, p. 11, nov./dez., 1992.

\_\_\_\_\_. Santa Helena Kolody. In: VENTURELLI, Paulo (Org.). **Helena Kolody**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995 (Série paranaenses, n. 6). p. 51.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody: o dom. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 jun. 1988.

LIBROS que nos llegan. **El Iris**. Montevideo, 1ª. Quincena de marzo de 1942.

\_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. 2ª. Quincena de diciembre de 1945.

LIMA, Clairaut Enock de. Paisagem interior. **Tingui**, Curitiba, s/d, p. 4.

LINHARES, Temístocles. Simplicidade na poesia. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 7 jul. 1968. Suplemento literário.

\_\_\_\_\_. Antologia poética. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 7 dez. 1968.

\_\_\_\_\_. A poesia de Helena Kolody (I). **Gazeta do Povo**, Curitiba, 16 fev. 1969.

\_\_\_\_\_. A poesia de Helena Kolody (II). **Gazeta do Povo**, Curitiba, 28 fev. 1969.

\_\_\_\_\_. Estado atual das letras no Paraná. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 19 jul. 1969. Suplemento literário.

\_\_\_\_\_. Antologia poética. In: VENTURELLI, Paulo (Org.). **Helena Kolody**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995 (Série paranaenses, n. 6). p. 49-50.

LOPES, Adélia Maria. A bênção, Helena Kolody. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 25 mar. 1992.

\_\_\_\_\_. Antologia poética. In: VENTURELLI, Paulo (Org.). **Helena Kolody**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995 (Série paranaenses, n. 6). p. 49-50.

\_\_\_\_\_. A Babel da Luz. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 11 out. 1992. Almanaque, p. 1.

\_\_\_\_\_. Helena “Perfume de Poesia” Kolody. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 3 out. 1993. Almanaque, p. 1.

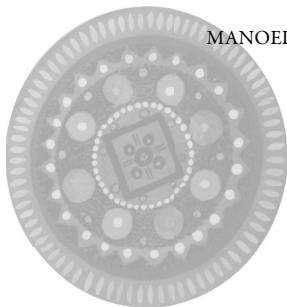
\_\_\_\_\_. Poeta Helena Kolody comove Brasília. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 3 dez. 1993. Almanaque, p. 1.

LOPES, Ferrer. Poetas e prosadores do Brasil – Helena Kolody. **A cooperação** (revista), Portugal, fev. 1965, p. 20-1.

MACEDO, Aracelis M. de Campos. **Helena Kolody**: trabalho de literatura brasileira. (autores paranaenses). Curitiba: Universidade Católica do Paraná. s.n., s.d.

MACEDO, Rafael Greca de. Entrevista concedida on line para Luísa Cristina dos Santos Fontes. Em dez. 2009.

MANOEL, Antonio. Helena Kolody: invenção e disciplina (Prefácio). In:



KOLOGY, Helena. **Viagem no espelho**. Curitiba: Criar Edições, 1988.

MARANHÃO, Malu. Vida poética. **Folha de Londrina**, Londrina, 9 jul. 1985, p. 14.

MARINS, José. Helena Kolody. 27 dez. 2004. Caqui – **Revista Brasileira de Haikai**. Disponível em: <[www.kakinet.com/caqui/kolody.php](http://www.kakinet.com/caqui/kolody.php)>. Acesso em: 12 nov. 2006.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody, a poetisa do essencial. 30 out 2005. **O Estado do Paraná**, Curitiba, Almanaque, 30 out. 2005. Disponível em: <[www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/146740](http://www.parana-online.com.br/editoria/almanaque/news/146740)>. Acesso em: 8 dez. 2008.

MARTINS, Carlyle. Impressões de leituras. **Gazeta de Notícias**, Fortaleza, 24 jun. 1950.

MARTINS, Wilson. Wilson Martins ironiza autofagia curitibana. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 28 mar. 1993, Almanaque.

\_\_\_\_\_. Poetas do Paraná. **Jornal do Brasil**, Rio de Janeiro, 19 mar. 1994. Ideias. p. 4.

MEIRELES, Cecília. Carta a Helena Kolody (datada em 6 de março de 1952). In: **Rumo Paranaense**, Curitiba, ano II, n. 35, p. 4, nov. 1976.

MEIRELES, Elvira. Helena Kolody. In: **Antologia didática de escritores paranaenses**. Curitiba: Vicentina, 1970. p. 149-154.

MENDONÇA, Maí Nascimento. Helena Kolody. **Indústria & Comércio**. Curitiba, 15 jul. 1985.

MILAN, Poliana; PERES, Aline. O maior paranaense da História. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 28 dez. 2008. p. 17.

MILLARCH, Aramis. Gente. **O Estado do Paraná**, Tablóide – Almanaque, Curitiba, 5 mar. 1974. p. 1. Disponível em: <[www.millarch.org/artigo/](http://www.millarch.org/artigo/)>. Acesso em: 11 set. 2009.

\_\_\_\_\_. A poesia (re) existe e a prova está em 3 livros. **O Estado do Paraná**,

Tablóide – Almanaque, Curitiba, 29 ago. 1980. p. 10. Disponível em: <[www.millarch.org/artigo/](http://www.millarch.org/artigo/)>. Acesso em: 11 jan. 2010.

\_\_\_\_\_. Helena, a poetisa. **O Estado do Paraná**, Tablóide – Almanaque, Curitiba, 20 out. 1983. p. 1. Disponível em: <[www.millarch.org/artigo/](http://www.millarch.org/artigo/)>. Acesso em: 11 jan. 2010.

\_\_\_\_\_. Helena, ourives da bela palavra. **O Estado do Paraná**, Tablóide – Almanaque, Curitiba, 11 jun. 1985. p. 13.

\_\_\_\_\_. Bamerindus guarda também a memória de nosso Estado. **O Estado do Paraná**, Tablóide – Almanaque, Curitiba, 3 dez. 1986. p. 13. Disponível em: <[www.millarch.org/artigo/bamerindus-guarda-tambem-memoria-de-nosso-estado](http://www.millarch.org/artigo/bamerindus-guarda-tambem-memoria-de-nosso-estado)>. Acesso em: 11 set. 2009.

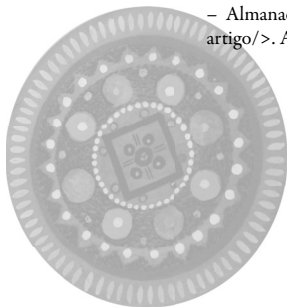
\_\_\_\_\_. Helena Kolody, sempre com a emoção da poesia. Nos haikais do dia a dia o significado da permanência. **O Estado do Paraná**, Tablóide – Almanaque, Curitiba, 23 mar. 1988. p. 3. Disponível em: <[www.millarch.org/artigo/](http://www.millarch.org/artigo/)>. Acesso em: 11 set. 2009.

\_\_\_\_\_. As palavras-pássaros que Helena liberta. Poesia maior para o Natal. **O Estado do Paraná**, Tablóide – Almanaque, Curitiba, 25 dez. 1988. p. 3. Disponível em: <[www.millarch.org/artigo/](http://www.millarch.org/artigo/)>. Acesso em: 11 set. 2009.

\_\_\_\_\_. Dona Helena viaja com as belas imagens de Orlando. **O Estado do Paraná**, Tablóide – Almanaque, Curitiba, 16 mar. 1989. p. 3. Disponível em: <[www.millarch.org/artigo/](http://www.millarch.org/artigo/)>. Acesso em: 11 jan. 2010.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody, 81 (ou 18?) anos de iluminação poética. Tablóide – Almanaque, **O Estado do Paraná**, Tablóide – Almanaque, Curitiba, 31 março 1990. p. 3. Disponível em: <[www.millarch.org/artigo/](http://www.millarch.org/artigo/)>. Acesso em: 11 set. 2009.

\_\_\_\_\_. O (nosso) engano, a poeta e a poesia. **O Estado do Paraná**, Tablóide – Almanaque, Curitiba, 5 abr. 1990. p. 3. Disponível em: <[www.millarch.org/artigo/](http://www.millarch.org/artigo/)>. Acesso em: 11 set. 2009.



\_\_\_\_\_. O romantismo de Laura, poeta negra da cidade. **O Estado do Paraná**, Tablóide – Almanaque, Curitiba, 14 nov. 1990. p. 20. Disponível em: <[www.millarch.org/artigo/](http://www.millarch.org/artigo/)>. Acesso em: 11 jan. 2010.

\_\_\_\_\_. Ontem, agora e sempre a poesia maior de Helena Kolody. **O Estado do Paraná**, Tablóide – Almanaque, Curitiba, 24 mar. 1991, p. 3. Disponível em: <[www.millarch.org/artigo/](http://www.millarch.org/artigo/)>. Acesso em: 11 set. 2009.

\_\_\_\_\_. Helena, a imortalidade para nossa poeta maior. **O Estado do Paraná**, Tablóide – Almanaque, Curitiba, 21 nov. 1991, p. 20. Disponível em: <[www.millarch.org/artigo/](http://www.millarch.org/artigo/)>. Acesso em: 11 set. 2009.

MIRANDA, Gracita de. Estímulo à literatura. **Diário de S. Paulo**, São Paulo, 30 mar. 1952, p. 12.

MIRANDA, Tonicato. Helicópteros no quintal. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 12 out. 1989. Almanaque.

MONTEIRO, Nilson. Feitiço. In: ROMARIA à padroeira da poesia. **Correio de Notícias**, Curitiba, 2 out. 1987, p. 19.

MORAIS, Tancredo. A poesia paranaense apreciada lá fora. **O Dia**, Curitiba, 24 fev. 1945, n. 6604, p. 9-10.

MORICONI, Ítalo. A problemática da pós-modernidade na Literatura Brasileira. **Cadernos da ABF**. v. III, n. 1. Niterói: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. Disponível em: <[www.filologia.org.br/abf/volume3/numero1](http://www.filologia.org.br/abf/volume3/numero1)>. Acesso em: 15 out. 2009.

MOROZOWICZ, Henrique. **Seis poemas de Helena Kolody**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2003. Série Partituras.

MURICY, Andrade. De carta de Andrade Muricy: 26 de setembro de 1968. **Rumo Paranaense**, Curitiba, ano II, n. 35, p. 6, nov. 1976.



NAIA, Amândio. “A sombra do rio” e “Poemas escolhidos” de autoria de Helena Kolody. *A voz acadêmica*, Queluz (Portugal), 15 out. 1961.

NASCIMENTO, Gladimir e FILHO, Edson P. S. Nada como ter uma fada na vida. *Indústria e Comércio*, Curitiba, 24 jul. 1990, p. 21.

NASCIMENTO, Noel. Prosa, poesia e Helena Kolody. *Diário da Manhã*, Ponta Grossa, 27 jun. 2004. Variedades, Academia de Letras dos Campos Gerais, p. 5.

NASCIMENTO, Oswaldo. Música submersa. *O Dia*, Curitiba, 20 dez. 1945, p. 12.

NETTO, Irineô. Onde estão as mulheres? *Gazeta do Povo*, Curitiba, 2 abr. 2006. Caderno G, p. 6.

NICOLATO, Roberto. Alunos “pintam” os poemas de Helena Kolody. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 29 set. 1999.

\_\_\_\_\_. A espera que impera. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 15 out. 2001.

\_\_\_\_\_. Ele viu a dama dos olhos azuis. *Gazeta do Povo*, 12 out. 2002. G Documento, Suplemento especial nos 90 anos da poeta Helena Kolody, p. 5.

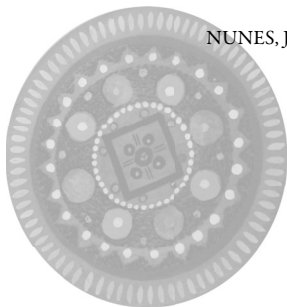
\_\_\_\_\_. Uma existência luiminosa. *Gazeta do Povo*, 12 out. 2002. G Documento, Suplemento especial nos 90 anos da poeta Helena Kolody, p. 6-7.

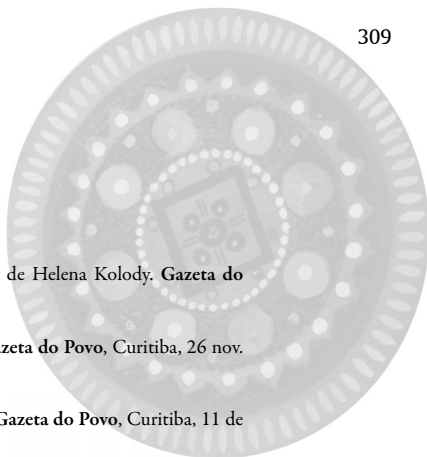
\_\_\_\_\_. A fala de Helena. Entrevista. *Gazeta do Povo*, 12 out. 2002. G Documento, Suplemento especial nos 90 anos da poeta Helena Kolody, p. 7.

NOGUEIRA, Jorge Luiz Fontoura. Viagem no espelho: a poesia argonauta de Dona Reika. *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Brasília, ano XVI, n. 15, p. 286-288, 1998.

NOVO livro da poetisa H. Kolody. *Gazeta do Povo*, Curitiba, 17 jun. 1985.

NUNES, Jorge Moreira. Fala um leitor. *Unidade* (Revista). Rio de Janeiro, 1942.





NUNES, Maria Irene Junqueira. A poesia eterna de Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 6 nov. 1960.

\_\_\_\_\_. Antologia poética de Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 nov. 1967. Caderno 5, p. 7.

\_\_\_\_\_. Novo livro “Tempo” de Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 11 de abr. de 1971, p. 25.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 17 fev. 1980.

NUÑEZ, Natália. Helena Kolody: a senhora dos poemas curtos e das ideias límpidas. **Jornal do Estado**, Curitiba, 21 nov. 1991. Caderno 3, p. 1-C.

**O ESTADO do Paraná**, Curitiba, 11 out. 1992. Almanaque, p.1.

OHNO, Massao. Patrimônio poético. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 11 out. 1992. Almanaque, p.1.

OLIVEIRA, Roza de. Ponto imponderável e perfeito círculo de luz. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 22 fev 2004. Caderno G, Observatório, p. 4.

ONTEM, agora e sempre a poesia maior de Helena Kolody. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 24 mar. 1991.

OSAKI, Rosa; OSAKI, Chiyo. Reika. **Haiku no meigo**: outorga de nome haicaista. Curitiba: Comunidade nipo-brasileira, 1993.

PATRÍCIA, Sylvia. De minha estante. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 8 fev. 1942. [Suplemento].

\_\_\_\_\_. Música submersa. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 16 fev. 1946.

PEREIRA, Maura de Senna. “Vida breve” e “A derradeira colheita” – os melhores livros (de poesia) do final do ano. **Mundo Livre**, Rio de Janeiro, 1965.

PERIN, Adriane. Notícias do mundo de cá. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 22 fev. 2004. Caderno G, p. 4.

PILOTO, Valfrido. Helena Kolody, a poetisa da eternidade. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 23 fev. 1952.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody, a poetisa da eternidade. In: **Tinguianas**. Curitiba: Prata de Casa/Lítero-Técnica, 1952. p. 28-32.

\_\_\_\_\_. O que rabisquei naquela conversa com Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 18 jan. 1979.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody: a poetisa da eternidade. **Rumo Paranaense**, Curitiba, ano II, n. 35, p. 2-3, nov. 1976.

\_\_\_\_\_. A poesia, o amor e a educação: entrevista. **Rumo Paranaense**, Curitiba, ano II, n. 35, p. 9, nov. 1976.

\_\_\_\_\_. Poetisa Helena Kolody, serenidade a sublimar-se. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 14 ago. 1980. p. 10.

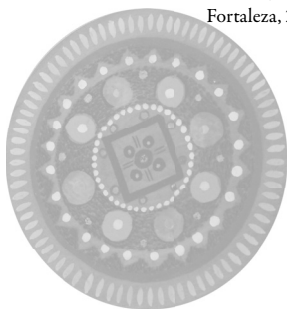
\_\_\_\_\_. Helena Kolody na academia (I). **Gazeta do Povo**, Curitiba, 23 mar. 1992.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody e a soberania da fé (II). **Gazeta do Povo**, Curitiba, 24 mar. 1992.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody, a sua missão desbravadora e a homenagem da Academia (III). **Gazeta do Povo**, Curitiba, 25 mar. 1992.

PINTO, Manoel Lacerda. Helena Kolody e “Vida breve”. **Jornal do Comércio**, Rio de Janeiro, 20 set. 1964.

PINTO, Maria de Lourdes Vasconcelos. Sobre “Música submersa”. **O Estado**, Fortaleza, 20 out. 1946.



PIRES, Delores. **O universo do haikai**. Curitiba: 1984. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade Católica do Paraná, 1984.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody e a poesia. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 12 abr. 1987. p. 5.

POEMAS de Helena Kolody. **Jornal de Letras**. Rio de Janeiro, ago. 1962.

POETISA ficou satisfeita. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 9 jan. 1979.

POLACO da barreira. Helena Kolody, o coração da poesia. 31 out. 2005. Disponível em: <<http://polacodabarreira.blogspot.com/2005/10/helena-kolody>>. Acesso em: 1 jun. 2008.

POSSEBOM, Audrey. As filhas de dona Helena. **Gazeta do Povo**, 12 out. 2002. G Documento, Suplemento especial nos 90 anos da poeta Helena Kolody. p. 4.

PUGLIELLI, Hélio de Freitas. Prefácio. In: KOLODY, Helena. **Ontem agora** – poemas inéditos. Curitiba: SEEC, 1991, p. 5-6.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody: uma leitura extraliterária. **Jornal do Estado**, Curitiba, 17 jan. 1991.

\_\_\_\_\_. As 14 indagações de E. R. sobre Helena Kolody. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 29 jan. 1991.

\_\_\_\_\_. As 14 indagações de E. R. sobre Helena Kolody. In: VENTURELLI, Paulo (Org.). **Helena Kolody**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995 (Série paranaenses, n. 6). p. 55-6.

QUEIROZ, Shyrlei Maria de Andrade. **Helena Kolody: mestra na vida e na poesia**. Curitiba: Gráfica Infante, 1997.

QUINTA, a eleição de Kolody para a Academia. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 17 nov. 1991.

RAITTANI Neto, Felício; SOUSA, Colombo. **Letras paranaenses**. Curitiba: Requião, 1970. p. 308.

RECEITAS para espantar a deprê de inverno. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 22 jul. 2007, Viver bem, p. 9.

RÉGIS, Sônia. A poesia incisiva de Helena Kolody. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 16 mai. 1986. Suplemento literário, p. 10.

\_\_\_\_\_. A poesia incisiva de Helena Kolody. In: VENTURELLI, Paulo (Org.). **Helena Kolody**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995 (Série paranaenses, n. 6). p. 56-7.

REICHMANN, Ernani. **Cadernos ECR**, Curitiba: Imprensa Universitária, n. 4, 5 e 6, p. 115-117 e 633-638, 1979/1981.

\_\_\_\_\_. **Cadernos PS**, Curitiba: Imprensa Universitária, n. 1, p. 274-277 e 594-600, 1981.

RIBAS, Beatriz de Quadros. Helena Kolody. In: KOLODY, Helena. **Sinfonia da vida: Helena Kolody** (Antologia poética organizada por Tereza Hatue de Rezende). Curitiba: Pólo Editorial do Paraná – Letraviva, 1997. p. 14.

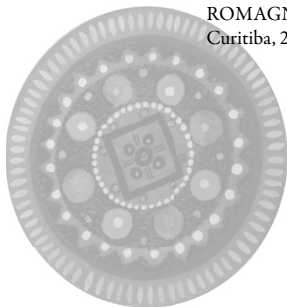
RODRIGO Júnior [João Baptista Carvalho de Oliveira]. Paisagem interior. **Diário da Tarde**, Curitiba, 21 jan. 1942. n. 14104, p. 3.

\_\_\_\_\_. Paisagem interior. **Marinha...** Revista do litoral paranaense, n. 51, Paranaguá, 1 abr. 1942.

\_\_\_\_\_. Música submersa. **O Dia**, Curitiba, 2 dez. 1945, p. 4.

\_\_\_\_\_. ; PLAISANT, Alcibiades. Helena Kolody. In: **Antologia Paranaense**. Curitiba: Mundial; França, 1938. p. 177-8.

ROMAGNOLLI, Luciana; ALVAREZ, Luis. Tímida e rarefeita. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 jan. 2008. Caderno G-Ideias. p. 1.



ROMARIA à padroeira da poesia. **Correio de Notícias**, Curitiba, 2 out. 1987. p. 18-19.

ROSA, Sadi Nunes da. Helena Kolody: a poeta no tempo. **Informático Unioeste**, Cascavel, mai. 1990, Art & Literatura. p. 5.

**RUMO paranaense**, Curitiba, ano II, n. 35, p. 1-14, nov. 1976.

RUIZ, Alice. Poesia. In: **Um escritor na Biblioteca**: Helena Kolody. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986. p. 36-76.

\_\_\_\_\_. Máxima Poesia mínima. **Galerie**, abril, 1987. In: VENTURELLI, Paulo (Org.). **Helena Kolody**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995 (Série paranaenses, n. 6). p. 50-1.

\_\_\_\_\_. Helena querida. In: ROMARIA à padroeira da poesia. **Correio de Notícias**, Curitiba, 2 out. 1987. p. 18-19.

\_\_\_\_\_. Renga para Helena Kolody. In: ROMARIA à padroeira da poesia. **Correio de Notícias**, Curitiba, 2 out. 1987. p. 18.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody. In: KOLODY, Helena. **Sinfonia da vida**: Helena Kolody (Antologia poética organizada por Tereza Hatue de Rezende). Curitiba: Pólo Editorial do Paraná – Letraviva, 1997. p.15.

SABÓIA, América da Costa; FERNANDES, Hellê Vellozo. Helena Kolody. In: **Antologia didática de escritores paranaenses**. 2. ed. revista e ampliada. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 1976. p. 163-9.

SALMON, Graciette. Presença da poesia. **Guaíra** (revista), Curitiba, jan 1955.

\_\_\_\_\_. A sombra no rio. **Gazeta do Povo**, Curitiba, s/d.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody e seu livro Tempo (1970). **Rumo Paranaense**, Curitiba, ano II, n. 35, p. 11, nov. 1976.

SAMPAIO, Nilo A. O mês literário. **Marinha...** Revista do litoral paranaense, n. 51, Paranaguá, 1 abr. 1942.

\_\_\_\_\_. Paisagem interior – Helena Kolody. **Visão Brasileira**, jul. 1942.

SAMWAYS, Marilda Binder. Helena Kolody. In: \_\_\_\_\_. **Introdução à literatura paranaense**. Curitiba: HDV, 1988. p. 129-130.

SANCHES NETO, Miguel. A solidão segundo Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 mai. 1994. Cultura G. p. 6.

\_\_\_\_\_. Mapas de viagem. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 27 mai. 1996. Cultura G. p. 4.

\_\_\_\_\_. Um estado de síntese (I). **Gazeta do Povo**, Curitiba.

\_\_\_\_\_. Um estado de síntese (II). **Gazeta do Povo**, Curitiba, 4 nov. 1996.

\_\_\_\_\_. Enorme modernidade. Rascunho, Curitiba, 16 março 2004. Disponível em: <<http://tudoparana.globo.com/rascunho/controle/impressao.phtml?id=315>>. Acesso em: 16 mar. 2004.

\_\_\_\_\_. Encontros com Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 8 abr. 2008. Caderno G. p. 2.

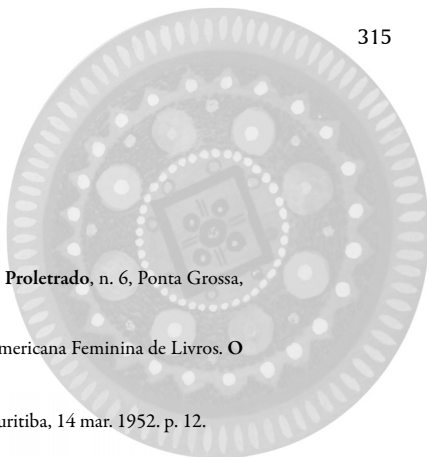
SANTA, João Carlos de. Helena Kolody: uma poeta sempre a caminho do sol. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 7 jul. 1985. Domingo Especial.

SANTANA, Ivan Justen. Helena Kolody viva. **Revista da Academia Paranaense de Letras**, Curitiba, Progressiva, n. 51, 2005, p. 159-164.

SANTOS, Andréa Gonçalves. Ela por eles. **Gazeta do Povo**, 12 out. 2002. G Documento, Suplemento especial da **Gazeta do Povo** nos 90 anos da poeta Helena Kolody. p. 10.

SANTOS, Denise Grein. **Helena Kolody**. Curitiba: Fundação Ecumênica de Proteção ao Excepcional, 2001. Coleção Nossa Gente.





SANTOS, Luísa Cristina dos. Bicho do Paraná. **O Proletrado**, n. 6, Ponta Grossa, nov. 1989. p. 6.

SANTOS, Pompília Lopes dos. Exposição Inter-Americana Feminina de Livros. **O Dia**, Curitiba, 30 out. 1949. p. 10.

\_\_\_\_\_. A sombra no rio. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 14 mar. 1952. p. 12.

\_\_\_\_\_. A sombra no rio. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 23 mar. 1952. p. 12.

\_\_\_\_\_. A poesia de Helena Kolody. **Rumo paranaense**, Curitiba, ano II, n. 35, p. 12, nov. 1976.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody. In: **Sesquicentenário da poesia paranaense**. Curitiba, Editora Littero-técnica, 1985. p. 136-139.

SAVARY, Olga. A poesia solar de Helena Kolody. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 11 out. 1992. Almanaque, p. 1.

SCHERNER, Leopoldo. Helena Kolody: paranaense imortal. **Correio de Notícias**, Curitiba, 3 abr. 1992. p. 2.

\_\_\_\_\_. A poeta Helena Kolody. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 12 abr. 1992.

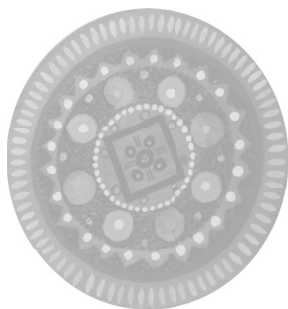
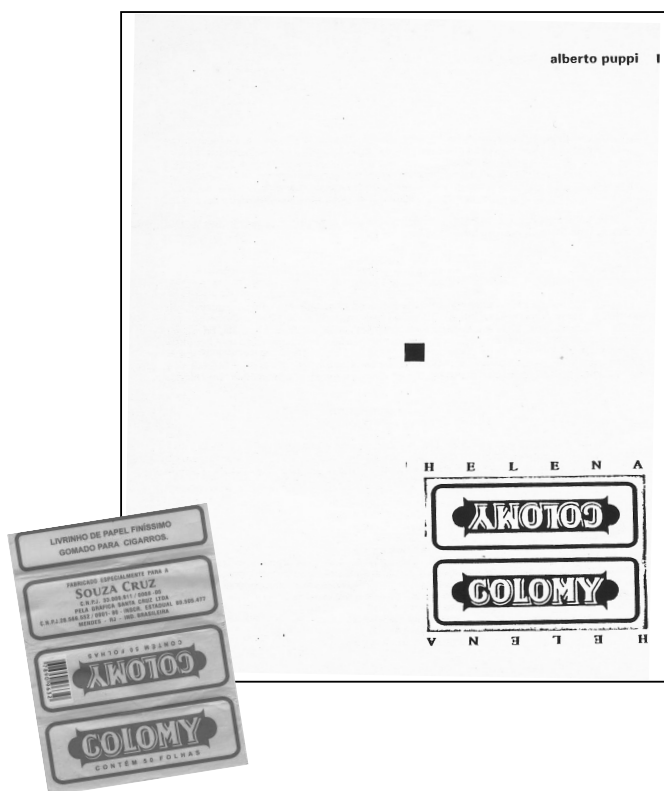
\_\_\_\_\_. **Discurso do Acadêmico Prof. Leopoldo Scherner**. Curitiba, Academia Paranaense de Letras, 1992 (Mimeo.).

SCHIAVINATO, Nádia. Curitibaanos perdem a senhora dos haicais. Disponível em: <<http://tudoparana.globo.com/cultura/noticia.phtml?ide=62217>>. Acesso em: 1 jun. 2008.

SECUNDINO, Ilnah. Livros Paranaenses. **Diário da Tarde**, Curitiba, 12 jan. 1942, p. 2.

\_\_\_\_\_. Conquistas do Paraná: Helena Kolody e GERPA. **O Dia**, Curitiba, 14 ago. 1946.





O poeta e semioticista Alberto Puppi publica criação em homenagem a Helena Kolody. Colony é a mais popular das marcas de papel para enrolar fumos. Muito antigo, foi utilizado por várias gerações no Brasil. Além de ter um papel excelente em qualidade e textura, um pouco mais fino que as outras sedas, é a única, entre as mais populares, feitas em papel estilo "manteiga". Assim, o poder suscitador da criação de Alberto Puppi remete à poeta como uma marca única, muito presente no seio de sua gente, legítima metonímia de poesia. In: *Um escritor na biblioteca: Helena Kolody*. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986. [encarte] Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

SELANSKI, Wira. WOUK, Wira (Віра Вовк). Поезія Галини Колодій. Palestra proferida em março de 1964, na Rádio Liberty, Nova York, por Wira Selanski. [Datilografado].

\_\_\_\_\_. Peregrinação pela poesia de Helena Kolody (texto original em ucraniano). In: KOLODY, Helena. **Luz Infinita**. Curitiba: Museu - Biblioteca Ucranianos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva: Clube Ucrâno-Brasileiro; Organização Feminina, 1997.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody. In: KOLODY, Helena. **Sinfonia da vida** (Antologia poética organizada por Tereza Hatue de Rezende). Curitiba: Pólo Editorial do Paraná – Letraviva, 1997. p. 16-7.

\_\_\_\_\_. **Antologia da Literatura Ucraniana**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1959. 171 p.

SERUR, Telma. O coração numeroso de Helena Kolody. **Nicolau**, Curitiba, n. 8, p. 6-8, fev. 1988.

SILVA, Fernando Alexandre da. Límpida e luminosa poesia. **Leia**, São Paulo, mai./1986.

SILVA, José. A Paisagem interior. **O Dia**, Curitiba, 18 mar. 1951.

SILVA, José Antônio; LECHINSKI, Jaime. O suave questionamento metafísico de Helena. **Diário do Sul**, Porto Alegre, 11 out. 1987.

SILVEIRA, Tasso da. Pura poesia e crítica impura. **A Estante**: Revista Brasileira de Bibliografia e Cultura, n. 1, Rio de Janeiro, jul. 1952. p. 9-11.

\_\_\_\_\_. Pura poesia e crítica impura. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 1952.

\_\_\_\_\_. Literatura paranaense – notícia histórica. **Revista Comemorativa do Centenário da Emancipação do Paraná**, Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 1953, p. 19-28.

\_\_\_\_\_. A poesia de Helena Kolody. **Rumo Paranaense**, Curitiba, ano II, n. 35, p. 11, nov. 1976.

SILVÉRIO, Geisa Pelissari; ZOLIN, Lúcia Osana. A poesia paranaense de autoria feminina e a representação da mulher. In: Colóquio Internacional de Estudos Linguísticos e Literários, I / Colóquios de Estudos Linguísticos e Literários, IV. **Anais...** Maringá, UEM, 9-11 jun. 2010.

SIMÕES, João Manuel. Helena Kolody: raízes eslavas, canto tropical. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 28 dez. 1977. p. 14.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody: viagem em torno de si. **Diário Popular**, Curitiba, 6 mai. 1979. p. 14.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody: viagem em torno de um continente poético. In: \_\_\_\_\_. **A tangente e o círculo**. Curitiba: Lítero-Técnica, 1984. p. 91-98.

\_\_\_\_\_. A 'opera ominia' de Helena Kolody. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 1 fev. 1989. p. 14.

\_\_\_\_\_. A poesia completa de "Santa Helena". **Correio de Notícias**, Curitiba, 16 fev. 1989. p. 7.

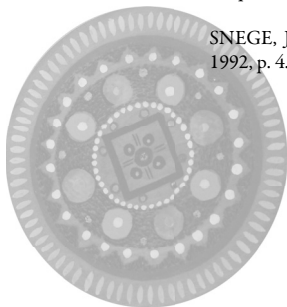
\_\_\_\_\_. A poesia de "Santa Helena". **Gazeta do Povo**, Curitiba, 8 ago. 1989. p. 14.

\_\_\_\_\_. Mergulho no coração das trevas. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 5 abr. 1994. p. 14.

\_\_\_\_\_. A poesia de "Santa Helena". In: VENTURELLI, Paulo (Org.). **Helena Kolody**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995 (Série paranaenses, n. 6). p. 52.

SLOMP, Vilma. Helena Kolody, poeta. In: \_\_\_\_\_. **Leite Quente**: Nariz, retratos de um perfil curitibano. Curitiba, n. 8, ago. 1992. p. 16-7.

SNEGE, Jamil. Inquietações de um profano. **Nicolau**, Curitiba, n. 42, mar./abr. 1992. p. 4.



SOARES, Marly Catarina. Momentos de luminosidade na poesia de Helena Kolody. **Uniletras**. Ponta Grossa: Imprensa Universitária da UEPG, n. 20, p. 37-57, dez. 1998.

\_\_\_\_\_. Entre dois mundos: a poesia de imigração de Helena Kolody. In: SANTOS, Luísa Cristina dos (Org.). **Literatura e mulher** – das linhas às entrelinhas. Ponta Grossa: Ed. UEPG; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002. p. 105-120.

SOIFER, Miguelina. Tempo e instantaneidade em Kolody. **Letras**: Revista do Instituto de Letras da UFPR, Curitiba, v. 1, n. 19, p. 105-197, 1971.

\_\_\_\_\_. Emblemas do despojamento na poesia de Helena Kolody. **Letras**: Revista do Instituto de Letras de UFPR, Curitiba, v. 1, n. 29, p. 171-5, 1980.

SONDAHL, Freyr Nietzsche de Carvalho. A sombra do rio. **O Dia**, Curitiba, 19 out. 1952, p. 14.

SOSSÉLLA, Sérgio Rubens. Helena Kolody, minha Helena. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 31 jul. 1983, p. 21.

\_\_\_\_\_. In: **Um escritor na Biblioteca**: Helena Kolody. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986. p. 38.

TABORDA, Vasco José. Livros na Mesa. **Jornal de Curitiba**, Curitiba, 13 nov. 1966, p. 2.

\_\_\_\_\_. A princesa da poesia. In: **Rumo Paranaense**, Curitiba, ano II, n. 35, p. 7, nov. 1976.

TAVARES, Eunice. Sobre el libro “Paisaje Interior” de la gran poetisa brasileña Helena Kolody. **El Imparcial**, Salto-Uruguai, 27 abr. 1942.

TEIXEIRA, Hélio C. Poemas do Paraná. **Diário Popular**. Curitiba, 7 ago. 1977, p. 17.

\_\_\_\_\_. Condensação poética. **Jornal de Domingo**. Montes Claros, 28 jul. 1985, p. 5.

\_\_\_\_\_. Condensação poética. **Mensagem**, Alegre, (ES). Ano XVIII, n. 31, 15 set. 1985, p. 2.

TEIXEIRA, Luizita M. D'Albuquerque. O homem inesquecível de Helena Kolody. **Revista do Centro de Letras do Paraná**. n. 53. Curitiba, ago 2009. p. 51-2.

TEIXEIRA, Napoleão L. Variações sobre o viajar. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 3 mar. 1963.

TONIAL, Ana Maria. Babel de luz. **A Notícia**, Joinville, Anexo, 16 setembro 2001. Disponível em: <www1.an.com.br/2001/set/16/0ane.htm>. Acesso em: 1 jun. 2008.

TORRES, Diva Weber. Entrevista concedida para Luísa Cristina dos Santos Fontes. Em 3 dez. 2009. Gravada e transcrita por André Eduardo dos Santos Filho.

TREVISAN, Dalton. Emiliano redivivo. In: \_\_\_\_\_. **Duzentos ladrões**. Porto Alegre: L & PM, 2008. p. 26.

UM NOME, várias mulheres. **Gazeta do Povo**, 12 de out de 2002. G Documento, Suplemento especial nos 90 anos da poeta Helena Kolody. p. 2.

URBAN, Teresa. Helena Kolody, infinita ternura em poesias mínimas. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 21 dez. 1986. Almanaque.

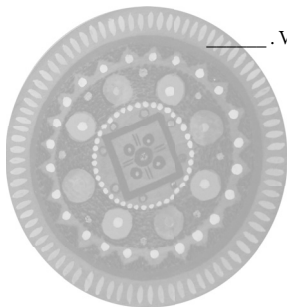
VARGAS, Glória Maria; MALANSKI, Janine. A poetisa que ensina. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 23 jun. 1993. Suplemento Viver Bem.

VELOZO, Hél. Paisagem interior. **O Dia**, Curitiba, 9 jan. 1944, p. 7.

\_\_\_\_\_. Vida breve. **Diário do Paraná**, Curitiba, 9 julho 1964, p. 11.

\_\_\_\_\_. A prece trocada. **Diário do Paraná**, Curitiba, 18 ago. 1967, p. 11.

\_\_\_\_\_. Vida breve. **Rumo Paranaense**, Curitiba, ano II, n. 35, nov. 1976, p. 6.



VENTURELLI, Paulo (Org.). **Helena Kolody**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995 (Série paranaenses, n. 6). 68 p.

\_\_\_\_\_. Investimento no próprio tom. In: VENTURELLI, Paulo (Org.). **Helena Kolody**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995 (Série paranaenses, n. 6). p. 5-18.

\_\_\_\_\_. Diálogo. In: VENTURELLI, Paulo (Org.). **Helena Kolody**. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995 (Série paranaenses, n. 6). p. 19-47.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida on line para Luísa Cristina dos Santos Fontes. Em fev. 2010.

VIEIRA, José. Música submersa. **Revista Brasileira**, Rio de Janeiro, 1946(?), p. 165-7.

WEBER, Luiz Henrique. Vem aí a próxima atração! **O Estado do Paraná**, Curitiba, 31 jul. 1988.

WEINHARDT, Marilene. "O Paraná no discurso literário". **Letras: Revista do Curso de Letras da UFPR**, Curitiba, n. 48, p. 77-93, 2. sem. 1997.

WOELLNER, Adélia Maria. A voz da mulher na literatura. In: **Revista de Literatura, História e Memória**, Unioeste, Cascavel, v. 3, n. 3, 2007. p. 9-34.

\_\_\_\_\_. In: KOLODY, Helena. **Helena de Curitiba – Poemas selecionados**. Curitiba: Positivo, 2005, p. 9.

\_\_\_\_\_. (Coord e Org.). **Helena Poesia**. In: KOLODY, Helena. **Infinita Sinfonia**. Curitiba: Ed. do autor, 2011. p. 7-9.

XAVIER, Valêncio. Apresentação. In: **Helena Kolody: poetisa**. Curitiba: Museu da Imagem e do Som do Paraná, 1989 (Caderno do MIS, n.13). p. 3.

\_\_\_\_\_. A poetisa do Paraná. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 12 out. 1999. Caderno G. p. 1.

\_\_\_\_\_. “Trazendo luar nos cabelos. Constelações na memória. Orvalho no olhar”. *Gazeta do Povo*, 12 out. 2002. G Documento, Suplemento especial da *Gazeta do Povo* nos 90 anos da poeta Helena Kolody. p. 11.

WINTER, Neumar Carta. Helena Kolody. *Revista da Academia Paranaense de Letras*, Curitiba, Posigraf, ano 68, n. 49, mai. 2004.

ZACHARIAS, Roberto. Coral APP. *Jornal do Batel*, Curitiba, 1. quin. mar. 2009, ano 13, n. 124, p. 2.

ZANETTI, Eloi. Helena Kolody, poeta. In: SLOMP, Vilma. *Leite Quente*: nariz, retratos de um perfil curitibano. Curitiba, n. 8, ago. 1992, p. 16.

ZANCHET, Maria Beatriz. Leminski, Ruiz e Kolody: a pretexto de criação poética. In: FORTES, Rita Felix; ZANCHET, Maria Beatriz; SOARES, Cláudia Campos. **O texto poético**: crítica e devaneio: análise de poemas. Cascavel: ASSOESTE, 1994.

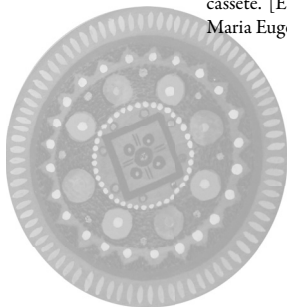
ZANINI, Ana Maria; CRUZ, Antonio Donizeti da. Poesia e religiosidade em Helena Kolody. *Travessias – Pesquisas em Educação, Cultura, Linguagem e Arte*. Marechal Candido Rondon: Unioeste, v. 4, n. 3, 2010, p. 96-104.

ZIPPIN, Anita. Helena Kolody, a fada imortal. *Indústria & Comércio*, Curitiba, 19 ago. 1990.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody apenas Helena! *Correio de Notícias*, Curitiba, 24 nov. 1991.

### 8. 2. 3. Entrevistas, Declamação de poemas, Curta-metragem, Depoimentos gravados, Outras mídias

HELENA Kolody: um escritor na biblioteca. Curitiba: BPP/SECE, 1986. Fita cassette. [Entrevistadores: Paulo Leminski, Alice Ruiz, Vera Vargas, Maria Irene e Maria Eugênia de Souza Chedid].



HELENA Kolody: poetisa. Curitiba: Museu da Imagem e do Som do Paraná, 1989. Fita cassete. [Entrevistadores: Fátima Freitas e Graça Bandeira].

FELIZ Natal e um Ano Novo cheio de poesia. Helena Kolody declama seus poemas. Curitiba: Mercer Comunicação, dez. 1991. Fita cassete.

HELENA Kolody. Curitiba: Sistema Sul de Comunicação – TV Independência, Canal 7/FCC, 1991. Fita de videocassete: son.; color.; 12mm. VHS. [Entrevista no programa QI NA TV. Entrevistadores: Cícero Lira e Luciane Viegas].

A BABEL DA LUZ. Direção: Sylvio Back. Curitiba: 1992. 1 fita de videocassete (10 min): son.; color.; 35 mm.

HELENA Kolody. Curitiba: Sistema Sul de Comunicação – TV Independência, Canal 7/FCC, 1992. 1 fita de videocassete: son.; color.; 12mm. VHS. [Entrevistadores: Alice Ruiz, Luciane Viegas e Wilson Bueno. Entrevista no programa QI NA TV].

HELENA Kolody. Entrevistadora: Nanani Albino. Curitiba: Sistema Sul de Comunicação, – TV Independência, Canal 7/FCC, 1993. 1 fita de videocassete: son.; color.; 12mm. VHS. [Entrevista no programa QI NA TV].

HELENA Kolody. Curitiba, 19 set. 1994. 1 fita de videocassete: son.; color.; 12mm. VHS. [Entrevistadores: Beatriz Helena Dal Molin e Antonio Donizeti da Cruz].

HELENA Kolody: personalidades. Curitiba: Museu da Imagem e do Som de Curitiba, 10 dez. 1996. Fita de videocassete: son.; color.; 12mm. VHS. [Entrevistador: Édison José da Costa].

HELENA Kolody por Helena Kolody. CD idealizado e produzido por Paulinho Lima. Trilha musical composta por Iuri Cunha. Curitiba: Luz da Cidade, 1997. 1 disco compacto (Coleção “Poesia Falada”, vol. 4). CD-ROM.

HELENA. Produção: Ademir Silva. Diretores: Ademir Silva, Antônio Moreira e Luigi de Franceschi. Brasil, Paraná: TV Câmara – Curtas na TV, 2004, 20 min, cor, 16 mm. Documentário Disponível em: <<http://www.camara/default.asp?selecao=MAT&Materia=603008velocidade=100k>>. Acesso em: 20 set. 2009.



HELENA de Curitiba. Direção: Josina Melo. Edição: Fernando Severo e Josina Melo. Curitiba: Josina Melo Produções, mar. 2005. 32 min. VHS.

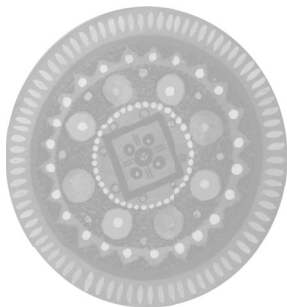
HELENA de Curitiba. Direção: Josina Melo. Edição: Fernando Severo e Josina Melo. Curitiba: Josina Melo Produções/Positivo, set. 2005. 32 min. VHS.

HELENA de Curitiba. Direção: Josina Melo. Edição: Fernando Severo e Josina Melo. Curitiba: Josina Melo Produções, 2006. 32 min. DVD.

HELENA Kolody. Entrevistador: Aramis Millarch. Fonte: Acervo Aramis Millarch. Tabloide digital. Disponível em: <[www.millarch.org/audio/helena-kolody](http://www.millarch.org/audio/helena-kolody)>. Acesso em: nov. 2009. 90:42 min.

INFINITA Sinfonia (Lançamento do livro Infinita Sinfonia de Helena Kolody. Curitiba: Ed. do Autor, 2011. CD ROM com 16 faixas).

LUZ INFINITA (lançamento do livro Luz Infinita de Helena Kolody). Curitiba: Clube Ucrâino-Brasileiro, 25 nov. 1997. Fita de videocassete: son.; color.; 12mm. VHS.



# Ciclo de Leituras Obras Completas

4ª edição: Helena Kolody

Mediadora **Adélia Woellner**

**Casa da Leitura Paulo Leminski**

Rua Padre Gaston, s/nº, CIC

Informações e inscrições: (41) 3212-1402

|       |          |                    |
|-------|----------|--------------------|
| Datas | agosto   | 1, 8, 15, 22 e 29  |
|       | setembro | 5, 12, 19 e 26     |
|       | outubro  | 3, 10, 17, 24 e 31 |
|       | novembro | 7, 14, 21 e 28     |
|       | dezembro | 5                  |

Toda segunda-feira, das 9h às 12h. Entrada franca

O ciclo Obras Completas é voltado à leitura de textos de escritores paranaenses, organizado no formato de Rodas de Leitura.

Os interessados podem participar de um ou mais encontros, com possibilidade de certificação pela FCC.

**Helena Kolody** é figura inevitável e imprescindível quando se fala em história da literatura paranaense, tanto por ser uma escritora profícua, como por sua produção considerável. A leitura comentada de sua obra completa, além da discussão, estudo e análise da sua criação poética, possibilita que sejam consideradas, também, as condições sócio-culturais de produção e dados biográficos da escritora como mecanismos para entendimento e apreciação de sua escrita. Além de tudo, em 2012 será comemorado o centenário de nascimento de Helena Kolody.

**Adélia Woellner** é curitibana, formada em Direito pela UFPR. A partir de 1963 publicou diversos livros de poesia, prosa, ensaios e literatura para crianças. Seu nome é verbete em vários dicionários e enciclopédias, como a "Enciclopédia de Literatura Brasileira", de Afrânio Coutinho. Sua obra já foi objeto de dissertação de mestrado e de pesquisa de pós-doutorado. Em 2010 teve uma obra infanto-juvenil adaptada para teatro de bonecos.



[www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br](http://www.fundacaoculturaldecuritiba.com.br)

A Fundação Cultural de Curitiba iniciou, em agosto de 2011, o Ciclo de Leituras *Obras Completas* – de Helena Kolody. Com carga horária de 60 horas, os encontros se realizaram entre agosto e dezembro, na Casa da Leitura Paulo Leminski, com mediação da escritora paranaense Adélia Woellner. Os encontros, abertos a jovens e adultos, consistiram em leitura, reflexão e discussão entre os participantes e a mediadora. Esta foi a quarta edição do ciclo, que já trabalhou com as produções literárias de Paulo Leminski, Manoel Carlos Karam e Jamil Snege. O folder, fartamente distribuído, dispõe a agenda dos encontros.





## 9 Referências

Na página anterior: espelho de Helena Kolody, sob a guarda de Olga Kolody Muñoz Ferrada. Foto: Luísa Cristina dos Santos Fontes.

## 9 | Referências

### 9. 1. Biografias, fotobiografias e iconografia consultadas

AMARAL, Tarsila. **Tarsila por Tarsila**. São Paulo: Celebris; Rideel, 2004.

CLARICE Lispector. **Cadernos de Literatura Brasileira**, São Paulo, n. 17 e 18. Instituto Moreira Salles, dez. 2004.

CASTRO, Moacir Werneck de. **Mário de Andrade**: exílio no Rio. São Paulo: Rocco, 1989.

CASTRO, Ruy. **Carmen**: uma biografia. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

CLEMENTE, Ana Tereza. **Leila Diniz**. São Paulo: Globo, 2007. [Biblioteca Época; Personagens que marcaram Época].

COSNIER, Colette. **Marie Bashkirtseff**: un portrait sans retouches. Paris: Pierre Horay, 1985.

DUARTE, Constância Lima. Henriqueta Lisboa: uma biografia intelectual. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé Lupinacci (Orgs.). **Refazendo nós**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 243-249.

ELEUTÉRIO, Maria de Lourdes. **Oswald**: itinerário de um homem sem profissão. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1989.

FOTOBIOGRAFIAS. Rio de Janeiro: Alumbramento; Livroarte, 2000. [Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade].

GOTLIB, Nádia Battella. **Tarsila do Amaral**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Encanto Radical, n. 25).

\_\_\_\_\_. **Clarice**: uma vida que se conta. São Paulo: Ática, 1995.

\_\_\_\_\_. **Clarice Fotobiografia**. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

- GUIMARÃES, Hélio de Seixas; SACCHETTA, Vladimir (Orgs.). **A olhos vistos**: uma iconografia de Machado de Assis. São Paulo: Instituto Moreira Salles, 2008.
- HALLIDAY, F. E. **Shakespeare**. Tradução de Barbara Heliodora. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- LAJOLO, Marisa. **Monteiro Lobato**: um brasileiro sob medida. São Paulo: Moderna, 2000.
- LANCASTRE, Maria José de. **Fernando Pessoa**: uma fotobiografia. São Paulo: Civilização Brasileira, 1999.
- LEMINSKI, Paulo. **Cruz e Sousa**. São Paulo: Brasiliense, s/d. (Coleção Encanto Radical, n. 24).
- LIRA Neto. **Maysa**: só numa multidão de amores. São Paulo: Globo, 2007.
- LOPEZ, Telê Porto Ancona. **A imagem de Mário**. Rio de Janeiro: Alumbamento; Livroarte, 1984. (seleção dos textos e introdução).
- LOZANO, Luis-Martín. **Frida Kahlo**: el círculo de los afectos. Bogotá: Cangrejo, 2007.
- MARKUN, Paulo. **Anita Garibaldi**: uma heroína brasileira. São Paulo: SENAC, 1999.
- MONJARDIM, Jayme; NUNES, Valentina (Org.; Ed.). **Maysa**. São Paulo: Globo, 2008.
- MORAIS, Fernando. **Olga**. São Paulo: Alfa-omega, 1985.
- \_\_\_\_\_. **O mago**. São Paulo: Planeta, 2008.
- MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Tempo e andanças de Harry Laus**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993.
- \_\_\_\_\_. (Org.) **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999.
- \_\_\_\_\_. (Org.) **Escritoras brasileiras do século XIX**. v. 2. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.
- \_\_\_\_\_. (Org.) **Escritoras brasileiras do século XIX**. v. 3. Florianópolis: Mulheres, 2009.
- PEQUENO, Isabel; BARA, Sérgio Gattás (Orgs.). **Santos Dumont**: retorno às origens – a vida do pai da aviação em sua terra natal. Juiz de Fora: San Antonio Studios, 2007.
- PIZA, Daniel. **Machado de Assis**: um gênio brasileiro. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.
- PRANTNER, Johanna. **Imperatriz Leopoldina do Brasil**. Tradução de Hanns Pellischek e Elena Dionê Borgli. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- PRIORE, Mary Del. **Condessa de Barral**: a paixão do Imperador. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- PROFFER, Ellendea (Ed.). **Fotobiografia de Vladimir Nabokov**. Tradução de Terezinha Barretti Mascarenhas. São Paulo: Art Poética, 1994.

SANTOS, Luísa Cristina dos. **Anita Philipovsky – a princesa dos campos**. Ponta Grossa: Ed. UEPG; Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

\_\_\_\_\_. Georgina Mongruel. In: MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.) **Escritoras brasileiras do século XIX**. v. 2. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004. p. 104-113.

STRAUSS, Dieter; SENE, Maria (Orgs.). **Julia Mann**: uma vida entre duas culturas. Tradução de Angel Bojadsen. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

VACCARO, Alejandro. **Borges**: uma biografia em imagens. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Planeta, 2006.

VAZ, Toninho. **Paulo Leminski**: o bandido que sabia latim. 2. ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

VICTOR, Adriana; LINS, Juliana. **Ariano Suassuna**: um perfil biográfico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

WALDMAN, Berta. **Clarice Lispector**. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Encanto Radical, n. 33).

## 9. 2. Outras referências

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 6023: Informação e Documentação - Referências - Elaboração. / NBR 14724 - Informação e documentação — Trabalhos acadêmicos — Apresentação. / NBR ABNT 10520 - Citações. Rio de Janeiro: ABNT, 2011.

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história**: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

ÁLBUM do Paraná. Curitiba, ano II, n. 13, 1922.

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética**. 21. Ed. Rio de Janeiro: Record, 1987.

ANTELO, Raúl. **Que futuro para o passado?** [anotações da palestra] In: SEMANA ACADÊMICA DE LETRAS, I., Florianópolis: Centro de Comunicação e Expressão - UFSC, 01 nov. 2007.

\_\_\_\_\_. **Ausências**. Florianópolis: Editora da Casa, 2009.

ANTUNES, Arnaldo. et al. **Atlas – Almanak 88**. São Paulo: Kraft Comunicação, fev./nov. 1988.

APPIAH, Kwame Anthony. **Cosmopolitanism**: ethics in a world of strangers. New York: W. W. Norton, 2006.

ARRIGUCCI Jr, Davi. **Humildade, paixão e morte**: a poesia de Manuel Bandeira. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. **Coração partido**: uma análise da poesia reflexiva de Drummond. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

AYALA, Walmir. Poesia – hera contra o muro, A sombra no rio, folhas da primavera. **Jornal do Commercio**, Folhetim, Rio de Janeiro, 30 jan. 1962.

A BABEL da luz. Direção de Sylvio Back. Curitiba: 1992. 1 fita de videocassete (10 min.): son., color., 35 mm.



- BACK, Sylvio. Rasteira no tempo. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 11 out. 1992. Almanaque. p. 1.
- \_\_\_\_\_. Filme e outdoors para Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 11 out. 1992. Caderno G. p. 2.
- BALHANA, Altiva P.; MACHADO, Brasil Pinheiro; WESTPHALEN, Cecília. **História do Paraná**. 2. ed. v. 1. Curitiba: Grafipar, 1969.
- BANDEIRA, Euclides. Paisagem interior. **Gazeta do Povo**, Curitiba, p. 9, 21 fev.1942.
- BARBEITOS, Arlindo. Une perspective angolaise sur le lusotropicalisme. **Lusotopic 1997**, Enjeux contemporains dans les espaces lusophones. Paris, Karthala, decembre 1997. p. 323-326.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, s/d.
- \_\_\_\_\_. **O grau zero da escritura**. Tradução de Heloysa de Lima Dantas, Anne Arnichand e Álvaro Lorencini. São Paulo: Cultrix, 1974.
- \_\_\_\_\_. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1982.
- \_\_\_\_\_. **A câmara clara**. Tradução de Júlio Castañón Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- \_\_\_\_\_. **Fragmentos de um discurso amoroso**. 5. ed. Tradução de Hortensia dos Santos. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985.
- \_\_\_\_\_. **O prazer do texto**. Tradução de Jacob Guinsburg. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- \_\_\_\_\_. **Roland Barthes por Roland Barthes**. Tradução de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- \_\_\_\_\_. A morte do autor. In: \_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. 2. ed. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 57-64.
- \_\_\_\_\_. O discurso da História. In: \_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. 2. ed. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 163-180.
- \_\_\_\_\_. Escritores, intelectuais, professores. In: \_\_\_\_\_. **O rumor da língua**. 2. ed. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004. p. 385-411.
- \_\_\_\_\_. **Sade, Fourier, Loyola**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia. In: \_\_\_\_\_. **Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas**, v. 1. 1. ed., 10. reimpr. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 91-107.
- \_\_\_\_\_. Rua de mão única. **Obras escolhidas**, v. 2. 5. ed. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Passagens**. Org. ed. bras. Willi Bolle; colab. org. ed. bras. Olgária Chain Feres Matos; trad. alemão Irene Aron; trad. francês Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do

Estado de São Paulo, 2006.

BERGSON, Henri. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. 3. ed. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERNARDI, Rosse Marye. Laura Santos. In: **Poemas**: Laura Santos. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura/ Governo do Estado do Paraná, 1990. p. 5-6.

BHABHA, Homi K. Dissemination: time, narrativa and the margins of the modern world. In: \_\_\_\_\_. (Ed.). **Nation and narration**. Londres: Routledge, 1990, p. 291-322.

\_\_\_\_\_. A questão do "outro": diferença, discriminação e o discurso do colonialismo. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). **Pós-modernismo e política**. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

\_\_\_\_\_. **O local da cultura**. Tradução de Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

BICCA, Cleber R.; FONTES, Luísa Cristina dos Santos. Roteiro para o Seminário sobre o filme *Terra Estrangeira*, de Walter Salles. Apresentado em 28 de junho de 2007. Curso Estéticas e Políticas Pós-coloniais, disciplina Literatura e Sociedade, ministrado pela Profa. Dra. Simone Pereira Schmidt.

BILAC, Olavo; PASSOS, Sebastião Guimarães. **Tratado de versificação**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1921.

BOAS, Sergio Vilas. **Biografismo**: reflexões sobre as escritas da vida. São Paulo: UNESP, 2008.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz; EDUSP, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BROCA, Brito. **A vida literária no Brasil: 1900**. Rio de Janeiro: J. Olympio, 2004.

BUENO, Wilson. As armas do coração. In: KOLODY, Helena. **Um escritor na biblioteca**. Curitiba: BPP/SECE, 1986. [encarte].

\_\_\_\_\_. Nicolau. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 6 jun 1989. p. 4. Almanaque.

\_\_\_\_\_. In: MELO, Josina. **Helena de Curitiba**. Edição: Fernando Severo e Josina Melo. Curitiba: Josina Melo Produções, 2006. 32 min. DVD.

BUTLER, Judith. **Excitable speech**: a politics of the performative. New York: Routledge, 1997.

CANCLINI, Néstor García. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Tradução de Luiz Sérgio Henriques. Rio de Janeiro: Ed. da UFRJ, 2004.

\_\_\_\_\_. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Heloisa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 4. ed. São Paulo: Edusp, 2008, p. 162.

CAROLLO, Cassiana Lacerda. João Batista Carvalho Oliveira. In: **Dicionário histórico-biográfico do Estado do Paraná**, Curitiba: Chain; Banco do Estado do Paraná, 1991. p. 323-4.

CENTRO Paranaense Feminino de Cultura. **Um século de poesia**. Curitiba, 1959.

CHAGA, Marco Antonio Maschio Cardozo. “O suplementário Folhetim da Folha de S. Paulo”. **Boletim de Pesquisa** – NELIC, Florianópolis, Ilha de Santa Catarina, n. 1, fev. 1997, p. 10-4.

CHAUI, Marilena. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz; EDUSP, 1987. p. XVII-XXXII.

COUTINHO, Emildo. As lembranças de Helena Kolody. Cartas na mesa. **O Estado do Paraná**, Curitiba, p. 17, 11 dez. 1992.

COUTO, Mía. **Cada homem é uma raça**. Portugal, Lisboa: Caminho, 2008.

CRUZ, Antonio Donizeti da. **O universo imaginário e o fazer poético de Helena Kolody**. 2001. Tese (Doutorado em Letras-Literatura Brasileira) Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

\_\_\_\_\_. Viagem no espelho, de Helena Kolody – Resumo. **Mundo Vestibular**, 24 fev 2008. Disponível em: <<http://www.mundovestibular.com.br/articles/2438/1/VIAGEM-NO-ESPELHO---Helena-Kolody-Resumo/Paacutegina1.html>>. Acesso em: 30 mar 2009>.

\_\_\_\_\_. **Helena Kolody**: a poesia da inquietação. Marechal Cândido Rondon: EDUNIOESTE, 2010.

CZAIKOWSKI, Mariano. **Tarás Chevtchenko**: o poeta da Ucrânia. Curitiba: Sociedade dos Amigos da Cultura Ucrânia, 1989.

DERRIDA, Jacques. **Torres de Babel**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

DOSSE, François. **O desafio biográfico**: escrever uma vida. Tradução de Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.

DUPRÉ, Fanny Luiza. Helena Kolody. **Tapejara**, Ponta Grossa, ano 3, n. 9, p. 15, jan. 1953.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 3. ed. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1986.

EL-KHATIB, Faissal. **História do Paraná**. v. 4. 2. ed. Curitiba: Grafipar, 1969.

ERVEN, Herbert Munhoz van. A poesia de Helena Kolody. **Prata de Casa**, Curitiba, abr. 1945, p. 28.

\_\_\_\_\_. **A emoção e o ritmo na arte e no estilo de Jaime Balão Junior**. Curitiba, 1963. [orelha].

FABRIS, Annateresa. **Fotografia e arredores**. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2009.

FERRADA, Olga Kolody Muñoz. Entrevistas concedidas a Luísa Cristina dos Santos Fontes, de 2006 a 2010, em seu apartamento na Voluntários da Pátria, Curitiba.

FERRARA, Lucrécia D’Aléssio. Apresentação à edição brasileira. In: ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. São Paulo: Perspectiva, 1986. p. IX-XII.

FONTES, Luísa Cristina dos Santos. Resenha apresentada em sala de aula durante o curso Literatura e cultura de massas: debates sobre cultura e poder. Ministrado pela Profa. Dra. Claudia Lima Costa. Ofertado pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina, segundo semestre de 2006.

\_\_\_\_\_. A terra estrangeira de Helena Kolody. **Graphos**. João Pessoa, v. 9, p. 167-179, 2007.

\_\_\_\_\_. Roteiro insuspeito: Helena Kolody em PG. **Diário dos Campos**. Ponta Grossa, 15 set. 2007. Suplemento Especial: Um século de literatura.

\_\_\_\_\_. Alteridade eslava em Helena Kolody. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL, III., SEMINÁRIO NACIONAL MULHER E LITERATURA DO GT MULHER E LITERATURA DA ANPOLL, XII., **Anais...** Ilhéus: Editus, p. 101-110, 2007.

\_\_\_\_\_. Correspondência de Helena Kolody. In: MUZART, Zahidé, Lupinacci (Org.). Correspondência de escritores. In: SEMANA ACADÊMICA DE LETRAS, I., **Mesa redonda...** Florianópolis, Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina, 30 out 2007.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody – reminiscências de leitura e escola. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8., **Anais...** Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 25 a 28 de agosto de 2008, Ed. Mulheres, 2008, p. 101.

\_\_\_\_\_. Babel: vista dos anacronismos da revista. **Boletim de Pesquisa – NELIC**, v. 8, n. 12/13, 2008. p. 81-92. Disponível em: <[www.periodicos.ufsc/index.php/nelic/article/view/7804](http://www.periodicos.ufsc/index.php/nelic/article/view/7804)>.

\_\_\_\_\_. Sentinela avançada – Anita Philipovsky. In: GUARDIA, Sara Beatriz (Ed.). **Las mujeres en la independencia de América Latina**. Lima, Peru: Tarea Asociación Gráfica Educativa - Universidade de San Martin de Porres; UNESCO. Dic. 2010. p. 445-453.

\_\_\_\_\_. Helena Kolody e uma pulsante cartografia de Curitiba. In: SEMINÁRIO NACIONAL, XIV., SEMINÁRIO INTERNACIONAL MULHER E LITERATURA DO GT “MULHER E LITERATURA”, V., **Anais...** Brasília, Associação Nacional em Pós-Graduação e Pesquisa em Letras e Linguística (ANPOLL). Universidade de Brasília, ago 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 29. ed. Tradução de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2004.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FURLANETTO, Maria Marta. Para uma abordagem do gênero: animus, anima. In: FUNCK, Susana (Org.). **Trocando ideias sobre a mulher e a literatura**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1994. p. 69-79.

GOMES, Raul Rodrigues. Duas altezas da poesia nacional. **Diário Popular**, Curitiba, 17 jun. 1979, p. 5.

GOMES, Roberto. Helena. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 10 mar. 2003. Caderno G. p. 1.

GOTLIB, Nádia Battella. Clarice Lispector biografada: questões de ordem teórica e prática. In: SCHPUN, Mônica Raísa (Org.). **Gênero sem fronteiras**: oito olhares sobre mulheres e relações de gênero. Florianópolis: Mulheres, 1997. p. 15-23.

\_\_\_\_\_. Na contramão da história biográfica. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). **Histórias da literatura**: teorias, temas e autores. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 86-94.

\_\_\_\_\_. **Clarice Fotobiografia**. São Paulo: EDUSP; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008.

GUINSKI, Otávio Duarte. **Imagens da evolução de Curitiba**. Curitiba: Duarte, 2002.

GUTTILLA, Rodolfo Witzig. Haicai, haicais (ou como o mais importante poema japonês foi abraçileirado). In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Boa companhia**: haicai. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 7-22.

HALL, Stuart. **Da diáspora**: identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HEC, Nicolas. Helena Kolody: biografia. In: KOLODY, Helena. **Luz Infinita**. Curitiba: Museu-Biblioteca Ucrainianos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva, Clube Ucraino-Brasileiro, Organização Feminina, 1997. [Ed. bilingue: português e ucraniano].

HELENA de Curitiba: poemas selecionados Helena Kolody. Coordenação Departamento de Marketing do Grupo Positivo. Curitiba: Positivo, 2005.

HOBSBAWN, E.; RANGER, T. (Orgs). **The invention of tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

HOLLANDA, Heloísa B.; GONÇALVES, Marcos. **Anos 70**. Rio de Janeiro: Europa, 1980.

JORNAL da Manhã. Castro Jornal. Ponta Grossa, 21 jul 2010. Suplemento Castro News. p. D16.

KAKUTANI, Michiko. Lessing looks back on shadows and parents. **The New York Times**, 5 ago 2008. <www.nytimes.com/2008/08/05/books/05kaku.html?ref=dorislessing>. Acesso em: 31 jan 2012.

KAMITA, Rosana Cássia. A sensível percepção de mundo em alguns poemas de Helena Kolody, de 1941 a 1951. In: SANTOS, Luísa Cristina dos. **Literatura e Mulher**: das linhas às entrelinhas. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2002. p. 165-173.

\_\_\_\_\_. Laura Santos. In: DUARTE, Eduardo de Assis (Org.) **Literatura e afrodescendência no Brasil**: antologia crítica. v. 1, Precursores. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2011. p. 483-490.

KOLODY, Helena. **Paisagem interior; Música submersa; A sombra no rio**. Curitiba: SENAI, 1962.

\_\_\_\_\_. Prefácio. In: KOBYLANSKY, E. V. **Tarás Chevtchenko**: o poeta do Ressurgimento Ucrainiano. Curitiba: Impressora Dnipro, 1962.

\_\_\_\_\_. **Era espacial & trilha sonora**. Curitiba: SENAI, 1966.

- \_\_\_\_\_. **Infinito presente**. Curitiba: Repro-Set, 1980.
- \_\_\_\_\_. Entrevista a Luiz Augusto Moraes, Raul Longo e Roberto Gomes. **Jornal do Livro**. n. 7. Porto Alegre, abr./ mai. 1985. p. 4-5.
- \_\_\_\_\_. In: MARANHÃO, Malu. Vida poética. **Folha de Londrina**, 9 jul 1985.
- \_\_\_\_\_. **Poesia mínima**. Curitiba: Criar, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Um escritor na biblioteca**. Curitiba: BPP; SECE, 1986.
- \_\_\_\_\_. **Viagem no espelho**. Curitiba: Criar, 1988.
- \_\_\_\_\_. Em entrevista a Telma Serur. "O coração numeroso de Helena Kolody". **Nicolau**, n. 8, fev. 1988. p. 6-8.
- \_\_\_\_\_. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 23 mar. 1988. p. 3.
- \_\_\_\_\_. **Ontem agora**. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura do Paraná, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 22 mar. 1992. p. 4.
- \_\_\_\_\_. **Reika**. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba; Ócios do Ofício, 1993. (Coleção Buquinista).
- \_\_\_\_\_. **Helena Kolody**. In: VENTURELLI, Paulo. (Org.) Curitiba: Ed. da UFPR, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Caixinha de música**. Curitiba: Secretaria do Estado da Cultura do Paraná, 1996.
- \_\_\_\_\_. Abertura. In: REZENDE, Tereza Hatue de (Org.). **Helena Kolody: sinfonia da vida**. Curitiba: DEL; Letra Viva, 1997. p. 9-13.
- \_\_\_\_\_. **Luz Infinita**. Curitiba: Museu-Biblioteca Ucrânicos em Curitiba da União Agrícola Instrutiva, Clube Ucrâno-Brasileiro, Organização Feminina, 1997. [bilingue: português e ucraniano].
- \_\_\_\_\_. **Haikais**. Curitiba: Criar, 2001.
- \_\_\_\_\_. **Poemas do Amor Impossível**. Curitiba: Criar, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Memórias de Nhá Mariquinha**. Castro: Kugler; Museu do Tropeiro de Castro, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Viaggio nello specchio**. Tradução de Domenico Corradini H. Broussard. Pisa, Italy, Editrice Pisana, feb. 2003.
- \_\_\_\_\_. Curitiba, meu amor! In: SANTANA, Ivan Justen. Helena Kolody viva. **Revista da Academia Paranaense de Letras**, Curitiba, n. 51, Progressiva, 2005. p. 250.
- \_\_\_\_\_. Helena Kolody, o coração da poesia. Disponível em: <<http://polacodabarreira.blogspot.com/2005/10/helena-kolody>>. Acesso em: 1 jun 2008.
- \_\_\_\_\_. **Alegria de viver**. 3. ed. Curitiba: Instituto Euclides da Cunha, 2006.

\_\_\_\_\_. **Infinita sinfonia**. In: WOELLNER, Adélia Maria (Org.). Curitiba: Ed. do Autor, 2011.

\_\_\_\_\_.; MIRANDA, Tonicato. À margem dos ideogramas. **Toda via**, Revista Mensal de Literatura, Curitiba: Casa do Poeta do Paraná, ano 1. n. 1. jul. 1988. p. 4-5.

KRISTEVA, Julia. **Sentido y sinsentido de la revuelta**. Tradução de Irene Agoff. Buenos Aires: Editorial Universitaria de Buenos Aires, 1998.

LACERDA, Lílian de. **Álbum de leitura**: memórias de vida, histórias de leitoras. São Paulo, Ed. UNESP, 2003.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

LAUS, Harry. In: MUZART, Zahidé (Org.). **Tempo e andanças de Harry Laus**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993. p. 65.

LEITE, Zeca Corrêa. Helena Kolody: 80 anos de poesia. **Folha de Londrina**, Londrina, 11 out. 1992. Caderno 2, p. 1.

LEITES, Hélio. **Mínimos**. Curitiba: Cultural Office, 2010.

LEJEUNE, Philippe. **Le pacte autobiographique**. Paris: Seuil, 1983. p. 13-46.

LEMINSKI, Paulo. Santa Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 jun. 1985.

\_\_\_\_\_. **Cruz e Sousa**. São Paulo: Brasiliense, s/d. (Coleção Encanto Radical, n. 24).

\_\_\_\_\_. Helena Kolody: o dom. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25 jun. 1988.

LOPES, Adélia Maria. Poeta Helena Kolody comove Brasília. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 3 dez 1992, p. 21.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. Tradução de Marina Apperzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

MARANHÃO, Malu. Vida poética. **Folha de Londrina**. Londrina, 9 jul. 1985.

MARQUARDT, Eduardo. O primeiro ano de Nicolau: “Nós do Paraná”. Disponível em: <[www.elsonfroes.com.br/kamiquase/nicolau3.htm](http://www.elsonfroes.com.br/kamiquase/nicolau3.htm)>. Acesso em: 29 ago 2010.

MARQUES, Reinaldo. Literatura comparada e estudos culturais: diálogos interdisciplinares. In: CARVALHAL, Tânia Franco (Org.). **Culturas, contextos e discursos**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1999. p. 58- 67.

MARTINS, Wilson. Poetas do Paraná. **Jornal do Brasil**. Rio de Janeiro, 19 de março de 1994. Ideias.

\_\_\_\_\_. **Wilson Martins**. Org. Miguel Sanches Neto. Curitiba: Ed. da UFPR, 1997. Série Paranaenses, v. 8.

MEDIATECA del comune de San Lazzaro di Savena. I custodi della terra: bibliografia, filmografia e discografia sul brasile. Disponível em:<http://www.puta.it/blog/wp-content/uploads/2008/09/i-custodi-della-terra-bibliografia->

sul-brasile1.pdf>. Acesso em: 24 set 2011.

MELO, Josina. **Helena de Curitiba**. Edição: Fernando Severo e Josina Melo. Curitiba: Josina Melo Produções, 2006. 32 min. DVD.

MILLARCH, Aramis. Nos haikais do dia a dia o significado da permanência. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 23 mar 1988.

MONTALDO, Graciela. Espacio y nacion. **Estudios**, Revista de Investigaciones Literarias, Caracas, 1995.

MONTERO, Teresa (Org.). **Correspondências**: Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

MOREIRA, Carlos. Notícia de 7 mai 2003. Disponível em: <www.paraná-online.com.br/editoria/policia/news/46907>. Acesso em: 15 jun 2009.

MORICONI, Italo. A problemática da pós-modernidade na Literatura Brasileira. **Cadernos da ABF**, Niterói, v. III, n. 1, Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. fev/mar 2004. Disponível em: <www.filologia.org.br/abf/volume3/numero1>. Acesso em: 15 out 2009.

MUZART, Zahidé Lupinacci (Org.). **Tempo e andanças de Harry Laus**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1993.

\_\_\_\_\_. Júlia da Costa. In: \_\_\_\_\_. (Org.) **Escritoras brasileiras do século XIX**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1999. p. 401-410.

\_\_\_\_\_. Versos de uma encantadora senhora. In: LAUS, Ruth (Org.). **Celeste Laus**: um pedaço de papel... Rio de Janeiro: Ed. Laus, 2002. p. 17-19.

\_\_\_\_\_. Feminismo e literatura ou quando a mulher começou a falar. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). **Histórias da literatura**: teorias, temas e autores. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 261-275.

\_\_\_\_\_. Resgates e ressonâncias: uma beauvoir tupiniquim. In: BRANDÃO, Izabel; MUZART, Zahidé Lupinacci (Orgs.). **Refazendo nós**. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003. p. 137-145.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Jornal do Comércio, 1955.

NICOLAU. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura / Imprensa Oficial do Estado. 1987-1998.

NUNES, Jorge Moreira. Fala um leitor. **Unidade** (Revista), Rio de Janeiro, 1942. p. 11.

OLIVEIRA, João Batista Carvalho (Rodrigo Júnior). **Diário da Tarde**, Curitiba, 21 jan 1942. p. 4.

OLIVEIRA, Mariano de. **Nova cartilha analytico-sinthetica**. São Paulo: Melhoramentos, 1916.

ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. et al. **Sujeito e texto**. São Paulo: EDUC, n. 31, 1988.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Roland Barthes**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985. [Encanto Radical].



- PIGLIA, Ricardo. Entrevista com Ricardo Piglia. In: PEREIRA, Maria Antonieta; SANTOS, Luis Alberto Brandão. **Palavras ao sul: seis escritores latino-americanos contemporâneos**. Belo Horizonte: Autêntica/FALE, 1999.
- PILOTO, Valfrido. A poesia, o amor e a educação: entrevista. **Rumo Paranaense**, Curitiba, ano II, n. 35, nov 1976. p. 9.
- POSSEBOM, Audrey. As filhas de dona Helena. **Gazeta do Povo**, 12 out. 2002. G Documento, Suplemento especial nos 90 anos da poeta Helena Kolody. p. 4.
- PUGLIELLI, Hélio de Freitas. "As 14 indagações de E. R. sobre Helena Kolody". **O Estado do Paraná**, Curitiba, 29 jan. 1991. p. 13.
- PUPPI, Alberto. In: **Um escritor na biblioteca: Helena Kolody**. Curitiba: Biblioteca Pública do Paraná/Secretaria de Estado da Cultura e do Esporte, 1986. [encarte].
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira. À moda italiana: História da Literatura Brasileira. In: MOREIRA, Maria Eunice (Org.). **Histórias da literatura: teorias, temas e autores**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003. p. 452-467.
- \_\_\_\_\_. "Talentos e formosuras: novas vozes, novos espaços". In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos. **Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea**. São Paulo: Horizonte, 2010. p. 32-9.
- ROMAGNOLLI, Luciana; ALVAREZ, Luis. Tímida e rarefeita. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 26 jan. 2008. Caderno G-Ideias. p. 1.
- RUIZ, Alice. In: KOLODY, Helena. **Sinfonia da vida: Helena Kolody** (Antologia poética organizada por Tereza Hatue de Rezende). Curitiba: Pólo Editorial do Paraná – Letraviva, 1997. p.15.
- RUMO Paranaense. Curitiba, ano II, n. 35, nov 1976.
- SALLES, Cecília A. Jogos com a realidade. **Manuscrita**, Revista de Crítica Genética, São Paulo, n. 6, Anna Blume, nov. 1996. p. 73-82.
- SALLES, Walter; THOMAS, Daniela. **Terra Estrangeira**. Brasil/Portugal, 1995, 100 min, branco e preto, português. Roteiro: Walter Salles, Daniela Thomas e Marcos Bernstein. Diálogos adicionais de Millôr Fernandes.
- SANCHES Neto, Miguel. Enorme modernidade. **Rascunho**, Curitiba, 16 março 2004. Disponível em: <<http://tudoparana.globo.com/rascunho/controle/impressao.phtml?id=315>>. Acesso em: 16 mar. 2004.
- \_\_\_\_\_. In: MELO, Josina. **Helena de Curitiba**. Edição: Fernando Severo e Josina Melo. Curitiba: Josina Melo Produções, 2006. 32 min. DVD.
- \_\_\_\_\_. Encontros com Helena Kolody. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 8 abr. 2008. Caderno G. p. 2.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Do pós-moderno ao pós-colonial. E para além de um e outro. In: VIII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, VIII., *Conferência de abertura...* Coimbra, 16-18 de setembro de 2004.
- SANTOS, Diair. **Castro – antiga Sant'Ana do Iapó**. 3. ed. Castro: Museu do Tropeiro/Kugler, 2008.
- SANTOS, Laura. **Um século de poesia**. Curitiba: Centro Paranaense Feminino de Cultura, 1959. p. 397.

\_\_\_\_\_. **Poemas** – Laura Santos. Curitiba: Secretaria de Estado da Cultura/Governo do Estado do Paraná, 1990.

SANTOS, Luís Alberto Brandão; PEREIRA, Maria Antonieta (orgs.) **Trocas culturais na América Latina**. Belo Horizonte: Pós-Lit/FALE/UFGM; Nêlam/FALE/UFGM, 2000.

SANTOS, Luísa Cristina dos. **Cara ou cachorra** – um jeito discursivo de-como-ser sujeito. Dissertação (Mestrado) – Pós-Graduação em Letras-Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

\_\_\_\_\_. Relatório de pesquisa: **Da exclusão à re-visão**: escritoras brasileiras do século XIX: as paranaenses. Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa, agosto de 2000.

\_\_\_\_\_. Harry Laus: sujeito e texto. **Publicatio UEPG**: Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes. n. 10. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2002. p. 111-129.

\_\_\_\_\_. **Relicário de Anita**. Ponta Grossa: Ed. do autor. 2002.

SCHELP, Diogo. **Queremos dividir o Brasil como na foto?** In: **Veja**, n. 2128, 2 de setembro de 2009. p. 88-93.

SCRAMIM, Susana. **Literatura do presente** – história e anacronismo dos textos. Chapecó: Argos, 2007.

SELANSKI, Wira. **Antologia da Literatura Ucraniana**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1959.

\_\_\_\_\_. **Viburno rubro**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes Gráficas, 1977.

\_\_\_\_\_. Peregrinação pela poesia de Helena Kolody. In: KOLODY, Helena. **Luz Infinita**. Curitiba: Museu-Biblioteca Ucraniana em Curitiba da União Agrícola Instrutiva, Clube Ucraino-Brasileiro, Organização Feminina, 1997. [bilingue: português e ucraniano].

SILVEIRA, Tasso da. Pura poesia e crítica impura. **A Estante**, Revista Brasileira de Bibliografia e Cultura, Rio de Janeiro, n. 1, julho 1952. p. 9-11.

\_\_\_\_\_. Literatura paranaense – notícia histórica. **Revista comemorativa do centenário de emancipação do Paraná**, Curitiba, Governo do Estado do Paraná, 1953.

SIMÕES, João Manuel. A 'opéra ominia' de Helena Kolody. **O Estado do Paraná**, Curitiba, 1 fev. 1989. p. 14.

SOARES, Marly Catarina. **Helena Kolody**: uma voz imigrante na poesia paranaense. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo, 1997.

SOUZA, Eneida Maria de. Notas sobre a crítica biográfica. In: PEREIRA, Maria Antonieta; REIS, Eliana L. de (Orgs.). **Literatura e Estudos Culturais**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFGM, 2000. p. 43-51.

\_\_\_\_\_. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Ed. da UFGM. 2002.

SUSSEKIND, Flora. **Literatura e vida literária**: polêmicas, diários & retratos. 2. ed. revista. Belo Horizonte: Ed. UFGM. 2004.

VASQUEZ, Pedro Karp. **Postaes do Brazil**: 1893-1930. São Paulo: Metalivros, 2002.

- VENTURELLI, Paulo (Org.). **Helena Kolody**. Série paranaenses. n. 6. Curitiba: Ed. da UFPR, 1995.
- VECCHIO, Annalice del. Significados de insignificâncias. **Gazeta do Povo**, Curitiba, 27 abr. 2011. Caderno G, p. 1.
- VICTOR, Adriana; LINS, Juliana. **Ariano Suassuna: um perfil biográfico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- VIEIRA, Maria Lucia. Um periódico cultural em busca de poesia. Disponível em: <[www.utp.br/eletras/ea/eletras3/art02.htm](http://www.utp.br/eletras/ea/eletras3/art02.htm)>. Acesso em: 29 ago 2010.
- VOLPE, Miriam L. **Geografias de exílio**. Juiz de Fora: Ed. da UFJF, 2005.
- WOELLNER, Adélia Maria. A voz da mulher na literatura. **Revista de Literatura, História e Memória**, Cascavel, Unioeste, v. 3, n. 3, 2007. p. 9-34.
- XAVIER, Valêncio. **O mez da gripe**. Curitiba: Fundação Cultural, Casa Romário Martins, 1981.
- \_\_\_\_\_. (Ed.). **Cadernos do Museu da Imagem e do Som**, Curitiba, n. 13, 1989.



